

**JULIO JACOBO WASELFSZ**

A light blue map of Brazil is centered on a dark blue background. The map is overlaid with a grid of small, semi-transparent squares. A white double-line border frames the central text area.

**MAPA DA VIOLÊNCIA  
2012**

**Os NOVOS PADRÕES  
DA VIOLÊNCIA HOMICIDA  
NO BRASIL**

**JULIO JACOBO WASELFISZ**

**MAPA DA VIOLÊNCIA  
2012**

---

**Os NOVOS PADRÕES  
DA VIOLÊNCIA HOMICIDA  
NO BRASIL**

**1ª EDIÇÃO**

**SÃO PAULO  
2011**

Realização  
Instituto Sangari

#### Produção Editorial

AUTOR: Julio Jacobo Waiselfisz

COORDENAÇÃO: Adriana Fernandes

AUXILIAR DE PESQUISA: Guilherme Studart

REVISÃO: Julieta Waiselfisz

CAPA : William Yamamoto

EDITORACÃO: William Yamamoto, Juliana Pisaneschi

AUXILIAR DE EDITORAÇÃO: Diogo Silva e Andril Ghiraldello

PROJETO GRÁFICO: Fernanda do Val

SITE: Juliana Pisaneschi, Andril Ghiraldello e Diogo Silva

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO: Luciano Milhomem

APOIO: Cíntia Silva

INSTITUTO SANGARI  
Rua Estela Borges Morato, 336  
Vila Siqueira  
CEP 02722-000 • São Paulo-SP  
Tel.: 55 (11) 3474-7500  
Fax: 55 (11) 3474-7699  
[www.institutosangari.org.br](http://www.institutosangari.org.br)

[www.mapadaviolencia.org.br](http://www.mapadaviolencia.org.br)

# SUMÁRIO

<b>Um Desafio para Todos</b> .....	5
<b>Introdução</b> .....	7
<b>1. Notas Conceituais e Técnicas</b> .....	11
1.1. Notas Conceituais .....	11
1.2. Notas Técnicas .....	14
<b>2. Os Homicídios no Brasil</b> .....	18
2.1. Evolução Geral dos Homicídios.....	18
2.1.1. Evolução dos Homicídios nas Unidades Federadas .....	22
2.1.2. Evolução dos Homicídios nas Capitais .....	25
2.1.3. Evolução dos Homicídios nas Regiões Metropolitanas .....	30
2.2. Evolução nos Municípios. ....	35
2.3. Os Novos Padrões da Violência Homicida. ....	41
2.3.1. Disseminação da Violência. ....	42
2.3.2. Interiorização da Violência. ....	50
2.3.3. Deslocamento dos Polos Dinâmicos. ....	56
2.3.4. Fatores Determinantes.....	57
2.4. Questões de Gênero e Raça.....	60
2.4.1. Homicídios por Raça/Cor .....	60
2.4.2. Homicídios e Gênero .....	66
2.5. Vitimização Juvenil .....	70
<b>3. Consolidação dos Dados da Violência Homicida por Unidade Federada</b> .....	81
Acre .....	83
Alagoas.....	87
Amapá .....	93
Amazonas .....	97
Bahia .....	103
Ceará .....	109
Distrito Federal .....	115
Espírito Santo .....	117
Goiás .....	123

Maranhão .....	129
Mato Grosso .....	135
Mato Grosso do Sul .....	141
Minas Gerais .....	147
Pará .....	153
Paraíba .....	159
Paraná .....	165
Pernambuco .....	171
Piauí .....	177
Rio de Janeiro .....	183
Rio Grande do Norte .....	189
Rio Grande do Sul .....	195
Rondônia .....	201
Roraima .....	207
Santa Catarina .....	213
São Paulo .....	219
Sergipe .....	225
Tocantins .....	231
<b>4. Considerações Finais .....</b>	<b>237</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>241</b>

## UM DESAFIO PARA TODOS

A segurança pública está entre as maiores preocupações da sociedade brasileira nos dias atuais. Disputa com a saúde e a educação a prioridade na atenção de autoridades e imprensa. Não há plataforma de governo que não contemple ações no âmbito da segurança, seja na prevenção, seja no enfrentamento da violência. O noticiário, por sua vez, acompanha diariamente tudo o que diz respeito a essa questão. Trata-se de um desafio de todos.

O investimento da Sangari em pesquisas sobre a violência vem ao encontro dessa mobilização social. E o ponto de partida dessa mobilização é a percepção da real dimensão do problema. É preciso reunir dados, confrontá-los, analisá-los, interpretá-los e apresentá-los à sociedade para que, de posse deles, ela possa agir com mais confiança. Somente com o triste fenômeno da violência devidamente dimensionado, pode-se realmente enfrentá-lo. Esse enfrentamento deverá, então, transcender a indignação e converter-se em ação, a qual, por sua vez, poderá gerar políticas públicas, como, aliás, já vem ocorrendo.

A repercussão das edições anteriores do Mapa da Violência é o maior estímulo que a Sangari poderia ter para dar continuidade a esse trabalho. Do Poder Público, que recebe o estudo com interesse e preocupação, e a partir dele realiza debates, audiências, propostas; à sociedade civil organizada, que lança mão das informações para subsidiar seus movimentos; passando pela imprensa, que lhe dá ampla cobertura e divulgação, além de utilizá-lo como mote para editoriais, debates e grandes reportagens; praticamente todas as esferas sociais acolhem o Mapa e redimensionam sua relevância.

A Sangari espera que o Mapa da Violência 2012 obtenha a mesma recepção favorável dos anteriores. Até porque seu autor, o sociólogo Júlio Jacobo Waiselfisz, diretor de Pesquisa do Instituto Sangari, oferece ao leitor, desta vez, um balanço das três últimas décadas. O atual Mapa traz dados desde 1980, os quais permitem uma visão panorâmica e simultaneamente perspectiva do fenômeno da violência homicida no país. Resulta de considerável esforço para poder oferecer dados das 27 Unidades Federativas, 33 Regiões Metropolitanas, 27 capitais e 5564 municípios do país. As conclusões são impressionantes e confirmam as tendências das pesquisas mais recentes: por um lado, as taxas de homicídio parecem ter-se estagnado no Brasil, mas, por outro, a análise delas permite notar a migração do crime para regiões que antes se orgulhavam da segurança de

que desfrutavam.

Para uma melhor visão e compreensão do problema da violência urbana, especificamente a que resulta em mortes por homicídio, o Mapa da Violência 2012, a exemplo dos anteriores, também investiga o fenômeno do ponto de vista de diferentes segmentos etários e sociais, como junto às populações de jovens, mulheres e negros. Recortes como esses favorecem uma visão mais profunda e, por isso mesmo, mais crítica da violência homicida. Também levam à uma espécie de humanização dos números, ao dar rosto tanto para as vítimas quanto para os perpetradores de atos de violência.

Em um momento favorável a retrospectivas e expectativas, o Mapa da Violência 2012 poderá contribuir para que se pensem e se repensem caminhos. A abrangência de três décadas facilita a abordagem de um problema que permanece na ordem do dia e exige, cada vez mais, ações seguras tanto do Poder Público quanto de cada cidadão em particular.

**BEN SANGARI**  
Presidente do  
Instituto SANGARI

**JORGE WERTHEIN**  
Vice-Presidente do  
Instituto SANGARI

## 1. INTRODUÇÃO

Desde 1998, ano de divulgação do primeiro, já foram elaborados uma dúzia de mapas da violência, praticamente um por ano. A metade deles, agrupados sob o subtítulo genérico *Os jovens do Brasil*, abordou as especificidades e a evolução da mortalidade violenta de nossa juventude, principal vítima desse drama brasileiro. Nesses trabalhos, a categoria de mortalidade violenta incluía não só os homicídios, mas também diversas outras violências letais, como suicídios e mortes em acidentes de transporte.

Outros mapas centraram suas baterias em temas mais específicos e delimitados. Dois deles trabalhando o panorama da violência nos municípios brasileiros. Outro tentou pesquisar os fatores determinantes das quedas sistemáticas da violência no estado de São Paulo. Outro ainda trabalhou uma perspectiva mais ampla, tomando como arcabouço a violência na América Latina e no mundo. Também tentamos elaborar, em mais um estudo, uma anatomia dos homicídios no Brasil.

Esse breve exame temporal nos leva, de forma quase inevitável, a nos perguntar: o que mudou nesse ínterim, desde a época da elaboração de nossos primeiros mapas, em fins do século passado, até nossos dias?

A primeira vista diríamos: pouca coisa mudou. Na virada do século tínhamos quase exatamente as mesmas taxas de homicídio que nos dias de hoje: pouco mais de 26 homicídios em 100 mil habitantes. Mas isso já é motivo de um sentimento ambivalente. Por um lado, otimismo: conseguiu-se estancar a pesada espiral de violência que vinha acontecendo no país. Mas por outro lado, também pessimismo: nossas taxas ainda são muito elevadas e preocupantes, considerando a nossa própria realidade e a do mundo que nos rodeia, e não estamos conseguindo fazê-las cair.

Mas essa estagnação, essa semelhança numérica entre as datas é só aparente. Muita coisa parece ter mudado apesar das taxas permanecerem praticamente iguais.

Estados que durante anos foram relativamente tranqüilos, alheios a essa fúria homicida, entram numa acelerada voragem de violência. Outros que tradicionalmente ocupavam posições de liderança no panorama nacional da violência veem seus índices cair, e até de forma drástica em alguns casos.

A violência homicida, que era patrimônio indesejado dos grandes centros urbanos do país, com seu crescimento maciço, caótico e anômico, desloca-se para áreas de menor densidade e peso demográfico.



Também se torna imprevisível. Até poucos anos atrás, os percursos da violência eram bem previsíveis. Colocávamos em mapas anteriores: *um número determinado de mortes violentas acontece todos os anos, levemente maior ou menor que o número de mortes ocorridas no ano anterior. Sem muito esforço, a partir desses dados, poderíamos prognosticar, com certa margem de erro, quantos jovens morrerão em nosso país no próximo ano por causas violentas.* E de fato, isso acontecia. Pela sua exposição na grande mídia esperava-se violência em Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília e pelas informações estatísticas da época, em Pernambuco, Espírito Santo, Minas Gerais. Mas poucos, ou ninguém, poderia antecipar poucos anos atrás que Alagoas ou Pará fossem ocupar um lugar de grande destaque no panorama da violência do nacional.

Vira uma realidade difusa. Se a velha violência tinha atores claros, com nome, sobrenome e até endereço, tanto das vítimas quanto dos algozes, nossa violência atual adquire um caráter totalmente difuso, nebuloso, tem a virtude da onipresença e da ubiquidade, embora não possa ser muito bem identificada. Como tão bem esclarecia Alba Zaluar ainda em 1997: <sup>1</sup> *ela está em toda parte, ela não tem nem atores sociais permanentes reconhecíveis nem 'causas' facilmente delimitáveis e inteligíveis.*

E esse fato foi recentemente corroborado pelo IPEA, que divulgou uma pesquisa realizada em 2010 numa amostra nacional, onde perguntava aos entrevistados sobre o grau de medo em relação a serem vítimas de assassinato, categorizando as respostas em  *muito medo, pouco medo e nenhum medo*<sup>2</sup>. O resultado é altamente preocupante, um sério toque de alerta: 79% da população têm  *muito medo* de ser assassinada; 18,8%  *pouco medo* e só 10,2% manifestou ter  *nenhum medo*. Em outras palavras: só um em cada dez cidadãos não tem medo de ser assassinado. Oito em cada dez têm  *muito medo*. E esse enorme temor é uma constante em todas as regiões do país, e está em toda parte.

São precisamente essas mudanças acontecidas nesta última década, e suas possíveis consequências, que nos levaram a elaborar o presente mapa. Nosso propósito é contribuir, de forma construtiva, para o enfrentamento da violência por parte da sociedade brasileira. Colocado de forma simples, pretendemos fornecer informação sobre as modalidades de evolução da mortalidade homicida no país, em suas capitais, nas unidades federativas, nos conglomerados metropolitanos, nos municípios, Mas, estamos tratando com violência letal, isto é, violência em seu grau extremo, que representa a ponta visível do iceberg da modernidade de nossas relações sociais. Não aludimos, ao menos em forma direta, a outras tantas preocupações concomitantes que não são apenas do Brasil, e sim de dimensão quase planetária. Assim, não se fala diretamente do alarmante in-

---

1. ZALUAR, Alba. A guerra privatizada da juventude. Folha de S. Paulo, 18/5/1997.

2. Ipea. SIPS. Sistema de Indicadores de Percepção Social. Segurança Pública. Brasília. 30 de março de 2011. O Ipea é o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Consultado em 24/11/2011: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6186&Itemid=33](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=6186&Itemid=33)

cremento do consumo de drogas e do narcotráfico; não se fala das diversas formas emergentes de dominação e controle territorial que disputam com o Estado a legitimidade do uso da violência, seja resultante do tráfico, de milícias, de madeireiras ilegais ou interesses econômicos e políticos rondando grandes empreendimentos agrícolas no arco do desmatamento. Como assim também não se fala das áreas de biopirataria, ou dos municípios de fronteira com suas diversas rotas das atividades ilegais. Tampouco fazemos referência ao enorme peso de uma cultura da violência que resolve os conflitos pela via do extermínio do próximo, cultura que, pelos dados disponíveis, está se espalhando no país.

Em outras palavras, não pretendemos aqui realizar um diagnóstico das causas da violência no país. Além de não ter essa pretensão, seria impossível para nós abranger a realidade diversificada de 5.565 municípios, 27 Unidades Federadas, 27 Capitais e 33 Regiões Metropolitanas. De forma bem mais modesta, pretendemos fornecer informações em condições de subsidiar objetivamente esse diagnóstico.

Assim, esperamos que as informações aqui oferecidas possam servir de base para estudos mais aprofundados sobre o tema, para discussões locais e, fundamentalmente, para diagramar políticas e estratégias que permitam reverter o quadro observado. Se conseguirmos atingir esse modesto objetivo, teremos justificado o esforço realizado.



# 1. NOTAS CONCEITUAIS E TÉCNICAS

## 1.1. Notas conceituais

Já colocávamos em estudos anteriores que o contínuo incremento da violência cotidiana configura-se como aspecto representativo e problemático da atual organização da vida social, especialmente nos grandes centros urbanos, manifestando-se nas diversas esferas da vida social. A questão da violência e sua contrapartida, a segurança cidadã, têm-se convertido em uma das principais preocupações não só no Brasil, mas também nas Américas e no mundo todo, como o evidenciam diversas pesquisas de opinião pública.

Todavia, também assistimos, desde finais do século passado, a uma profunda mudança nas formas de manifestação, de percepção e de abordagem de fenômenos que parecem ser características marcantes da nossa época: a violência e a insegurança. Como assevera Wieviorka<sup>1</sup> “mudanças tão profundas estão em jogo que é legítimo acentuar as inflexões e as rupturas da violência, mais do que as continuidades”.

Efetivamente, assistimos, por um lado, a um incremento constante dos indicadores objetivos da violência no mundo: taxas de homicídios, conflitos étnicos, religiosos, raciais etc., índices de criminalidade, incluindo nesta categoria o narcotráfico etc.

Também presenciamos, nas últimas décadas, um alargamento do entendimento da violência, uma reconceitualização de suas peculiaridades pelos novos significados que o conceito assume, “(...) de modo a incluir e a nomear como violência acontecimentos que passavam anteriormente por práticas costumeiras de regulamentação das relações sociais”<sup>2</sup>, como a violência intrafamiliar contra a mulher ou as crianças, a violência simbólica contra grupos, categorias sociais ou etnias, a violência nas escolas etc.

Ainda que existam dificuldades para definir o que se nomeia como violência, alguns elementos consensuais sobre o tema podem ser delimitados: a noção de coerção ou força; o dano que se produz em indivíduo ou grupo de indivíduos pertencentes à determinada classe ou categoria social, gênero ou etnia. Concorde-se, neste trabalho, com o conceito de que “há violência quando, em

---

1. WIEVIORKA, M. *O novo paradigma da violência*. Tempo social: revista de Sociologia da USP, v. 9, n. 1, 1997.  
2. PORTO, M. S. G. *A violência entre a inclusão e a exclusão social*. VII Congresso Sociedade Brasileira de Sociologia. Brasília, ago., 1997.

uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou a mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais”<sup>3</sup>.

Faltaria ainda apontar o porquê da utilização das mortes por violência como indicador geral de violência na sociedade e, ainda, o sentido atribuído, neste trabalho, ao conceito. Dois grupos de argumentos justificam essa decisão de utilizar os óbitos violentos como indicador geral de violência. Em primeiro lugar devemos considerar que a violência, da forma anteriormente definida, cobre um espectro significativamente mais amplo de comportamentos do que as mortes por violência.

Nem toda, sequer a maior parte das violências cotidianas, conduzem necessariamente à morte de algum dos protagonistas. Porém, a morte representa, *per se*, a violência levada a seu grau extremo. Da mesma maneira que a virulência de uma epidemia é indicada, frequentemente, pela quantidade de mortes que ela origina, também a intensidade nos diversos tipos de violência guarda uma estreita relação com o número de mortes que causa. Em segundo lugar, porque não existem muitas alternativas. O registro de queixas à polícia sobre diversas formas de violência, como ficou evidenciado em nossa pesquisa no Distrito Federal<sup>4</sup>, tem uma abrangência extremamente limitada. Nos casos de violência física, só 6,4% dos jovens denunciaram à polícia; nos casos de assalto/furto, foram somente 4%; nos casos de violência no trânsito, apenas 15%. Já no campo dos óbitos, contamos com um Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) que centraliza informações sobre os óbitos em todo o país, e cobre um universo bem abrangente das mortes acontecidas e de suas causas.

Dada a utilização desse Sistema, entenderemos como morte violenta os óbitos acontecidos por acidentes de transporte, por homicídios ou agressões fatais e por suicídios. O que permite unificar, em uma categoria única, circunstâncias aparentemente pouco semelhantes? Diferentemente das mortes por causas endógenas, que remetem a uma deterioração da saúde causada por algum tipo de enfermidade ou doença, nos casos aqui tratados, a morte é resultado de uma intervenção humana, ou seja, resultado de alguma ação dos indivíduos, seja contra si, como no caso dos suicídios, seja pela intervenção intencional ou não de outras pessoas.

Se cada uma dessas mortes tem sua história individual, seu conjunto de determinantes e causas diferentes e específicas para cada caso, irreduzíveis em sua diversidade e compreensíveis só a partir de seu contexto específico, sociologicamente falando temos que perceber, como deverá ser desenvolvido ao longo do trabalho, sua regularidade e constância. Um número determinado de mortes violentas acontece todos os anos, levemente maior ou menor que o número de mortes ocorridas no ano anterior. Sem muito esforço, a partir desses dados, poderíamos prognosticar, com certa margem de erro, quantos jovens morrerão em nosso país no próximo ano por causas violentas.

---

3. MICHAUD, Y. *A violência*. Ática: São Paulo, 1989.

4. WAISELFISZ, J.J. *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*. São Paulo: Cortez/UNESCO, 1998.

E são essas regularidades as que nos possibilitam inferir que, longe de ser resultado de decisões individuais tomadas por indivíduos isolados, estamos perante fenômenos de natureza social, produto de conjuntos de determinantes que se originam na convivência dos grupos e nas estruturas da sociedade. Durkheim<sup>5</sup>, em fins do século passado, escreveu um tratado sobre o tema do suicídio que pode ser considerado uma das pedras fundamentais da moderna Sociologia.

Ressaltava o autor que as taxas de suicídio representam um excelente indicador da situação social, e que seus movimentos se encontram fortemente relacionados a problemas gerais que afetam o conjunto social. Entendia ele que a sociedade não é simplesmente o produto da ação e da consciência individual. Pelo contrário, as maneiras coletivas de agir e de pensar resultam de uma realidade exterior aos indivíduos que, em cada momento, a elas se adequam. O tratamento do crime, da violência e do suicídio como fato social permitir-lhe-ia reabilitar cientificamente esses fenômenos e demonstrar que a prática de um crime depende não tanto do indivíduo, senão das diversas formas de coesão e de solidariedade social. Do mesmo modo, ao longo deste trabalho, pretendemos indicar que as diversas formas de violência abordadas, longe de serem produtos aleatórios de atores isolados, configuram “tendências” que encontram sua explicação nas situações sociais, políticas e econômicas que o país atravessa.

Os estudos mais recentes sobre a violência têm-se concentrado na área urbana, o que se explica pelo fato de que as grandes questões da sociedade se localizam, principalmente, nas grandes cidades. Segundo Dubet<sup>6</sup>, o espaço urbano aparece como sintoma, símbolo, representação “da civilização e da barbárie modernas”. Isso explica os níveis de desagregação das informações utilizados no presente estudo: Unidades Federadas e capitais dessas Unidades. Mas certos fenômenos que começaram a ser detectados nos últimos mapas da violência, a partir de 2004, que falam de processos de interiorização e de disseminação da violência, nos levam à necessidade de reconceitualizar o tema. Foi possível observar que, a partir de finais da década de 90 as grandes metrópoles do país deixaram de ser os motores impulsores da violência. Esse dinamismo trasladou-se para cidades do interior, capitais fora do eixo grandes metrópoles, cidades de porte médio para baixo onde a violência achou seu caldo de cultura favorável, como tentaremos evidenciar ao longo do presente relatório.

Mas essas evidências nos levaram também à necessidade de trabalhar também com a situação dos municípios do país, área praticamente desguarnecida. Esse olhar para os municípios não foi só pelo novo dinamismo, mas também porque diversas evidências nacionais e internacionais quanto a experiências exitosas de enfrentamento da violência apontavam para uma gestão municipal eficiente dos programas e propostas de superação. Dessa forma, a informação em nível municipal tornou-se uma demanda imperativa para focalizar os novos polos da violência do país e seu possível enfrentamento.

---

5. DURKHEIM, E. *O suicídio: estudo sociológico*. Lisboa: Presença, 1996.

6. DUBET, F. *Penser le sujet*. S/l. Fayard, 1995.

## 1.2. Notas Técnicas

A partir do ano 1979, o Ministério da Saúde passou a divulgar as informações do Subsistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), cujas bases foram utilizadas para a elaboração do presente relatório.

Pela legislação vigente no Brasil (Lei n° 15, de 31/12/73, com as alterações introduzidas pela Lei n° 6.216, de 30/06/75), nenhum sepultamento pode ser feito sem a certidão de registro de óbito correspondente. Esse registro deve ser feito à vista de declaração de óbito atestado por médico ou, na falta de médico na localidade, por duas pessoas qualificadas que tenham presenciado ou constatado a morte.

A declaração de óbito, instrumento padronizado nacionalmente, normalmente, fornece dados relativos à idade, sexo, estado civil, profissão, naturalidade e local de residência da vítima. Determina a legislação, e igualmente, que o registro do óbito seja sempre feito “no lugar do falecimento”, isto é, no local da ocorrência do evento. Em função do interesse de isolar áreas ou locais de “produção” de violência, utilizou-se no presente trabalho esse último dado, o do local de ocorrência, para a localização espacial dos óbitos. Isto, porém, não deixa de trazer alguns problemas que, no formato atual da certidão de registro, não tem solução. É o caso das situações em que o lugar onde aconteceu o “incidente” que levou à morte difere do local onde efetivamente aconteceu o falecimento. Feridos em “incidentes” levados para hospitais localizados em outros municípios, ou até em outros Estados, aparecem dessa forma, contabilizados no “local do falecimento”.

Outra informação relevante para o nosso estudo e exigida pela legislação é a causa da morte. Até 1995, tais causas eram classificadas pelo SIM seguindo os capítulos da nona revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-9) da Organização Mundial da Saúde. A partir daquela data, o Ministério da Saúde adotou a décima revisão vigente até os dias de hoje (CID-10).

Os aspectos de interesse para o presente estudo estão contidos no que o CID-10, em seu Capítulo XX, classifica como “causas externas de morbidade e mortalidade”. Quando um óbito devido a causas externas (acidentes, envenenamento, queimadura, afogamento etc.) é registrado, descrevem-se tanto a natureza da lesão como as circunstâncias que a originaram. Assim, para a codificação dos óbitos foi utilizada a causa básica, entendida como o tipo de fato, violência ou acidente causante da lesão que levou à morte do indivíduo. Dentre as causas de óbito estabelecidas pelo CID-10, foi utilizada **Homicídios**, que corresponde ao somatório das categorias X85 a Y09, recebendo o título genérico de *Agressões*. Tem como característica a presença de uma agressão intencional de terceiros, que utiliza qualquer meio para provocar danos, lesões ou a morte da vítima.

As informações usadas sobre cor/raça das vítimas são as que constam no sistema. O SIM começou a incorporar essa informação com a adoção, em 1996, do CID-10, utilizando o mesmo esquema classificatório do IBGE: branco, preta, amarela, parda e indígena. Mas, nos primeiros anos, até depois da virada do século, o sub-registro da cor/raça das vítimas foi muito elevado. Por

tal motivo, somente a partir de 2002 começamos a considerar essa informação, quando já 92% das vítimas de homicídios, acidentes de transporte e suicídio, tinham a informação de raça/cor. Além disso, para simplificar as análises, as categorias *preto* e *pardo* foram somadas para constituir a categoria *negro*, desconsiderando *amarelo* e *indígena* por escassa participação na população (entre ambas, menos de 0,5%). Só vamos utilizar, pela sua relevância, a categoria *indígena* ao analisar os suicídios no país.

Até o presente mapa, para as análises específicas relativas às regiões metropolitanas do país, foram estudadas as nove regiões metropolitanas tradicionais – Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre – criadas ao longo da década de 70. A essas nove, era agregada a Região Metropolitana de Vitória que, apesar de ser bem mais recente, apresentava um interesse específico para analisar a violência letal no país.

A partir do presente estudo foi decidido ampliar o leque das regiões metropolitanas, incluindo as criadas recentemente (a partir da década de 90). Para um melhor entendimento dos dados que deverão ser expostos a seguir, devem ser realizados alguns esclarecimentos:

- Foram incluídas como *Região Metropolitana* as instituídas por Lei Federal, até 1988, e a partir dessa data, como determina a nova Constituição, por lei estadual complementar, ou ainda por Lei Federal quando se trata de Regiões Metropolitanas interestaduais no caso das Regiões Metropolitanas de Desenvolvimento – RIDE.
- Assim, os estados alteram, eventualmente, a composição das mesmas, incluindo ou excluindo municípios, sejam eles novos ou já existentes. Para dar comparabilidade às séries históricas, a fonte utilizada procurou recalcular os indicadores do passado quando houve alteração na composição da Região Metropolitana<sup>7</sup>.
- Não foram considerados os *colares metropolitanos*, as *aglomerações* e as *áreas de expansão* de regiões metropolitanas, por não reunir, por definição, a totalidade das condições para sua constituição como RM, embora possam vir a ser no futuro.
- Não foram incluídas cinco Capitais que não possuem definição legal de RM: Boa Vista, Palmas, Porto Velho, Rio Branco, Campo Grande.
- Segundo essas especificações foram incluídas sob a categoria *Região Metropolitana*:
  - 20 RM adjacentes às capitais, e que as incorporam.
  - 10 RM além das capitais: uma em Minas Gerais ( Vale do Aço e Colar do Vale do Aço); dois em São Paulo ( Baixada Santista e Campinas); dois no Paraná (Londrina e Maringá) e cinco em Santa Catarina (Vale do Itajaí, Foz do Rio Itajaí, Norte/Nordeste, Região Carbonífera e Tubarão).

7. A composição atualizada das Regiões Metropolitanas pode ser obtida nas páginas do IBGE, na área de downloads, seção de Organização do Território.



- Três Regiões Integradas de Desenvolvimento – RIDE – que englobam municípios pertencentes a mais de uma Unidade Federada: RIDE do Polo Petrolina/Juazeiro (PE-BA); RIDE da Grande Teresina (PI-MA) e o RIDE do Distrito Federal e Entorno (DF-MG-GO)<sup>8</sup>.

Para as comparações internacionais foram utilizadas as bases de dados de mortalidade da Organização Mundial da Saúde<sup>9</sup> – OMS – em cuja metodologia foi baseado o nosso SIM, pelo que ambas as séries de dados são totalmente compatíveis, possibilitando comparações internacionais em larga escala. A partir dessas bases, foi possível completar os dados de mortalidade de 100 países. Mas, como os países atualizam suas informações na OMS em datas muito diferentes, resulta muito limitado utilizar dados de um único ano. Assim, foram usados os últimos dados disponibilizados entre 2004 e 2008.

Para o cálculo das taxas de mortalidade do Brasil, foram utilizadas as estimativas intercensitárias disponibilizadas pelo DATASUS que, por sua vez, utiliza as seguintes fontes:

- **1980, 1991 e 2000:** IBGE – Censos Demográficos.
- **1996:** IBGE – Contagem Populacional.
- **1981-1990, 1992-1999, 2001-2006:** IBGE – Estimativas preliminares para os anos intercensitários dos totais populacionais, estratificadas por idade e sexo pelo MS/SE/Datasus.
- **2007-2009:** IBGE – Estimativas elaboradas no âmbito do Projeto UNFPA/IBGE (BRA/4/P31A) – População e Desenvolvimento. Coordenação de População e Indicadores Sociais.

Contudo, essas estimativas intercensitárias oficiais não estão desprovidas de erro, que aumenta progressivamente devido à distância temporal do último censo disponível.

No nível municipal, principalmente quando se trata de municípios de pequeno porte, podem existir grandes flutuações de um ano para outro. Alguns poucos incidentes podem elevar drasticamente as taxas desse ano, voltando praticamente a zero no ano seguinte. Por tal motivo, foram adotados os seguintes procedimentos:

- As taxas foram elaboradas para municípios a partir de um determinado tamanho (em número de habitantes). Esse número foi estabelecido caso a caso, e se encontra especificado no texto correspondente.
- No corpo do estudo foram detalhados só os municípios mais relevantes, mas planilhas com a totalidade dos 5565 municípios foram elaboradas e disponibilizadas no site do mapa: [www.mapadaviolencia.org.br](http://www.mapadaviolencia.org.br).

Ainda sobre o tema, resta esclarecer que apesar de as taxas serem divulgadas com uma casa decimal, para maior precisão, os cálculos (por exemplo, de crescimento decenal ou entre diversos

---

8. O fato de agrupar dados de municípios de diversos estados pode originar certa distorção se os dados são reagrupados por UF, dado que a totalidade dos valores é imputada a uma delas, como comandando o processo (destacada no texto).

9. WHOSIS, *World Mortality Databases*.

anos etc.) são realizados com 5 casas decimais. Assim, diferenças podem aparecer quando se realizam os cálculos a partir das taxas divulgadas na publicação, com uma casa decimal: isso se deve ao efeito do arredondamento.

Para o cálculo das taxas de mortalidade dos diversos países do mundo, foram utilizadas as bases de dados de população fornecidas pelo próprio WHOSIS. Contudo, perante a existência de lacunas, para os dados faltantes foi utilizada a Base Internacional de Dados do *US Census Bureau*<sup>10</sup>.

Uma última ressalva deve ser ainda colocada. Refere-se à peculiar situação do Distrito Federal, cuja organização administrativa específica determina que os parâmetros da UF coincidam com os de Brasília como capital. Em muitos casos, quando tratada como UF, apresenta valores relativamente altos devido a sua peculiar forma de organização.

Não se pode negar que as informações do sistema de registro de óbitos ainda estão sujeitas a uma série de limitações e críticas, expostas pelo próprio SIM<sup>11</sup>, e também por outros autores que trabalharam com o tema (Mello Jorge<sup>12</sup>; Ramos de Souza et al<sup>13</sup>).

A primeira grande limitação, assumida pelo próprio SIM, é o sub-registro. Esse sub-registro se deve, por um lado, à ocorrência de inúmeros sepultamentos sem o competente registro, determinando uma redução do número de óbitos declarados. Por outro lado, também a incompleta cobertura do sistema, fundamentalmente nas regiões Norte e Nordeste, faz com que a fidedignidade das informações diminua com a distância dos centros urbanos e com o tamanho e disponibilidades dos municípios. O próprio SIM<sup>14</sup> estima que os dados apresentados em 1992 podem representar algo em torno de 80% dos óbitos acontecidos no país. Mas, pelas evidências existentes, esse sub-registro afeta bem mais as mortes por causas naturais do que as mortes violentas.

Não só a quantidade, mas também as qualidades dos dados têm sofrido reparos: mortes sem assistência médica que impede o apontamento correto das causas e ou lesões; deficiências no preenchimento adequado da certidão etc. Apesar dessas limitações, existe ampla coincidência em indicar, por um lado, a enorme importância desse sistema e, por outro, a necessidade de seu aprimoramento.

---

10. <http://www.census.gov/ipc/www/idb/summaries.html>.

11. SIM/DATASUS/MS. *O Sistema de Informações sobre Mortalidade*. S/l, 1995.

12. MELLO JORGE, M.H.P. *Como morrem nossos jovens*. In: CNPD. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília, 1998.

13. RAMOS de SOUZA, et. all. *Qualidade da informação sobre violência: um caminho para a construção da cidadania*. INFORMARE – *Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./jun., 1996.

14. SIM/DATASUS/MS op. cit.

## 2. Os HOMICÍDIOS NO BRASIL

### 2.1 Evolução Geral dos Homicídios

No histórico de 30 anos que atualmente disponibiliza o Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde<sup>15</sup>, sintetizados na tabela e no gráfico 2.1.1, podemos ver que o Brasil passou de 13.910 homicídios em 1980 para 49.932 em 2010, um aumento de 259% equivalente a 4,4% de crescimento ao ano.

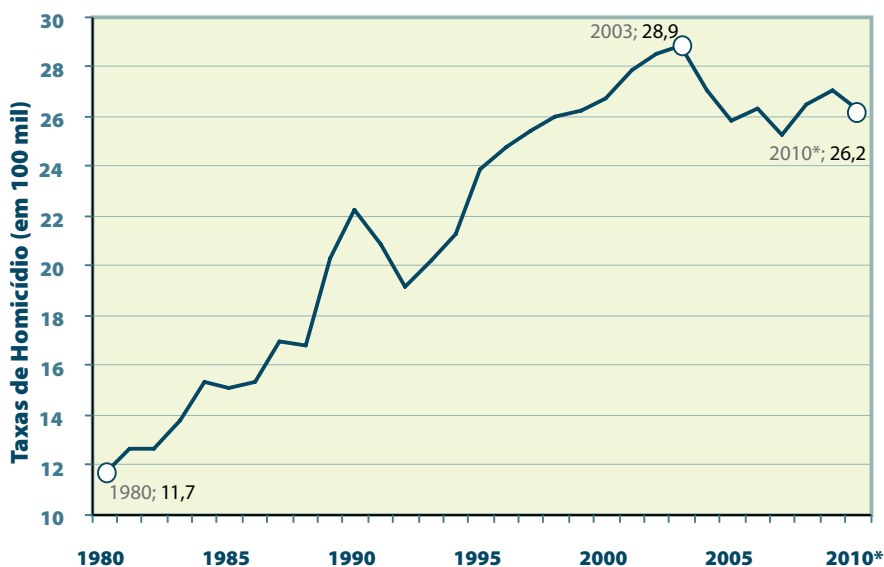
Tabela 2.1.1 Número e taxas de homicídio (em 100 mil). Brasil. 1980/2010\*

ANO	HOMICÍDIOS	
	N	TAXAS
1980	13,910	11.7
1981	15,213	12.6
1982	15,550	12.6
1983	17,408	13.8
1984	19,767	15.3
1985	19,747	15.0
1986	20,481	15.3
1987	23,087	16.9
1988	23,357	16.8
1989	28,757	20.3
1990	31,989	22.2
1991	30,566	20.8
1992	28,387	19.1
1993	30,586	20.2
1994	32,603	21.2
1995	37,128	23.8
1996	38,894	24.8
1997	40,507	25.4
1998	41,950	25.9
1999	42,914	26.2
2000	45,360	26.7
2001	47,943	27.8
2002	49,695	28.5
2003	51,043	28.9
2004	48,374	27.0
2005	47,578	25.8
2006	49,145	26.3
2007	47,707	25.2
2008	50,113	26.4
2009	51,434	27.0
2010*	49,932	26.2
TOTAL	1,091,125	

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

15. A divulgação iniciou em 1979, mas para trabalhar com as 3 décadas exatas, iniciamos a série em 1980.

Gráfico 2.1.1. Evolução das taxas de homicídio. Brasil, 1980/2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados preliminares

Mas segundo os censos nacionais a população do país, também cresceu, embora de forma bem menos intensa. Passou de 119,0 para 190,7 milhões de habitantes, crescimento de 60,3%. Considerando a população, temos a evolução dos índices indicada no gráfico 2.1.1. Passamos de 11,7 homicídios em 100 mil habitantes em 1980 para 26,2 em 2010. Um aumento real de 124% no período ou 2,7% ao ano.

Uma segunda questão que surge imediatamente é a evidente quebra na série histórica que se observa a partir de 2003. Até esse ano, as taxas de homicídio cresceram 4,4% aa. Entre 2003 e 2010 o crescimento foi negativo: 1,4% aa. Mais ainda, as quedas foram significativas só nos anos 2004 e 2005. A partir dessa data, os quantitativos apresentam oscilações, aumentando um ano, caindo outro, o que denota uma situação de equilíbrio instável. Tentar explicar esses movimentos é um dos objetivos do presente estudo. Vários fatores concomitantes e complexos parecem intervir nessa explicação dessas quebras e oscilações a partir de 2003: políticas de desarmamento, planos e recursos federais e estratégias de enfrentamento de algumas UF parecem atuar concomitantemente, como tentaremos por em evidência nos diversos capítulos do presente estudo.

No total desses 30 anos o país já ultrapassou a casa de um milhão de vítimas de homicídio. Os números são de tal magnitude que fica difícil construir uma imagem mental para assimilar ou entender a sua significação. Em um trabalho que publicávamos em 2005<sup>16</sup>, para números de

16. WAISELFSZ, JJ. *Mortes Matadas por Armas de Fogo no Brasil. 1979-2003*. Brasília, UNESCO, 2005.

mortalidade semelhantes fazíamos uma comparação: as mortes violentas no Brasil com um bom número de conflitos armados acontecidos no mundo na segunda metade do século passado. Fa-  
lávamos nesse estudo de 2005: *fica difícil, para o cidadão comum, inclusive para a maior parte dos especialistas, entender a exata dimensão desses números ou desse crescimento vertiginoso (...) Uma ideia do que esses números representam pode ser dada se compararmos os mesmos com o número de vítimas em diversos conflitos armados ao longo do mundo.* E foram os dados copiados no quadro a seguir, só mudando e atualizando os dados para o Brasil.

Vemos que a média anual de mortes por homicídio no país supera, e em casos de forma avassaladora, o número de vítimas em muitos e conhecidos enfrentamentos armados no mundo.

E não precisaríamos ir tão longe. Recentemente, foi publicado o Relatório sobre o Peso Mundial da Violência Armada<sup>17</sup>. Tomando como base fontes consideradas altamente confiáveis, o Relatório constrói o quadro de mortes diretas em um total de 62 conflitos armados no mundo, registrados entre 2004 e 2007. Esses dados encontram-se sintetizados na tabela 2.1.2.

Nos 12 maiores conflitos, que representam 81,4% do total de mortes diretas, nos 4 anos foram vitimadas 169.574 pessoas. Nesses mesmos 4 anos, no total dos 62 conflitos, morrem 208.349 pessoas. No Brasil, país sem disputas territoriais, movimentos emancipatórios, guerras civis, enfrentamentos religiosos, raciais ou étnicos, morreram mais pessoas (192.804) vítimas de homicídio, que nos 12 maiores conflitos armados no mundo. Mais ainda, esse número de homicídios se encontra bem perto das mortes no total dos 62 conflitos armados registrados nesse relatório.

E esses números não podem ser atribuídos às dimensões continentais do Brasil. Países com número de habitantes semelhante ao do Brasil, como Paquistão, com 185 mi habitantes, têm números e taxas bem menores que os nossos. E nem falar da Índia, também elencada, com 1.214 mi de habitantes.

---

17. Geneva Declaration Secretariat. *Global Burden of Armed Violence*. Suíça, 2008. [www.genevadeclaration.org](http://www.genevadeclaration.org), consultado em 15/10/2011.

**Quadro 2.1. Mortalidade em Conflitos Armados no Mundo.**

PAÍS/CONFLITO	NATUREZA DO CONFLITO	PERÍODO	ANOS DE DURAÇÃO	N. DE MORTES	MORTOS /ANO
BRASIL	HOMICÍDIOS	1980-2010	30	1,091,125	36,371
CHECHÊNIA/ RUSSIA	MOVIMENTO EMANCIPATÓRIO/ ÉTNICO	1994-1996	2	50,000	25,000
ETIÓPIA - ERITREIA	DISPUTA TERRITORIAL	1998-2000	2	50,000	25,000
GUATEMALA	GUERRA CIVIL	1970-1994	24	400,000	16,667
ALGERIA	GUERRA CIVIL	1992-1999	7	70,000	10,000
GUERRA DO GOLFO	DISPUTA TERRITORIAL	1990-1991	1	10,000	10,000
EL SALVADOR	GUERRA CIVIL	1980-1992	12	80,000	6,667
ARMÊNIA -AZERBAIJÃO	DISPUTA TERRITORIAL	1988-1994	6	30,000	5,000
NICARÁGUA	GUERRA CIVIL	1972-1979	7	30,000	4,286
TIMOR LESTE	INDEPENDÊNCIA	1974-2000	26	100,000	3,846
KURDOS	DISPUTA TERRITORIAL/ MOVIMENTO EMANCIPATÓRIO	1961-2000	39	120,000	3,076
ANGOLA	INDEPENDÊNCIA	1961-1974	13	39,000	3,000
ANGOLA	GUERRA CIVIL/UNITA	1975-2002	27	550,000	20,370
MOÇAMBIQUE	INDEPENDÊNCIA/ GUERRA CIVIL	1962-1975	13	35,000	2,692
ISRAEL - PALESTINA	DISPUTA TERRITORIAL/ RELIGIOSA	1947-2000	53	125,000	2,358
SRI LANKA	GUERRA CIVIL	1978-2000	22	50,000	2,273
ISRAEL - EGITO	DISPUTA TERRITORIAL	1967-1970	3	6,400	2,133
GUERRA DAS MALVINAS	DISPUTA TERRITORIAL	1982	1	2,000	2,000
SOMÁLIA	GUERRA CIVIL	1982-2000	18	30,000	1,666
2ª INTIFADA	DISPUTA TERRITORIAL	2000-2001	1	1,500	1,500
CAMBOJA	GUERRA CIVIL/ DISPUTA TERRITORIAL	1979-1997	18	25,000	1,388
PERU	GUERRA CIVIL/ GUERRILHA	1981-2000	19	25,000	1,316
COLÔMBIA	GUERRA CIVIL/ GUERRILHA	1964-2000	36	45,000	1,250
CAXEMIRA	MOVIMENTO EMANCIPATÓRIO	1947-2000	53	65,000	1,226
1ª INTIFADA	DISPUTA TERRITORIAL	1987-1992	5	1,759	352
IRLANDA DO NORTE	GUERRA CIVIL/ MOVIMENTO EMANCIPATÓRIO	1968-1994	26	3,100	119

Fonte: Mortes Matadas por Armas de Fogo.

Tabela 2.1.2. Numero de mortes diretas e taxas\* em conflitos armados no mundo por homicídios e armas de fogo no Brasil. 2004/2007.

CONFLITOS ARMADOS	2004	2005	2006	2007	TOTAL MORTES	% DO TOTAL	TAXAS* MÉDIAS
IRAQUE	9.803	15.788	26.910	23.765	76.266	36,6	64,9
SUDÃO	7.284	1.098	2.603	1.734	12.719	6,1	8,8
AFEGANISTÃO	917	1.000	4.000	6.500	12.417	6,0	9,9
COLÔMBIA	2.988	3.092	2.141	3.612	11.833	5,7	6,4
REP. DEM. DO CONGO	3.500	3.750	746	1.351	9.347	4,5	4,1
SRI LANKA	109	330	4.126	4.500	9.065	4,4	10,8
ÍNDIA	2.642	2.519	1.559	1.713	8.433	4,0	0,2
SOMÁLIA	760	285	879	6.500	8.424	4,0	24,4
NEPAL	3.407	2.950	792	137	7.286	3,5	6,8
PAQUISTÃO	863	648	1.471	3.599	6.581	3,2	1,0
ÍNDIA/PAQUISTÃO (CAXEMIRA)	1.511	1.552	1.116	777	4.956	2,4	
ISRAEL/TERR. PALESTINOS	899	226	673	449	2.247	1,1	8,3
TOTAL DE 12 CONFLITOS	34.683	33.238	47.016	54.637	169.574	81,4	11,1
RESTANTES 50 CONFLITOS	11.388	9.252	8.862	9.273	38.775	18,6	
TOTAL (62 CONFLITOS)	46.071	42.490	55.878	63.910	208.349	100,0	
BRASIL: HOMICÍDIOS	48.374	47.578	49.145	47.707	192.804		25,7
BRASIL: ARMAS DE FOGO	37.113	36.060	37.360	36.840	147.373		20,0

\*taxas em 100 mil habitantes. Fontes. Conflitos armados: Global Burden of Armed Violence. Homicídios e armas Brasil: SIM/SVS/MS

### 2.1.1 Evolução dos Homicídios nas Unidades Federadas

Diferentemente das décadas anteriores, que evidenciaram um elevado grau de continuidade nos padrões, tanto na intensidade – crescimento contínuo da violência – quanto em sua estruturação – concentrada em poucas unidades federativas comandando esse crescimento, a década 2000/2010 vai apresentar drásticas mudanças em ambos os sentidos.

Quanto à intensidade, já vimos nos dados do item anterior que, a partir de 2003, primeiro temos quedas relevantes e, a partir de 2005 oscilações em torno de um patamar de 26 homicídios em 100 mil habitantes.

Com relação à estrutura, as tabelas 2.1.3 a 2.1.5 permitem verificar que:

- Se a número de homicídios na década aumentou levemente: 10,1% esse crescimento foi compensado pelo incremento da população, e assim as taxas permaneceram praticamente inalteradas nos anos extremos da década (26,7 e 26,2 homicídios para cada 100 mil habitantes).
- Estados que no início da década ostentavam níveis moderados ou baixos para contexto nacional, apresentam crescimento severo, como Alagoas, Pará ou Bahia, que de 11º, 21º e 23º lugar passam para o 1º, o 3º e o 7º posto nacional, com crescimento que triplica ou quadruplica os quantitativos nesses 10 anos.

Tabela 2.1.3. Número de Homicídios por UF e Região. Brasil, 2000/2010\*

UF/REGIÃO	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010*	Δ%
ACRE	108	122	151	135	115	125	155	133	133	152	144	33.3
AMAPÁ	155	184	181	190	173	196	203	171	211	191	259	67.1
AMAZONAS	557	483	512	561	523	598	697	711	827	915	1.067	91.6
PARÁ	806	955	1.186	1.383	1.522	1.926	2.073	2.204	2.868	2.997	3.482	332.0
RONDÔNIA	466	565	606	559	562	552	589	435	480	536	541	16.1
RORAIMA	128	107	121	106	83	94	110	116	105	117	123	-3.9
TOCANTINS	179	223	180	225	205	202	236	224	232	284	311	73.7
NORTE	2.399	2.639	2.937	3.159	3.183	3.693	4.063	3.994	4.856	5.192	5.927	147.1
ALAGOAS	724	836	989	1.041	1.034	1.211	1.617	1.839	1.887	1.872	2.084	187.8
BAHIA	1.223	1.579	1.735	2.155	2.255	2.823	3.278	3.614	4.765	5.383	5.288	332.4
CEARÁ	1.229	1.298	1.443	1.560	1.576	1.692	1.793	1.936	2.031	2.168	2.514	104.6
MARANHÃO	344	536	576	762	696	903	925	1.092	1.243	1.387	1.478	329.7
PARAÍBA	519	490	608	620	659	740	819	861	1.021	1.269	1.454	180.2
PERNAMBUCO	4.276	4.697	4.431	4.512	4.173	4.307	4.478	4.560	4.431	3.954	3.412	-20.2
PIAUI	234	279	315	316	347	386	437	406	387	398	427	82.5
RIO GRANDE DO NORTE	251	316	301	409	342	408	450	594	720	791	727	189.6
SERGIPE	416	532	549	473	464	492	597	526	574	663	689	65.6
NORDESTE	9.216	10.563	10.947	11.848	11.546	12.962	14.394	15.428	17.059	17.885	18.073	96.1
ESPIRITO SANTO	1.449	1.472	1.639	1.640	1.630	1.600	1.774	1.885	1.948	1.996	1.761	21.5
MINAS GERAIS	2.056	2.344	2.977	3.822	4.241	4.208	4.155	4.103	3.869	3.714	3.538	72.1
RIO DE JANEIRO	7.337	7.352	8.321	7.840	7.391	7.098	7.122	6.313	5.395	5.074	4.193	-42.9
SÃO PAULO	15.631	15.745	14.494	13.903	11.216	8.727	8.166	6.234	6.118	6.326	5.745	-63.2
SUDESTE	26.473	26.913	27.431	27.205	24.478	21.633	21.217	18.535	17.330	17.110	15.237	-42.4
PARANÁ	1.766	2.039	2.226	2.525	2.813	2.981	3.095	3.112	3.453	3.695	3.588	103.2
RIO GRANDE DO SUL	1.662	1.848	1.906	1.900	1.963	2.015	1.964	2.174	2.367	2.229	2.061	24.0
SANTA CATARINA	423	460	572	653	632	616	656	632	789	800	805	90.3
SUL	3.851	4.347	4.704	5.078	5.408	5.612	5.715	5.918	6.609	6.724	6.454	67.6
DISTRITO FEDERAL	770	774	744	856	815	745	769	815	873	1.005	880	14.3
GOIÁS	1.011	1.102	1.275	1.259	1.427	1.398	1.410	1.426	1.754	1.792	1.766	74.7
MATO GROSSO	996	986	963	929	867	907	899	892	942	999	963	-3.3
MATO GROSSO DO SUL	644	619	694	709	650	628	678	699	690	727	632	-1.9
CENTRO-OESTE	3.421	3.481	3.676	3.753	3.759	3.678	3.756	3.832	4.259	4.523	4.241	24.0
BRASIL	45.360	47.943	49.695	51.043	48.374	47.578	49.145	47.707	50.113	51.434	49.932	10.1

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: dados preliminares

- Outros estados, com níveis moderados ou baixos no início do período, também ostentam elevadas taxas de crescimento, como Maranhão, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará ou Paraná.



- Já, a maior parte dos Estados que inicialmente lideravam as estatísticas, apresentam quedas que, em casos, chegam a extremos bem significativos, como os de São Paulo, cujos homicídios caem 63,2%, ou os de Rio de Janeiro, que caem 42,9%.

Esse tema deverá ser ainda aprofundando neste capítulo, no item 2.3, mas fica evidente, nesses dados, uma forte reformulação nos polos dinâmicos da violência, cujas causas e possíveis consequências tentaremos ainda analisar.

Tabela 2.1.4. Taxas de Homicídio (em 100 mil) por UF e Região. Brasil. 2000/2010\*

UF/REGIÃO	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010*	Δ%
ACRE	19,4	21,2	25,7	22,5	18,7	18,7	22,6	18,9	19,6	21,5	19,6	1,3
AMAPÁ	32,5	36,9	35,0	35,5	31,3	33,0	33,0	26,9	34,4	29,8	38,7	19,1
AMAZONAS	19,8	16,7	17,3	18,5	16,9	18,5	21,1	21,0	24,8	26,8	30,6	54,6
PARÁ	13,0	15,1	18,4	21,0	22,7	27,6	29,2	30,4	39,2	40,2	45,9	252,9
RONDÔNIA	33,8	40,1	42,3	38,4	38,0	36,0	37,7	27,4	32,1	35,1	34,6	2,5
RORAIMA	39,5	31,7	34,9	29,7	22,6	24,0	27,3	27,9	25,4	27,1	27,3	-30,8
TOCANTINS	15,5	18,8	14,9	18,3	16,4	15,5	17,7	16,5	18,1	21,3	22,5	45,3
NORTE	18,6	19,9	21,7	22,9	22,6	25,1	27,0	26,0	32,1	33,5	37,4	100,9
ALAGOAS	25,6	29,3	34,3	35,7	35,1	40,2	53,0	59,6	60,3	59,9	66,8	160,4
BAHIA	9,4	11,9	13,0	16,0	16,6	20,4	23,5	25,7	32,9	37,7	37,7	303,2
CEARÁ	16,5	17,2	18,9	20,1	20,0	20,9	21,8	23,2	24,0	25,7	29,7	79,8
MARANHÃO	6,1	9,4	9,9	13,0	11,7	14,8	15,0	17,4	19,7	21,5	22,5	269,3
PARAÍBA	15,1	14,1	17,4	17,6	18,6	20,6	22,6	23,6	27,3	33,8	38,6	156,2
PERNAMBUCO	54,0	58,7	54,8	55,3	50,7	51,2	52,7	53,1	50,7	45,1	38,8	-28,2
PIAUI	8,2	9,7	10,9	10,8	11,8	12,8	14,4	13,2	12,4	12,8	13,7	66,4
RIO GRANDE DO NORTE	9,0	11,2	10,6	14,2	11,7	13,6	14,8	19,3	23,2	25,2	22,9	153,9
SERGIPE	23,3	29,3	29,7	25,2	24,4	25,0	29,8	25,9	28,7	32,6	33,3	42,9
NORDESTE	19,3	21,9	22,4	24,0	23,2	25,4	27,9	29,6	32,1	33,7	34,0	76,4
ESPÍRITO SANTO	46,8	46,7	51,2	50,5	49,4	46,9	51,2	53,6	56,4	57,3	50,1	7,1
MINAS GERAIS	11,5	12,9	16,2	20,6	22,6	21,9	21,3	20,8	19,5	18,8	18,1	57,1
RIO DE JANEIRO	51,0	50,5	56,5	52,7	49,2	46,1	45,8	40,1	34,0	31,8	26,2	-48,6
SÃO PAULO	42,2	41,8	38,0	35,9	28,6	21,6	19,9	15,0	14,9	15,4	13,9	-67,0
SUDESTE	36,6	36,6	36,8	36,1	32,1	27,6	26,7	23,0	21,6	21,3	19,0	-48,1
PARANÁ	18,5	21,0	22,7	25,5	28,1	29,0	29,8	29,6	32,6	35,1	34,4	86,0
RIO GRANDE DO SUL	16,3	17,9	18,3	18,1	18,5	18,6	17,9	19,6	21,8	20,7	19,3	18,1
SANTA CATARINA	7,9	8,4	10,3	11,6	11,1	10,5	11,0	10,4	13,0	13,0	12,9	63,1
SUL	15,3	17,1	18,3	19,5	20,6	20,8	20,9	21,4	24,0	24,5	23,6	53,6
DISTRITO FEDERAL	37,5	36,9	34,7	39,1	36,5	31,9	32,3	33,5	34,1	39,2	34,2	-8,8
GOIÁS	20,2	21,5	24,5	23,7	26,4	24,9	24,6	24,4	30,0	30,2	29,4	45,6
MATO GROSSO	39,8	38,5	37,0	35,0	32,1	32,4	31,5	30,7	31,8	33,3	31,7	-20,2
MATO GROSSO DO SUL	31,0	29,3	32,4	32,7	29,6	27,7	29,5	30,0	29,5	30,4	25,8	-16,7
CENTRO-OESTE	29,4	29,3	30,4	30,5	30,0	28,2	28,3	28,4	31,1	32,6	30,2	2,6
BRASIL	26,7	27,8	28,5	28,9	27,0	25,8	26,3	25,2	26,4	27,0	26,2	-2,0

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

Tabela 2.1.5 Ordenamento das UF por Taxas de Homicídio (em 100 mil). Brasil. 2000-2010\*

UF	2000		2010*	
	TAXA	Pos	TAXA	Pos
ALAGOAS	25,6	11º	66,8	1º
ESPÍRITO SANTO	46,8	3º	50,1	2º
PARÁ	13,0	21º	45,9	3º
PERNAMBUCO	54,0	1º	38,8	4º
AMAPÁ	32,5	9º	38,7	5º
PARAÍBA	15,1	20º	38,6	6º
BAHIA	9,4	23º	37,7	7º
RONDÔNIA	33,8	8º	34,6	8º
PARANÁ	18,5	16º	34,4	9º
DISTRITO FEDERAL	37,5	7º	34,2	10º
SERGIPE	23,3	12º	33,3	11º
MATO GROSSO	39,8	5º	31,7	12º
AMAZONAS	19,8	14º	30,6	13º
CEARÁ	16,5	17º	29,7	14º
GOIÁS	20,2	13º	29,4	15º
RORAIMA	39,5	6º	27,3	16º
RIO DE JANEIRO	51,0	2º	26,2	17º
MATO GROSSO DO SUL	31,0	10º	25,8	18º
RIO GRANDE DO NORTE	9,0	24º	22,9	19º
TOCANTINS	15,5	19º	22,5	20º
MARANHÃO	6,1	27º	22,5	21º
ACRE	19,4	15º	19,6	22º
RIO GRANDE DO SUL	16,3	18º	19,3	23º
MINAS GERAIS	11,5	22º	18,1	24º
SÃO PAULO	42,2	4º	13,9	25º
PIAUI	8,2	25º	13,7	26º
SANTA CATARINA	7,9	26º	12,9	27º

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

### 2.1.2 Evolução dos Homicídios nas Capitais

O gráfico 2.1.2 e as tabelas 2.1.6 e 2.1.7 permitem verificar a existência de três etapas bem definidas na evolução dos homicídios das capitais do país.

- No primeiro período, que vai de 1980 até 1997, as capitais crescem com um ritmo de 4,8% ao ano, superior aos índices do país como um todo, que cresce 4% ao ano. As taxas das capitais se distanciam visivelmente das médias nacionais, deixando entender que seria nas capitais que radicam os focos impulsores da violência homicida no país.
- No segundo período: 1997 a 2003, as taxas de crescimento das capitais praticamente estagnam (crescimento de 0,1% ao ano), enquanto o país ainda mantém um ritmo de 2,2% ao ano, menor que na etapa anterior, mas ainda elevado, indicando uma mudança nos focos de crescimento da violência, como será visto de forma detalhada no item 2.3.

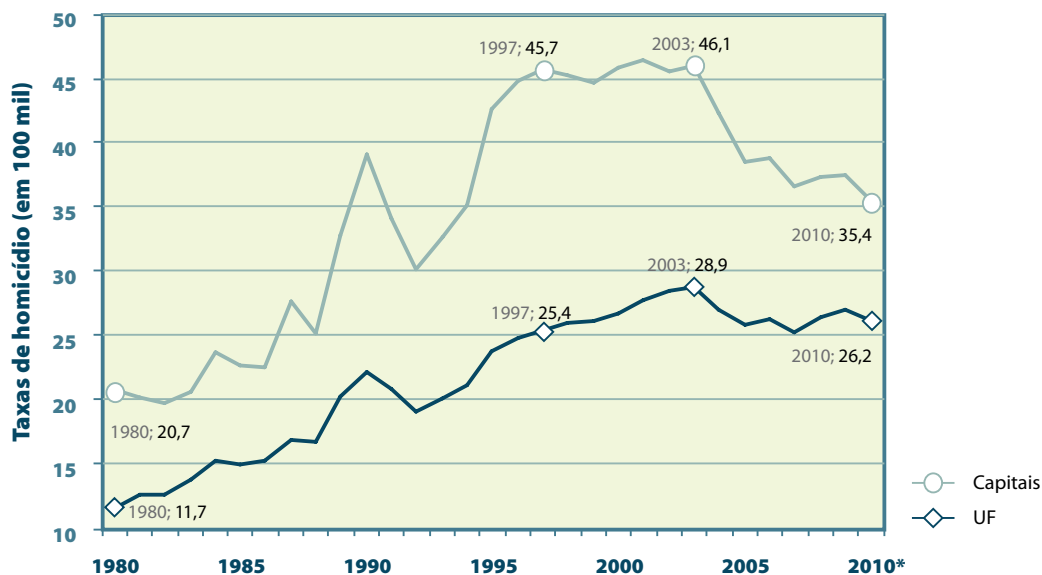
- No terceiro período: de 2003 a 2010, as taxas das capitais caem significativamente (3,7% ao ano). Mas as taxas do país também caem, com um ritmo bem menor: 1,4% ao ano, com o que as taxas das UF e as das capitais tendem a se aproximar.

Tabela 2.1.6 Número e taxas de homicídio (em 100 mil). Capitais. 1980/2010\*

ANO	HOMICÍDIOS	
	N	TAXAS
1980	5909	20.7
1981	5853	20.1
1982	5892	19.8
1983	6225	20.5
1984	7329	23.6
1985	7155	22.6
1986	7244	22.4
1987	9083	27.6
1988	8434	25.2
1989	11168	32.7
1990	13541	39.0
1991	12023	34.0
1992	10700	30.1
1993	11911	32.6
1994	13019	35.2
1995	16009	42.6
1996	16673	44.8
1997	17249	45.7
1998	17308	45.3
1999	17245	44.6
2000	18543	45.8
2001	19081	46.5
2002	18917	45.5
2003	19392	46.1
2004	18064	42.4
2005	16881	38.5
2006	17194	38.7
2007	16490	36.6
2008	16774	37.3
2009	16928	37.4
2010*	16082	35.4

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

Gráfico 2.1.2. Número e taxas de homicídio (em 100 mil). Capitais e UF. 1980/2010



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

Tabela 2.1.7. Crescimento (%) ao ano das taxas de homicídio por período. Brasil e Capitais. 1980-2010\*

PERÍODO	BRASIL	CAPITAIS
1980/1997	4.0	4.8
1997/2003	2.2	0.1
2003/2010	-1.4	-3.7
1980/2010*	2.7	1.8

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

Também nesse caso a heterogeneidade é elevada, como pode ser visto nas tabelas 2.1.8 a 2.1.10, mas segue padrões identificáveis:

- Queda nas capitais, que no início da década apresentavam as maiores taxas do país.
- Quedas muito pesadas em alguns casos, como as capitais de São Paulo ou do Rio de Janeiro, onde o declínio na década foi de 80 e de 57% respectivamente. Menos pesada em diversos outros casos, como pode ser visto na tabela 2.1.9. mas conservando a constante de capitais com elevadas taxas no início da década.
- As que crescem no período são as capitais com baixas taxas no começo da década, e em alguns casos, esse crescimento é explosivo, como em Natal, Salvador e São Luis, onde os índices de violência mais que triplicam.

Tabela 2.1.8. Número de Homicídios por Capital e Região. Brasil. 2000/2010\*

CAPITAL/REGIÃO	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010*	Δ%
BELÉM	332	352	420	466	403	628	484	496	669	644	760	128.9
BOA VISTA	81	67	82	73	49	56	55	66	65	73	81	0.0
MACAPÁ	131	131	135	140	127	135	132	123	151	116	195	48.9
MANAUS	464	366	395	448	410	484	545	563	656	755	842	81.5
PALMAS	30	40	33	37	39	27	30	30	34	36	51	70.0
PORTO VELHO	204	229	220	181	257	211	261	199	178	186	213	4.4
RIO BRANCO	92	102	120	104	87	73	114	97	87	101	87	-5.4
<b>NORTE</b>	<b>1,334</b>	<b>1,287</b>	<b>1,405</b>	<b>1,449</b>	<b>1,372</b>	<b>1,614</b>	<b>1,621</b>	<b>1,574</b>	<b>1,840</b>	<b>1,911</b>	<b>2,229</b>	<b>67.1</b>
ARACAJU	184	285	258	243	229	202	236	199	219	250	240	30.4
FORTALEZA	604	609	707	666	654	808	846	991	888	902	1,125	86.3
JOÃO PESSOA	226	251	263	281	272	318	327	387	416	516	581	157.1
MACEIÓ	360	485	511	520	559	620	904	917	990	876	1,025	184.7
NATAL	74	113	102	171	100	144	162	227	248	307	260	251.4
RECIFE	1,388	1,397	1,312	1,336	1,352	1,324	1,374	1,338	1,321	1,110	890	-35.9
SALVADOR	315	530	585	730	739	1,062	1,187	1,357	1,771	1,883	1,484	371.1
SÃO LUIS	144	244	194	284	307	294	313	391	428	523	569	295.1
TERESINA	159	169	206	214	198	232	269	230	217	218	251	57.9
<b>NORDESTE</b>	<b>3,454</b>	<b>4,083</b>	<b>4,138</b>	<b>4,445</b>	<b>4,410</b>	<b>5,004</b>	<b>5,618</b>	<b>6,037</b>	<b>6,498</b>	<b>6,585</b>	<b>6,425</b>	<b>86.0</b>
BELO HORIZONTE	779	791	979	1,329	1,506	1,293	1,175	1,201	1,019	907	830	6.5
RIO DE JANEIRO	3,316	3,274	3,728	3,350	3,174	2,552	2,846	2,204	1,910	1,952	1,535	-53.7
SÃO PAULO	6,764	6,669	5,575	5,591	4,275	3,096	2,556	1,927	1,622	1,681	1,460	-78.4
VITÓRIA	231	252	240	221	253	263	273	242	235	226	220	-4.8
<b>SUDESTE</b>	<b>11,090</b>	<b>10,986</b>	<b>10,522</b>	<b>10,491</b>	<b>9,208</b>	<b>7,204</b>	<b>6,850</b>	<b>5,574</b>	<b>4,786</b>	<b>4,766</b>	<b>4,045</b>	<b>-63.5</b>
CURITIBA	416	453	530	612	693	778	874	827	1,032	1,022	979	135.3
FLORIANÓPOLIS	35	60	89	100	109	97	79	81	91	84	96	174.3
PORTO ALEGRE	534	501	560	508	566	573	511	688	670	578	518	-3.0
<b>SUL</b>	<b>985</b>	<b>1,014</b>	<b>1,179</b>	<b>1,220</b>	<b>1,368</b>	<b>1,448</b>	<b>1,464</b>	<b>1,596</b>	<b>1,793</b>	<b>1,684</b>	<b>1,593</b>	<b>61.7</b>
BRASÍLIA	770	774	744	856	815	745	769	815	873	1,005	880	14.3
CAMPO GRANDE	261	231	239	249	221	214	207	251	191	216	171	-34.5
CUIABÁ	336	379	260	253	235	237	221	214	233	239	221	-34.2
GOIANIA	313	327	430	429	435	415	444	429	560	522	518	65.5
<b>CENTRO OESTE</b>	<b>1,680</b>	<b>1,711</b>	<b>1,673</b>	<b>1,787</b>	<b>1,706</b>	<b>1,611</b>	<b>1,641</b>	<b>1,709</b>	<b>1,857</b>	<b>1,982</b>	<b>1,790</b>	<b>6.5</b>
<b>BRASIL CAPITAIS</b>	<b>18,543</b>	<b>19,081</b>	<b>18,917</b>	<b>19,392</b>	<b>18,064</b>	<b>16,881</b>	<b>17,194</b>	<b>16,490</b>	<b>16,774</b>	<b>16,928</b>	<b>16,082</b>	<b>-13.3</b>

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

- Com menor intensidade, mas ainda dentro do mesmo padrão, também Belém, João Pessoa, Maceió, Curitiba e Florianópolis, têm seus índices mais que duplicando na década.
- Os dados, também neste caso, indicam uma transformação nos padrões de estruturação da violência, que tentaremos aprofundar no item 2.3.

Tabela 2.1.9. Taxas de Homicídio (em 100 mil) por Capital e Região. Brasil. 2000/2010\*

CAPITAL/REGIÃO	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010*	Δ%
BELÉM	25,9	27,0	31,8	34,7	29,6	44,7	33,9	34,2	47,0	45,7	54,5	110,4
BOA VISTA	40,4	32,1	38,2	33,0	21,5	23,1	22,0	25,7	24,9	26,8	28,5	-29,5
MACAPÁ	46,2	44,3	44,0	44,1	38,5	38,0	35,8	32,3	42,1	30,6	49,0	5,9
MANAUS	33,0	25,2	26,5	29,3	26,2	29,4	32,3	32,5	38,4	43,0	46,7	41,6
PALMAS	21,8	26,5	20,5	21,5	21,3	13,0	13,6	12,8	18,5	17,5	22,3	2,3
PORTO VELHO	61,0	66,9	63,2	51,1	71,4	56,4	68,5	51,3	46,9	46,1	49,7	-18,5
RIO BRANCO	36,4	39,0	44,8	37,9	30,9	23,9	36,3	30,1	28,9	31,7	25,9	-28,8
<b>NORTE</b>	<b>34,2</b>	<b>32,1</b>	<b>34,2</b>	<b>34,4</b>	<b>31,8</b>	<b>35,6</b>	<b>34,9</b>	<b>33,0</b>	<b>39,8</b>	<b>40,3</b>	<b>45,8</b>	<b>33,6</b>
ARACAJU	39,9	60,9	54,4	50,6	47,2	40,5	46,7	38,9	40,8	45,1	42,0	5,4
FORTALEZA	28,2	27,9	31,8	29,5	28,5	34,0	35,0	40,3	35,9	36,6	45,9	62,7
JOÃO PESSOA	37,8	41,3	42,5	44,7	42,6	48,1	48,7	56,6	60,0	72,9	80,3	112,5
MACEIÓ	45,1	59,3	61,3	61,2	64,5	68,6	98,0	97,4	107,1	94,4	109,9	143,5
NATAL	10,4	15,6	13,9	23,0	13,2	18,5	20,5	28,3	31,1	38,3	32,3	211,4
RECIFE	97,5	97,2	90,5	91,4	91,8	88,2	90,7	87,5	85,2	71,9	57,9	-40,7
SALVADOR	12,9	21,3	23,2	28,6	28,5	39,7	43,7	49,3	60,1	67,0	55,5	330,2
SÃO LUÍS	16,6	27,4	21,4	30,8	32,6	30,0	31,4	38,4	43,4	52,3	56,1	238,8
TERESINA	22,2	23,2	27,8	28,5	26,0	29,4	33,5	28,2	27,0	27,0	30,8	38,7
<b>NORDESTE</b>	<b>34,0</b>	<b>39,5</b>	<b>39,4</b>	<b>41,7</b>	<b>40,8</b>	<b>44,8</b>	<b>49,6</b>	<b>52,4</b>	<b>55,5</b>	<b>56,7</b>	<b>55,7</b>	<b>64,0</b>
BELO HORIZONTE	34,8	35,0	42,9	57,6	64,7	54,4	49,0	49,5	41,9	37,7	34,9	0,4
RIO DE JANEIRO	56,6	55,5	62,8	56,1	52,8	41,9	46,4	35,7	31,0	31,3	24,3	-57,1
SÃO PAULO	64,8	63,5	52,6	52,4	39,8	28,3	23,2	17,4	14,8	15,1	13,0	-80,0
VITÓRIA	79,0	85,1	80,2	73,0	82,7	83,9	86,1	75,4	73,9	70,0	67,1	-15,1
<b>SUDESTE</b>	<b>58,9</b>	<b>58,0</b>	<b>55,0</b>	<b>54,5</b>	<b>47,5</b>	<b>36,5</b>	<b>34,5</b>	<b>27,8</b>	<b>24,0</b>	<b>23,7</b>	<b>19,9</b>	<b>-66,1</b>
CURITIBA	26,2	28,0	32,2	36,6	40,8	44,3	48,9	45,5	56,5	57,1	55,9	113,2
FLORIANÓPOLIS	10,2	17,0	24,7	27,1	28,9	24,4	19,4	19,5	22,6	20,4	22,8	122,9
PORTO ALEGRE	39,2	36,5	40,5	36,4	40,3	40,1	35,5	47,3	46,8	40,7	36,8	-6,4
<b>SUL</b>	<b>29,9</b>	<b>30,3</b>	<b>34,8</b>	<b>35,5</b>	<b>39,3</b>	<b>40,4</b>	<b>40,3</b>	<b>43,3</b>	<b>49,0</b>	<b>46,5</b>	<b>44,5</b>	<b>48,5</b>
BRASÍLIA	37,5	36,9	34,7	39,1	36,5	31,9	32,3	33,5	34,1	39,2	34,2	-8,8
CAMPO GRANDE	39,3	34,0	34,5	35,3	30,7	28,5	27,1	32,2	25,6	28,2	21,7	-44,7
CUIABÁ	69,5	76,9	52,0	49,8	45,5	44,4	40,7	38,8	42,8	43,6	40,1	-42,3
GOIÂNIA	28,6	29,4	38,1	37,4	37,4	34,6	36,4	34,6	44,3	40,7	39,8	38,9
<b>CENTRO OESTE</b>	<b>39,2</b>	<b>39,1</b>	<b>37,4</b>	<b>39,3</b>	<b>36,8</b>	<b>33,4</b>	<b>33,4</b>	<b>34,1</b>	<b>36,3</b>	<b>38,4</b>	<b>34,4</b>	<b>-12,2</b>
<b>CAPITAIS</b>	<b>45,8</b>	<b>46,5</b>	<b>45,5</b>	<b>46,1</b>	<b>42,4</b>	<b>38,5</b>	<b>38,7</b>	<b>36,6</b>	<b>37,3</b>	<b>37,4</b>	<b>35,4</b>	<b>-22,8</b>

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

Tabela 2.1.10. Ordenamento das Capitais por Taxas de Homicídio (em 100 mil). Brasil: 2000/2010\*

CAPITAL	2000	Pos.	2010*	Pos.
MACEIÓ	45,1	8º	109,9	1º
JOÃO PESSOA	37,8	13º	80,3	2º
VITÓRIA	79,0	2º	67,1	3º
RECIFE	97,5	1º	57,9	4º
SÃO LUÍS	16,6	24º	56,1	5º
CURITIBA	26,2	20º	55,9	6º
SALVADOR	12,9	25º	55,5	7º
BELÉM	25,9	21º	54,5	8º
PORTO VELHO	61,0	5º	49,7	9º
MACAPÁ	46,2	7º	49,0	10º
MANAUS	33,0	17º	46,7	11º
FORTALEZA	28,2	19º	45,9	12º
ARACAJU	39,9	10º	42,0	13º
CUIABÁ	69,5	3º	40,1	14º
GOIÂNIA	28,6	18º	39,8	15º
PORTO ALEGRE	39,2	12º	36,8	16º
BELO HORIZONTE	34,8	16º	34,9	17º
BRASILIA	37,5	14º	34,2	18º
NATAL	10,4	26º	32,3	19º
TERESINA	22,2	22º	30,8	20º
BOA VISTA	40,4	9º	28,5	21º
RIO BRANCO	36,4	15º	25,9	22º
RIO DE JANEIRO	56,6	6º	24,3	23º
FLORIANÓPOLIS	10,2	27º	22,8	24º
PALMAS	21,8	23º	22,3	25º
CAMPO GRANDE	39,3	11º	21,7	26º
SÃO PAULO	64,8	4º	13,0	27º

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

### 2.1.3 Evolução dos Homicídios nas Regiões Metropolitanas

Como ficou esclarecido nas notas técnicas, foram trabalhadas sob esse conceito: 20 RM formando parte do núcleo de capitais de Estado; 10 RM fora as das capitais e três Regiões Integradas de Desenvolvimento – RIDE – que englobam municípios pertencentes a mais de uma Unidade Federada.

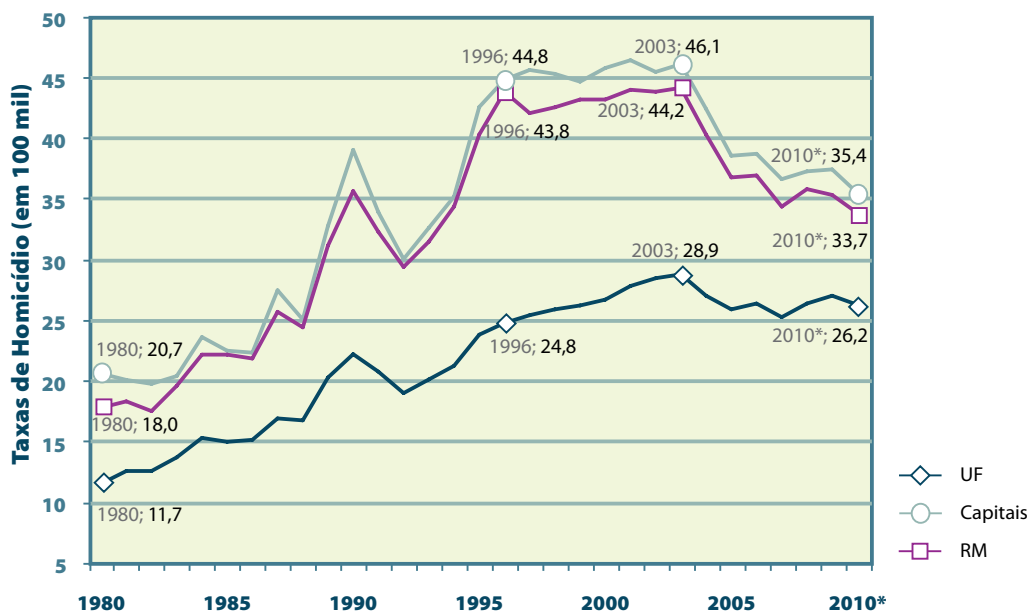
Tabela 2.1.11 Número e taxas de homicídio (em 100 mil). RM. 1980/2010\*

ANO	HOMICÍDIOS	
	N	TAXAS
1980	8.456	18.0
1981	8.854	18.4
1982	8.688	17.6
1983	9.946	19.6
1984	11.606	22.3
1985	11.826	22.2
1986	11.997	21.9
1987	14.380	25.7
1988	14.002	24.5
1989	18.234	31.2
1990	21.307	35.7
1991	19.752	32.4
1992	18.276	29.5
1993	19.957	31.5
1994	22.076	34.4
1995	26.217	40.3
1996	29.225	43.8
1997	28.602	42.0
1998	29.508	42.6
1999	30.422	43.2
2000	31.671	43.1
2001	32.936	44.0
2002	33.381	43.9
2003	34.171	44.2
2004	31.639	40.3
2005	29.904	36.8
2006	30.500	36.9
2007	28.867	34.4
2008	29.877	35.8
2009	29.483	35.3
2010*	28.194	33.7

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares



Gráfico 2.1.3. Número e taxas de homicídio (em 100 mil). UF, Capitais e RM. 1980/2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

Podemos ver, segundo a tabela 2.1.11 e o gráfico 2.1.3 que, de forma praticamente idêntica às capitais, as RM tiveram um acelerado crescimento entre 1980 e 1996. Abre-se nesse ano um período de estagnação nas taxas para, a partir de 2003 e com algumas oscilações, evidenciar fortes quedas.

Se esse movimento aconteceu no país como um todo, quando observadas as UF, as características da evolução vão ficando mais complexas, como podemos ver nas tabelas 2.1.12 e 2.1.13. Diversas RM na última década apresentaram taxas negativas de crescimento, a começar pela RM de São Paulo, cujos índices despencam de 63,3 para 15,4 homicídios em 100 mil habitantes. Com menor intensidade, mas ainda com quedas, encontramos as RM de Recife, Cuiabá, Rio de Janeiro, Petrolina/Juazeiro, Baixada Santista, Vitória e Campinas.

Tabela 2.1.12. Número de Homicídios por Região Metropolitana. Brasil. 2000/2010\*

RM	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010*	Δ%
MANAUS	490	403	421	479	436	514	583	604	704	797	916	86.9
BELÉM	339	398	491	558	584	837	834	803	1,166	1,150	1,639	383.5
MACAPÁ	152	159	166	167	153	157	156	148	177	141	225	48.0
SÃO LUÍS	144	254	215	305	336	321	342	415	477	584	610	323.6
TERESINA	183	184	223	233	220	263	308	264	250	252	285	55.7
FORTALEZA	781	759	860	849	875	992	1,090	1,267	1,232	1,233	1,514	93.9
NATAL	113	161	144	208	159	204	229	312	391	449	363	221.2
JOÃO PESSOA	261	302	346	364	323	414	433	508	551	705	814	211.9
RECIFE	2,577	2,877	2,534	2,666	2,591	2,632	2,666	2,680	2,553	2,216	1,868	-27.5
MACEIÓ	389	535	590	595	635	703	1,011	1,062	1,141	1,012	1,165	199.5
ARACAJU	231	346	335	304	287	280	332	272	302	354	345	49.4
SALVADOR	359	605	703	958	982	1,372	1,576	1,787	2,385	2,481	2,129	493.0
BELO HORIZONTE	1,254	1,416	1,790	2,386	2,756	2,474	2,306	2,225	2,018	1,822	1,680	34.0
RIO DE JANEIRO	6,074	5,980	6,876	6,475	6,065	5,610	5,773	4,855	4,040	3,703	3,097	-49.0
SÃO PAULO	11,321	11,214	9,855	9,517	7,378	5,613	5,028	3,812	3,625	3,535	3,038	-73.2
CURITIBA	694	770	839	1,042	1,163	1,313	1,381	1,329	1,655	1,880	1,804	159.9
FLORIANÓPOLIS	63	90	133	172	184	170	155	140	162	163	162	157.1
P.ALEGRE	1,002	1,006	1,078	1,095	1,138	1,151	1,103	1,364	1,485	1,319	1,172	17.0
CUIABÁ	420	467	351	338	301	316	336	318	361	365	361	-14.0
GOIÂNIA	420	467	606	579	611	589	635	634	769	761	692	64.8
ENTORNO DE BRASÍLIA	1,042	1,054	1,045	1,185	1,178	1,139	1,155	1,195	1,403	1,501	1,451	39.3
PETROLINA/JUAZEIRO	264	348	307	353	317	331	363	322	324	252	235	-11.0
VALE DO AÇO MG	40	48	57	78	65	68	60	74	75	66	114	185.0
VITÓRIA	1,059	1,074	1,216	1,200	1,241	1,164	1,291	1,329	1,334	1,324	1,158	9.3
BAIXADA SANTISTA SP	809	726	816	669	434	300	397	281	293	341	322	-60.2
CAMPINAS SP	929	944	952	928	774	517	470	405	376	449	411	-55.8
LONDRINA PR	112	169	211	262	261	219	217	165	234	219	206	83.9
MARINGÁ PF	37	45	56	49	37	72	73	101	101	94	106	186.5
VALE DO ITAJAÍ SC	11	24	20	29	7	26	19	35	37	39	44	300.0
NORTE/NORDESTE SC	47	40	49	38	55	48	63	69	90	92	87	85.1
FOZ DO RIO ITAJAÍ SC	32	52	68	52	71	72	83	78	127	144	128	300.0
REG CARBONÍFERA SC	15	14	21	33	15	19	24	11	31	25	34	126.7
TUBARÃO SC	7	5	7	5	7	4	8	3	8	15	19	171.4
<b>TOTAL RM</b>	<b>31671</b>	<b>32936</b>	<b>33381</b>	<b>34171</b>	<b>31639</b>	<b>29904</b>	<b>30500</b>	<b>28867</b>	<b>29877</b>	<b>29483</b>	<b>28194</b>	<b>-11.0</b>

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

Todas as restantes RM tiveram, em menor ou maior media, crescimento que, em vários casos, foi extremamente severo, como Belém, Salvador, São Luís e o Vale do Itajaí, em SC.

Tabela 2.1.13. Taxas de Homicídio (em 100 mil) por Região Metropolitana. Brasil: 2000/2010\*

RM	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010*	Δ%
MACEIÓ	39,3	52,8	57,2	56,6	59,3	63,0	88,8	91,4	99,6	87,9	100,7	156,2
BELÉM	18,9	21,6	26,1	29,1	29,9	41,0	40,0	37,7	56,1	55,8	80,2	325,0
JOÃO PESSOA	27,6	31,4	35,3	36,6	32,0	39,6	40,7	47,0	51,1	64,3	72,9	164,2
VITÓRIA	73,6	72,8	81,0	78,4	79,5	71,5	77,7	78,4	80,2	79,0	68,6	-6,8
SALVADOR	11,6	19,2	21,9	29,4	29,7	40,0	45,2	50,4	63,3	67,9	60,1	418,2
CURITIBA	25,1	27,0	28,8	35,0	38,3	41,2	42,3	39,8	50,8	58,4	56,8	126,7
RECIFE	77,2	84,9	74,0	76,9	73,9	73,1	73,1	72,6	68,4	59,7	50,6	-34,4
SÃO LUÍS	13,4	23,1	19,1	26,6	28,7	26,1	27,2	32,3	38,2	45,7	46,6	246,4
MACAPÁ	41,8	41,8	42,1	40,9	36,2	34,6	33,2	30,4	38,9	29,6	45,0	7,8
CUIABÁ	60,1	65,3	48,3	45,7	40,0	40,4	42,1	39,1	46,1	46,0	44,9	-25,3
MANAUS	29,6	23,6	24,0	26,7	23,7	26,6	29,5	29,8	34,9	38,6	43,3	46,4
FORTALEZA	26,2	24,9	27,7	26,8	27,2	29,6	31,9	36,4	35,0	35,0	42,9	63,9
ARACAJU	34,2	50,0	47,4	42,2	39,1	36,5	42,4	34,0	38,5	43,7	41,3	20,7
ENTORNO DE BRASÍLIA	35,2	34,6	33,4	37,0	35,9	32,9	32,5	32,8	38,3	40,6	39,0	10,6
BELO HORIZONTE	28,8	31,8	39,5	51,7	58,7	50,7	46,4	43,9	40,0	36,7	34,4	19,5
PETROLINA/JUAZEIRO	46,7	59,9	51,8	58,3	51,3	51,2	54,9	47,7	45,4	36,0	34,2	-26,6
GOIÂNIA	25,3	27,4	34,7	32,4	33,4	30,7	32,3	31,5	37,5	36,9	33,3	31,6
PORTO ALEGRE	26,9	26,6	28,2	28,2	29,0	28,5	26,9	32,8	36,8	33,0	29,6	9,9
FOZ DO RIO ITAJAÍ SC	10,0	15,7	20,0	14,9	19,8	18,9	21,2	19,4	31,5	34,2	29,1	190,7
NATAL	10,1	14,1	12,4	17,5	13,1	16,2	17,8	23,8	30,2	34,1	27,1	167,5
LONDRINA PR	16,5	24,5	30,2	37,0	36,4	29,6	28,9	21,7	30,8	28,8	27,0	63,2
RIO DE JANEIRO	56,7	55,3	62,9	58,7	54,5	49,4	50,3	41,9	35,0	32,0	26,7	-52,9
VALE DO AÇO MG	10,0	11,8	13,8	18,6	15,3	15,5	13,5	16,4	16,7	14,7	25,2	152,1
TERESINA	18,2	18,0	21,5	22,1	20,6	23,9	27,5	23,2	22,2	22,1	24,8	36,4
BAIXADA SANTISTA SP	54,8	48,2	53,3	43,0	27,5	18,3	23,8	16,6	17,7	20,6	19,3	-64,7
MARINGÁ PR	7,8	9,3	11,3	9,7	7,2	13,5	13,5	18,3	18,7	17,0	18,7	139,6
FLORIANÓPOLIS	8,9	12,3	17,8	22,5	23,5	20,7	18,4	16,3	19,4	19,1	18,5	108,0
NORTE/NORDESTE SC	10,4	8,6	10,4	7,9	11,3	9,4	12,2	13,1	17,5	17,4	16,1	55,3
SÃO PAULO	63,3	61,9	53,6	51,1	39,1	28,9	25,6	19,1	18,5	18,0	15,4	-75,6
CAMPINAS SP	39,7	39,5	39,1	37,4	30,6	19,6	17,5	14,8	13,8	16,2	14,7	-63,0
TUBARÃO SC	5,9	4,2	5,8	4,1	5,7	3,2	6,2	2,3	6,3	11,7	14,7	146,9
REG. CARBONÍFERA SC	5,2	4,8	7,0	10,9	4,9	6,0	7,4	3,4	9,6	7,7	10,3	97,9
VALE DO ITAJAÍ SC	2,8	5,9	4,8	6,8	1,6	5,8	4,1	7,5	8,0	8,2	9,0	228,9
TOTAL RM	43,1	44,0	43,9	44,2	40,3	36,8	36,9	34,4	35,8	35,3	33,7	-21,8

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

## 2.2 Evolução nos Municípios

A distribuição espacial da violência homicida, principalmente quando desagregada no nível do município, tem-se revelado uma fonte extremamente útil para a análise dos fatores que incidem em sua produção e reprodução e, com esse quadro, melhorar as condições de delinear políticas específicas de enfrentamento. Conformam situações bem diferenciadas nos mecanismos de produção de violência quando se trata de polos de desenvolvimento do interior, atrativos de população e investimentos que, perante a limitada presença do poder público, resultam atrativos também para a criminalidade e a violência; ou de municípios de zona de fronteira, dominados por grandes estruturas dedicadas ao contrabando de armas, de produtos, de pirataria e/ou rotas de tráfico; ou municípios do arco do desmatamento amazônico, incentivados por interesses políticos e econômicos em torno de gigantescos empreendimentos agrícolas precedidos de madeiras ilegais, grilagem de terras, extermínio de populações indígenas e trabalho escravo; também municípios amazônicos, boca de absorção de biopirataria; ou municípios com domínio territorial, em maior ou menor medida, de quadrilhas, milícias e/ou tráfico; ou, tanto ou mais importante que as anteriores, municípios e áreas onde impera uma sólida cultura da violência: crimes chamados “de honra” e/ou crimes de proximidade.

Não é nosso objetivo aprofundar neste tema, dada a impossibilidade material de abranger e diagnosticar a situação dos 5.565 municípios do país. Nossa pretensão é mais simples: elaborar insumos e subsídios para possibilitar essa análise diagnóstica, a partir dos dados sobre a violência homicida coletados pelo Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde.

Dado que também é impossível elencar nesta publicação os 5.565 municípios, foi decidido, como fizemos em publicações anteriores, detalhar aqui os 200 municípios de maiores índices e oferecer a quem interessar a possibilidade de aceder às planilhas contendo o conjunto dos municípios do país no site [www.mapadaviolencia.org.br](http://www.mapadaviolencia.org.br).

Como indicado no capítulo metodológico, para evitar as oscilações em municípios de pequeno porte, onde incidentes isolados podem repercutir fortemente nas taxas, ficou decidido trabalhar:

- As taxas médias dos últimos três anos disponíveis – 2008 a 2010 – relacionando a média de homicídios com a média de população desses anos.
- Elaborar as taxas para municípios com 10 mil habitantes ou mais, situação na que se encontram 3.023 municípios.

A tabela a seguir – 2.2.1 – detalha os 200 municípios de maiores taxas. Essa tabela, além de identificar o município e a UF, registra a população média 2008/2010 segundo o IBGE<sup>18</sup> usada para a estimativa das taxas; o número de homicídios registrado pelo SIM/SVS/DATASUS em

18. IBGE/DPE/Departamento de População e Indicadores Sociais. Projeto UNFPA/BRASIL (BRA/98/P08).

2008, 2009 e 2010 e, por último, a taxa média de homicídios e a posição do município no contexto nacional e no estadual.

Antes de incluir a tabela, existem fatos significativos sobre a distribuição municipal da violência:

- No ano de 2010, em 2.232 dos 5.565 municípios existentes no país nesse ano, isto é, 41,1% das localidades, não se registrou nenhum homicídio.
- Um fato que reforça a nossa tese da disseminação da violência, que será melhor analisado no item 2.4.3 deste capítulo, é a evidência que, com uma média nacional de homicídios semelhante, inclusive levemente menor – 26,7 homicídios por 100 mil habitantes em 2000 e 26,2 em 2010 – o ano de 2000 teve maior proporção de municípios sem homicídios: 52,2%: 2.873 dos 5.507 municípios existentes.
- Em 1.098 municípios, isto é, 19,7% do total, não se registraram homicídios nos três últimos anos disponíveis (2008, 2009 e 2010).

A Tabela 2.2.1 também permite verificar a existência de um pequeno número de 15 municípios com taxas extremamente virulentas, que ultrapassam a casa dos 100 homicídios em cada 100 mil habitantes. Esses municípios praticamente quadruplicam a já elevada média nacional de 26.2 homicídios em 100 mil habitantes.

**Tabela 2.2.1. Número e taxas médias (em 100 mil) de homicídio nos 200 municípios com mais de 10.000 habitantes. Brasil. 2008/2010\***

MUNICÍPIO	UF	POPULAÇÃO MÉDIA.	HOMICÍDIOS			TAXA MÉDIA	POSIÇÃO	
			2008	2009	2010*		NAC.	EST.
SIMÕES FILHO	BA	116.348	175	153	183	146,4	1	1
CAMPINA GRANDE DO SUL	PR	37.707	46	53	48	130,0	2	1
MARABÁ	PA	216.808	250	284	250	120,5	3	1
GUAÍRA	PR	30.149	40	27	35	112,8	4	2
PORTO SEGURO	BA	123.695	114	128	160	108,3	5	2
ANANINDEUA	PA	483.730	417	408	744	108,1	6	2
CORONEL SAPUCAIA	MS	14.240	18	18	10	107,7	7	1
ITABUNA	BA	208.456	208	232	210	103,9	8	3
MACEIÓ	AL	928.446	990	876	1025	103,8	9	1
ITAPISSUMA	PE	23.898	24	24	25	101,8	10	1
ARAPIRACA	AL	211.227	193	227	223	101,5	11	2
ILHA DE ITAMARACÁ	PE	20.148	25	21	15	100,9	12	2
GOIANÉSIA DO PARÁ	PA	29.510	39	32	18	100,5	13	3
LAURO DE FREITAS	BA	158.233	145	170	162	100,5	14	4
EUNÁPOLIS	BA	99.195	88	118	93	100,5	15	5
SERRA	ES	403.247	433	394	381	99,9	16	1
ITUPIRANGA	PA	46.776	68	43	24	96,2	17	4
TAILÂNDIA	PA	74.439	64	79	68	94,5	18	5
PIRAQUARA	PR	89.610	67	74	103	90,8	19	3
PILAR	AL	32.926	36	22	28	87,1	20	3
RONDON DO PARÁ	PA	47.019	46	33	41	85,1	21	6
JUQUITIBA	SP	28.914	18	20	34	83,0	22	1
ARIQUEMES	RO	87.467	75	93	49	82,7	23	1
TUCUMÃ	PA	30.591	12	22	41	81,7	24	7
MARITUBA	PA	103.496	64	78	111	81,5	25	8
CARIACICA	ES	355.508	302	311	249	80,8	26	2
BOM JESUS DO TOCANTINS	PA	14.429	9	19	6	78,5	27	9
CABO DE SANTO AGOSTINHO	PE	177.506	159	124	131	77,7	28	3
TUCURUÍ	PA	95.572	82	77	63	77,4	29	10
NOVA IPIXUNA	PA	14.727	10	14	10	77,0	30	11
MESSIAS	AL	15.615	8	17	11	76,9	31	4
PEDRO CANÁRIO	ES	23.995	8	23	24	76,4	32	3
BURITIS	RO	33.131	21	22	32	75,5	33	2
PARAGOMINAS	PA	96.649	67	56	95	75,2	34	12
TEIXEIRA DE FREITAS	BA	131.100	73	101	121	75,0	35	6
LINHARES	ES	136.104	102	123	78	74,2	36	4
OURILÂNDIA DO NORTE	PA	24.265	7	20	27	74,2	37	13
ALMIRANTE TAMANDARÉ	PR	99.972	70	79	73	74,0	38	4
NOVO PROGRESSO	PA	23.484	3	22	27	73,8	39	14
MARECHAL DEODORO	AL	46.271	35	34	33	73,5	40	5
SÃO SEBASTIÃO	AL	31.966	23	27	20	73,0	41	6
SÃO MATEUS	ES	104.842	68	86	74	72,5	42	5
RECIFE	PE	1.543.842	1321	1110	890	71,7	43	4
GUARATUBA	PR	32.205	24	22	23	71,4	44	5
JOÃO PESSOA	PB	708.299	416	516	581	71,2	45	1
ARMAÇÃO DOS BÚZIOS	RJ	27.631	26	21	12	71,2	46	1

(continua)

Tabela 2.2.1 (continuação)

MUNICÍPIO	UF	POPULAÇÃO MÉDIA.	HOMICÍDIOS			TAXA MÉDIA	POSIÇÃO	
			2008	2009	2010*		NAC.	EST.
CUJUBIM	RO	14.988	10	10	12	71,2	47	3
TEOTÔNIO VILELA	AL	41.325	32	28	28	71,0	48	7
SÃO GERALDO DO ARAGUAIA	PA	25.439	14	24	16	70,8	49	15
DIAS D'ÁVILA	BA	61.520	52	37	41	70,4	50	7
FOZ DO IGUAÇU	PR	287.639	222	198	187	70,3	51	6
VITÓRIA	ES	322.809	235	226	220	70,3	52	6
REDENÇÃO	PA	71.159	39	49	62	70,3	53	16
COLNIZA	MT	28.009	22	20	17	70,2	54	1
FLORESTA	PE	28.547	24	18	18	70,1	55	5
SÃO DOMINGOS DO ARAGUAIA	PA	22.510	10	13	24	69,6	56	17
ELDORADO DOS CARAJÁS	PA	30.547	22	27	14	68,7	57	18
PACAJÁ	PA	40.374	28	28	27	68,5	58	19
CARAÚBAS	RN	19.955	15	12	14	68,5	59	1
DUQUE DE CAXIAS	RJ	859.720	606	582	542	67,1	60	2
COARACI	BA	21.888	21	8	15	67,0	61	8
BARBALHA	CE	53.910	33	27	47	66,2	62	1
PINHAIS	PR	116.996	58	72	100	65,5	63	7
VITÓRIA DA CONQUISTA	BA	310.382	149	196	265	65,5	64	9
AGRESTINA	PE	22.525	16	17	11	65,1	65	6
CABO FRIO	RJ	183.431	129	142	87	65,1	66	3
SÃO MIGUEL DOS CAMPOS	AL	53.824	32	29	44	65,0	67	8
JACUNDÁ	PA	52.937	37	40	26	64,9	68	20
SANTA TEREZINHA DE ITAIPU	PR	20.598	13	14	13	64,7	69	8
UNIÃO DOS PALMARES	AL	62.377	38	38	44	64,1	70	9
ITORORÓ	BA	20.378	12	11	16	63,8	71	10
IPOJUCA	PE	77.348	53	55	40	63,8	72	7
SOORETAMA	ES	23.556	11	19	15	63,7	73	7
IBIMIRIM	PE	27.780	19	22	12	63,6	74	8
CAMPO NOVO DE RONDÔNIA	RO	12.728	1	8	15	62,9	75	4
IMPERATRIZ	MA	241.908	172	144	138	62,6	76	1
PONTA PORÃ	MS	76.237	49	52	42	62,5	77	2
TORITAMA	PE	33.862	14	24	25	62,0	78	9
ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS	GO	149.591	101	76	100	61,7	79	1
BETIM	MG	403.798	283	249	215	61,7	80	1
PARAUPEBAS	PA	149.617	91	104	81	61,5	81	21
NOVA BANDEIRANTES	MT	12.534	9	6	8	61,2	82	2
CABEDELO	PB	54.504	9	34	57	61,2	83	2
VILA VELHA	ES	411.083	246	292	215	61,1	84	8
LUCENA	PB	11.486	9	4	8	60,9	85	3
SALVADOR	BA	2.812.195	1771	1883	1484	60,9	86	11
ALAGOINHAS	BA	139.576	82	96	77	60,9	87	12
JOAQUIM GOMES	AL	22.471	13	14	14	60,8	88	10
PARATY	RJ	36.358	22	29	15	60,5	89	4
ALTO PARAÍSO	RO	17.152	10	8	13	60,2	90	5
ILHÉUS	BA	201.973	110	135	120	60,2	91	13
PAU BRASIL	BA	11.635	2	9	10	60,2	92	14

(continua)

Tabela 2.2.1 (continuação)

MUNICÍPIO	UF	POPULAÇÃO MÉDIA.	HOMICÍDIOS			TAXA MÉDIA	POSIÇÃO	
			2008	2009	2010*		NAC.	EST.
VALENÇA	BA	88.608	33	36	90	59,8	93	15
CANAVEIRAS	BA	34.624	15	29	18	59,7	94	16
RIO LARGO	AL	67.920	53	29	39	59,4	95	11
CRISTALINA	GO	42.353	23	32	20	59,0	96	2
CARUARU	PE	304.735	205	181	153	59,0	97	10
RIO BRANCO DO SUL	PR	31.733	9	32	15	58,8	98	9
SÃO JOÃO DO ARAGUAIA	PA	12.559	7	6	9	58,4	99	22
MACHADINHO D'OESTE	RO	31.675	15	23	17	57,9	100	6
BREJETUBA	ES	11.538	9	8	3	57,8	101	9
VIANA	ES	62.596	40	35	33	57,5	102	10
PONTAL DO PARANÁ	PR	19.214	7	10	16	57,2	103	10
JAGUARÉ	ES	23.902	11	12	18	57,2	104	11
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS	PR	268.370	121	187	152	57,1	105	11
PATOS	PB	100.326	55	58	58	56,8	106	4
ESCADA	PE	62.840	60	26	21	56,8	107	11
GUARAPARI	ES	104.200	70	59	48	56,6	108	12
CURITIBA	PR	1.790.000	1032	1022	979	56,5	109	12
CASTANHAL	PA	166.130	78	104	98	56,2	110	23
GOIANA	PE	74.913	41	45	40	56,1	111	12
AMAMBÁI	MS	34.616	32	11	15	55,9	112	3
VITÓRIA DE SANTO ANTÃO	PE	127.828	82	68	63	55,5	113	13
FAZENDA RIO GRANDE	PR	80.465	29	56	49	55,5	114	13
BARRA DE SÃO FRANCISCO	ES	40.975	30	24	14	55,3	115	13
ITINGA DO MARANHÃO	MA	25.365	13	16	13	55,2	116	2
BARRA DOS COQUEIROS	SE	22.393	11	12	14	55,1	117	1
VALPARAÍSO DE GOIÁS	GO	126.930	39	76	94	54,9	118	3
ITAPARICA	BA	20.683	7	9	18	54,8	119	17
NOVO GAMA	GO	91.288	43	60	47	54,8	120	4
PIRANHAS	AL	23.848	13	8	18	54,5	121	12
CAMAÇARI	BA	235.463	138	124	123	54,5	122	18
SANTO ANTÔNIO DO DESCOBERTO	GO	60.578	33	37	29	54,5	123	5
FUNDÃO	ES	16.575	8	7	12	54,3	124	14
FLEXEIRAS	AL	12.298	10	5	5	54,2	125	13
JABOATÃO DOS GUARARAPES	PE	661.483	430	363	281	54,1	126	14
SÃO JOSÉ DA LAJE	AL	22.814	8	14	15	54,1	127	14
BELÉM DE MARIA	PE	10.575	4	6	7	53,6	128	15
VÁRZEA GRANDE	MT	245.261	128	126	140	53,5	129	3
CUPIRA	PE	23.077	10	21	6	53,4	130	16
BAYEUX	PB	97.593	34	62	59	52,9	131	5
ITAINGA	CE	34.100	20	19	15	52,8	132	2
ARAUCÁRIA	PR	117.486	43	76	67	52,8	133	14
ALTAMIRA	PA	97.959	41	50	64	52,7	134	24
ÍTAJUÍPE	BA	20.888	8	13	12	52,7	135	19
SERTANÓPOLIS	PR	15.833	16	5	4	52,6	136	15
COMODORO	MT	18.401	8	13	8	52,5	137	4
UMARIZAL	RN	10.799	1	9	7	52,5	138	2

(continua)



Tabela 2.2.1 (continuação)

MUNICÍPIO	UF	POPULAÇÃO MÉDIA.	HOMICÍDIOS			TAXA MÉDIA	POSIÇÃO	
			2008	2009	2010*		NAC.	EST.
LUZIÂNIA	GO	189.166	106	77	113	52,2	139	6
SÃO SEBASTIÃO DO PASSÉ	BA	41.889	10	30	25	51,7	140	20
NOVO REPARTIMENTO	PA	58.278	45	17	28	51,5	141	25
SANTA RITA	PB	123.084	50	60	80	51,5	142	6
TRINDADE	PE	25.993	16	14	10	51,3	143	17
NOVA MAMORÉ	RO	22.098	12	14	8	51,3	144	7
VERA CRUZ	BA	37.205	16	17	24	51,1	145	21
EXTREMOZ	RN	23.521	13	20	3	51,0	146	3
CAMPO MOURÃO	PR	86.327	42	39	51	51,0	147	16
NOVA VIÇOSA	BA	37.294	10	22	25	50,9	148	22
ECOPORANGA	ES	23.566	16	10	10	50,9	149	15
MACAÉ	RJ	197.758	114	81	107	50,9	150	5
ITABELA	BA	27.513	19	7	16	50,9	151	23
FEIRA DE SANTANA	BA	570.570	241	286	342	50,8	152	24
MOSSORÓ	RN	250.730	126	118	137	50,7	153	4
SANTA LUZIA	BA	14.480	6	5	11	50,6	154	25
SÃO LUÍS	MA	1.000.832	428	523	569	50,6	155	3
TAMANDARÉ	PE	19.785	11	11	8	50,5	156	18
ITAPEBI	BA	11.213	3	8	6	50,5	157	26
CONCEIÇÃO DA BARRA	ES	27.739	8	17	17	50,5	158	16
NANUQUE	MG	41.112	23	25	14	50,3	159	2
PALMARES	PE	59.055	35	30	24	50,2	160	19
ARAGUAÍNA	TO	134.806	67	75	61	50,2	161	1
CARAGUATATUBA	SP	97.719	55	50	42	50,1	162	2
IBICARAÍ	BA	24.631	5	18	14	50,1	163	27
JUPI	PE	13.990	7	6	8	50,0	164	20
PARIPUEIRA	AL	10.687	6	4	6	49,9	165	15
BRANQUINHA	AL	11.363	3	10	4	49,9	166	16
ABREU E LIMA	PE	95.050	53	45	44	49,8	167	21
LIMOEIRO	PE	56.321	31	34	19	49,7	168	22
CAAPORÃ	PB	20.146	6	12	12	49,6	169	7
PENEDO	AL	60.564	27	31	32	49,5	170	17
ARACRUZ	ES	79.623	42	34	42	49,4	171	17
OLINDA	PE	386.315	217	195	159	49,3	172	23
BUERAREMA	BA	19.646	11	6	12	49,2	173	28
CIDADE OCIDENTAL	GO	53.609	28	26	25	49,1	174	7
BELÉM	PA	1.408.762	669	644	760	49,1	175	26
CORURIBE	AL	52.357	13	38	26	49,0	176	18
ITABAIANA	SE	86.346	44	42	40	48,6	177	2
UNA	BA	24.699	14	14	8	48,6	178	29
XEXÉU	PE	14.436	3	12	6	48,5	179	24
CAMPINA GRANDE	PB	383.318	155	184	218	48,4	180	8
IPORÁ	PR	15.167	3	12	7	48,4	181	17
BELMONTE	BA	22.067	14	14	4	48,3	182	30

(continua)

Tabela 2.2.1 (continuação)

MUNICÍPIO	UF	POPULAÇÃO MÉDIA.	HOMICÍDIOS			TAXA MÉDIA	POSIÇÃO	
			2008	2009	2010*		NAC.	EST.
COLOMBO	PR	227.236	98	124	106	48,1	183	18
PANCAS	ES	20.119	9	14	6	48,0	184	18
XINGUARA	PA	40.320	18	20	20	47,9	185	27
ITAPECERICA DA SERRA	SP	155.858	82	59	83	47,9	186	3
MANGARATIBA	RJ	34.152	17	14	18	47,8	187	6
CONDE	PB	20.926	7	10	13	47,8	188	9
PLANALTINA	GO	80.406	55	23	37	47,7	189	8
PORTO VELHO	RO	403.857	178	186	213	47,6	190	8
CAMPOS DOS GOYTACAZES	RJ	447.785	205	241	193	47,6	191	7
ÁGUA CLARA	MS	14.024	6	7	7	47,5	192	4
SÃO MIGUEL DO IGUAÇU	PR	26.027	19	6	12	47,4	193	19
COLATINA	ES	111.251	48	64	46	47,3	194	19
BREU BRANCO	PA	51.447	20	27	26	47,3	195	28
AQUIRAZ	CE	71.534	39	26	36	47,1	196	3
IGARASSU	PE	100.311	39	50	52	46,9	197	25
CANDEIAS	BA	82.232	43	33	39	46,6	198	31
ITABORAÍ	RJ	221.659	108	94	107	46,5	199	8
MATA DE SÃO JOÃO	BA	39.573	15	17	23	46,3	200	32

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

### 2.3. Os Novos Padrões da Violência Homicida

Nos estudos que publicamos sobre o tema, a partir de 2004 já indicávamos uma mudança nos padrões de evolução da violência homicida no país.

No Mapa da Violência divulgado em 2004<sup>19</sup> apontávamos: “Desmembrando (a série analisada 1993/2002) em dois períodos, no primeiro, de 1993 a 1999 os índices de crescimento dos homicídios nas capitais e municípios das regiões metropolitanas mais que duplicam os índices de crescimento do interior dos estados. Já nos segundo período – 1999 a 2002 – aumentam drasticamente as taxas anuais de crescimento dos homicídios no interior para 8% aa, caindo de forma drástica as taxas das capitais e regiões metropolitanas. Isso estaria indicando uma forte tendência de *interiorização* da violência homicida.”

Mais recentemente, no último Mapa da Violência, divulgado em fevereiro deste ano<sup>20</sup>, apontávamos a existência de dois “processos concomitantes de desconcentração. Por um lado, (...) um

19. WAISELFISZ, J.J. *Mapa da Violência IV. Os Jovens do Brasil*. Brasília: UNESCO, Secretaria Especial de Direitos Humanos, Instituto Ayrton Senna. 2004.

20. WAISELFISZ, J.J. *Mapa da Violência 2011. Os Jovens do Brasil*. Brasília, Ministério da Justiça, Instituto Sangari. 2011.

fenômeno de interiorização da violência homicida. Se até 1996 o crescimento dos homicídios centrava-se nas capitais e nos grandes conglomerados metropolitanos, entre 1996 e 2003 esse crescimento praticamente estagna e o dinamismo se transfere aos municípios do interior dos estados. A partir de 2003, as taxas médias nacionais das capitais e regiões metropolitanas começam a encolher, enquanto as do interior continuam a crescer, mas com um ritmo mais lento (...). Esses mesmos fatores parecem impulsionar um segundo tipo de desconcentração, agora entre os estados” que chamaremos de disseminação.

Em que consiste essa última? Diversas UF relativamente tranquilas na década anterior experimentam incrementos significativos nos seus níveis de violência enquanto as conhecidas na década passada como focos de violência reduzem, em casos de forma muito significativa, suas taxas de homicídio. Esses dois processos originaram a migração dos polos dinâmicos da violência de um limitado número de capitais e/ou grandes regiões metropolitanas, que melhoraram a eficiência de seus aparelhos de segurança, para regiões menos protegidas, seja no interior dos estados, seja para outras unidades federativas. Tentaremos aprofundar essa dinâmica de disseminação da violência homicida no item a seguir e, mais adiante, no item 2.3.2 o segundo processo, o de interiorização da violência.

Mas, em realidade, trata-se de um único processo, o de migração dos polos dinâmicos da violência de um limitado número de regiões metropolitanas de grande porte para áreas de menor tamanho e presença, não só demográfica, mas também do poder do Estado.

### 2.3.1. Disseminação da violência

Para uma melhor visualização das mudanças acontecidas na última década, deveremos reorganizar os dados já apresentados na tabela 2.1.5 ordenando agora as UF pela situação de suas taxas de homicídio no ano 2000. Podemos verificar, até visualmente, um padrão de evolução bem definido e marcante na década.

Vemos pela tabela que das sete UF que encabeçam a lista no ano 2000, seis tiveram quedas em seus índices e, em alguns casos, como os de São Paulo e Rio de Janeiro, as quedas foram bem expressivas. Só Espírito Santo apresentou um leve incremento na década analisada. Mas devemos considerar que nesse Estado o processo se iniciou dois anos antes. Se considerarmos como ponto de partida a taxa do ano 1998: 58,4 homicídios em 100 mil habitantes, os homicídios em realidade caíram 14,3% entre 1998 e 2010, pelo que a exceção é só aparente. Podemos assim considerar os sete estados no mesmo bloco: unidades mais violentas cujas taxas caem na década.

Já nas 17 UF com menores taxas em 2000 aconteceu exatamente o contrário. As taxas cresceram e, em vários casos, de forma drástica e preocupante. É o que aconteceu na Bahia, onde as taxas mais que quadruplicam ou no Pará e no Maranhão, onde as taxas mais que triplicam ou em Alagoas, Paraíba ou Rio Grande do Norte, onde as taxas mais que duplicam. Esses aumentos foram de tal magnitude que Alagoas, em 11º lugar em 2000, pulou para o primeiro lugar da violência

nacional. O Pará, que 10 anos antes estava no 21º lugar, pulou para o 3º.

Pelo ordenamento dos estados, nessa tabela, também vemos que o fenômeno não se restringe a uma região ou área delimitada. A disseminação atuou espalhando a violência homicida para todas as regiões do país, numa espécie de reequilíbrio hidrodinâmico dos vasos comunicantes: dos estados mais violentos para os menos violentos.

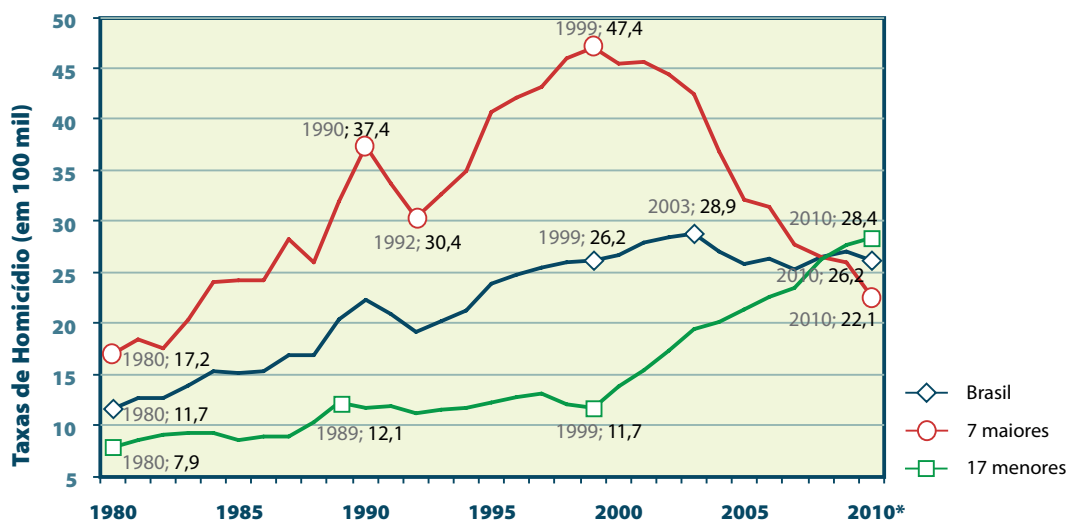
Tabela 2.3.1.1. Ordenamento das UF por Taxas de Homicídio (em 100 mil) no ano 2000. Brasil, 2000-2010\*

UF	2000		2010*		Δ %
	TAXA	Pos	TAXA	Pos	
PERNAMBUCO	54,0	1º	38,8	4º	-28,2
RIO DE JANEIRO	51,0	2º	26,2	17º	-48,6
ESPÍRITO SANTO**	46,8	3º	50,1	2º	7,1
SÃO PAULO	42,2	4º	13,9	25º	-67,0
MATO GROSSO	39,8	5º	31,7	12º	-20,2
RORAIMA	39,5	6º	27,3	16º	-30,8
DISTRITO FEDERAL	37,5	7º	34,2	10º	-8,8
RONDÔNIA	33,8	8º	34,6	8º	2,5
AMAPÁ	32,5	9º	38,7	5º	19,1
MATO GROSSO DO SUL	31,0	10º	25,8	18º	-16,7
ALAGOAS	25,6	11º	66,8	1º	160,4
SERGIPE	23,3	12º	33,3	11º	42,9
GOIÁS	20,2	13º	29,4	15º	45,6
AMAZONAS	19,8	14º	30,6	13º	54,6
ACRE	19,4	15º	19,6	22º	1,3
PARANÁ	18,5	16º	34,4	9º	86,0
CEARÁ	16,5	17º	29,7	14º	79,8
RIO GRANDE DO SUL	16,3	18º	19,3	23º	18,1
TOCANTINS	15,5	19º	22,5	20º	45,3
PARAÍBA	15,1	20º	38,6	6º	156,2
PARÁ	13,0	21º	45,9	3º	252,9
MINAS GERAIS	11,5	22º	18,1	24º	57,1
BAHIA	9,4	23º	37,7	7º	303,2
RIO GRANDE DO NORTE	9,0	24º	22,9	19º	153,9
PIAUI	8,2	25º	13,7	26º	66,4
SANTA CATARINA	7,9	26º	12,9	27º	63,1
MARANHÃO	6,1	27º	22,5	21º	269,3

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares \*\* Se ano inicial 1998, taxa=58,3. Δ= -14,3%

Mas para aprofundar as análises dessa mudança nos padrões históricos da violência homicida, deveremos retroceder com os dados até o ano 1980 e assim abranger um período de 30 anos. Podemos verificar essa evolução nos gráficos e tabelas a seguir.

Gráfico 2.3.1.1. Evolução das 7 UF com as maiores e das 17 UF com as menores taxas de homicídio no ano 2000. Brasil, 1980/2010\*.



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Vemos no gráfico 2.3.1.1 que, entre 1980 e 1999, o Brasil passou de 11,7 para 26,2 homicídios em 100 mil habitantes, o que representou um aumento de 124%. No mesmo período, os 7 estados mais violentos no ano 2000 cresciam 175,7% e os 17 menos violentos em 2000 cresciam de forma bem mais moderada: 48,5%.

Nesses estados menos violentos, vemos que o peso do incremento concentrou-se nos primeiros 9 anos, até 1989. Entre essa data e 1999 os índices praticamente estagnaram. Fica evidente, visualmente no gráfico, que até 1999 os polos dinâmicos da violência homicida concentravam-se num pequeno grupo de estados, principalmente em suas capitais e/ou regiões metropolitanas, como teremos oportunidade de observar no capítulo dedicado ao processo de interiorização.

Já no segundo período, que se inicia em 1999 e vai até 2010, as taxas nacionais, com diversas flutuações, praticamente estagnam em 26,2 homicídios em 100 mil habitantes. Até 2003 continuam os elevados níveis de crescimento do período anterior, cai, também de forma acelerada em 2004 e 2005, para depois voltar a oscilar até 2010, ora aumentando, ora caindo. Que explicam as fortes oscilações do último quinquênio? Indicávamos, em estudos anteriores: *contrastando com o período anterior, de crescimento sistemático, os dados se revelam contraditórios, crescendo em um ano, caindo no outro. Isso indica a presença de forças também contraditórias, cuja prevalência circunstancial pressiona os quantitativos nacionais ora para cima ora para baixo (...)* Essas mudanças alteram o mapa tradicional dos homicídios no país. Quais seriam essas forças? Um pequeno número de estados de elevados níveis de violência, alguns de forte peso demográfico,

conseguem reverter a espiral de violência homicida, baixando drasticamente seus índices. Essa violência se espalha para um grande número de unidades que, relativamente tranquilas dez anos antes, evidenciariam fortes incrementos nos seus índices de homicídios. A preponderância circunstancial de um ou outro bloco estaria a explicar as oscilações, numa situação que podemos caracterizar como de *equilíbrio instável*.

Efetivamente, vemos que neste segundo período, a partir de 1999, as taxas dos 7 estados que em 2000 lideravam as estatísticas, caem drasticamente de 47,4 para 22,1 homicídios em 100 mil habitantes. Isso significa que nesses 11 anos as taxas caíram 52,1%, indo para menos da metade do que eram em 1999.

Do outro lado, as taxas dos 17 estados que tinham os menores índices em 2000 crescem de forma drástica: passam de 11,7 para 28,4 homicídios em 100 mil habitantes. Um crescimento que multiplica quase 2,5 vezes o nível de 1999.

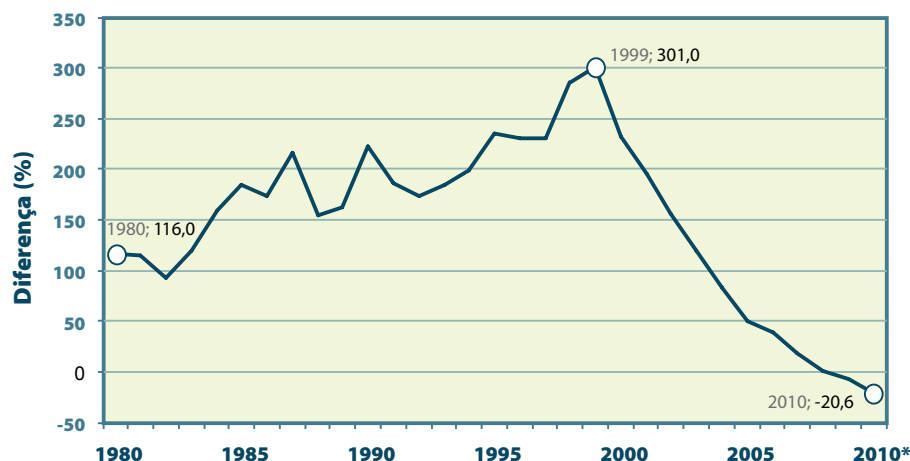
Evidência clara desta mudança de padrão é o fato que em 1999 as taxas dos sete estados mais violentos superam largamente as taxas dos estados menos violentos – taxas de 47,4 e 11,7: eram 305% maiores isto é, acima de 4 vezes. Já em 2010 a taxa dos estados menos violentos agora ultrapassa em 22,2% a dos estados mais violentos.

Tabela 2.3.1.2. Evolução das 7 UF com as maiores e das 17 UF com as menores Taxas de Homicídio no ano 2000. Brasil, 1980/2010.\*

ANO	BRASIL	7 MAIORES	17 MENORES	RELAÇÃO %
1980	11,7	17,1	7,9	116,0
1981	12,6	18,3	8,5	114,4
1982	12,6	17,5	9,1	92,9
1983	13,8	20,2	9,2	119,1
1984	15,3	23,9	9,2	159,0
1985	15,0	24,2	8,5	184,6
1986	15,3	24,2	8,8	174,0
1987	16,9	28,2	8,9	217,1
1988	16,8	26,0	10,2	154,8
1989	20,3	31,9	12,1	162,7
1990	22,2	37,4	11,6	222,2
1991	20,9	33,7	11,8	186,1
1992	19,1	30,4	11,1	172,9
1993	20,2	32,5	11,4	184,4
1994	21,2	34,9	11,6	199,7
1995	23,8	40,7	12,1	235,2
1996	24,8	42,0	12,7	230,9
1997	25,4	43,1	13,0	231,2
1998	25,9	46,0	11,9	285,4
1999	26,2	47,1	11,7	301,0
2000	26,7	45,4	13,7	231,5
2001	27,8	45,6	15,4	195,0
2002	28,5	44,3	17,3	156,5
2003	28,9	42,4	19,3	119,7
2004	27,0	36,8	20,1	83,5
2005	25,8	32,1	21,3	50,5
2006	26,3	31,4	22,5	39,4
2007	25,2	27,7	23,4	18,3
2008	26,4	26,4	26,3	0,6
2009	27,0	25,9	27,7	-6,5
2010	26,2	22,6	28,4	-20,6

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Gráfico 2.3.1.2. Relação % entre as 7 UF com maiores e as 17 UF com menores taxas de homicídio em 2000. Brasil, 1980/2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \* 2010: dados preliminares

Tabela 2.3.1.3. Crescimento % por período das 7 UF com as maiores e das 17 UF com as menores taxas de homicídio em 2000. Brasil.

PERÍODO	CRESCIMENTO %		
	BRASIL	7 MAIORES	17 MENORES
1980/1999	124,0	175,7	48,5
1999/2010*	0,0	-52,1	142,2
1980/2010*	124,0	32,2	259,5

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Outro claro indicador dessa disseminação é o fato que no ano 2000 ainda existiam no país 5 estados com taxas abaixo do que se considera *situação epidêmica*<sup>21</sup>: Bahia, Rio Grande do Norte, Piauí, Santa Catarina e Maranhão. Já em 2010 a totalidade dos estados supera esse patamar. A menor taxa, a de Santa Catarina, é de 12,9 homicídios em 100 mil habitantes. E esse fenômeno acontece sem alteração da taxa nacional, que permanece rondando os 26 homicídios em 100 mil habitantes. Esse fenômeno de disseminação se produz a partir das quedas, bem significativas, de alguns estados com forte peso demográfico e impacto nas estatísticas nacionais, como São Paulo e Rio de Janeiro e de aumentos em um maior número de estados, mas de menor peso estatístico.

Fenômeno semelhante acontece se observamos a evolução histórica da violência nas capitais. Capitais que no ano 2000 ocupavam os lugares mais violentos, veem suas taxas cair na década e, em alguns casos, como as capitais de São Paulo ou Rio de Janeiro, de forma muito significativa.

21. 10 homicídios para cada 100 mil habitantes.



Tabela 2.3.1.4. Ordenamento das Capitais por Taxas de Homicídio (em 100 mil) 2000/2010\*

CAPITAL	2000		2010*		Δ%
	TAXA	Pos.	TAXA	Pos.	
RECIFE	97,5	1º	57,9	4º	-40,6
VITÓRIA	79,0	2º	67,1	3º	-15,1
CUIABÁ	69,5	3º	40,1	14º	-42,3
SÃO PAULO	64,8	4º	13,0	27º	-79,9
PORTO VELHO	61,0	5º	49,7	9º	-18,5
RIO DE JANEIRO	56,6	6º	24,3	23º	-57,1
MACAPÁ	46,2	7º	49,0	10º	6,1
MACEIÓ	45,1	8º	109,9	1º	143,7
BOA VISTA	40,4	9º	28,5	21º	-29,5
ARACAJU	39,9	10º	42,0	13º	5,3
CAMPO GRANDE	39,3	11º	21,7	26º	-44,8
PORTO ALEGRE	39,2	12º	36,8	16º	-6,1
JOÃO PESSOA	37,8	13º	80,3	2º	112,4
BRASÍLIA	37,5	14º	34,2	18º	-8,8
RIO BRANCO	36,4	15º	25,9	22º	-28,8
BELO HORIZONTE	34,8	16º	34,9	17º	0,3
MANAUS	33,0	17º	46,7	11º	41,5
GOIÂNIA	28,6	18º	39,8	15º	39,2
FORTALEZA	28,2	19º	45,9	12º	62,8
CURITIBA	26,2	20º	55,9	6º	113,4
BELÉM	25,9	21º	54,5	8º	110,4
TERESINA	22,2	22º	30,8	20º	38,7
PALMAS	21,8	23º	22,3	25º	2,3
SÃO LUÍS	16,6	24º	56,1	5º	238,0
SALVADOR	12,9	25º	55,5	7º	330,2
NATAL	10,4	26º	32,3	19º	210,6
FLORIANÓPOLIS	10,2	27º	22,8	24º	123,5

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

O contrário acontece com outras 11 capitais que no ano 2000 eram as menos violentas. Suas taxas crescem e, em casos, de forma muito drástica, como São Luís, Salvador, Natal, Belém, Florianópolis ou Curitiba. Cabe mencionar também os casos de Maceió e João Pessoa que, de posição intermediária em 2000, passam a ocupar os dois primeiros lugares na violência nacional. A tabela 2.3.1.4 permite perceber, de forma clara, esses deslocamentos.

Mas vai ser nas regiões metropolitanas que esses deslocamentos adquirem maior visibilidade:

Tabela 2.3.1.5. Ordenamento das RM por Taxas de Homicídio (em 100 mil). Brasil 2000/2010\*

RM	2000		2010*		Δ%
	TAXA	Pos.	TAXA	Pos.	
RECIFE	77,2	1º	50,6	7º	-34,4
VITÓRIA	73,6	2º	68,6	4º	-6,8
SÃO PAULO	63,3	3º	15,4	29º	-75,6
CUIABÁ	60,1	4º	44,9	10º	-25,3
RIO DE JANEIRO	56,7	5º	26,7	22º	-52,9
BAIXADA SANTISTA	54,8	6º	19,3	25º	-64,7
PETROLINA/JUAZEIRO	46,7	7º	34,2	16º	-26,6
MACAPÁ	41,8	8º	45,0	9º	7,8
CAMPINAS	39,7	9º	14,7	30º	-63,0
MACEIÓ	39,3	10º	100,7	1º	156,2
ENTORNO DE BRASÍLIA	35,2	11º	39,0	14º	10,6
ARACAJU	34,2	12º	41,3	13º	20,7
MANAUS	29,6	13º	43,3	11º	46,4
BELO HORIZONTE	28,8	14º	34,4	15º	19,5
JOÃO PESSOA	27,6	15º	72,9	3º	164,2
P.ALEGRE	26,9	16º	29,6	18º	9,9
FORTALEZA	26,2	17º	42,9	12º	63,9
GOIÂNIA	25,3	18º	33,3	17º	31,6
CURITIBA	25,1	19º	56,8	6º	126,7
BELÉM	18,9	20º	80,2	2º	325,0
TÉRESINA	18,2	21º	24,8	24º	36,4
LONDRINA	16,5	22º	27,0	21º	63,2
SÃO LUÍS	13,4	23º	46,6	8º	246,4
SALVADOR	11,6	24º	60,1	5º	418,2
NORTE/NORDESTE SC	10,4	25º	16,1	28º	55,3
NATAL	10,1	26º	27,1	20º	167,5
FOZ DO RIO ITAJAÍ	10,0	27º	29,1	19º	190,7
VALE DO AÇO	10,0	28º	25,2	23º	152,1
FLORIANÓPOLIS	8,9	29º	18,5	27º	108,0
MARINGÁ	7,8	30º	18,7	26º	139,6
TUBARÃO	5,9	31º	14,7	31º	146,9
REG CARBONÍFERA SC	5,2	32º	10,3	32º	97,9
VALE DO ITAJAÍ	2,8	33º	9,0	33º	228,9

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

Das 9 regiões com maiores taxas no ano 2000, em 8 delas o crescimento da década foi negativo. Só Macapá, entre essas 9, apresenta um leve crescimento. Já a totalidade das 24 menores taxas em 2000 cresceram e, em diversos casos, como a RM de Maceió, ou a de Belém, de forma muito expressiva, passando em 2010 aos dois primeiros lugares no contexto nacional.

### 2.3.2. Interiorização da violência

Como indicamos na introdução, os dados históricos tornam visível outro processo de desconcentração que acontece concomitante com o anterior: é o que chamamos de interiorização, onde os polos dinâmicos da violência se deslocam das capitais e/ou regiões metropolitanas rumo ao interior dos estados. Esses dois processos só podem ser desagregados analiticamente para melhorar a compreensão dos processos implicados. Mas trata-se, em realidade, de uma única mudança que vai de umas poucas metrópoles rumo a cidades de menor porte, seja no interior dos estados, seja em outros estados.

Para melhor visualizar esse processo deveremos desagregar os dados das UF em duas grandes categorias:

- As **Capitais e as Regiões Metropolitanas** do país. Por apresentar comportamento muito semelhante, praticamente idêntico, englobaremos ambas em única categoria: **Capitais+RM**.
- O **Interior** dos estados. No contexto do estudo definiremos operacionalmente o Interior como os municípios que não são nem capitais de Estado, nem formam parte de alguma Região Metropolitana.

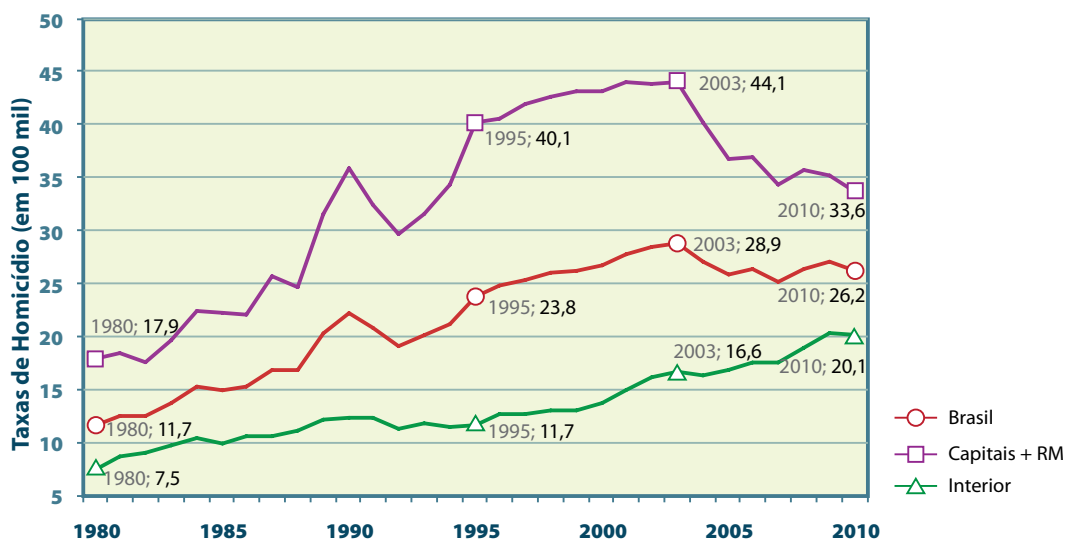
Dessa forma, comparando os modos de evolução desses dois blocos, poderemos evidenciar outras peculiaridades recentes na evolução da violência homicida do país.

Por último, cabe indicar que, para ter maior capacidade inferencial devemos ampliar também aqui o escopo temporal da nossa análise, retrocedendo, em vários casos, até 1980, por se tratar de fenômenos que tiveram início antes da última década.

Pelos dados do último Censo do IBGE, dos 190,7 mi habitantes do país, 105 mi, que equivale a 55,1% da população, moravam no Interior dos Estados. Esse número já foi maior, pouco mais de 60% em 1980. Mas ainda hoje, apesar da queda de representatividade, o interior ainda concentra a maior parte de população brasileira, motivo pelo qual é recomendável acompanhar as mudanças em sua estrutura ou evolução, porque afetam decididamente os índices nacionais. Geralmente, existe uma ideia um tanto bucólica das cidades do interior, como oásis de paz e tranquilidade que a vida estressante das grandes metrópoles tende a destruir.

A seguir, deveremos analisar a evolução dos quantitativos de homicídios no interior dos estados. Mas para entender as mudanças acontecidas na última década deveremos trabalhar com os dados dos 30 anos de homicídios disponíveis:

Gráfico 2.3.2.1. Evolução das Taxas de Homicídio (em 100 mil). Brasil, Capitais+ RM e Interior. 2000/2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS – \*2010: dados preliminares

Neste gráfico e na tabela 2.3.2.1. podemos observar a existência de três grandes períodos claramente delimitados:

- 1980/1995.** Nesse primeiro período observamos um acelerado crescimento das Capitais+RM, que passam de 17,9 para 40,1 homicídios em cada 100 mil habitantes. Isso representa um aumento de 123,8% nesses 15 anos, ou 5,5% ao ano. No mesmo período, o Interior passou de 7,5 para 11,7 homicídios em 100 mil: crescimento bem menor que o das capitais – 55,9% no total do período ou 3% ao ano. Fica evidente que o comando do crescimento no período ficou por conta das Capitais+RM, responsáveis pela forte elevação das taxas nacionais.
- 1995/2003.** Arrefece o crescimento das Capitais+RM, cujo incremento nos 8 anos foi de 9,8%, o que representa um incremento anual de 1,2%. Já as taxas do Interior neste período pulam para 4,4% ao ano, ao crescer 41,4% no período. De toda forma, ambas as áreas ainda contribuem para o incremento da violência nacional, agora com maior peso para o Interior.
- 2003/2010.** Neste último período as taxas das Capitais+RM caem de forma clara, passando de 44,1 homicídios em 100 mil para 33,6, o que representa uma queda de 23,8% nos sete anos, ou uma taxa negativa de 3,8% ao ano. Já os índices do interior continuam crescendo, mas com um ritmo menor. Crescem 21,4% no período, ou 2,8% ao ano. Dessa forma o Interior assume, claramente, o papel de polo dinâmico, motor da violência homicida, ao impedir quedas substantivas nos níveis da violência nacional que as Capitais+RM estariam conseguindo.

Tabela 2.3.2.1. Crescimento por período das taxas de homicídio do Brasil, Capitais+RM e Interior. Brasil. 1980/2010\*

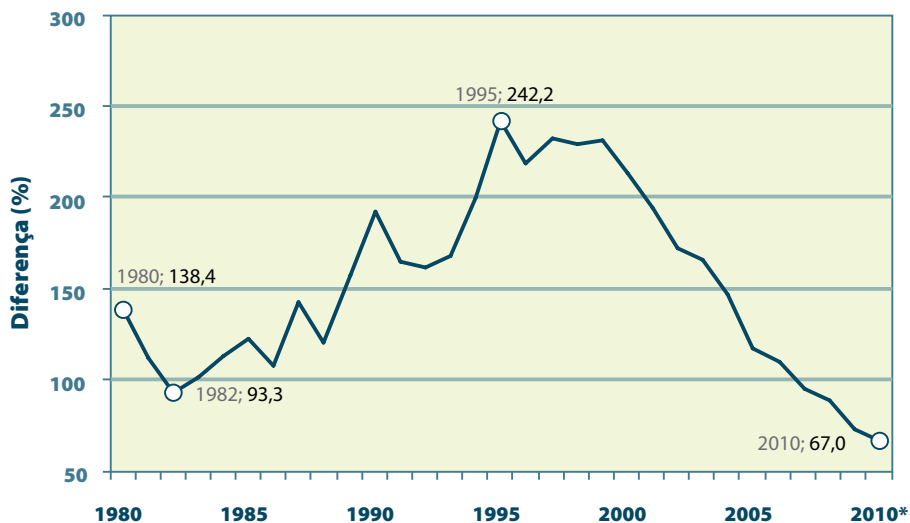
ÁREA	1980/1995		1995/2003		2003/2010*	
	Δ %	Δ % AO ANO	Δ %	Δ % AO ANO	Δ %	Δ % AO ANO
BRASIL	103,9	4,9	21,1	2,4	-9,3	-1,4
CAPITAIS+RM	123,8	5,5	9,8	1,2	-23,8	-3,8
INTERIOR	55,9	3,0	41,4	4,4	21,4	2,8

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

O Gráfico 2.3.2.2 permite verificar a evolução das diferenças entre o Interior e as Capitais+RM. Vemos que em 1982 as taxas das Capitais+RM eram 93,3% superiores às do Interior. Em 1995 essa diferença atinge sua máxima expressão: 242,2%. Foi quando começa a arrefecer o crescimento nos centros urbanos. Para 2010 a diferença se encurta, e muito: cai para 67%, menor ainda que em 1982.

E a linha tendencial indica que vai se encurtar mais ainda. Se continuar com os índices do último quinquênio, as taxas do interior igualariam em virulência as taxas das Capitais/RM em um patamar em torno dos 28 homicídios para cada 100 mil habitantes.

Gráfico 2.3.2.2 Evolução da diferença (%) entre as taxas de homicídio das Capitais+RM e do Interior. Brasil. 1980/2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS – \*2010: dados preliminares

Mas a evolução dos índices nas diversas unidades do país está longe de ser homogênea, como pode ser visto na tabela 2.3.2.2. Nas regiões norte e nordeste as taxas de homicídio do interior mais que duplicam na década 2000/2010. No norte, são puxados basicamente pelo interior do Pará e do Acre, mas observável em todos os estados da região, salvo em Roraima, onde as taxas crescem mais na Capital.

Já no nordeste, em quase todas as UF observamos forte crescimento das taxas do interior, salvo em Pernambuco, que apresenta uma leve queda. No sul o crescimento é moderado, e sudeste e Centro-Oeste evidenciam poucas mudanças.

De qualquer forma, os dados estão indicando um forte processo de interiorização, como pode ser visto nas tabelas 2.3.2.2 à 2.3.2.4.

- Se na década os índices do Brasil permaneceram praticamente estagnados – a taxa de 26,7 em 2000 cai para 26,2 em 2010 – as taxas das capitais e das RM regridem 22,3% – passam de 43,2 para 33,6 – queda compensada pelo interior, cujas taxas aumentam 43,6% – passam de 13,8 para 20,1 nesse período. Assim, os esforços realizados no período nas capitais e RM de alguns Estados, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro, foram anuladas em grande parte, pelo crescimento no interior de vários outros estados.

Tabela 2.3.2.2. Taxas de Homicídio (em 100 mil) do Interior dos Estados, por UF e Região. Brasil. 2000/2010\*

UF/REGIÃO	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010*	Δ%
ACRE	5,3	6,4	9,7	9,5	8,4	14,3	11,0	9,4	12,1	13,1	14,3	172,9
AMAPÁ	11,5	21,1	12,2	18,2	15,3	27,7	32,3	15,3	21,5	30,4	20,0	74,2
AMAZONAS	5,8	6,7	7,5	6,6	6,9	6,4	8,6	7,9	9,3	8,8	11,0	90,4
PARÁ	10,6	12,4	15,2	17,7	19,8	22,1	24,7	27,4	32,5	34,3	33,3	213,3
RONDÔNIA	25,1	31,5	35,6	34,3	27,2	29,4	27,8	19,6	27,1	31,1	28,9	15,4
RORAIMA	38,0	31,1	29,5	24,2	24,2	25,5	35,8	31,6	26,3	27,7	25,3	-33,4
TOCANTINS	14,6	17,7	14,1	17,8	15,5	15,9	18,5	17,2	18,1	22,0	22,5	54,0
NORTE	12,5	14,9	16,5	18,0	17,9	19,9	21,8	21,6	25,8	27,9	27,3	118,5
ALAGOAS	18,3	16,3	21,5	23,9	21,3	26,7	31,7	40,4	37,6	43,6	46,8	156,1
BAHIA	9,2	10,9	10,7	12,8	13,4	14,9	17,2	18,0	22,7	27,6	30,5	231,2
CEARÁ	10,1	12,0	12,8	15,5	15,1	14,7	14,6	13,8	16,2	19,0	20,3	101,6
MARANHÃO	4,7	6,2	7,8	9,7	7,6	12,0	12,0	13,6	15,2	15,5	16,5	249,9
PARAÍBA	10,3	7,5	10,4	10,1	13,3	12,8	15,1	13,7	17,6	21,2	24,1	133,8
PERNAMBUCO	35,5	34,3	39,1	34,9	29,2	30,7	33,1	36,1	35,6	33,8	28,8	-19,0
PIAUI	1,7	4,8	4,5	4,0	6,5	5,8	5,9	6,7	6,0	6,7	6,4	276,5
RIO GRANDE DO NORTE	8,3	9,3	9,3	11,8	10,7	11,7	12,6	15,9	18,2	18,8	19,9	139,7
SERGIPE	16,7	16,5	18,8	14,6	15,1	17,7	21,8	20,6	22,4	25,2	27,9	67,3
NORDESTE	12,2	13,0	14,4	15,3	14,6	16,3	17,9	19,2	21,5	24,1	25,2	105,6
ESPÍRITO SANTO	23,5	23,7	24,9	25,6	22,4	24,5	26,8	30,5	34,3	37,2	33,0	40,3
MINAS GERAIS	5,8	6,6	8,4	10,1	10,5	12,0	12,8	12,8	12,5	12,8	12,3	112,1
RIO DE JANEIRO	34,3	36,6	38,0	35,4	33,9	36,9	32,9	35,1	31,4	31,5	25,0	-27,3
SÃO PAULO	16,8	18,3	18,1	17,4	16,2	13,7	13,3	10,0	10,7	11,7	11,5	-31,2
SUDESTE	14,8	16,1	16,9	16,9	16,2	16,1	15,9	14,8	14,9	15,6	14,4	-2,4
PARANÁ	16,4	18,6	19,7	20,5	23,5	23,7	24,4	25,9	24,3	25,1	24,8	51,5
RIO GRANDE DO SUL	10,2	12,9	12,6	12,1	12,3	12,7	12,5	11,7	12,9	13,4	13,2	29,4
SANTA CATARINA	8,1	7,6	8,7	10,2	9,2	8,5	9,2	8,9	9,9	9,4	9,6	18,9
SUL	12,1	13,9	14,4	14,8	15,8	15,9	16,2	16,3	16,5	16,9	16,7	38,5
DISTRITO FEDERAL	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
GOIÁS	13,1	14,4	14,8	14,0	17,9	16,1	15,0	15,7	16,9	19,6	18,1	38,6
MATO GROSSO	31,9	28,1	32,6	30,9	29,1	29,2	27,3	27,4	26,7	28,8	27,0	-15,4
MATO GROSSO DO SUL	27,1	27,1	31,4	31,4	29,0	27,3	30,7	28,9	31,4	31,4	27,7	2,4
CENTRO-OESTE	22,6	22,0	24,7	23,8	24,3	23,3	23,0	22,9	23,8	25,6	23,5	4,0
BRASIL	13,8	14,9	16,1	16,6	16,3	16,9	17,6	17,6	18,9	20,4	20,1	46,3

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

**Tabela 2.3.2.3. Crescimento regional das taxas de homicídio (em 100 mil) por área. Brasil. 2000-2010\***

REGIÃO	TAXAS CAPITAL+RM		TAXAS INTERIOR		CRESCIMENTO %		DIFERENCIAL
	2000	2010*	2000	2010*	C+RM	INTERIOR	INTERIOR
NORTE	29,1	54,1	12,5	27,3	86,2	118,5	32,3
NORDESTE	33,6	50,8	12,2	25,2	51,3	105,6	54,3
SUDESTE	55,6	23,0	14,8	14,4	-58,7	-2,4	56,3
SUL	20,3	33,4	12,1	16,7	64,1	38,5	-25,6
CENTRO-OESTE	35,0	37,2	22,6	23,5	6,5	4,0	-2,5
BRASIL	43,2	33,6	13,8	20,1	-22,3	46,3	68,6

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

**Tabela 2.3.2.4. Crescimento das taxas de homicídio (em 100 mil) nas UF por área. Brasil. 2000-2010\***

REGIÃO	TAXAS C+RM		TAXAS INTERIOR		CRESCIMENTO %		DIFE-RENCIAL
	2000	2010*	2000	2010*	C+RM	INTERIOR	INTERIOR
ACRE	36,4	25,9	5,3	14,3	-28,8	172,9	201,6
AMAPÁ	39,0	45,0	11,5	20,0	15,4	74,2	58,8
AMAZONAS	29,6	43,3	5,8	11,0	46,4	90,4	44,0
PARÁ	18,9	80,2	10,6	33,3	325,0	213,3	-111,8
RONDÔNIA	61,0	49,7	25,1	28,9	-18,5	15,4	33,9
RORAIMA	40,4	28,5	38,0	25,3	-29,5	-33,4	-4,0
TOCANTINS	21,8	22,3	14,6	22,5	2,3	54,0	51,8
ALAGOAS	39,3	100,7	18,3	46,8	156,2	156,1	-0,1
BAHIA	11,6	60,1	9,2	30,5	418,1	231,5	-186,6
CEARÁ	26,2	42,9	10,1	20,3	63,9	101,6	37,8
MARANHÃO	13,4	46,6	4,7	16,5	247,8	249,9	2,1
PARAÍBA	27,6	72,9	10,3	24,1	164,2	133,8	-30,4
PERNAMBUCO	71,4	48,0	35,5	28,8	-32,7	-19,0	13,7
PIAUI	18,2	24,8	1,7	6,4	36,3	276,5	240,2
RIO GRANDE DO NORTE	10,1	27,1	8,3	19,9	167,5	139,7	-27,9
SERGIPE	34,2	41,3	16,7	27,9	20,7	67,3	46,6
ESPÍRITO SANTO	73,6	68,6	23,5	33,0	-6,8	40,3	47,1
MINAS GERAIS	27,6	33,8	5,8	12,3	22,4	112,1	89,7
RIO DE JANEIRO	56,7	26,7	34,3	25,0	-52,9	-27,3	25,7
SÃO PAULO	60,2	15,6	16,8	11,5	-74,1	-31,2	42,8
PARANÁ	21,5	47,0	16,4	24,8	118,4	51,5	-66,9
RIO GRANDE DO SUL	26,9	29,6	10,2	13,2	9,9	29,4	19,5
SANTA CATARINA	7,6	16,9	8,1	9,6	121,1	18,9	-102,3
DISTRITO FEDERAL							
GOIÁS	25,3	33,3	13,1	18,1	31,6	38,6	7,0
MATO GROSSO	60,1	44,9	31,9	27,0	-25,3	-15,4	9,9
MATO GROSSO DO SUL	39,3	21,7	27,1	27,7	-44,7	2,4	47,2

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares



- Em termos absolutos, o número de homicídios registrados pelo SIM passou na década 2000/2010, de:
  - 45.360 para 49.932 = acréscimo de 4.572 homicídios.
  - Capitais+RM: 32339 para 28797 = queda de 3.542 homicídios.
  - Interior: 13.021 para 21.135 = crescimento de 8.114 homicídios.
- Das 26 UF<sup>22</sup>:
  - em duas UF o diferencial<sup>23</sup> de crescimento entre Capital+RM e Interior permanece praticamente estagnado: Alagoas e Roraima.
  - em 8 os índices das Capitais+RM crescem mais que os do Interior, indicando a persistência do “motor” urbano pressionando fortemente a elevação das taxas, como os casos de Pará, Bahia e Santa Catarina.
  - em 16 UF as taxas do Interior cresceram mais do que as das Capitais+RM e, em vários casos, de forma significativa, como indicam os elevados diferenciais do Acre e Piauí.

### 2.3.3. Deslocamento dos polos dinâmicos

O duplo processo acima analisado, disseminação e interiorização, originou outro movimento dos polos dinâmicos da violência: de municípios de grande porte, acima de 100 mil habitantes, para municípios de pequeno e médio porte, como pode ser visto na tabela a seguir.

Até o ano 2000, os municípios de maior crescimento dos homicídios foram os de 500 mil habitantes ou mais, seguidos de perto por municípios com mais de 100 habitantes. Já municípios de menor tamanho também cresceram, mas em escala mais reduzida.

Já no período de 2000 a 2010 os municípios de maior porte, com mais de 500 mil habitantes, o crescimento foi negativo, os índices caíram 31,4%. Nos municípios entre 100 e 500 mil habitantes, as alterações foram poucas. Já o crescimento registrou-se nos municípios de menor tamanho, principalmente na faixa de 20 a 50 mil habitantes, que antes desse boom ostentavam taxas relativamente baixas. E não devemos esquecer que municípios com mais de 100 mil habitantes, dinâmicos até o ano 2000, representam 5,8% do total. Já os de menor porte, com menos de 100 mil habitantes representam hoje 5.282 municípios, 94,2% do total. Mas nem em todos eles, nem na maioria, os índices são preocupantes. A violência só atinge níveis severos em municípios que conformam determinadas constelações causais, como deveremos ver no item a seguir.

22. Não se considera nessas estatísticas o DF, por não possuir “interior” como acima definido.

23. A coluna “Diferencial” das tabelas 2.3.2.2 a 2.3.2.4 resulta da simples subtração do crescimento das taxas de homicídio (em 100 mil) do Interior do das Capitais+RM. Assim, o diferencial positivo está a indicar:

- Maior crescimento do Interior com respeito às Capitais+RM.
- Crescimento positivo do Interior e negativo das Capitais+RM, como no caso de Rondônia.
- Maiores quedas nas Capitais+RM do que no Interior, como no caso de São Paulo.

Tabela 2.3.3.1. Evolução das taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Brasil: 1980/2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO (POR N. DE HABITANTES)	1980	1990	2000	2010*	CRESCIMENTO 1980 /2000		CRESCIMENTO 2000 /2010*		N. MUNICÍPIOS EM 2010*	
					Δ %	Δ% AO ANO	Δ %	Δ% AO ANO	N.	%
ATÉ 5 MIL.	4,2	6,0	6,4	8,7	51,8	2,1	35,6	3,1	1301	23,4
DE 5 A -10 MIL	4,4	6,4	7,9	10,4	81,1	3,0	31,6	2,8	1212	21,8
DE 10 A -20 MIL	5,8	8,3	9,7	13,8	67,6	2,6	41,4	3,5	1401	25,2
DE 20 A -50 MIL	7,2	11,1	12,2	19,3	69,4	2,7	58,2	4,7	1043	18,7
DE 50 A -100 MIL	9,2	16,3	17,7	25,1	92,3	3,3	41,3	3,5	325	5,8
DE 100 A -200 MIL	12,4	23,9	27,3	30,1	120,9	4,0	10,2	1,0	150	2,7
DE 200 A -500 MIL	15,8	27,7	34,6	34,3	118,8	4,0	-0,9	-0,1	95	1,7
500 MIL E MAIS.	20,8	41,1	48,3	33,1	132,1	4,3	-31,4	-3,7	38	0,7
TOTAL	11,7	22,2	26,7	26,2	128,8	4,2	-2,0	-0,2	5565	100,0

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

### 2.3.4. Fatores determinantes

Quais seriam os determinantes das mudanças acontecidas na última década?

**Em primeiro lugar**, a reestruturação da produção brasileira que vem acontecendo desde o último quartel do século passado. Sobre o tema, uma grande variedade de estudos já focou os caminhos desse processo de desconcentração das atividades econômicas do país desde os mais diversos ângulos. Não é a nossa intenção fazer uma revisão do tema, simplesmente apontar alguns balizamentos para o entendimento do fenômeno e sua relação com a violência.

Em um estudo publicado no ano 2000, com dados de 1989/97, João Sabóia detecta uma *mudança no padrão locacional da indústria brasileira, onde aumentaria a importância do interior dos principais estados industrializados e de alguns estados fora do eixo Sul-Sudeste. Por outro lado, estariam surgindo novas aglomerações industriais de pequeno porte nas mais distintas regiões do país, caracterizadas por baixos salários e pequeno nível de diversificação industrial*<sup>24</sup>.

Paralelo à modernização das últimas décadas, houve também intenso processo de mudanças locais, tanto intra quanto inter-regional, tanto dentro dos estados quanto entre estados<sup>25</sup>, com o esvaziamento do principal polo industrial do país, a região metropolitana de São Paulo e a reconcentração industrial no interior de São Paulo e, de modo mais amplo, para diversos estados do país, especialmente em cidades de porte médio. Também foi generalizada em todo o país, segundo Sabóia, a desconcentração industrial em direção ao interior dos estados. Apesar da queda do emprego nos principais polos industriais tradicionais, novas aglomerações se consolidaram nas mais diversas regiões do país.

24. SABÓIA, J. *Desconcentração industrial no Brasil nos anos 90: um enfoque regional*. Pesq. Plan. Econ., Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, abr. 2000

25. DINIZ, C.C. & CROCCO, M.A. *Reestruturação econômica e impacto regional: o novo mapa da indústria brasileira*. Nova Economia. Belo Horizonte, v6, n.1, jul. 1996.

*As mudanças mostram sensível alteração na dimensão espacial do desenvolvimento brasileiro, em que uma possível continuidade da desconcentração das últimas décadas deve ser acompanhada pelo aumento da heterogeneidade interna das regiões brasileiras, com o surgimento de ilhas de produtividade em quase todas as regiões, o crescimento relativo maior das antigas periferias nacionais e importância maior do conjunto das cidades médias perante as áreas metropolitanas. As tendências indicam certa continuidade da desconcentração em direção ao interior de São Paulo e aos principais estados do Sul e do Sudeste e, até mesmo, para o Nordeste, no caso das indústrias intensivas em mão-de-obra<sup>26</sup>.*

A emergência dos novos polos de crescimento, atraindo investimentos e gerando emprego e renda, tornam-se também atrativos para a criminalidade por serem áreas onde os esquemas de segurança são ainda precários ou incipientes, sem experiência histórica e aparelhamento para o enfrentamento das novas configurações da violência.

**Em segundo lugar**, investimentos em segurança nas capitais e nas grandes regiões metropolitanas, prioritárias a partir do novo Plano Nacional de Segurança Pública, de 1999, e do Fundo Nacional de Segurança instituído em fins de 2000. Neste sentido, foram canalizados recursos federais com diversos níveis de contrapartida estadual, principalmente para aparelhamento dos sistemas de segurança pública nos grandes conglomerados que lideravam o mapa da violência do período. Isso dificultou a ação da criminalidade organizada, que migra para áreas de menor risco e/ou estrutura (interior/outros estados).

**Em terceiro lugar**, melhoria na cobertura dos sistemas de captação de dados de mortalidade, principalmente no interior do país ou em estados com cobertura deficiente, com o que diminui a subnotificação existente. Assim, fenômenos que antes não eram registrados começam a incidir nas estatísticas de mortalidade.

Por um ou outro motivo, consolidam-se configurações espaciais que rearticulam o dinamismo da letalidade homicida centrada, até o momento, em um número limitado de grandes centros urbanos.

Toda migração (de pessoas, de polos, etc.) apresenta fatores expulsivos – do local de origem – e fatores atrativos – no local de destino. Quais seriam, neste caso, os fatores impulsores da mudança?

**Fatores Expulsivos:**

- Estagnação econômica nas grandes capitais e regiões metropolitanas tradicionais com a concomitante reversão dos fluxos migratórios para o local de origem ou para novos polos.
- Investimentos na segurança e consequente melhoria da eficiência repressiva.

**Fatores Atrativos:**

- Surgimento de novos polos de crescimento no interior de diversos estados, atrativos de investimentos, de população e também de criminalidade.

---

26. PACHECO, C.A. *Novos Padrões de Localização Industrial? Tendências Recentes dos Indicadores da Produção e do Investimento Industrial*. Brasília. IPEA, Textos para discussão n. 633, março de 1999.

- Melhoria da situação econômica de estados fora dos eixos tradicionais.
- Deficiências e insuficiências do aparelho de segurança em áreas de baixos níveis de violência: escassa experiência e baixa eficiência repressiva.

Quais são as consequências desse deslocamento? A disseminação e espalhamento da violência homicida ao longo do território nacional. Locais que até poucos anos atrás eram considerados tranquilos, pouco violentos, hoje assistem a uma pesada escalada de violência. O contrário também acontece em uns poucos centros, alguns de grande peso demográfico e consequente incidência nas estatísticas nacionais. As estatísticas caem e, no caso de São Paulo, despencam. Assim, sem grandes mudanças nas estatísticas nacionais, assistimos a uma decidida reconfiguração na distribuição interna, uma convergência que torna mais homogêneos os níveis de violência das diversas áreas do país.

Não é um fato novo. Já no Mapa de 2004, e em todos os subsequentes, indicamos que, desde 1999 *aumentam drasticamente as taxas anuais de crescimento dos homicídios no interior para 8% ao ano, caindo de forma drástica as taxas das capitais e regiões metropolitanas. Isso estaria a indicar uma forte tendência de interiorização da violência homicida*<sup>27</sup>.

No mais recente mapa divulgado<sup>28</sup>, além da interiorização, incluíamos uma segunda fonte de convergência que sem aumentar sua intensidade global – em torno de 26 homicídios em 100 mil – a violência homicida está se espalhando por unidades que, até uma década atrás, eram aparentemente imunes (...). Em 1998, os 5 estados com maiores taxas de homicídios apresentavam uma média de 52,6 homicídios em 100 mil habitantes. A média dos 5 estados com as menores taxas foi de 7,0. A relação entre ambas foi de 7,5 (7,5 vezes maior). Já em 2008, os 5 estados com maior nível de homicídios apresentam uma taxa bem pouco menor que a de 1998: 48,2 homicídios em 100 mil habitantes. Mas a taxa média dos estados com menor nível aumentou muito: de 7,0 para 15,6 em 100 mil habitantes. Agora, essa relação entre os 5 de maior nível de homicídios e os 5 de menor nível cai para 3,1: menos da metade.

Podemos concluir, com base nos dados trabalhados neste capítulo e a intensidade do processo observado que, se as atuais condições forem mantidas, em 7 anos as taxas do interior se equiparam com as das capitais/RM do país e praticamente vão desaparecer as diferenças entre estados.

27. WAISELFISZ, JJ. *Mapa da Violência IV. Os Jovens do Brasil*. Brasília. UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Secretaria Especial de Direitos Humanos. 2004.

28. WAISELFISZ, JJ. *Mapa da Violência 2011. Os Jovens do Brasil*. Brasília. Instituto Sangari, Ministério da Justiça. 2011.

## 2.4. Questões de gênero e raça

### 2.4.1. Homicídios por raça/cor

Como foi alertado nas considerações metodológicas:

- O Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde recém começou a processar informações referentes à raça/cor em 1996, mas com problemas de subnotificação: os dados ficavam muito incompletos até 2002. Por esse motivo, julgou-se procedente começar a analisar as informações referentes ao tema a partir de 2002.
- Os quantitativos de população por raça/cor de 2002 e 2006 foram obtidos tabulando as projeções da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, do IBGE, desses anos. Para o 2010 foram utilizados os resultados do Censo do IBGE desse ano.
- A categoria *Negro* aqui utilizada resulta do somatório das categorias Preto e Pardo utilizadas pelo IBGE.
- As taxas elaboradas relacionando número de homicídios por cor/raça (contidas nas bases de dados do SIM) com os respectivos contingentes populacionais das pesquisas do IBGE apresentam problemas metodológicos que devem ser levados em conta. A fonte para a população por raça ou cor são as entrevistas da PNAD e/ou do Censo, que coleta esse dado por autotaxa do entrevistado, que escolhe uma entre cinco opções: *Branca, Preta, Parda, Amarela* ou *Indígena*. Já nas certidões de óbito, nossa fonte para homicídios, a classificação é realizada por um agente externo ou documentação preexistente utilizando as mesmas categorias do IBGE. Ambas as classificações nem sempre, nem necessariamente, são coincidentes. Por tal motivo, não são os números absolutos, e sim as taxas de homicídio e índices de vitimização as que devem ser tomadas com cautela; são mais aproximativas do que assertivas.

Voltando à classificação por raça ou cor das certidões de óbito, na Tabela 2.4.1 podemos observar que, mesmo com grandes diferenças entre as Unidades Federadas, a tendência geral desde 2002 é: *queda no número absoluto de homicídios na população branca e de aumento nos números da população negra*.

Tabela 2.4.1. Número de Homicídios na População Total por Raça/Cor. Brasil, 2002/2010\*

UF/REGIÃO	NÚMERO DE HOMICÍDIOS					
	BRANCOS			NEGROS		
	2002	2006	2010*	2002	2006	2010*
ACRE	46	42	22	100	99	85
AMAZONAS	53	77	67	442	585	970
AMAPÁ	16	14	25	157	186	206
PARÁ	138	156	259	1030	1867	3160
RONDÔNIA	182	145	141	370	420	383
RORAIMA	21	21	8	91	66	103
TOCANTINS	39	36	36	138	196	270
<b>NORTE</b>	<b>495</b>	<b>491</b>	<b>558</b>	<b>2328</b>	<b>3419</b>	<b>5177</b>
ALAGOAS	107	64	43	650	1073	1690
BAHIA	137	187	337	1282	2800	4659
CEARÁ	130	164	275	704	966	1613
MARANHÃO	92	121	138	465	775	1307
PARAÍBA	49	46	49	432	693	1329
PERNAMBUCO	529	380	240	3598	3895	2919
PIAUI	40	49	55	239	374	340
RIO GRANDE DO NORTE	65	81	107	217	313	570
SERGIPE	65	86	58	380	414	581
<b>NORDESTE</b>	<b>1214</b>	<b>1178</b>	<b>1302</b>	<b>7967</b>	<b>11303</b>	<b>15008</b>
ESPÍRITO SANTO	287	257	254	809	1115	1278
MINAS GERAIS	888	1223	903	1916	2749	2441
RIO DE JANEIRO	2863	2363	1344	4907	4417	2638
SÃO PAULO	8220	4710	3263	5988	3249	2304
<b>SUDESTE</b>	<b>12258</b>	<b>8553</b>	<b>5764</b>	<b>13620</b>	<b>11530</b>	<b>8661</b>
PARANÁ	1780	2520	2864	400	521	668
RIO GRANDE DO SUL	1555	1567	1599	322	379	433
SANTA CATARINA	433	496	657	86	93	127
<b>SUL</b>	<b>3768</b>	<b>4583</b>	<b>5120</b>	<b>808</b>	<b>993</b>	<b>1228</b>
DISTRITO FEDERAL	103	90	112	632	674	760
GOIÁS	394	366	359	647	991	1353
MATO GROSSO DO SUL	299	255	215	337	365	363
MATO GROSSO	321	237	238	613	650	714
<b>CENTRO OESTE</b>	<b>1117</b>	<b>948</b>	<b>924</b>	<b>2229</b>	<b>2680</b>	<b>3190</b>
<b>BRASIL</b>	<b>18852</b>	<b>15753</b>	<b>13668</b>	<b>26952</b>	<b>29925</b>	<b>33264</b>

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

Podemos observar por essa tabela que, de 2002 a 2010:

- O número de vítimas brancas caiu de 18.852 para 13.668, o que representa uma queda da ordem de 27,5%.
- Já entre os negros, o número de vítimas de homicídio aumentou de 26.952 para 33.264, equivalente a um crescimento de 23,4%. Com isso, a brecha que já existia em 2002 cresceu mais ainda e de forma drástica, como teremos oportunidade de ver a seguir.

A Tabela 2.4.2 relaciona o número de homicídios com a população de cada UF, desagregada por raça/cor, além de calcular os Índices de Vitimização Negra que resulta da relação entre as taxas de brancos e as taxas de negros. O que esse índice nos diz? Em que proporção temos mais vítimas de homicídio negras do que brancas. Se o índice é zero, morre a mesma proporção de negros e brancos. Se o índice é negativo, morrem proporcionalmente mais brancos que negros. Se positivo, morrem mais negros que brancos. Assim, um índice nacional de vitimização de 82,7 como mostra a Tabela 2.4.2 para o ano de 2006, indica que, nesse ano, morrem proporcionalmente **82,7% mais negros do que brancos**.

Essa Tabela nos permite verificar que as taxas de homicídio de brancos caíram de 20,6 para 15,0 em cada 100 mil brancos; queda de 27,1% entre 2002 e 2010. Já na população negra, as taxas passaram de 30,0 em 2002 para 35,9 homicídios para cada 100 mil negros em 2010, o que representa um aumento de 19,6%.

Desagregando por região, e mais ainda por estado, o panorama fica muito heterogêneo, principalmente quando se observa a taxa de homicídios de negros<sup>29</sup>.

Vários dados dessa Tabela impressionam pela sua magnitude:

- Em 2002, o índice nacional de vitimização negra foi de 45,8. Isto é, nesse ano, no país, morreram proporcionalmente 45,8% mais negros do que brancos.
- Quatro anos mais tarde, em 2006, esse índice pula para 82,7 (morrem proporcionalmente 82,7% mais negros do que brancos).
- Já em 2010, um novo patamar preocupante: morrem proporcionalmente 139% mais negros que brancos, isto é, bem acima do dobro!

---

29. O desvio padrão ( $s$ ), cuja função é sintetizar o grau de dispersão de uma distribuição de valores, indica que para as taxas brancas de 2919  $s = 6,7$ , para a negra  $s = 15,1$ . Isto é, mais do dobro de dispersão.

Tabela 2.4.2. Taxas de Homicídio e Índices de Vitimização por Raça/Cor Brasil, 2002/2010\*

UF/REGIÃO	TAXAS DE HOMICÍDIO (EM 100MIL)						ÍNDICE DE VITIMI- ZAÇÃO NEGRA		
	BRANCOS			NEGROS			2002	2006	2010*
	2002	2006	2010*	2002	2006	2010*			
ACRE	40,5	24,4	12,6	35,3	18,7	17,5	-12,8	-23,2	39,0
AMAZONAS	8,3	10,9	9,1	27,4	23,0	36,8	230,1	110,5	306,9
AMAPÁ	12,8	9,7	15,6	45,6	37,6	43,4	256,3	288,0	178,7
PARÁ	11,2	9,7	15,7	31,5	32,1	57,5	181,3	229,4	267,0
RONDÔNIA	55,2	25,2	25,6	60,7	43,0	40,0	10,0	71,0	56,6
RORAIMA	43,7	26,0	8,5	41,0	21,8	33,3	-6,2	-16,0	292,3
TOCANTINS	13,4	11,2	10,4	14,8	19,6	26,7	10,4	75,0	155,6
<b>NORTE</b>	<b>17,8</b>	<b>13,6</b>	<b>15,0</b>	<b>32,1</b>	<b>29,3</b>	<b>45,5</b>	<b>80,3</b>	<b>115,0</b>	<b>203,6</b>
ALAGOAS	11,9	6,1	4,4	32,7	51,5	84,9	174,8	750,9	1846,6
BAHIA	4,5	6,6	10,8	12,5	26,2	42,2	177,8	297,6	289,2
CEARÁ	5,0	5,9	10,2	13,9	17,2	29,7	178,0	190,9	192,3
MARANHÃO	6,0	8,1	9,5	10,7	15,5	28,1	78,3	91,8	196,5
PARAÍBA	3,3	3,4	3,3	16,3	31,5	58,8	393,9	832,0	1699,7
PERNAMBUCO	16,9	12,3	7,4	71,4	71,7	54,2	322,5	483,8	628,1
PIAUI	5,9	6,7	7,2	10,7	16,3	14,8	81,4	145,4	104,2
RIO GRANDE DO NORTE	5,3	7,2	8,2	13,2	17,1	29,7	149,1	138,3	261,3
SERGIPE	14,3	14,7	9,9	27,2	28,5	41,2	90,2	94,0	314,4
<b>NORDESTE</b>	<b>8,2</b>	<b>7,8</b>	<b>8,3</b>	<b>23,4</b>	<b>30,9</b>	<b>41,2</b>	<b>185,4</b>	<b>295,2</b>	<b>395,0</b>
ESPÍRITO SANTO	19,2	17,9	17,1	47,5	55,7	63,2	147,4	211,5	268,7
MINAS GERAIS	9,4	13,5	10,2	21,4	26,2	23,4	127,7	93,5	130,4
RIO DE JANEIRO	31,5	27,8	17,7	66,0	53,4	37,6	109,5	92,4	112,2
SÃO PAULO	30,3	16,9	12,4	56,0	22,7	18,3	84,8	34,9	48,0
<b>SUDESTE</b>	<b>26,0</b>	<b>18,2</b>	<b>13,0</b>	<b>50,5</b>	<b>32,9</b>	<b>27,0</b>	<b>94,2</b>	<b>80,5</b>	<b>107,8</b>
PARANÁ	23,9	33,1	39,0	17,5	17,7	25,0	-26,8	-46,7	-35,8
RIO GRANDE DO SUL	17,4	17,5	18,0	22,3	22,0	22,0	28,2	25,8	22,4
SANTA CATARINA	8,7	9,5	12,5	14,4	9,7	17,0	65,5	1,7	35,6
<b>SUL</b>	<b>17,7</b>	<b>21,0</b>	<b>23,8</b>	<b>18,7</b>	<b>17,6</b>	<b>22,8</b>	<b>5,6</b>	<b>-16,2</b>	<b>-4,3</b>
DISTRITO FEDERAL	10,8	9,0	10,3	53,1	46,9	55,5	391,7	419,8	437,5
GOIÁS	16,9	14,6	14,3	22,1	29,2	41,9	30,8	100,0	191,9
MATO GROSSO DO SUL	26,6	21,6	18,6	33,6	30,7	33,4	26,3	42,0	80,1
MATO GROSSO	31,2	22,9	20,9	39,7	35,7	39,7	27,2	55,9	89,5
<b>CENTRO OESTE</b>	<b>20,6</b>	<b>16,6</b>	<b>15,7</b>	<b>33,7</b>	<b>34,2</b>	<b>42,6</b>	<b>63,6</b>	<b>106,2</b>	<b>171,3</b>
<b>BRASIL</b>	<b>20,6</b>	<b>16,9</b>	<b>15,0</b>	<b>30,0</b>	<b>30,9</b>	<b>35,9</b>	<b>45,8</b>	<b>82,7</b>	<b>139,1</b>

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares



O nordeste adquire destaque pelos seus elevados índices de vitimização negra, onde estados como Alagoas e Paraíba apresentam uma íngreme escalada desde 2002 para, em 2010, ostentar uma taxa de vítimas negras proporcionalmente 20 vezes maior ao das vítimas brancas, numa escalada que tende a crescer com o tempo, em função das quedas marcantes e progressivas dos homicídios brancos e, em contrapartida, aumentos gritantes dos homicídios negros.

Também a Região Norte evidencia elevados índices de vitimização negra, principalmente nos estados de Amazonas, Pará e Roraima.

Fora destas regiões, o Distrito Federal e Espírito Santo também apresentam elevados índices de vitimização negra.

Em outro extremo, destaca-se Paraná por não acompanhar historicamente os padrões nacionais: em todos os levantamentos realizados até a presente data, o Paraná apresentou índices de vitimização negativos: morrem, proporcionalmente, mais brancos que negros.

Reordenando os dados já expostos na tabela anterior, referentes a 2010, temos a Tabela 2.4.3 a seguir:

- Paraná, Rondônia e Mato Grosso encabeçam a lista de homicídios brancos. Cinco estados nordestinos, em contrapartida, são os de menor índice.
- Já Alagoas, Espírito Santo, Paraíba, Pará, Distrito Federal e Pernambuco encabeçam a lista de homicídios negros, todos eles com taxas acima de 50 homicídios cada 100 mil negros.
- Os cinco maiores índices de vitimização negra são encontrados, por ordem, em: Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Distrito Federal e Sergipe.

Por todos os dados apresentados, vemos que, por cada branco assassinado em 2010, morreram proporcionalmente mais de 2 negros nas mesmas circunstâncias. E mais preocupante ainda, pelo balanço histórico dos últimos anos, a tendência desses pesados níveis de vitimização é crescer ainda mais.

Impressionam, tanto nos números absolutos quanto nas taxas, os altos índices de vitimização negra em Alagoas e na Paraíba e ainda, em outros 17 estados brasileiros, onde morem, proporcionalmente, mais do duplo de negros do que brancos.

Essas evidências nos levam a postular a necessidade de reorientar as políticas nacionais, estaduais e municipais em torno da segurança pública, para enfrentar de forma real e efetiva essa chaga aberta na realidade social do país.

Tabela 2.4.3. Ordenamento das UF segundo Taxas de Homicídio Branco e Negro (em 100 mil) e Índice de Vitimização Negra. População Total. 2010\*

TAXAS DE HOMICÍDIO BRANCO			TAXAS DE HOMICÍDIO NEGRO			ÍNDICE DE VITIMIZAÇÃO NEGRA		
UF	TAXA	POS.	UF	TAXA	POS.	UF	TAXA	POS.
PARANÁ	39.0	1º	ALAGOAS	84.9	1º	ALAGOAS	1846,6	1º
RONDÔNIA	25.6	2º	ESPIRITO SANTO	63.2	2º	PARAÍBA	1699,7	2º
MATO GROSSO	20.9	3º	PARAÍBA	58.8	3º	PERNAMBUCO	628.1	3º
MATO GROSSO DO SUL	18.6	4º	PARÁ	57.5	4º	DISTRITO FEDERAL	437.5	4º
RIO GRANDE DO SUL	18.0	5º	DISTRITO FEDERAL	55.5	5º	SERGIPE	314.4	5º
RIO DE JANEIRO	17.7	6º	PERNAMBUCO	54.2	6º	AMAZONAS	306.9	6º
ESPIRITO SANTO	17.1	7º	AMAPÁ	43.4	7º	RORAIMA	292.3	7º
PARÁ	15.7	8º	BAHIA	42.2	8º	BAHIA	289.2	8º
AMAPÁ	15.6	9º	GOIÁS	41.9	9º	ESPIRITO SANTO	268.7	9º
GOIÁS	14.3	10º	SERGIPE	41.2	10º	PARÁ	267.0	10º
ACRE	12.6	11º	RONDÔNIA	40.0	11º	RIO GRANDE DO NORTE	261.3	11º
SANTA CATARINA	12.5	12º	MATO GROSSO	39.7	12º	MARANHÃO	196.5	12º
SÃO PAULO	12.4	13º	RIO DE JANEIRO	37.6	13º	CEARÁ	192.3	13º
BAHIA	10.8	14º	AMAZONAS	36.8	14º	GOIÁS	191.9	14º
TOCANTINS	10.4	15º	MATO GROSSO DO SUL	33.4	15º	AMAPÁ	178.7	15º
DISTRITO FEDERAL	10.3	16º	RORAIMA	33.3	16º	TOCANTINS	155.6	16º
CEARÁ	10.2	17º	CEARÁ	29.7	17º	MINAS GERAIS	130.4	17º
MINAS GERAIS	10.2	18º	RIO GRANDE DO NORTE	29.7	18º	RIO DE JANEIRO	112.2	18º
SERGIPE	9.9	19º	MARANHÃO	28.1	19º	PIAUI	104.2	19º
MARANHÃO	9.5	20º	TOCANTINS	26.7	20º	MATO GROSSO	89.5	20º
AMAZONAS	9.1	21º	PARANÁ	25.0	21º	MATO GROSSO DO SUL	80.1	21º
RORAIMA	8.5	22º	MINAS GERAIS	23.4	22º	RONDÔNIA	56.6	22º
RIO GRANDE DO NORTE	8.2	23º	RIO GRANDE DO SUL	22.0	23º	SÃO PAULO	48.0	23º
PERNAMBUCO	7.4	24º	SÃO PAULO	18.3	24º	ACRE	39.0	24º
PIAUI	7.2	25º	ACRE	17.5	25º	SANTA CATARINA	35.6	25º
ALAGOAS	4.4	26º	SANTA CATARINA	17.0	26º	RIO GRANDE DO SUL	22.4	26º
PARAÍBA	3.3	27º	PIAUI	14.8	27º	PARANÁ	-35.8	27º

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

## 2.4.2 Homicídios e Gênero

Diversos estudos, tanto nacionais quanto internacionais (Mello; Minayo, UNICEF)<sup>30</sup> já alertaram que as mortes por homicídios, inclusive entre os jovens, são ocorrências marcadamente masculinas.

Os diversos mapas que vêm sendo elaborados desde 1998 confirmam esse fato. Deles emerge uma constante: a elevada proporção de mortes masculinas nos diversos capítulos da violência letal do país, principalmente quando a causa são os homicídios. Assim, por exemplo, nos últimos dados disponíveis, correspondentes a 2010, dos 49.932 homicídios registrados pelo SIM, 45.617 pertenciam ao sexo masculino (91,4%) e 4.273<sup>31</sup> ao feminino (8,6%). E, historicamente, essas proporções não mudam praticamente de ano um ano para outro.

Ainda assim, apesar dessa baixa participação, nas estatísticas recentes morrem acima de 4.000 mulheres anualmente vítimas de homicídio. Nos 30 anos considerados, morreram 91.886 mulheres por essa causa.

A tabela 2.4.4 e o gráfico 2.4.1 especificam essa evolução de forma mais detalhada. Forte crescimento das taxas entre 1980 e 1996: 4,6% ao ano. A partir dessa data, o número de homicídios de mulheres aumenta, mas em menor proporção que a população feminina, pelo que as taxas caem levemente até 2006, com um ritmo de 0,9% ao ano. No ano de 2007 uma significativa queda é registrada: as taxas caem 7,6%<sup>32</sup>. Porém, a partir desse ano, as taxas tendem a subir novamente, recuperando os níveis anteriores.

O panorama se apresenta bem mais heterogêneo quando desagregamos os dados por Unidades Federadas, como podemos ver na tabela 2.4.5. O estado de maior incidência – Espírito Santo – teve em 2010 uma taxa de 9,4 vítimas de homicídio feminino para cada 100 mil mulheres. Já no de menor incidência, o Piauí, essa taxa foi de 2,6 cada 100 mil mulheres. A taxa de Espírito Santo resulta perto de quatro vezes maior que a do Piauí.

---

30. MELLO JORGE, M.H.P. *Como Morrem Nossos Jovens*. In: CNPD. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília, 1998.

MINAYO, M.C. *A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública*. Cadernos de Saúde Pública (10) 1. Escola Nacional de Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz, 1994.

UNICEF. *Retrato estatístico das mortes de crianças e jovens por causas violentas: Brasil 1979-1993*. Brasília, 1995.

31. 42 casos – 0,1% – das declarações de óbito não registram o sexo da vítima

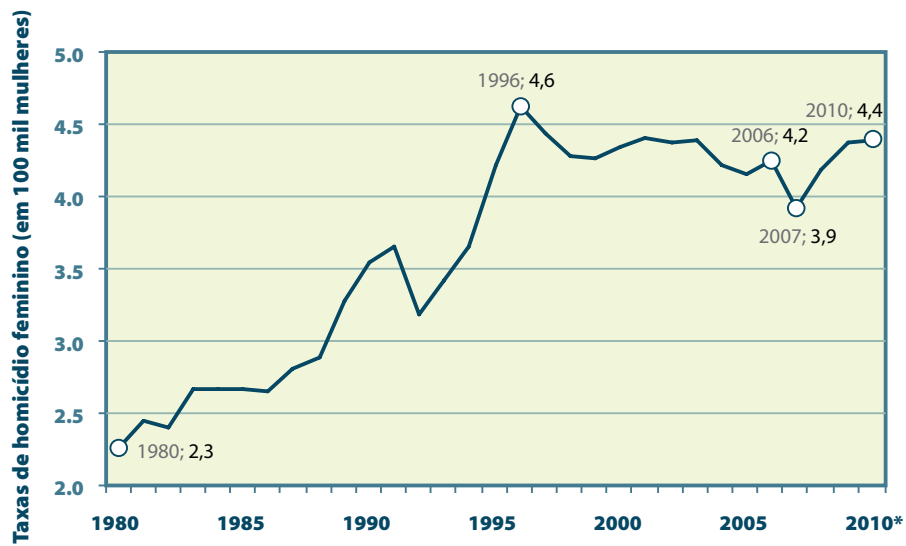
32. A lei Maria da Penha entra em vigor em setembro de 2006, aumentando o rigor das punições das agressões contra as mulheres no âmbito doméstico.

Tabela 2.4.4. Número e taxas (em 100 mil) de homicídio feminino. Brasil. 1980/2010\*

ANO	N	TAXA
1980	1,353	2.3
1981	1,487	2.4
1982	1,497	2.4
1983	1,700	2.7
1984	1,736	2.7
1985	1,766	2.7
1986	1,799	2.7
1987	1,935	2.8
1988	2,025	2.9
1989	2,344	3.3
1990	2,585	3.5
1991	2,713	3.6
1992	2,394	3.2
1993	2,619	3.4
1994	2,838	3.6
1995	3,325	4.2
1996	3,682	4.6
1997	3,587	4.4
1998	3,503	4.3
1999	3,536	4.3
2000	3,743	4.3
2001	3,851	4.4
2002	3,867	4.4
2003	3,937	4.4
2004	3,830	4.2
2005	3,884	4.2
2006	4,022	4.2
2007	3,772	3.9
2008	4,023	4.2
2009	4,260	4.4
2010*	4,273	4.4
<b>TOTAL</b>	<b>91,886</b>	

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

Gráfico 2.4.1. Evolução das taxas de homicídio femininos (em 100 mil mulheres). Brasil, 1980/2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

**Tabela 2.4.5. Taxas de homicídio femininas (em 100 mil mulheres) por UF. Brasil. 2010\***

UF	TAXA	Pos.
ESPIRITO SANTO	9,4	1º
ALAGOAS	8,3	2º
PARANÁ	6,3	3º
PARAÍBA	6,0	4º
MATO GROSSO DO SUL	6,0	5º
PARÁ	6,0	6º
DISTRITO FEDERAL	5,8	7º
BAHIA	5,6	8º
MATO GROSSO	5,5	9º
PERNAMBUCO	5,4	10º
TOCANTINS	5,1	11º
GOIÁS	5,1	12º
RORAIMA	5,0	13º
RONDÔNIA	4,8	14º
AMAPÁ	4,8	15º
ACRE	4,7	16º
SERGIPE	4,2	17º
RIO GRANDE DO SUL	4,1	18º
MINAS GERAIS	3,9	19º
RIO GRANDE DO NORTE	3,8	20º
CEARÁ	3,7	21º
AMAZONAS	3,7	22º
SANTA CATARINA	3,6	23º
MARANHÃO	3,4	24º
RIO DE JANEIRO	3,2	25º
SÃO PAULO	3,1	26º
PIAUI	2,6	27º

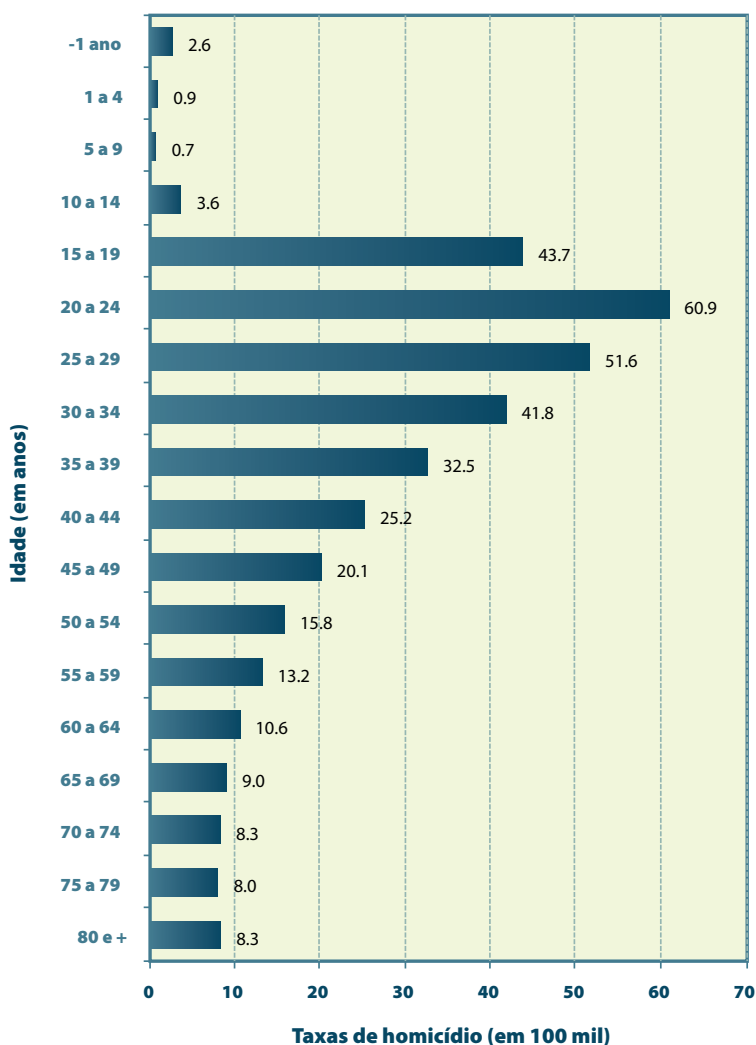
Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: dados preliminares

## 2.5. Vitimização Juvenil

Existe um bom número de estudos e um alto nível de consciência pública sobre a elevada concentração dos homicídios na população jovem do país, embora, pelos dados atuais, esse nível de consciência não tenha sido traduzido ainda em políticas de enfrentamento que consigam reverter o quadro atual. Pelo contrário, a vitimização juvenil no país continua crescendo, sendo claro indicador da insuficiência dessas políticas.

O gráfico a seguir detalha o quadro atual:

Gráfico 2.5.1. Taxas de homicídio (em 100 mil) por faixa etária. Brasil, 2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS; \* 2010: Dados Preliminares.

Vemos que ainda as taxas mais elevadas concentram-se na faixa dos 15 aos 24 anos se estendendo, de forma também intensa, até os 29 anos. A partir dessa idade as taxas vão declinando progressivamente.

Para verificar em que medida existe concentração de homicídios na faixa jovem da população, indicativo da provável existência de problemas nesse setor, foi proposta uma medida de Vitimização Juvenil por Homicídios, que resulta da relação entre a taxa de óbitos por homicídio da população de 15 a 24 anos de idade e as taxas correspondentes ao restante da população: considerada não-jovem. Essa população não-jovem é a que, ainda não chegou à juventude – a população de 0 a 14 anos – ou a que já passou dessa faixa: acima de 25 anos de idade. Assim, o indicador de vitimização juvenil nos diz quanto maior é, em termos percentuais, a taxa de homicídios jovem com respeito às taxas não-jovens. Assim, o percentual de vitimização de 150,2 no ano 2000 da tabela a seguir indica que os homicídios foram, nesse ano, 150,2% superiores aos do restante da população.

A Tabela 2.5.1 permite verificar que as taxas de homicídio juvenil na faixa dos 15 aos 24 anos de idade são muito elevadas, quando comparadas às do resto da população. Efetivamente, podemos observar que:

- Em todos os anos da década considerada – 2000/2010 – as taxas juvenis mais que duplicam as taxas da população não-jovem.
- Ainda mais: vemos que, a partir de 2003, ano que entra em vigor o estatuto do desarmamento, a vitimização juvenil tende a cair, mas a partir de 2007 as taxas juvenis recuperam os antigos patamares, e até superam os níveis anteriores.
- A partir de 2003, com fortes oscilações, conseguiu-se estagnar a espiral de vitimização juvenil, mas em níveis muito elevados. Não temos conseguido, ainda, reverter o flagelo, que já dura longos anos.

Tabela 2.5.1. Taxas de Homicídio Jovem, Não-Jovem e Vitimização Juvenil (%) por Homicídio. Brasil, 2000/2010\*

INDICADOR	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010*
TAXA JOVEM	51,35	52,39	54,77	55,53	51,7	48,6	48,12	49,49	52,89	53,75	52,35
TAXA NÃO-JOVEM	20,53	21,64	21,85	22,15	20,8	20,1	20,82	19,63	20,51	21,14	20,45
VITIMIZAÇÃO JUVENIL (%)	150,2	142,2	150,7	150,7	148,4	141,7	131,1	152,1	157,8	154,3	156,0

Fonte: SIM/SVS/MS; \* 2010: Dados Preliminares

Pelas Tabelas 2.5.2 à 2.5.5 é possível conferir que, em todas as regiões e estados do país, em maior ou menor medida, a vitimização juvenil é um fato grave e preocupante. Em todas as regiões, os homicídios juvenis mais que duplicam as taxas de homicídio do resto da população. Nos estados, o panorama não é menos preocupante. Na unidade com menor vitimização juvenil em 2010, Rondônia, morrem 50% mais os jovens que os não jovens. Em vários estados, os homicídios jovens triplicam ou mais os homicídios não-jovens: Amapá, Alagoas, Bahia, Espírito Santo e Distrito Federal, são indicativos da complexidade e profundidade dos problemas que enfrentam com a sua juventude.



Tabela 2.5.2. Número de homicídios jovens (15 a 24 anos) por UF e Região. Brasil, 2000/2010\*.

UF/REGIÃO	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010*	Δ%
ACRE	50	50	68	56	51	42	61	37	44	48	47	-38.6
AMAPÁ	81	90	94	104	91	95	90	86	94	74	116	11.7
AMAZONAS	249	201	218	255	211	245	299	290	319	348	418	-26.5
PARÁ	289	361	423	521	546	733	746	830	1086	1161	1313	0.3
RONDÔNIA	139	150	174	151	184	158	163	134	137	157	145	0.8
RORAIMA	53	40	51	33	33	22	35	35	15	36	37	-66
TOCANTINS	62	60	57	61	65	57	78	61	83	76	101	41.7
NORTE	923	952	1085	1181	1181	1352	1472	1473	1778	1900	2177	-4.1
ALAGOAS	279	336	386	431	456	491	694	763	772	760	907	78.7
BAHIA	464	591	685	874	854	1107	1291	1405	2004	2369	2215	43.2
CEARÁ	432	442	480	495	551	614	647	735	776	835	963	21.5
MARANHÃO	133	208	194	259	252	322	337	394	455	496	498	44
PARAÍBA	212	198	231	216	232	271	296	318	368	485	551	19.5
PERNAMBUCO	1,745	1,938	1,759	1,808	1,743	1,810	1,807	1,832	1,776	1,554	1,334	7.2
PIAUI	89	94	126	113	134	147	168	126	125	148	126	-20.8
RIO GRANDE DO NORTE	76	99	99	137	116	165	147	211	281	309	275	-1.7
SERGIPE	152	195	212	180	147	156	219	188	185	207	216	21.2
NORDESTE	3582	4101	4172	4513	4485	5083	5606	5972	6742	7163	7085	15.3
ESPÍRITO SANTO	533	558	681	639	645	645	671	684	754	809	729	31.7
MINAS GERAIS	776	872	1120	1550	1743	1715	1635	1607	1477	1405	1326	56.6
RIO DE JANEIRO	2,817	2,746	3,184	2,983	2,812	2,704	2,652	2,310	1,933	1,661	1,403	15.3
SÃO PAULO	6,430	6,242	5,991	5,707	4,295	3,036	2,621	1,846	1,747	1,646	1,501	-24.6
SUDESTE	10556	10418	10976	10879	9495	8100	7579	6447	5911	5521	4959	1.9
PARANÁ	615	690	849	947	1144	1202	1204	1261	1388	1426	1325	62.9
RIO GRANDE DO SUL	533	604	664	626	716	697	641	751	737	683	619	7.2
SANTA CATARINA	105	139	177	218	201	220	230	229	276	271	261	55.5
SUL	1253	1433	1690	1791	2061	2119	2075	2241	2401	2380	2205	39.1
DISTRITO FEDERAL	341	369	356	407	374	331	303	342	366	411	356	10.2
GOIÁS	355	396	438	440	529	532	534	520	613	578	657	44.9
MATO GROSSO	278	289	280	276	252	269	298	249	267	307	294	18.9
MATO GROSSO DO SUL	213	177	210	244	222	208	206	231	243	250	190	36.9
CENTRO-OESTE	1187	1231	1284	1367	1377	1340	1341	1342	1489	1546	1497	26.3
BRASIL	17501	18135	19207	19731	18599	17994	18073	17475	18321	18510	17923	11.1

Fonte: SIM/SVS/MS; \* 2010: Dados Preliminares

**Tabela 2.5.3. Taxas de homicídio juvenil (15 a 24 anos) por UF e Região. Brasil, 2000/2010\*.**

UF/REGIÃO	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Δ%
ACRE	40.5	39.3	52.3	42.1	37.5	28.3	40.1	25.3	31.7	33.5	31.9	-21.2
AMAPÁ	75.8	80.6	81.2	86.8	73.4	71.3	65.2	63.2	72.5	54.5	81.8	7.9
AMAZONAS	39.8	31.2	33.1	37.9	30.6	34.1	40.6	40.7	46.0	49.8	59.3	49.0
PARÁ	21.3	26.0	29.9	36.2	37.3	48.0	47.9	54.3	71.3	75.9	85.5	300.9
RONDÔNIA	47.2	50.0	57.0	48.6	58.3	48.2	48.9	41.2	45.5	51.6	47.2	-0.1
RORAIMA	75.7	55.0	68.2	42.8	41.6	26.0	40.2	41.2	18.1	41.5	40.8	-46.1
TOCANTINS	24.9	23.5	21.9	22.9	24.0	20.1	26.9	21.6	31.7	28.5	37.2	49.7
NORTE	32.7	32.8	36.7	39.1	38.3	42.0	44.7	45.8	56.8	60.0	68.1	108.2
ALAGOAS	46.0	54.8	62.2	68.8	72.0	75.8	106.0	122.9	125.3	124.7	150.4	226.8
BAHIA	16.0	20.2	23.2	29.3	28.4	36.1	41.7	49.3	70.7	86.7	84.2	425.9
CEARÁ	28.7	28.9	31.0	31.5	34.6	37.4	38.9	43.1	45.5	49.5	57.7	100.8
MARANHÃO	10.6	16.3	15.0	19.8	19.1	23.7	24.5	28.6	33.6	36.8	37.2	251.1
PARAÍBA	29.8	27.6	32.0	29.7	31.7	36.4	39.5	43.2	49.8	67.4	78.8	164.5
PERNAMBUCO	105.7	116.1	104.4	106.3	101.5	103.2	101.9	108.8	106.1	94.0	81.8	-22.7
PIAUI	14.3	15.0	19.9	17.7	20.8	22.4	25.3	19.4	19.5	23.8	20.9	45.8
RIO GRANDE DO NORTE	13.4	17.2	16.9	23.1	19.4	26.8	23.6	34.0	46.0	50.7	45.3	239.3
SERGIPE	39.8	50.1	53.7	44.9	36.1	37.1	51.2	46.0	47.2	52.1	53.6	34.7
NORDESTE	35.1	39.7	40.0	42.8	42.1	46.6	50.8	56.1	63.8	69.0	69.5	98.0
ESPIRITO SANTO	83.9	86.3	103.7	95.9	95.4	92.3	94.4	103.9	120.0	129.1	116.7	39.0
MINAS GERAIS	21.8	24.2	30.7	42.0	46.7	44.8	42.2	44.5	41.6	40.1	38.4	75.8
RIO DE JANEIRO	107.7	103.7	118.9	110.2	102.8	96.6	93.6	91.1	76.9	65.3	54.5	-49.4
SÃO PAULO	89.6	85.6	81.0	76.0	56.4	38.7	32.9	25.7	25.3	23.8	21.6	-75.9
SUDESTE	75.5	73.4	76.3	74.7	64.4	53.4	49.3	46.1	43.5	40.6	36.5	-51.7
PARANÁ	33.8	37.4	45.5	50.1	59.9	61.4	60.7	66.2	73.3	76.6	72.4	114.4
RIO GRANDE DO SUL	29.2	32.7	35.6	33.3	37.7	35.9	32.6	39.7	40.4	38.3	35.4	21.2
SANTA CATARINA	10.4	13.5	16.9	20.5	18.6	19.8	20.3	20.8	25.4	24.7	23.5	127.0
SUL	26.9	30.3	35.4	37.0	42.1	42.2	40.8	45.7	50.0	50.2	47.0	74.9
DISTRITO FEDERAL	74.3	78.6	74.1	83.0	74.8	63.4	56.8	74.9	77.2	87.4	76.3	2.8
GOIÁS	34.6	37.8	41.0	40.4	47.7	46.1	45.4	48.1	57.7	53.7	60.4	74.4
MATO GROSSO	53.2	54.0	51.4	49.8	44.7	45.9	49.8	43.9	47.0	54.0	51.5	-3.0
MATO GROSSO DO SUL	51.6	42.2	49.4	56.6	50.8	46.2	45.1	52.4	55.9	56.8	42.6	-17.5
CENTRO-OESTE	49.1	49.8	51.0	53.3	52.8	49.4	48.5	52.7	58.6	60.5	58.2	18.7
BRASIL	51.4	52.4	54.8	55.5	51.7	48.6	48.1	49.5	52.9	53.8	52.4	1.9

Fonte: SIM/SVS/MS; \* 2010: Dados Preliminares

Tabela 2.5.4. Taxas de homicídio juvenil por UF e Região. Brasil, 2000/2010\*.

UF/REGIÃO	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Δ%
ACRE	203.2	144.2	188.1	149.2	180.2	77.9	128.1	47.1	92.4	81.7	92.8	-54.3
AMAPÁ	279.2	231.7	274.3	318.9	284.4	225.8	175.9	271.9	199.8	135.6	201.8	-27.7
AMAZONAS	182.9	149.5	159.5	191.6	136.7	142.8	162.8	159.1	139.9	138.3	154.1	-15.7
PARÁ	99.5	116.9	97.8	115.7	99.6	119.2	100.6	126.1	131.9	144.8	138.2	38.9
RONDÔNIA	56.8	33.3	48.6	36.5	79.5	47.8	41.0	73.2	58.2	66.7	49.5	-12.8
RORAIMA	156.9	117.0	164.9	64.3	139.9	11.0	69.5	67.8	-33.6	76.8	70.9	-54.8
TOCANTINS	93.1	33.8	68.3	34.8	68.1	41.8	77.9	42.3	117.0	46.2	97.3	4.5
NORTE	123.1	101.3	108.9	112.9	110.3	105.8	102.4	120.4	121.6	125.0	129.9	5.5
ALAGOAS	129.2	145.7	134.1	158.4	188.5	149.4	175.0	181.5	182.3	181.9	221.7	71.6
BAHIA	114.5	109.8	128.7	139.2	113.6	125.9	127.5	150.9	199.0	231.6	211.8	85.0
CEARÁ	113.6	103.4	96.3	83.0	111.6	124.1	122.1	138.0	144.7	151.1	152.2	34.0
MARANHÃO	120.7	121.9	77.7	80.1	98.5	93.7	100.3	100.0	111.0	110.5	98.7	-18.2
PARAÍBA	165.0	160.2	135.0	105.1	108.3	121.5	116.9	131.8	129.1	161.1	167.6	1.5
PERNAMBUCO	161.9	166.7	150.0	153.9	172.3	175.1	156.7	175.5	182.2	178.7	182.0	12.4
PIAUÍ	119.5	81.7	138.3	99.0	124.8	119.7	123.1	67.1	84.1	137.4	74.5	-37.7
RIO GRANDE DO NORTE	68.5	77.0	90.1	95.3	99.0	163.2	88.1	118.6	161.2	166.1	156.8	129.0
SERGIPE	111.5	112.5	131.1	125.7	70.4	70.6	113.0	121.3	95.1	87.0	88.8	-20.3
NORDESTE	134.0	133.5	126.6	126.4	133.7	137.3	134.6	146.3	163.0	175.0	171.5	28.0
ESPIRITO SANTO	125.7	136.7	175.6	147.5	153.8	161.8	135.8	147.6	183.9	210.8	226.8	80.5
MINAS GERAIS	144.6	139.0	143.3	175.1	181.3	177.2	161.4	187.4	183.2	181.8	180.3	24.6
RIO DE JANEIRO	180.5	168.2	178.8	176.2	176.1	176.6	166.6	200.3	196.7	156.2	162.2	-10.1
SÃO PAULO	190.8	173.2	193.0	189.5	158.0	121.6	96.3	101.7	97.5	73.8	74.9	-60.8
SUDESTE	177.2	163.9	178.6	178.3	164.6	149.8	131.8	154.0	153.5	133.7	137.0	-22.7
PARANÁ	127.2	117.4	161.9	154.8	190.9	186.4	169.8	208.1	208.8	192.2	175.6	38.0
RIO GRANDE DO SUL	116.7	122.7	145.2	125.3	163.1	142.2	121.8	156.0	123.9	122.4	119.9	2.8
SANTA CATARINA	41.3	85.2	91.6	114.1	99.2	137.1	130.3	154.9	145.9	135.6	121.9	194.9
SUL	111.7	115.8	145.9	138.9	169.8	165.5	149.4	182.8	169.6	162.0	151.3	35.4
DISTRITO FEDERAL	175.5	215.8	218.1	214.2	194.0	177.2	125.4	213.1	217.4	208.1	206.3	17.5
GOIÁS	110.1	117.6	102.9	108.2	128.2	137.7	135.8	152.4	141.7	114.7	167.8	52.4
MATO GROSSO	46.7	57.0	55.2	60.0	55.0	59.4	87.4	59.8	66.6	89.3	89.9	92.5
MATO GROSSO DO SUL	99.5	61.6	75.0	111.6	109.1	99.6	75.9	111.6	137.5	132.3	93.1	-6.4
CENTRO-OESTE	102.4	108.3	104.3	117.9	119.8	117.8	110.9	132.1	136.1	130.1	143.8	40.4
BRASIL	150.2	142.2	150.7	150.7	148.4	141.7	131.1	152.1	157.8	154.3	156.0	3.9

Fonte: SIM/SVS/MS; \* 2010: Dados Preliminares

Esses elevados níveis de vitimização juvenil constituem um fato relativamente recente, mas não se originaram na última década. As características da mortalidade juvenil não permaneceram congeladas ao longo do tempo, mas mudaram radicalmente sua configuração a partir do que poderíamos denominar “*novos padrões da mortalidade juvenil*”. Estudos históricos realizados em São Paulo e Rio de Janeiro (Vermelho e Mello Jorge<sup>33</sup>) mostram que as epidemias e doenças infecciosas, que eram as principais causas de morte entre os jovens há cinco ou seis décadas, foram progressivamente substituídas pelas denominadas “causas externas” de mortalidade, principalmente acidentes de trânsito e homicídios. Os dados do SIM permitem verificar essa significativa mudança.

Em 1980, as “causas externas” já eram responsáveis por aproximadamente a metade (52,9%) do total de mortes dos jovens do país. Trinta anos depois, em 2010, quase 3/4 da mortalidade juvenil – 73,2% – deve-se a causas externas (ou também, causas violentas, como costumam ser denominadas). E o principal responsável por essas taxas são os homicídios, como vemos na tabela 2.5.5., os quais foram responsáveis por 38,6% de todas as mortes de jovens no ano 2010.

Se essa é a média nacional, existe uma enorme heterogeneidade quando descemos para as grandes regiões, e mais ainda quando apreciamos os dados dos estados.

Efetivamente, na mortalidade por causas externas entre os jovens, os extremos vão de 53,4% das mortes no Acre até 82,1% em Alagoas e no Espírito Santo, seguidos de perto por Paraná, com 81,2% das mortes de jovens atribuíveis a causas externas.

Já na participação dos homicídios a heterogeneidade é ainda maior. No Piauí, só 16,6% da mortalidade juvenil teve um homicídio como causa. Por outro lado, são vários os estados onde acima da metade dos óbitos juvenis foram causados por homicídio: Pará, Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Espírito Santo e Distrito Federal.

O significado desses números pode ser melhor apreendido se os comparamos com o da população não-jovem:

- Quando 73,2% dos jovens brasileiros morrem por causas externas, entre os não-jovens essa proporção nem alcança o 10%.
- Quando 38,6% dos jovens morrem por homicídios no país, entre os não-jovens essa proporção é de 2,9%.

---

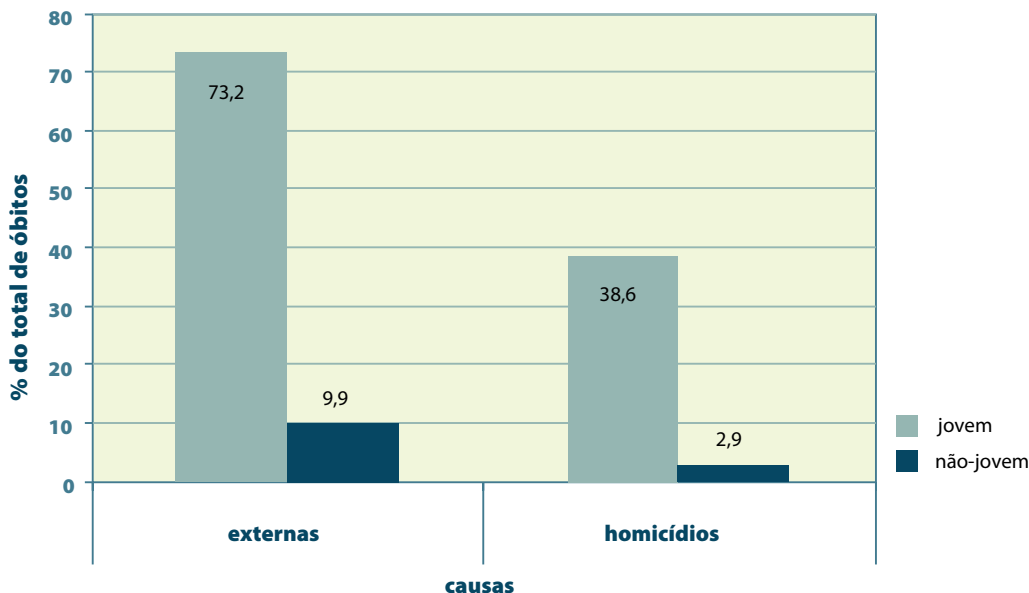
33. VERMELHO, L. L.; MELLO JORGE, M. H. P. *Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (a transição epidemiológica para a violência)*. Revista de Saúde Pública. 30 (4). 1996. Apud: MELLO JORGE, M. H. P. *Como morrem nossos jovens*. In: CNPD. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília, 1998.

Tabela 2.5.5. Participação das Causas Externas e dos Homicídios no total de óbitos juvenis. Brasil, 2010\*

UF/REGIÃO	TOTAL ÓBITOS	CAUSAS EXTERNAS		HOMICÍDIOS	
		N	% DO TOTAL	N	% DO TOTAL
ACRE	178	95	53,4	47	26,4
AMAPÁ	242	174	71,9	116	47,9
AMAZONAS	941	649	69,0	418	44,4
PARÁ	2584	1870	72,4	1313	50,8
RONDÔNIA	462	329	71,2	145	31,4
RORAIMA	125	90	72,0	37	29,6
TOCANTINS	350	257	73,4	101	28,9
<b>NORTE</b>	<b>4882</b>	<b>3464</b>	<b>71,0</b>	<b>2177</b>	<b>44,6</b>
ALAGOAS	1426	1171	82,1	907	63,6
BAHIA	4445	3481	78,3	2215	49,8
CEARÁ	2358	1803	76,5	963	40,8
MARANHÃO	1446	961	66,5	498	34,4
PARAÍBA	1097	825	75,2	551	50,2
PERNAMBUCO	2661	2042	76,7	1334	50,1
PIAUI	759	490	64,6	126	16,6
RIO GRANDE DO NORTE	669	523	78,2	275	41,1
SERGIPE	547	411	75,1	216	39,5
<b>NORDESTE</b>	<b>15408</b>	<b>11707</b>	<b>76,0</b>	<b>7085</b>	<b>46,0</b>
ESPÍRITO SANTO	1265	1039	82,1	729	57,6
MINAS GERAIS	4001	2799	70,0	1326	33,1
RIO DE JANEIRO	4012	2875	71,7	1403	35,0
SÃO PAULO	6870	4399	64,0	1501	21,8
<b>SUDESTE</b>	<b>16148</b>	<b>11112</b>	<b>68,8</b>	<b>4959</b>	<b>30,7</b>
PARANÁ	2996	2434	81,2	1325	44,2
RIO GRANDE DO SUL	2029	1463	72,1	619	30,5
SANTA CATARINA	1195	890	74,5	261	21,8
<b>SUL</b>	<b>6220</b>	<b>4787</b>	<b>77,0</b>	<b>2205</b>	<b>35,5</b>
DISTRITO FEDERAL	708	535	75,6	356	50,3
GOIÁS	1517	1183	78,0	657	43,3
MATO GROSSO	854	660	77,3	294	34,4
MATO GROSSO DO SUL	651	506	77,7	190	29,2
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>3730</b>	<b>2884</b>	<b>77,3</b>	<b>1497</b>	<b>40,1</b>
<b>BRASIL</b>	<b>46388</b>	<b>33954</b>	<b>73,2</b>	<b>17923</b>	<b>38,6</b>
<b>POPULAÇÃO NÃO-JOVEM</b>	<b>1086073</b>	<b>107273</b>	<b>9,9</b>	<b>32009</b>	<b>2,9</b>

Fonte: SIM/SVS/MS; \* 2010: Dados Preliminares

Gráfico 2.5.2. Participação (%) das causas de mortalidade jovem e não-jovem. Brasil, 2010\*.



Fonte: SIM/SVS/MS; \* 2010: Dados Preliminares.

Uma evidência mais acurada da estruturação histórica da violência homicida e seu significado para nossa juventude pode ser obtida comparando a evolução diferenciada das taxas de homicídios da população jovem e da não jovem ao longo do tempo, desde que contamos com estatísticas de mortalidade desagregadas, como é detalhado na tabela 2.5.6.

Teríamos que a taxa de homicídios entre os jovens passou de 17,2 (em 100 mil jovens), em 1980, para 52,4 no ano de 2010, um crescimento de 204% ao longo desses 30 anos. Já a taxa na população não-jovem evoluiu com um ritmo bem menor ao longo dos 30 anos considerados, passou de 10,2 para 20,5 homicídios em 100 mil, o que representa um aumento de 100%. Todo esse crescimento das taxas não-jovens consumou-se entre 1980 e 1996; a partir desse ano, as taxas permanecem praticamente constantes, o crescimento aqui foi só de 0,2%. No entanto, as taxas juvenis aumentam neste período 23,4%.

Já a partir de 2003, depois de quedas concomitantes, às políticas de desarmamento do período, as taxas entram em uma fase de equilíbrio instável, aumentando ou diminuindo de um ano para o outro.

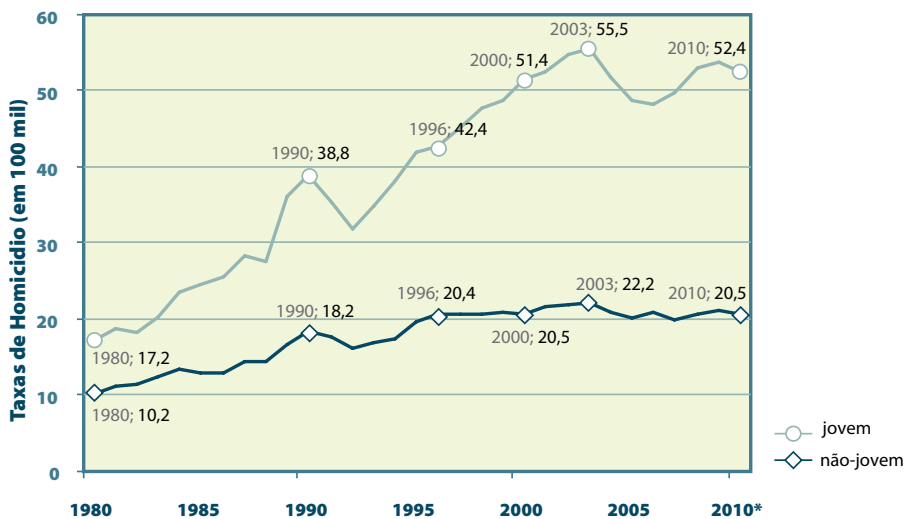
Esses dados evidenciam que os avanços da violência homicida no Brasil das últimas décadas tiveram como motor a morte de jovens.

Tabela 2.5.6. Taxas de homicídio (em 100 mil) jovem, não-jovem e vitimização. Brasil, 1980/2010\*

Ano	TAXAS		VITIMIZAÇÃO (%)
	JOVEM	NÃO-JOVEM	
1980	17.2	10.2	69.1
1981	18.5	11.0	67.8
1982	18.0	11.1	61.4
1983	19.9	12.2	63.9
1984	23.3	13.3	75.7
1985	24.3	12.6	92.2
1986	25.4	12.7	100.1
1987	28.0	14.1	98.9
1988	27.5	14.1	94.5
1989	35.9	16.5	117.8
1990	38.8	18.2	113.6
1991	35.1	17.4	102.2
1992	31.6	16.1	96.6
1993	34.6	16.7	106.9
1994	38.0	17.2	121.1
1995	41.7	19.5	113.3
1996	42.4	20.4	107.9
1997	45.1	20.5	120.3
1998	47.7	20.6	132.0
1999	48.5	20.7	135.0
2000	51.4	20.5	150.2
2001	52.4	21.6	142.2
2002	54.8	21.8	150.7
2003	55.5	22.2	150.7
2004	51.7	20.8	148.4
2005	48.6	20.1	141.7
2006	48.1	20.8	131.1
2007	49.5	19.6	152.1
2008	52.9	20.5	157.8
2009	53.8	21.1	154.3
2010*	52.4	20.5	156.0

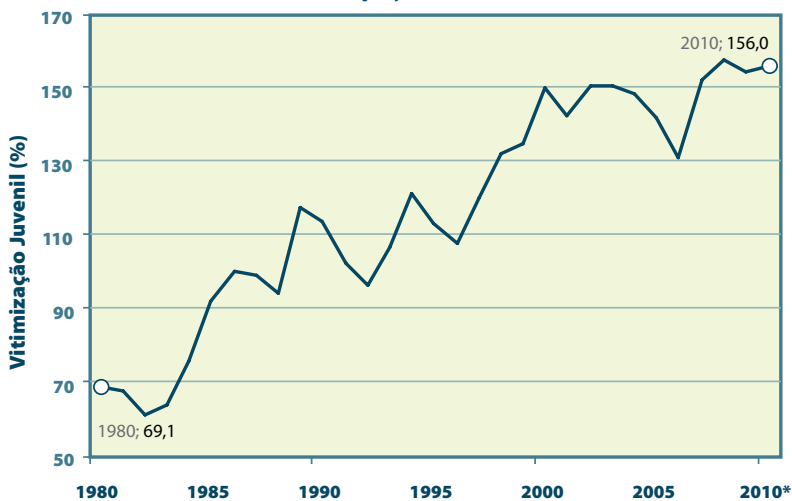
Fonte: SIM/SVS/MS; \* 2010: Dados Preliminares

Gráfico.2.5.3. Taxas de homicídio (em 100 mil) jovem e não-jovem. Brasil. 1980/2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS; \* 2010: Dados Preliminares

Gráfico.2.5.4. Vitimização juvenil (%). Brasil, 1980/2010\*.



Fonte: SIM/SVS/MS; \* 2010: Dados Preliminares

Essas situações, que nos remetem a complexos problemas determinantes da eclosão da violência juvenil no país, aparecem, tanto na mídia como em boa parte da bibliografia, como uma constante de nossa modernidade, consequência quase natural de um fenômeno denominado “juventude”, como se o termo juventude estivesse inexorável e indissolúvelmente associado à violência. Assim, violência juvenil começa a aparecer como uma categoria autoexplicativa quase universal e natural de nossa cultura globalizada quando em realidade é um fenômeno que ainda precisa ser explicado.





### 3. CONSOLIDAÇÃO DOS DADOS DA VIOLÊNCIA HOMICIDA POR UNIDADE FEDERADA

**J**ulgamos que seria de grande utilidade consolidar as informações disponíveis para cada Unidade Federada. Como já indicamos na introdução, não se pretende aqui realizar um diagnóstico da situação e evolução dos homicídios em cada local. Procura-se elencar um conjunto de informações que possibilitem a elaboração desse diagnóstico, seja por parte das autoridades, seja pela sociedade civil, ou de forma conjunta.

Com essa finalidade são detalhados dados dos 30 anos disponíveis – 1980/2010 – ou, para maior aprofundamento, da última década -2000/2010 – mediante tabelas, gráficos e mapas georeferenciados. Um último esclarecimento referente aos cortes utilizados nos mapas:

0,0: Municípios sem registro de homicídio no ano de referência.

0,0 -| 10,0: Municípios que registram homicídios, mas por embaixo do nível epidêmico.

10,0 -| 26,0: Municípios acima do nível epidêmico, mas ainda embaixo da média nacional.

26,0 e +: Municípios acima da média nacional.



## ACRE

A evolução do Acre registra grandes flutuações determinadas, em sua maior parte, pelas fortes oscilações em sua capital que, segundo o ano, concentra entre 60 e 91% do total de homicídios do estado. Por esse motivo, delimitaremos só duas grandes etapas. A primeira, com taxas estaduais ascendentes e a segunda, descendentes.

**Primeiro período: 1980/2002.** A taxa estadual, com as fortes oscilações acima indicadas, acompanha de perto as taxas do país, iniciando e finalizando o período levemente embaixo das nacionais. O crescimento das taxas do interior é bem semelhante ao da capital – Acre não possui região metropolitana – mas ainda assim, com índices muito por baixo dos da capital<sup>1</sup>.

**Segundo período: 2002/2010\*.** As taxas do estado declinam, impulsionadas pelas significativas quedas de Rio Branco. Como o interior continua a crescer com o mesmo ritmo elevado do período anterior, origina-se uma reaproximação das taxas da capital e do interior, mas ainda com taxas bem mais elevadas na capital do estado.

Tabela AC1. Taxas de Homicídio por Área. Acre. 1980/2010\*

ANO	BRASIL				ANO	BRASIL			
		UF	CAPITAL + RM	INTERIOR			UF	CAPITAL + RM	INTERIOR
1980	11,7	8,3	16,2	3,3	1996	24,8	21,1	35,8	7,9
1981	12,6	8,7	16,2	3,7	1997	25,4	20,0	36,6	4,6
1982	12,6	12,8	22,9	5,8	1998	25,9	21,2	38,4	4,9
1983	13,8	9,6	20,2	2,1	1999	25,9	21,2	38,4	4,9
1984	15,3	10,5	20,5	3,0	2000	26,7	19,4	36,4	5,3
1985	15,0	14,4	26,7	5,0	2001	27,8	21,2	39,0	6,4
1986	15,3	17,0	23,0	12,3	2002	28,5	25,7	44,8	9,7
1987	16,9	25,8	49,9	6,3	2003	28,9	22,5	37,9	9,5
1988	16,8	19,7	35,9	6,2	2004	27,0	18,7	30,9	8,4
1989	20,3	24,0	47,6	3,7	2005	25,8	18,7	23,9	14,3
1990	22,2	15,8	28,5	4,6	2006	26,3	22,6	36,3	11,0
1991	20,8	25,1	46,6	5,9	2007	25,2	18,9	30,1	9,4
1992	19,1	24,7	50,6	3,8	2008	26,4	19,6	28,9	12,1
1993	20,2	26,1	52,6	4,6	2009	27,0	21,5	31,7	13,1
1994	21,2	19,7	38,0	4,9	2010*	26,2	19,6	25,9	14,3
1995	23,8	22,6	39,2	9,2					

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

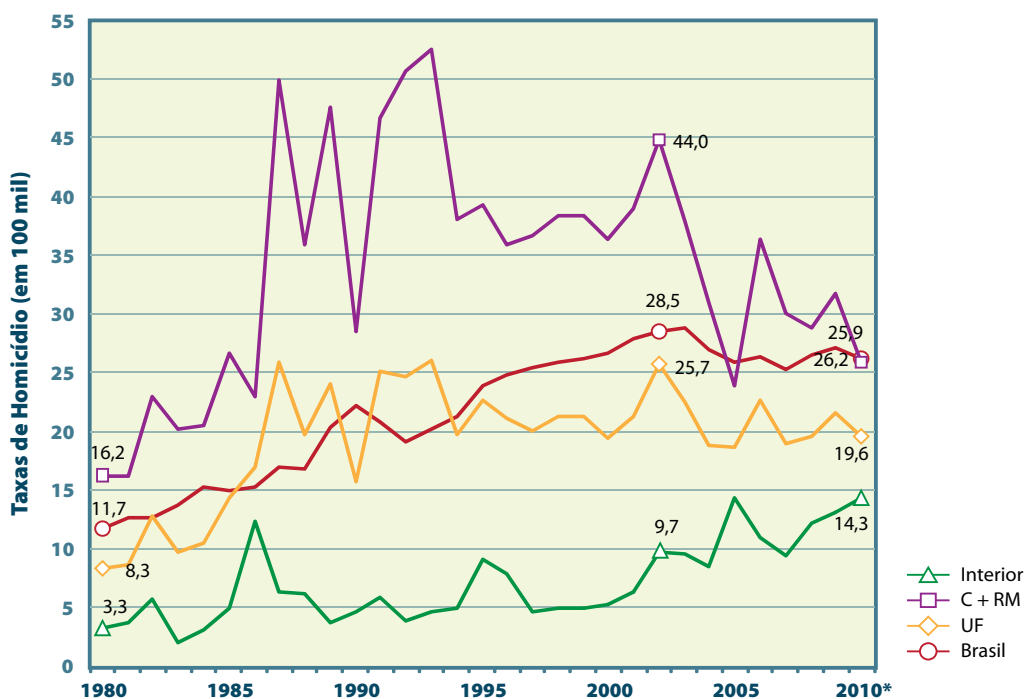
1. Por problemas técnicos nos dados de 1999, foram repetidos os de 1998

Tabela AC2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Acre. 1980/2010\*

ÁREA	1980-2002		2002-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	143,5	4,1	-8,0	-1,0
UF	210,0	5,3	-23,7	-3,3
CAPITAL+RM	176,2	4,7	-42,2	-6,6
INTERIOR	198,1	5,1	47,6	5,0

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Gráfico AC1. Taxas de Homicídio por Área. Acre. 1980/2010\*

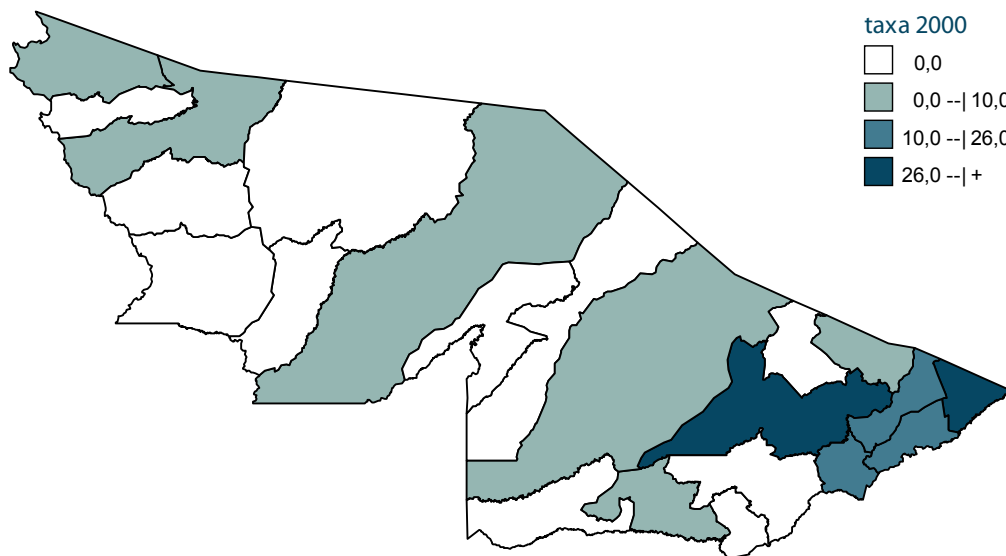


Fonte: SIM/SVS/MS. 1999: dados repetidos de 1998. \*2010: Dados Preliminares

Os mapas, a tabela e o gráfico a seguir detalham a situação das taxas do Acre nos anos 2000 e 2010\*. Observamos:

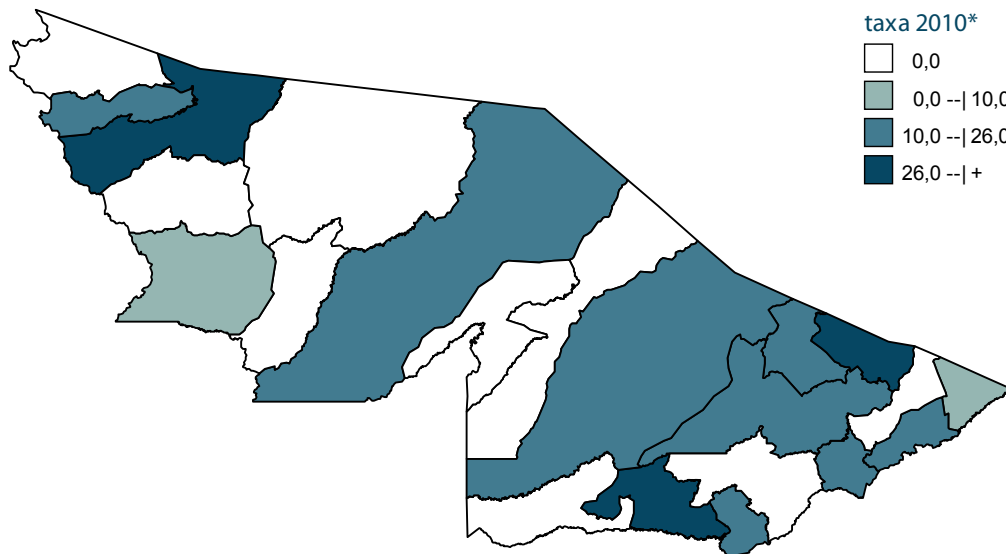
- Cai de 11 para 9 o número de municípios sem registro de homicídios.
- Mudam os municípios com taxas acima da média nacional. Em 2000 encontravam-se nessa situação Rio Branco e Acrelândia. Ambas as taxas caem. Em compensação, ingressam nessa categoria Cruzeiro do Sul, segundo município em população, Brasiléia e Porto Acre.

Mapa AC1. Acre. 2000



Fonte: SIM/SVS/MS

Mapa AC2. Acre. 2010\*



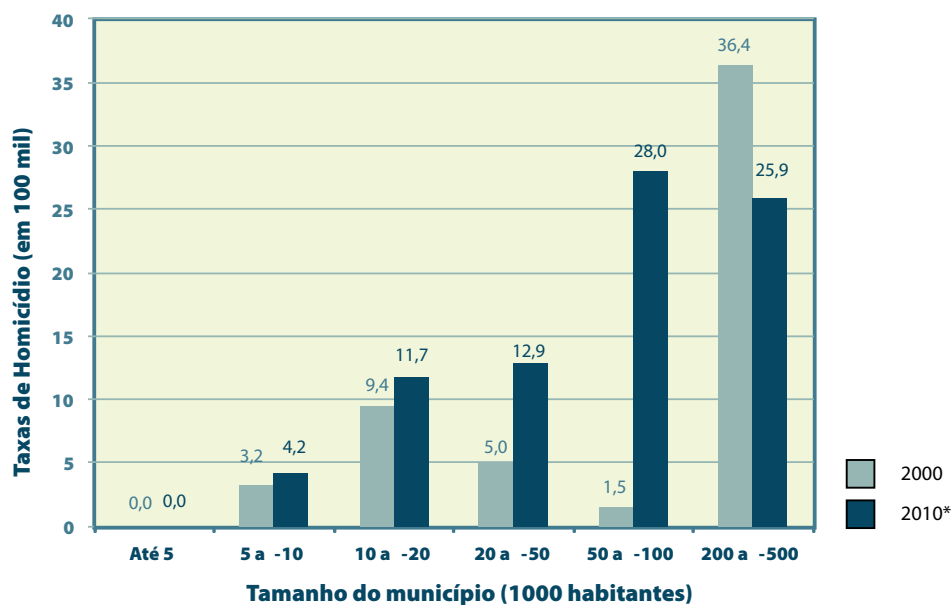
Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Tabela AC3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Acre: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	0	0,0	0,0	0	0,0	0,0	0,0	1
DE 5 A -10 MIL	1	3,2	0,9	2	4,2	1,4	31,0	6
DE 10 A -20 MIL	8	9,4	7,4	14	11,7	9,7	24,3	8
DE 20 A -50 MIL	6	5,0	5,6	19	12,9	13,2	155,2	5
DE 50 A -100 MIL	1	1,5	0,9	22	28,0	15,3	1789,9	1
DE 200 A -500 MIL	92	36,4	85,2	87	25,9	60,4	-28,8	1
<b>TOTAL</b>	<b>108</b>	<b>19,4</b>	<b>100,0</b>	<b>144</b>	<b>19,6</b>	<b>100,0</b>	<b>1,3</b>	<b>22</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico AC2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Acre: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

## ALAGOAS

Podemos ver, pelas tabelas e gráfico a seguir, dois períodos marcadamente diferenciados na evolução da violência no estado.

**Primeiro período: 1980/1999.** Durante quase duas décadas as taxas de homicídio de Alagoas acompanharam bem de perto as nacionais. Levemente acima na maior parte do tempo, mas sempre perto. No ano inicial da série: 1980, as taxas do estado eram ligeiramente superiores às do país – 14,3 no estado para 11,7 homicídios em 100 mil habitantes no âmbito nacional. Até 1989 as taxas do estado crescem rapidamente para depois cair, e nos anos finais desse primeiro período, as taxas do estado caem por baixo das nacionais.

Tabela AL1. Taxas de Homicídio por Área. Alagoas. 1980/2010\*

ANO	BRASIL	UF	CAPITAL + RM	INTERIOR
1980	11,7	14,3	27,2	9,7
1981	12,6	19,2	35,8	13,2
1982	12,6	20,7	31,4	16,7
1983	13,8	26,3	39,8	21,1
1984	15,3	25,0	37,6	20,0
1985	15,0	23,3	37,5	17,5
1986	15,3	24,8	39,4	18,7
1987	16,9	23,0	41,4	15,3
1988	16,8	30,5	53,7	20,5
1989	20,3	33,6	60,8	21,7
1990	22,2	29,2	50,6	19,7
1991	20,8	26,8	42,6	19,7
1992	19,1	23,3	38,8	16,1
1993	20,2	23,8	40,7	15,8
1994	21,2	23,3	38,1	16,3
1995	23,8	27,2	44,9	18,9

ANO	BRASIL	UF	CAPITAL + RM	INTERIOR
1996	24,8	28,1	45,2	19,3
1997	25,4	24,1	36,0	17,8
1998	25,9	21,8	31,1	16,7
1999	26,2	20,3	28,2	16,0
2000	26,7	25,6	39,3	18,3
2001	27,8	29,3	52,8	16,3
2002	28,5	34,3	57,2	21,5
2003	28,9	35,7	56,6	23,9
2004	27,0	35,1	59,3	21,3
2005	25,8	40,2	63,0	26,7
2006	26,3	53,0	88,8	31,7
2007	25,2	59,6	91,4	40,4
2008	26,4	60,3	99,6	37,6
2009	27,0	59,9	87,9	43,6
2010*	26,2	66,8	100,7	46,8

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

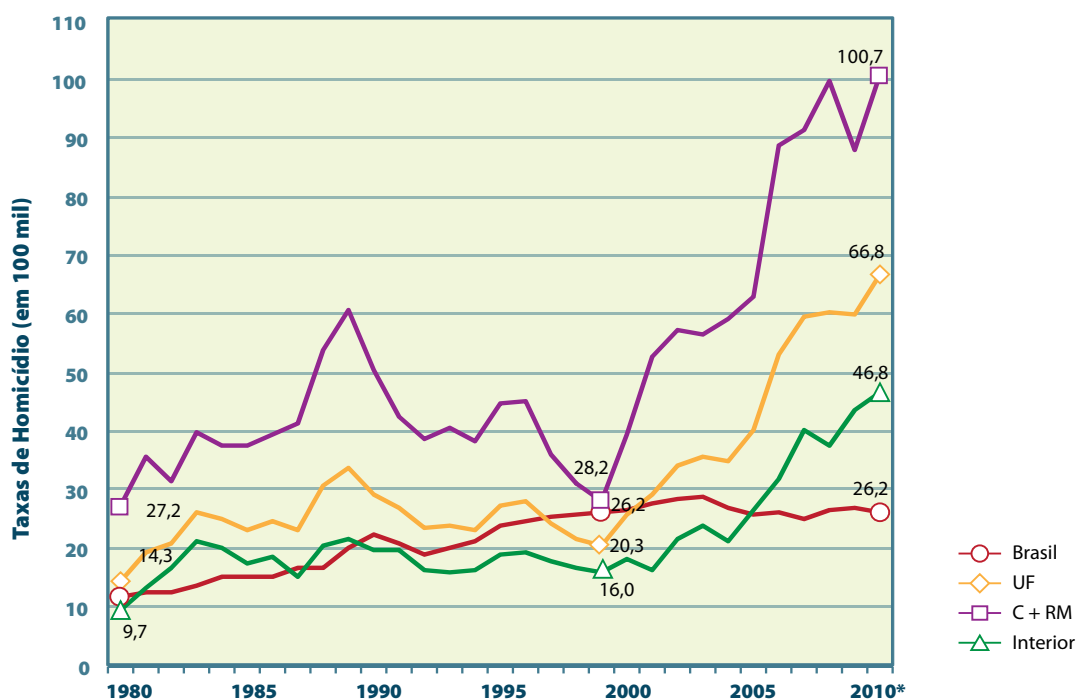


Tabela AL2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Alagoas. 1980/2010\*

ÁREA	1980-1999		1999-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	124,0	4,3	0,0	0,0
UF	42,6	1,9	228,3	11,4
CAPITAL+RM	3,7	0,2	257,2	12,3
INTERIOR	65,6	2,7	192,7	10,3

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Gráfico AL1. Taxas de Homicídio por Área. Alagoas. 1980/2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Para 1999 o estado apresenta uma taxa de 20,3 homicídios em 100 mil habitantes, quando o país tem uma taxa de 26,2. Vemos que nesse primeiro período:

- Primeiro aumentando e depois caindo, as taxas nos extremos da série têm um crescimento relativamente baixo: passam de 14,3 para 20,3 homicídios em 100 mil habitantes. Crescimento de 1,9% ao ano.

- Se a taxa da região metropolitana (RM) de Maceió cresce rapidamente nos primeiros anos (em 1989 chega a 60,8 homicídios em 100 mil) também cai rapidamente para voltar a um patamar quase idêntico ao inicial. O crescimento foi praticamente nulo: 0,2% ao ano.
- Já a taxa do interior, neste primeiro período, passa de 9,7 para 16 homicídios em 100 mil habitantes, o que representa um aumento de 65,6% nas taxas, ou 2,7% ao ano.

**Segundo período: 1999/2010\***. As taxas do estado apresentam um acelerado e contínuo crescimento:

- No país, as taxas nos anos extremos permanecem inalteradas: 26,2 homicídios em 100 mil, mas em Alagoas crescem 228,3%, mais que triplicando.
- Se em 1999 a taxa do estado era de 20,3 homicídios em 100 mil, embaixo da média nacional, ocupando a 11ª posição, poucos anos depois, em 2006, já passa a ocupar o primeiro lugar.
- Como pode ser visto nas tabelas e gráficos, neste segundo período contribuíram para o crescimento da violência, tanto a RM de Maceió quanto os municípios do interior, ambas com índices muito pesados: 12,3 e 10,3% ao ano, respectivamente.
- Esse elevado crescimento fez com que 11 municípios de Alagoas sejam encontrados, atualmente, entre as 100 maiores taxas do país: 5 pertencentes à RM de Maceió: Maceió, Marechal Deodoro, Messias, Pilar e Rio Largo; e 6 do Interior: Arapiraca, Joaquim Gomes, São Miguel dos Campos, São Sebastião, Teotônio Vilela e União dos Palmares, todos com taxas de 60 ou mais homicídios em 100 mil habitantes.

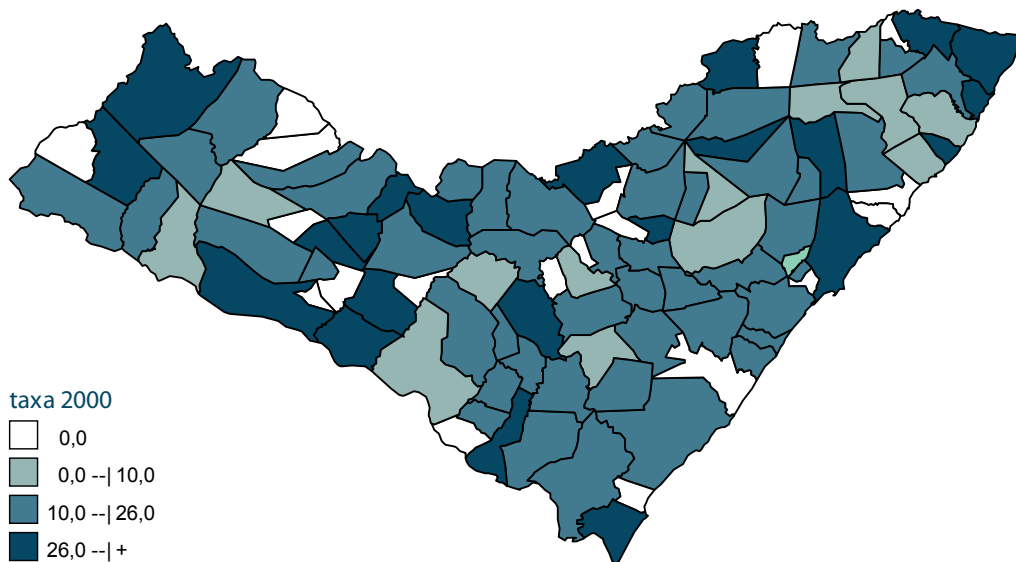
Os mapas e dados a seguir especificam melhor a evolução do último período, tomando como base a última década de dados disponíveis: 2000/2010\*.

Vemos, pelos mapas, como muda radicalmente a situação do estado, com níveis de violência acima da média nacional em grande parte de seu território. Em 2010 vão ser 67 dos 102 municípios do estado com taxas acima de 26 homicídios para cada 100 mil habitantes.

Podemos verificar, pela tabela AL3 e o gráfico AL2, que as taxas crescem de forma muito intensa em todas as faixas de população dos municípios.

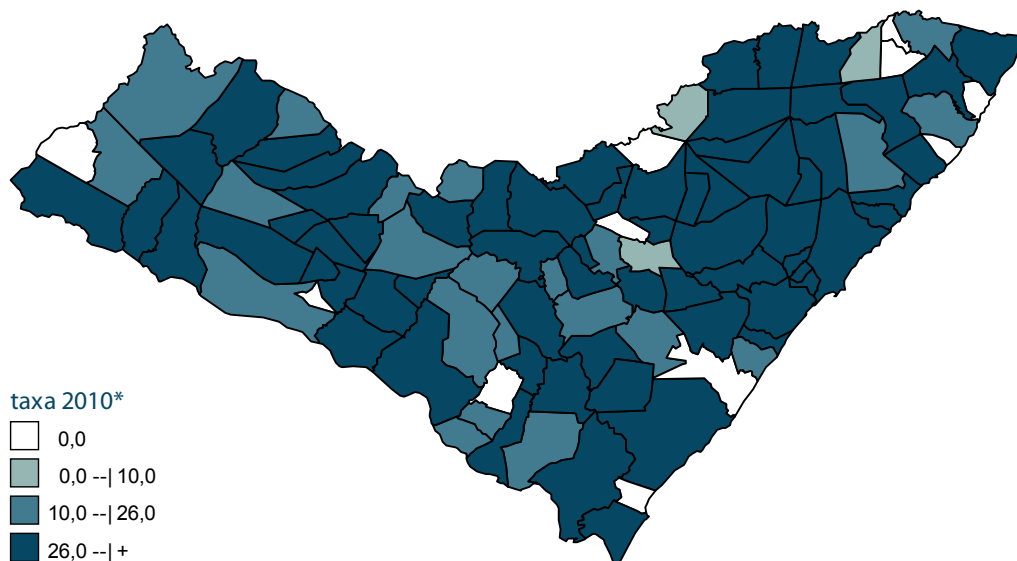
- A capital, Maceió, continua a concentrar praticamente a metade dos homicídios do estado, com uma taxa pouco vista no histórico dos 30 anos nas capitais brasileiras: 109,9 homicídios em 100 mil habitantes.
- Mas também o segundo município em ordem de tamanho: Arapiraca, fora inclusive de sua região metropolitana, não fica muito atrás: 104,2 homicídios em 100 mil habitantes, quando no ano 2000 tinha 31,1.

Mapa AL1. Alagoas, 2000.



Fonte: SIM/SVS/MS

Mapa AL2. Alagoas, 2010\*



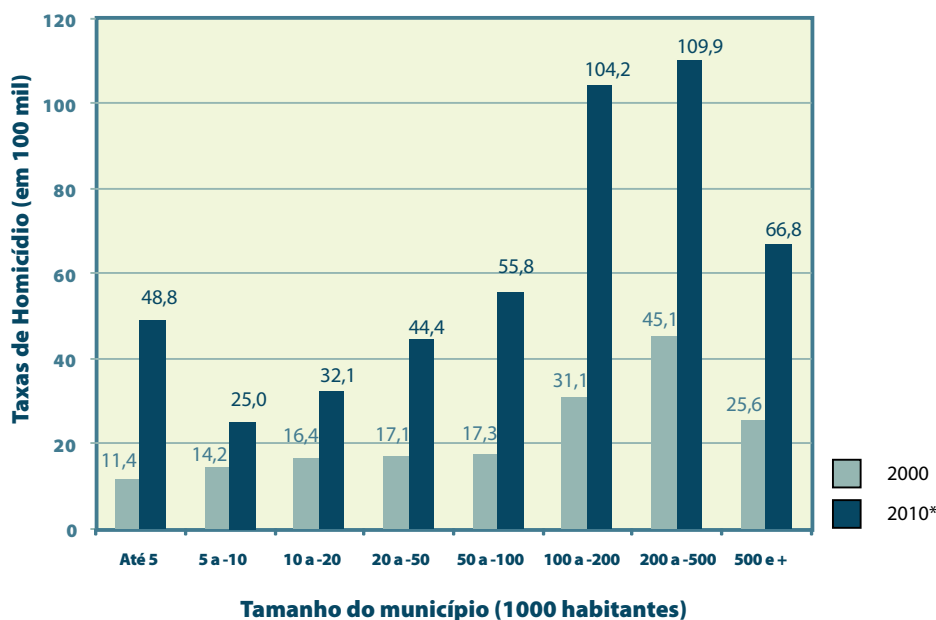
Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Tabela AL3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Alagoas: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	3	11,4	0,4	12	48,8	0,6	327,9	6
DE 5 A -10 MIL	21	14,2	2,9	38	25,0	1,8	76,1	22
DE 10 A -20 MIL	75	16,4	10,4	156	32,1	7,5	96,0	34
DE 20 A -50 MIL	140	17,1	19,3	396	44,4	19,0	159,6	31
DE 50 A -100 MIL	67	17,3	9,3	234	55,8	11,2	222,9	7
DE 200 A -500 MIL	58	31,1	8,0	223	104,2	10,7	235,0	1
500 MIL E MAIS.	360	45,1	49,7	1025	109,9	49,2	143,5	1
<b>TOTAL</b>	<b>724</b>	<b>25,6</b>	<b>100,0</b>	<b>2084</b>	<b>66,8</b>	<b>100,0</b>	<b>160,4</b>	<b>102</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico AL2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Alagoas: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares



## AMAPÁ

Os dados históricos do Amapá apresentam fortes flutuações de um ano para outro, o que dificulta a interpretação das tendências e sua periodização. Por esse motivo foi utilizada com os dados do estado a técnica da média móvel<sup>1</sup> de 3 anos consecutivos, visando dar maior legibilidade às informações disponíveis. Foram assim delimitadas duas fases:

**Primeiro período: 1980/1995.** Significativo aumento das taxas estaduais, que passam de 6,3 para 40 homicídios em 100 mil habitantes, mostrando um pesado crescimento de 13,1% ao ano, puxado pela sua região metropolitana, que cresce com ritmo semelhante. Já os municípios do interior, se também crescem no período, o fazem de forma bem mais moderada: 4,3% ao ano, com taxas bem embaixo das metropolitanas. Como os índices do estado cresceram mais rápido que os nacionais – 4,9% ao ano para o país e 13,1% ao ano para o estado – suas taxas, que partiram muito embaixo das nacionais, rapidamente as ultrapassam. No final do período o estado apresenta 40 homicídios em 100 mil habitantes quando no país a taxa era de 23,8.

Tabela AP1. Taxas de Homicídio por Área. Amapá 1980/2010\*

ANO	BRASIL	AMAPÁ		
		UF	CAPITAL +RM	INTERIOR
1980	11,7	6,3	7,4	2,4
1981	12,6	8,3	9,4	4,7
1982	12,6	10,9	11,4	9,2
1983	13,8	12,0	13,0	8,3
1984	15,3	12,7	14,0	8,0
1985	15,0	13,2	14,6	8,2
1986	15,3	12,4	12,5	12,0
1987	16,9	10,3	10,1	11,1
1988	16,8	10,7	10,2	12,5
1989	20,3	12,9	13,3	11,5
1990	22,2	16,2	17,2	12,5
1991	20,8	19,5	22,4	9,1
1992	19,1	21,0	24,6	8,8
1993	20,2	27,8	32,1	13,9
1994	21,2	32,6	37,8	15,8
1995	23,8	40,0	47,3	16,4
1996	24,8	38,5	47,6	9,2
1997	25,4	38,7	47,3	10,2
1998	25,9	38,9	47,4	10,8
1999	26,2	38,4	46,7	13,9
2000	26,7	37,8	45,6	15,1
2001	27,8	34,8	41,9	15,0
2002	28,5	35,8	41,6	17,2
2003	28,9	33,9	39,8	15,2
2004	27,0	33,3	37,2	20,4
2005	25,8	32,4	34,7	25,1
2006	26,3	30,9	32,7	25,1
2007	25,2	31,4	34,2	23,0
2008	26,4	30,4	33,0	22,4
2009	27,0	34,3	37,8	24,0
2010*	26,2	34,2	37,3	25,2

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

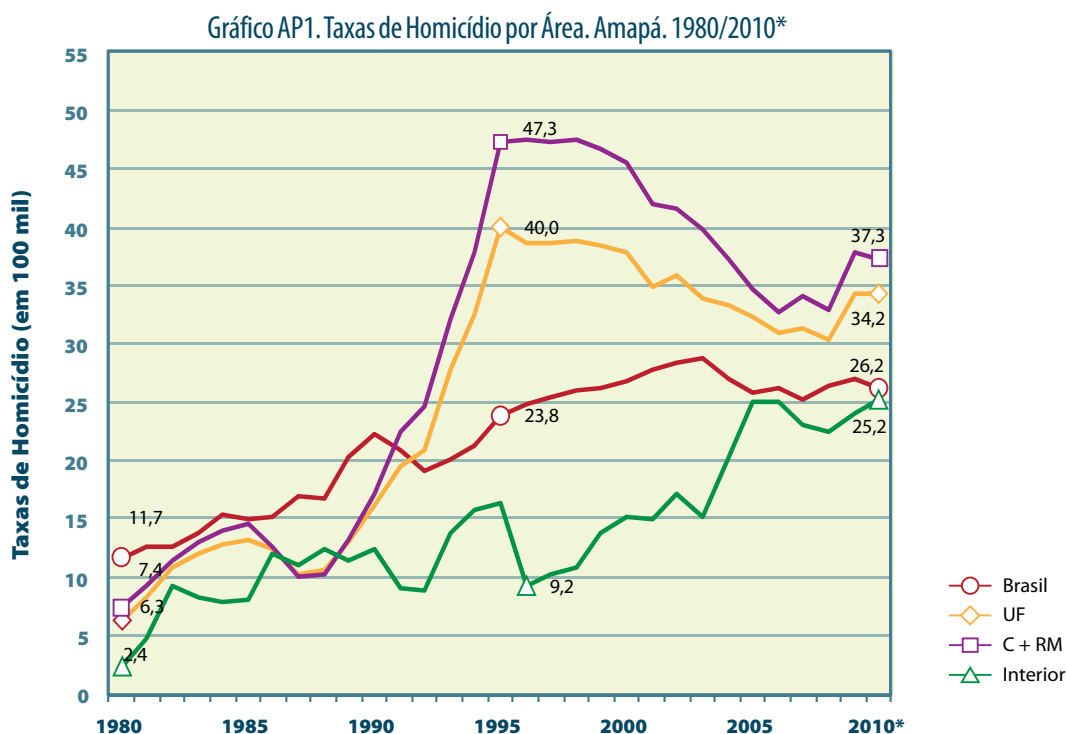
1. Utilizada para suavizar sazonalidades para dados que apresentam muitas flutuações.

Tabela AP2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Amapá. 1980/2010\*

ÁREA	1980-1995		1995-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	103,9	4,9	9,9	0,6
UF	530,4	13,1	-14,4	-1,0
CAPITAL+RM	534,7	13,1	-21,1	-1,6
INTERIOR**	94,8	4,3	174,7	7,5

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares \*\* Períodos: 1980-1996 e 1996-2010

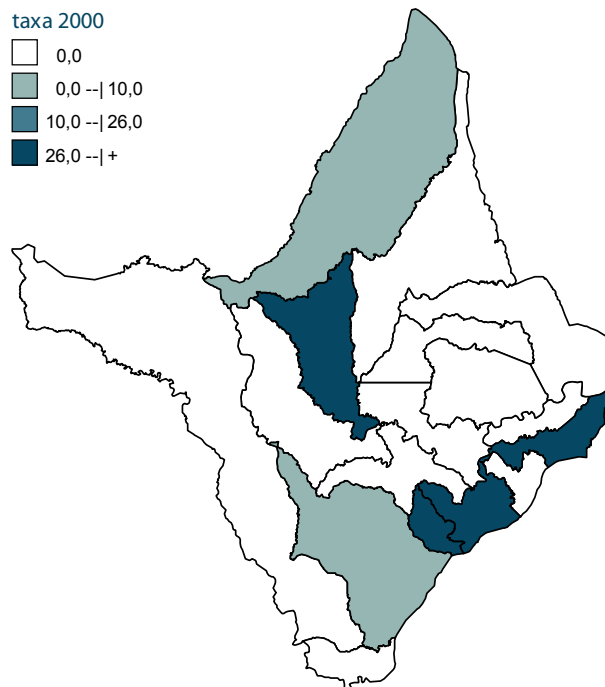
**Segundo período: 1995/2010\*.** As taxas do estado entram em declínio, acompanhando as quedas de sua região metropolitana (RM) – quedas de 1% e de 1,6% ao ano respectivamente, quando as do país aumentam 0,6% ao ano. Com isto, as taxas do estado tendem a se reaproximar das nacionais. Por outro lado, o interior do estado começa a puxar as taxas para cima, com seu rápido crescimento de 7,5% ao ano.



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

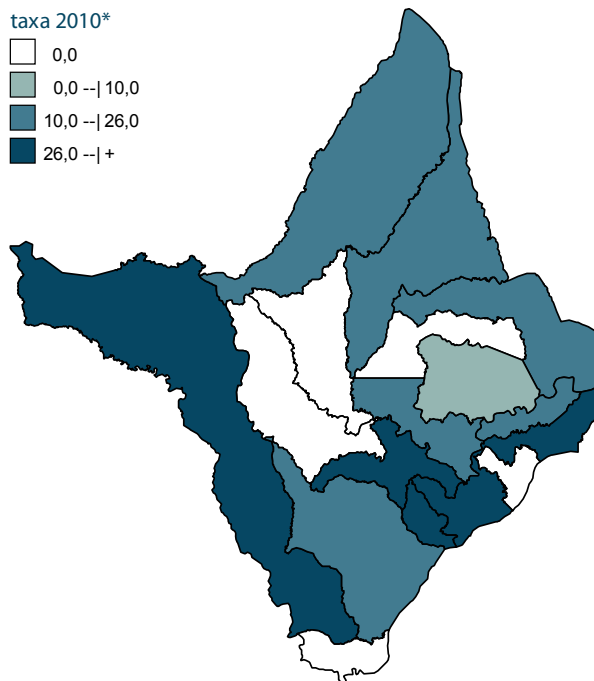
O efeito disseminação pode ser melhor visualizado observando os mapas e quadros a seguir centrados na década 2000 a 2010\*.

Mapa AP1. Amapá. 2000



Fonte: SIM/SVS/MS

Mapa AP2. Amapá. 2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares



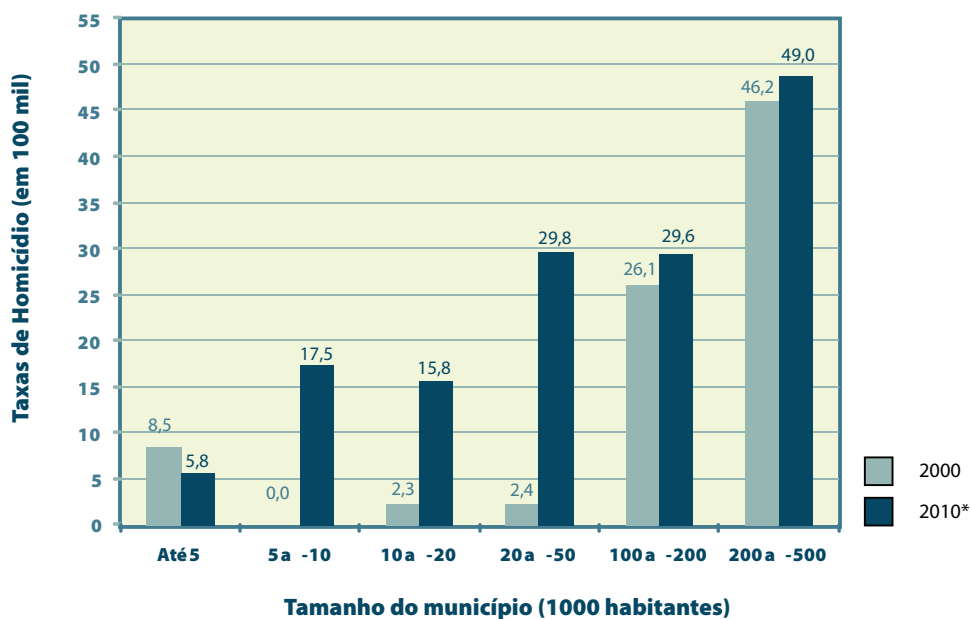
- Nos mapas podemos observar que as quedas do período, que deveriam ter levado a um aumento dos territórios livres de homicídio, não originaram esse efeito. Em 2000 o Amapá tinha 11 de seus 16 municípios sem registro de homicídios. Em 2010 esse número cai para cinco. Além, o número de municípios acima da média nacional aumenta de 3 para 4.
- Pela tabela e gráfico vemos que o crescimento na década centrou-se nos municípios de 10 a 50 mil habitantes, como Laranjal do Jarí ou Porto Grande que, sem homicídios em 2000, passam a ostentar elevadas taxas em 2010: 35,1 e 41,6 homicídios em 100 mil habitantes, respectivamente.

Tabela AP3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Amapá: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	1	8,5	0,6	1	5,8	0,4	-31,4	4
DE 5 A -10 MIL	0	0,0	0,0	4	17,5	1,5		3
DE 10 A -20 MIL	1	2,3	0,6	11	15,8	4,2	575,1	5
DE 20 A -50 MIL	1	2,4	0,6	18	29,8	6,9	1132,8	2
DE 100 A -200 MIL	21	26,1	13,5	30	29,6	11,6	13,5	1
DE 200 A -500 MIL	131	46,2	84,5	195	49,0	75,3	5,9	1
<b>TOTAL</b>	<b>155</b>	<b>32,5</b>	<b>100,0</b>	<b>259</b>	<b>38,7</b>	<b>100,0</b>	<b>19,1</b>	<b>16</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico AP2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Amapá: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

## AMAZONAS

Depois de um longo período de crescimento moderado, mas contínuo, das taxas de homicídio, que vai até 1998, abrem-se mais duas etapas com características diferenciadas:

**Primeiro Período: 1980-1998.** Ao longo de todo o período, as taxas do estado acompanharam de perto, levemente embaixo, às nacionais. Crescendo ao mesmo ritmo: 4,5% ao ano, vão ser os homicídios de sua região metropolitana (RM)<sup>1</sup> os determinantes de toda a movimentação do estado, por concentrar acima de 80% do total de homicídios. O resto do estado, em conjunto, apresenta taxas insignificantes: como máximo três homicídios em 100 mil habitantes e só em alguns poucos anos, mal chegam a quatro.

**Segundo Período: 1998/2004.** Caem as taxas do estado de 21,3 para 16,9 homicídios em 100 mil habitantes, principalmente pelas quedas na RM de Manaus, cujas taxas nesse período passam de 35,2 para 23,7, o que representa uma queda da ordem de 32,6%. Em compensação, as taxas dos restantes municípios crescem, mas para um patamar ainda muito baixo: 6,9 homicídios em 100 mil habitantes.

**Terceiro Período: 2004/2010\*.** Ao igual que muitos outros estados, como temos abordado no item 2.3 referente aos novos padrões da violência, Amazonas sofreu na presente década, e mais especificamente a partir do ano de 2004, uma expansão em seus índices de homicídio. Se em 2004 sua taxa era de 16,9 homicídios em 100 mil habitantes, passa, em 2010, para 30,6, o que representa um incremento de 81,5% nos seis anos, ou 10,4% ao ano. A principal responsabilidade por esse crescimento encontra-se em sua RM e, mais especificamente, na capital do estado.

Neste sentido, chama a atenção o enorme peso da capital Manaus na produção de homicídios, tanto no contexto da região metropolitana quanto do estado como um todo. Em 1980, representando 44% da população do estado – ver gráfico AM1 – Manaus concentrava 94% dos homicídios do estado e 98% dos casos do conjunto de municípios que mais tarde viriam a conformar a sua RM.

---

1. RM integrada pelos municípios de Careiro, Iranduba, Itacoatiara, Manacapuru, Manaus, Novo Airão, Presidente Figueiredo e Rio Preto da Eva.

Tabela AM1. Taxas de Homicídio por Área. Amazonas. 1980/2010\*

ANO	BRASIL	ÁREA			ANO	BRASIL	ÁREA		
		UF	CAPITAL + RM	INTERIOR			UF	CAPITAL + RM	INTERIOR
1980	11,7	9,6	16,8	0,9	1996	24,8	18,8	30,7	2,8
1981	12,6	9,4	16,1	1,9	1997	25,4	19,0	30,7	3,2
1982	12,6	10,1	17,5	1,5	1998	25,9	21,3	35,2	2,5
1983	13,8	9,5	14,5	3,7	1999	26,2	20,4	31,5	5,5
1984	15,3	12,7	20,0	4,0	2000	26,7	19,8	29,6	5,8
1985	15,0	10,7	17,0	2,8	2001	27,8	16,7	23,6	6,7
1986	15,3	8,8	13,5	3,0	2002	28,5	17,3	24,0	7,5
1987	16,9	10,0	16,3	2,0	2003	28,9	18,5	26,7	6,6
1988	16,8	11,9	18,3	3,7	2004	27,0	16,9	23,7	6,9
1989	20,3	16,5	26,2	3,7	2005	25,8	18,5	26,6	6,4
1990	22,2	18,1	29,1	3,5	2006	26,3	21,1	29,5	8,6
1991	20,8	19,1	32,2	1,6	2007	25,2	21,0	29,8	7,9
1992	19,1	16,2	26,8	2,0	2008	26,4	24,8	34,9	9,3
1993	20,2	15,6	25,1	2,7	2009	27,0	26,8	38,6	8,8
1994	21,2	16,8	27,8	1,8	2010*	26,2	30,6	43,3	11,0
1995	23,8	18,3	29,5	3,0					

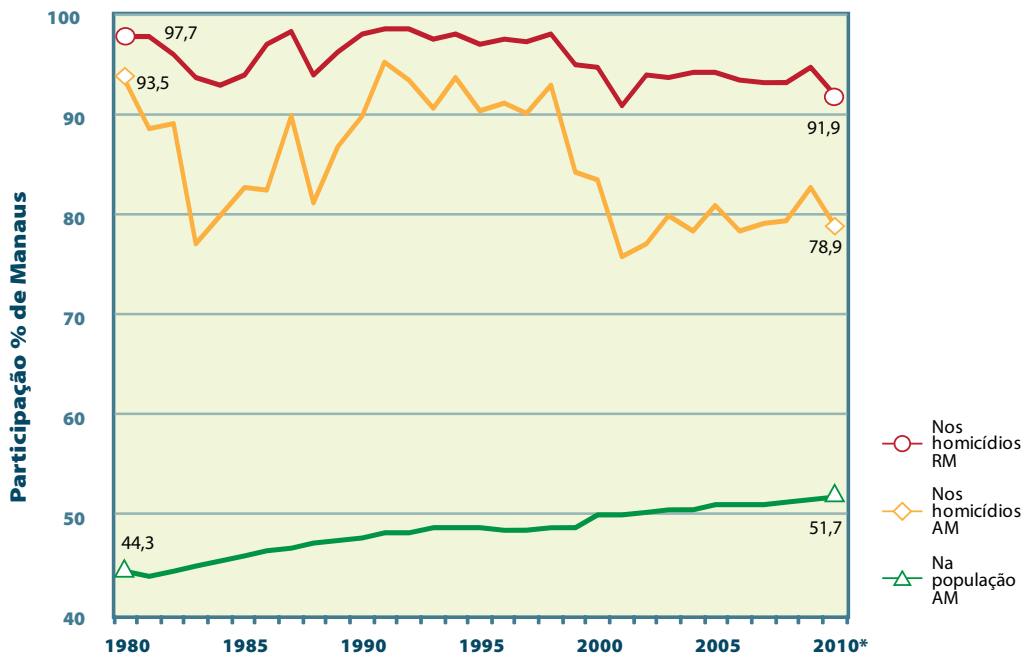
Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Tabela AM2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Amazonas. 1980/2010\*

ÁREA	1980-1998		1998-2004		2004-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	121,8	4,5	4,2	0,7	-3,1	-0,5
UF	120,4	4,5	-20,7	-3,8	81,5	10,4
CAPITAL+RM	109,5	4,2	-32,6	-6,4	82,6	10,6
INTERIOR	170,1	5,7	174,4	18,3	59,9	8,1

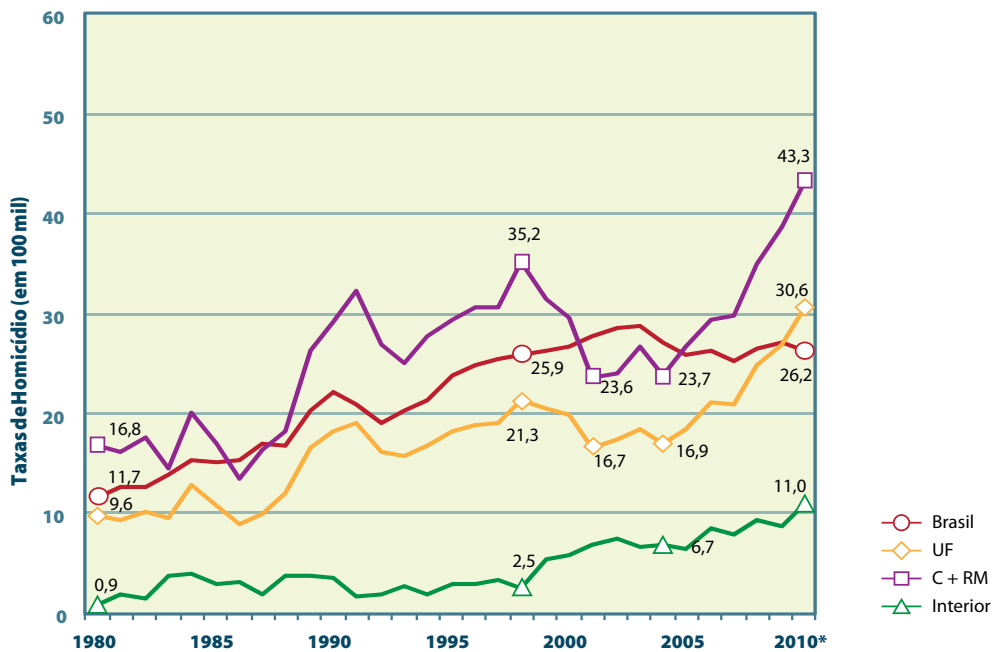
Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Gráfico AM1. Participação (%) de Manaus na população e nos homicídios do estado e nos homicídios da RM de Manaus.



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Gráfico AM2. Taxas de Homicídios por Área. Amazonas. 1980/2010\*

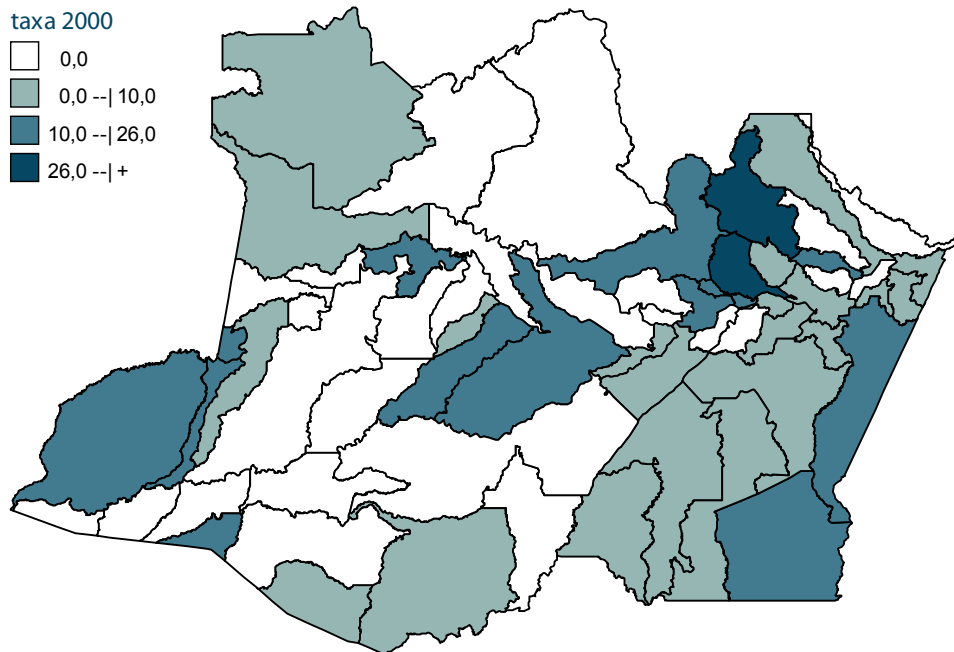


Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Em 2010 o peso demográfico da capital aumentou mais ainda, passou para 51,7% da população estadual. Ainda assim, 92% dos homicídios da RM foram registrados na capital, da mesma forma que 79% do total de homicídios do estado. Com isso, parece lógico que qualquer oscilação nas taxas da capital incida decididamente nos índices do estado.

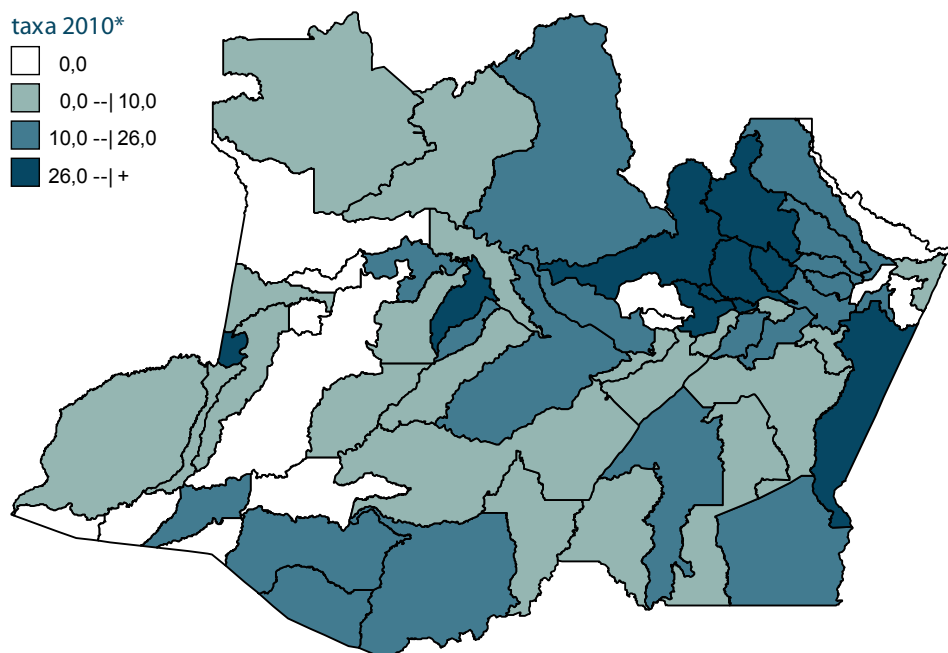
O impacto dessa expansão do último período pode ser acompanhado nos mapas a seguir:

MAPA AM1. AMAZONAS. 2000.



Fonte: SIM/SVS/MS

MAPA AM2. AMAZONAS. 2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

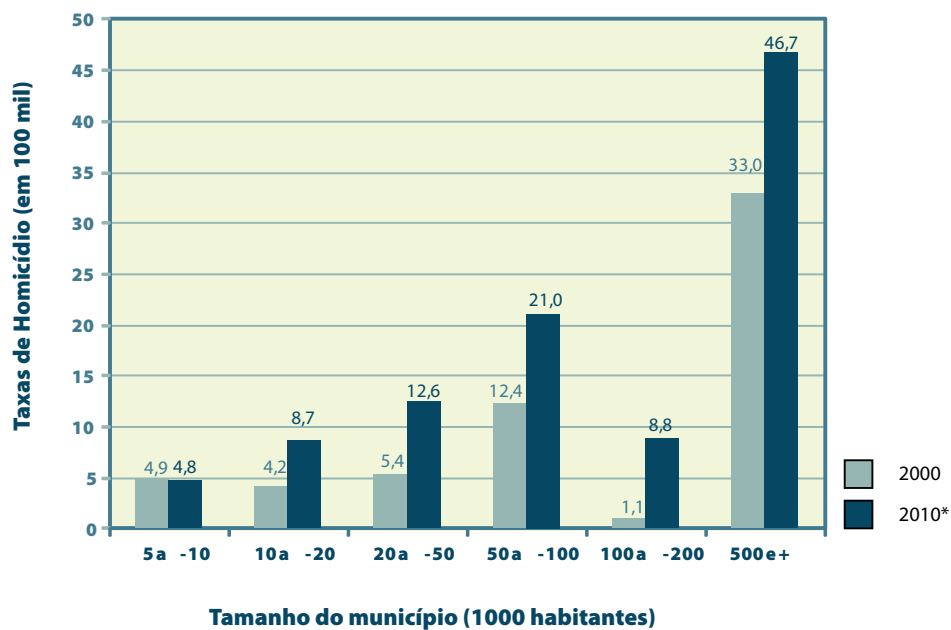
- No ano 2000, 26 municípios não tiveram registro de homicídios. Esse número cai para 13, exatamente a metade, no ano 2010.
- Em contrapartida, os municípios com mais de 26 homicídios em 100 mil habitantes passam, nesse mesmo período, de dois para nove.

Tabela AM3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Amazonas: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
DE 5 A -10 MIL	2	4,9	0,4	2	4,8	0,2	-0,9	5
DE 10 A -20 MIL	13	4,2	2,3	32	8,7	3,0	107,8	24
DE 20 A -50 MIL	33	5,4	5,9	95	12,6	8,9	132,0	25
DE 50 A -100 MIL	44	12,4	7,9	87	21,0	8,2	69,7	6
DE 100 A -200 MIL	1	1,1	0,2	9	8,8	0,8	***	1
500 MIL E MAIS.	464	33,0	83,3	842	46,7	78,9	41,6	1
<b>TOTAL</b>	<b>557</b>	<b>19,8</b>	<b>100,0</b>	<b>1067</b>	<b>30,6</b>	<b>100,0</b>	<b>54,6</b>	<b>62</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico AM3. Taxas de homicídios (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Amazonas: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

## BAHIA

As tabelas e gráficos a seguir permitem verificar que o estado da Bahia experimentou, ao longo de sua história recente, grandes oscilações na evolução de suas taxas de homicídio, oscilações que em alguns casos, como as quedas em sua capital entre 1997 e 1999 nos fizeram indicar em mapas anteriores possíveis problemas com os dados do estado.

De toda forma vemos durante a década de 80 uma situação de relativa tranquilidade que se complica já em inícios da década de 90 com fortes incrementos no nível de homicídios do estado.

Com isto, podemos delinear quatro grandes períodos:

**Primeiro período: 1980/1991.** As taxas do estado permanecem quase constantes, passam de 3,3 para 4,9 homicídios em 100 mil habitantes, crescimento de 3,6% ao ano, menor que o do país: 5,4% ao ano. Durante toda essa fase, as taxas do estado foram sempre inferiores às do país e, pelo diferencial de ritmos, foi se distanciando progressivamente. Praticamente, a região metropolitana e o interior evoluíram com ritmo semelhante, exceto as oscilações da primeira.

Tabela BA1. Taxas de Homicídio por Área. Bahia. 1980/2010\*

ANO	BRASIL				ANO	BRASIL			
		UF	CAPITAL +RM	INTERIOR			UF	CAPITAL +RM	INTERIOR
1980	11,7	3,3	1,9	3,7	1996	24,8	15,0	35,4	9,2
1981	12,6	3,3	2,1	3,5	1997	25,4	15,5	38,0	9,1
1982	12,6	5,0	8,8	4,1	1998	25,9	9,7	15,3	8,1
1983	13,8	3,7	2,2	4,1	1999	26,2	6,8	7,2	6,8
1984	15,3	5,0	6,4	4,6	2000	26,7	9,4	11,6	9,2
1985	15,0	5,1	6,5	4,8	2001	27,8	11,9	19,2	10,9
1986	15,3	5,0	3,4	5,5	2002	28,5	13,0	21,9	10,7
1987	16,9	6,1	7,5	5,7	2003	28,9	16,0	29,4	12,8
1988	16,8	7,4	12,3	6,1	2004	27,0	16,6	29,7	13,4
1989	20,3	9,5	19,8	6,7	2005	25,8	20,4	40,0	14,9
1990	22,2	7,5	11,5	6,4	2006	26,3	23,5	45,2	17,2
1991	20,8	4,9	1,7	5,8	2007	25,2	25,7	50,4	18,0
1992	19,1	6,9	8,9	6,3	2008	26,4	32,9	63,3	22,7
1993	20,2	12,2	30,3	7,2	2009	27,0	37,7	67,9	27,6
1994	21,2	14,0	35,7	7,9	2010*	26,2	37,7	60,1	30,5
1995	23,8	12,1	26,6	8,1					

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares



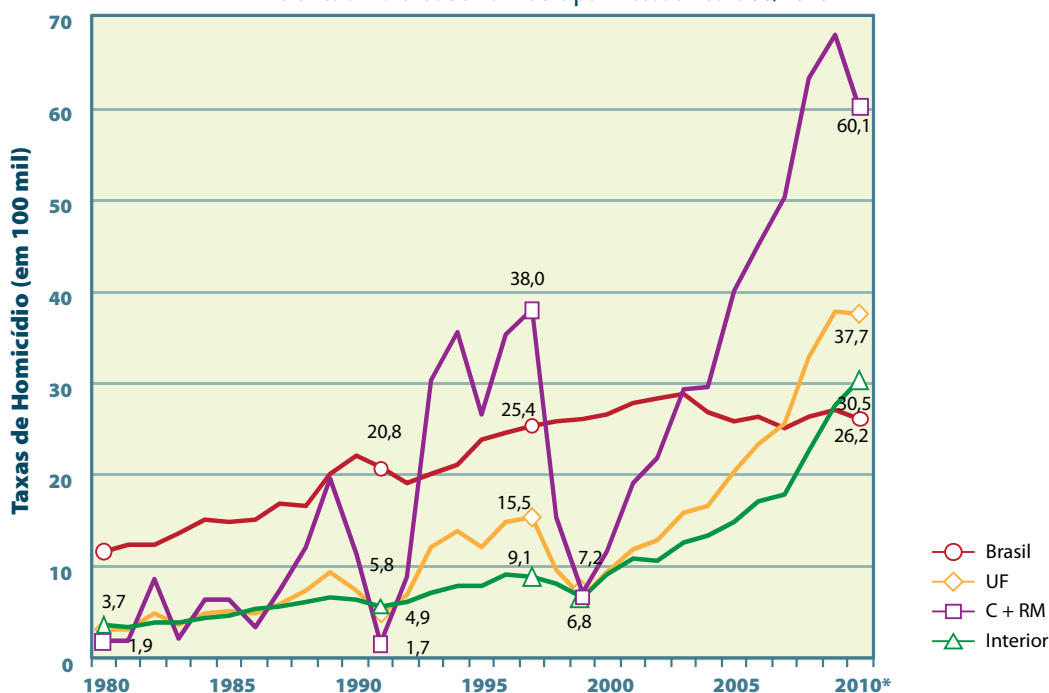
**Segundo Período: 1991/1997.** Íngreme incremento das taxas do estado, cujo crescimento de 21,1% ao ano resulta muitas vezes superior ao experimentado pelo país, que nesse lapso de tempo foi de 3,4% ao ano. A quase exclusiva concentração, tanto das quedas anteriores quanto desses aumentos, na sua região metropolitana (RM) e a intensidade pouco explicável do ritmo dessas oscilações, abrem lugar a duvidas sobre a fiabilidade dos dados disponibilizados pelo estado.

Tabela BA2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Bahia. 1980/2010\*

ÁREA	1980-1991		1991-1997		1997-1999		1999-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	78,1	5,4	21,9	3,4	3,2	1,6	0,0	0,0
UF	47,7	3,6	214,7	21,1	-55,9	-33,6	450,8	16,8
CAPITAL+RM	-12,2	-1,2	2168,1	68,2	-81,2	-56,6	739,4	21,3
INTERIOR	58,3	4,3	55,8	7,7	-25,6	-13,8	346,1	14,6

Fonte: SIM/SVS/MS - \*2010: Dados Preliminares

Gráfico BA1. Taxas de Homicídio por Área. Bahia. 1980/2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS - \*2010: Dados Preliminares

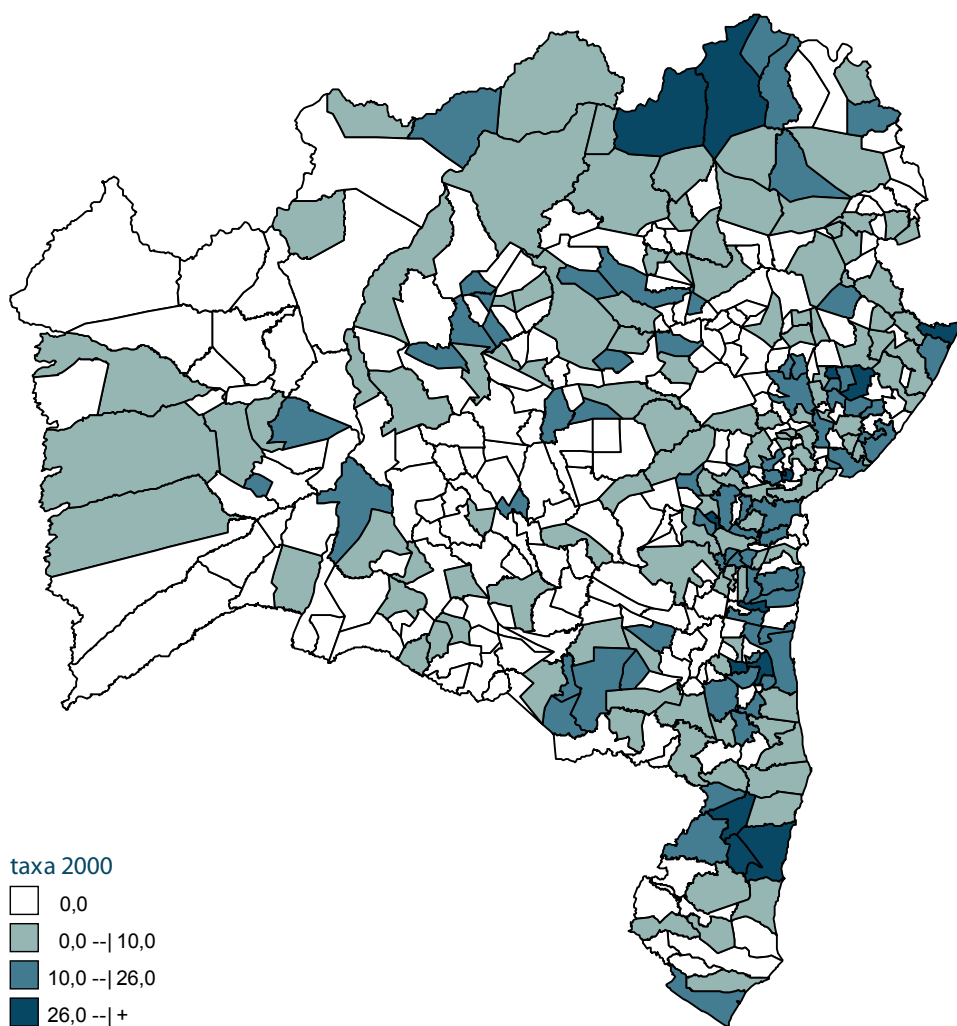
**Terceiro Período. 1997-1999.** Novamente aqui a intensidade das quedas e sua exclusiva atuação na RM de Salvador abrem dúvidas sobre a qualidade da informação.

**Quarto Período. 1999-2010\*.** Período de forte crescimento das taxas do estado, tanto da ca-

pital quanto do interior, como uma continuidade do segundo período. De qualquer modo, tanto capital quanto interior crescem drasticamente, levando as taxas do estado a figurar em 2010 no sétimo lugar, no ordenamento da violência nacional.

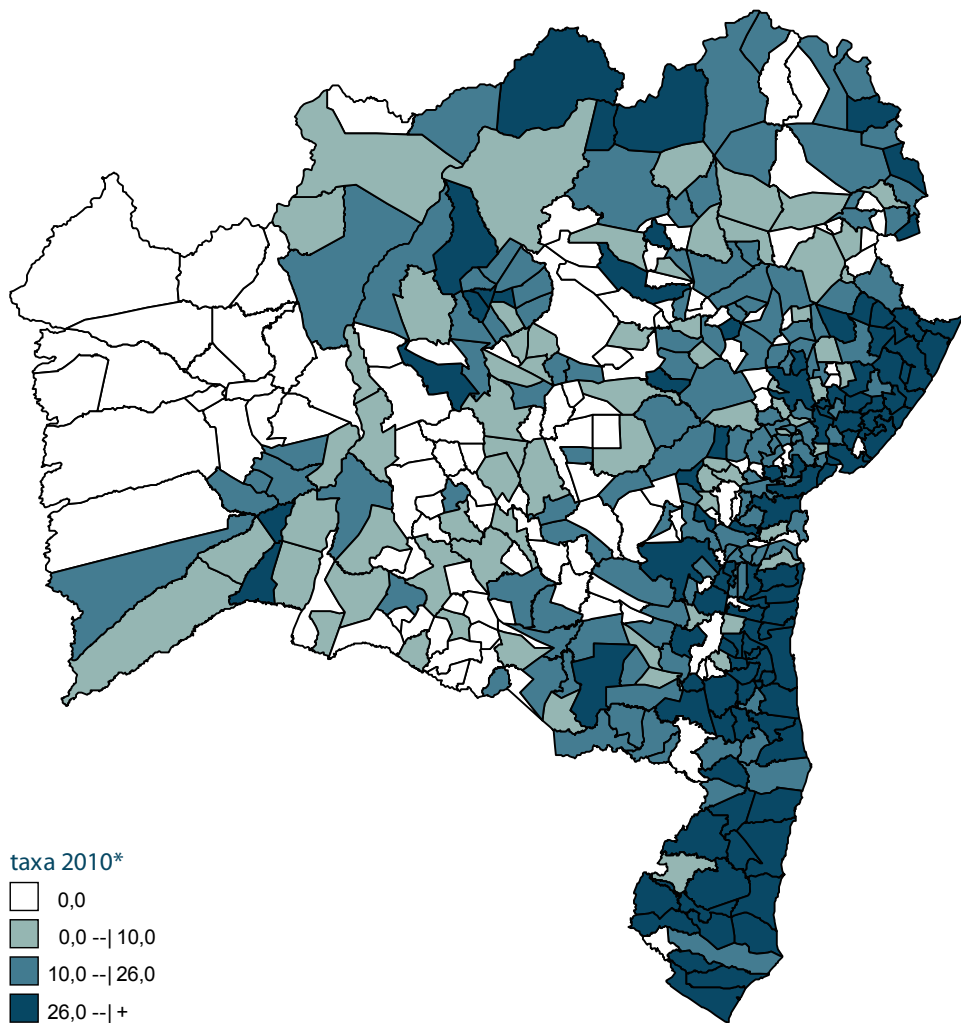
Fica difícil tirar conclusões pelos dados da década, em virtude dos problemas já apontados com as informações do estado. Ainda assim podemos ver, pelo mapa da Bahia de 2010, a forte concentração de focos de elevada violência em toda a zona da mata do estado, que inclui a região metropolitana de Salvador.

Mapa BA1. Bahia. 2000



Fonte: SIM/SVS/MS

Mapa BA2. Bahia. 2010\*



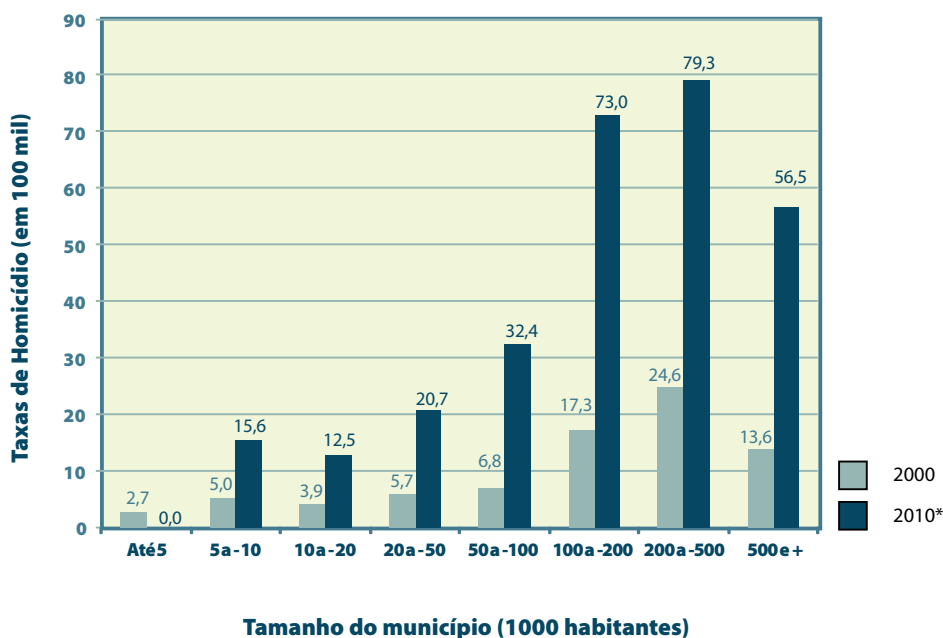
Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Tabela BA3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Bahia: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	1	2,7	0,1	0	0,0	0,0	-	9
DE 5 A -10 MIL	25	5,0	2,0	74	15,6	1,4	211,1	60
DE 10 A -20 MIL	98	3,9	8,0	317	12,5	6,0	224,1	179
DE 20 A -50 MIL	198	5,7	16,2	753	20,7	14,2	262,4	126
DE 50 A -100 MIL	107	6,8	8,7	574	32,4	10,9	378,3	27
DE 100 A -200 MIL	242	17,3	19,8	1.145	73,0	21,7	321,4	11
DE 200 A -500 MIL	153	24,6	12,5	598	79,3	11,3	221,6	3
500 MIL E MAIS.	399	13,6	32,6	1.826	56,5	34,5	314,0	2
<b>TOTAL</b>	<b>1223</b>	<b>9,4</b>	<b>100,0</b>	<b>5.287</b>	<b>37,7</b>	<b>100,0</b>	<b>303,1</b>	<b>417</b>

Fonte: SIM/SVS/MS - \*2010: Dados Preliminares

Gráfico BA2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Bahia: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares



## CEARÁ

Podemos verificar pelos dados a seguir, que o histórico dos homicídios no Ceará permite delimitar três etapas diferenciadas.

**Primeiro período: 1980/1994.** Taxas estaduais relativamente baixas para o contexto nacional, mantendo-se quase constantemente em torno dos 10 homicídios em 100 mil habitantes. O crescimento anual do estado: 0,9% ao ano contrasta com o nacional de 4,3% pelo que a brecha se amplia: os índices do estado tendem a se afastar do nível nacional. Se em 1980 a taxa do estado era 29% menor que a nacional para 1994 já é 55% menor. A responsabilidade pelo leve incremento das taxas estaduais deve-se exclusivamente ao interior, cujo aumento de 92,5% no período anula totalmente a queda de 19,6% que se registra na região metropolitana (RM) de Fortaleza.

Tabela CE1. Taxas de Homicídio por Área. Ceará. 1980/2010\*

ANO	BRASIL	Ceará		
		UF	CAPITAL +RM	INTERIOR
1980	11,7	8,3	21,3	2,4
1981	12,6	9,2	21,3	3,6
1982	12,6	9,0	19,1	4,1
1983	13,8	10,9	22,5	5,2
1984	15,3	10,4	21,4	4,7
1985	15,0	9,4	20,1	3,9
1986	15,3	8,9	17,8	4,1
1987	16,9	7,2	14,2	3,3
1988	16,8	8,3	15,7	4,2
1989	20,3	9,8	20,4	3,7
1990	22,2	8,8	16,1	4,6
1991	20,8	9,7	17,7	4,8
1992	19,1	8,4	15,3	4,2
1993	20,2	10,7	18,8	5,7
1994	21,2	9,5	17,1	4,7
1995	23,8	12,6	24,9	4,9
1996	24,8	13,0	21,9	7,1
1997	25,4	14,8	23,8	8,8
1998	25,9	13,4	17,5	10,7
1999	26,2	15,6	22,8	10,7
2000	26,7	16,5	26,2	10,1
2001	27,8	17,2	24,9	12,0
2002	28,5	18,9	27,7	12,8
2003	28,9	20,1	26,8	15,5
2004	27,0	20,0	27,2	15,1
2005	25,8	20,9	29,6	14,7
2006	26,3	21,8	31,9	14,6
2007	25,2	23,2	36,4	13,8
2008	26,4	24,0	35,0	16,2
2009	27,0	25,7	35,0	19,0
2010*	26,2	29,7	42,9	20,3

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

**Segundo período: 1994/1998.** As taxas do estado se elevam significativamente – 41,3% nos quatro anos – acima do crescimento nacional, que foi de 22,3%. Novamente aqui vai ser o interior do estado o responsável quase absoluto pelo incremento da violência no estado: cresce 127% enquanto a RM praticamente estagna, só cresce 1,9% no quadriênio.

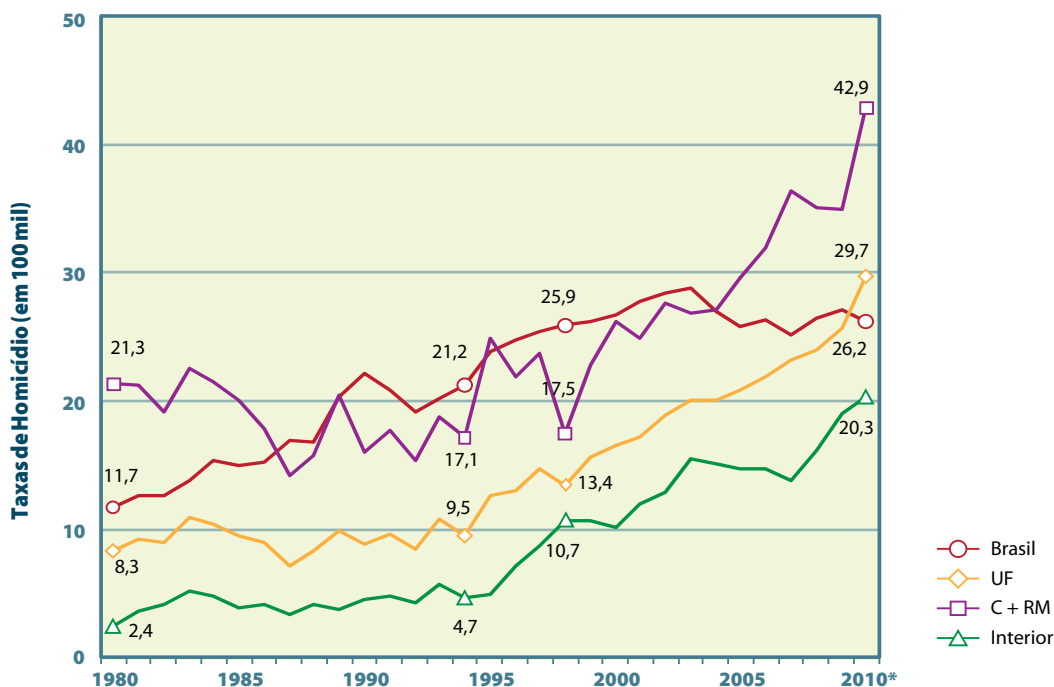
Tabela CE2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Ceará. 1980/2010\*

ÁREA	1980-1994		1994-1998		1998-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	81,5	4,3	22,3	5,2	1,0	0,1
UF	13,9	0,9	41,3	9,0	121,7	6,9
CAPITAL+RM	-19,6	-1,5	1,9	0,5	145,6	7,8
INTERIOR	92,5	4,8	127,0	22,7	90,0	5,5

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

**Terceiro período: 1998/2010\*.** As taxas estaduais continuam a crescer num ritmo bem acima da média nacional, mas agora impulsionada pelo crescimento acelerado da RM de Fortaleza, que cresce 7,8% ao ano e também com forte participação do interior – 5,5% de aumento ao ano. Esse acréscimo anual eleva a taxa do estado a 29,7 homicídios em 100 mil habitantes no ano 2010, superando a taxa nacional, pela primeira vez no seu histórico.

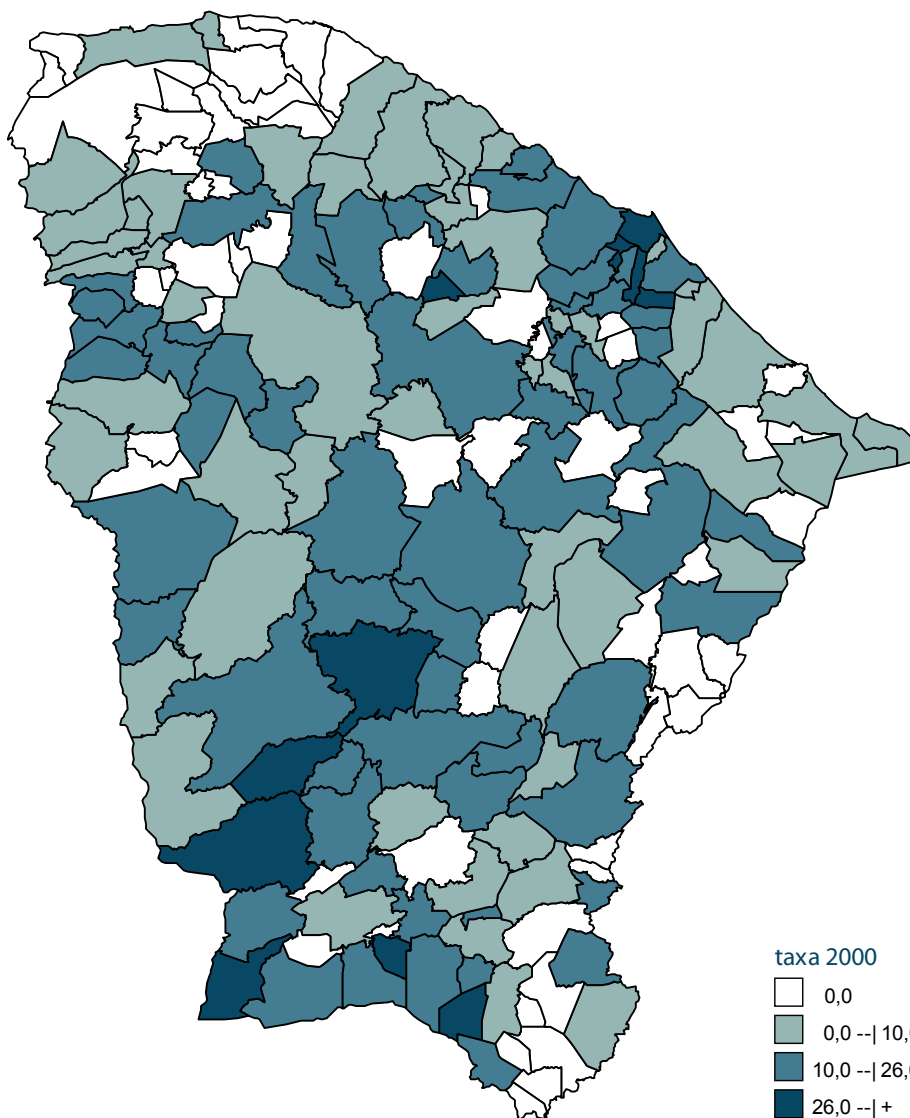
Gráfico CE1. Taxas de Homicídio por Área. Ceará. 1980/2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS - \*2010: Dados Preliminares

Os mapas a seguir permitem verificar, até visualmente, a profunda mudança experimentada pelo estado na última década.

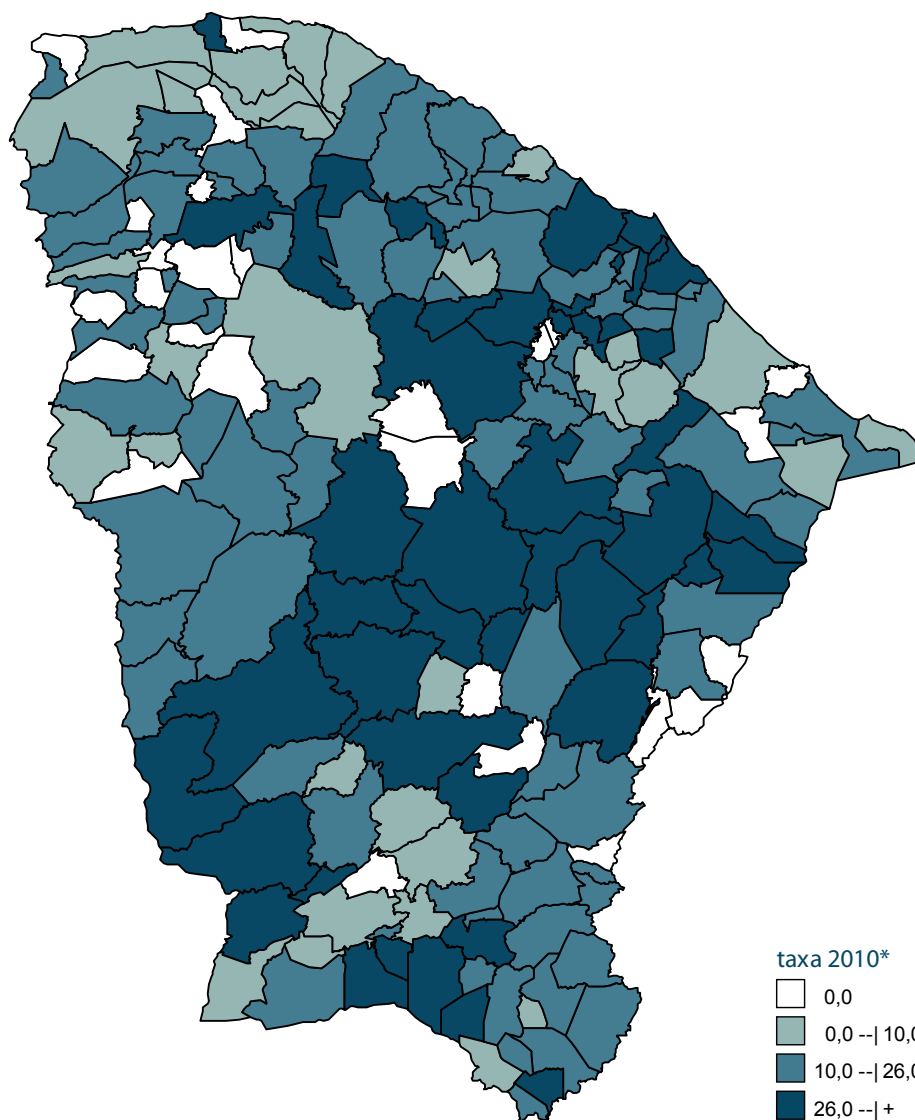
Mapa CE1. Ceará. 2000



Fonte: SIM/SVS/MS



Mapa CE2. Ceará. 2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS - \*2010: Dados Preliminares

- Observamos no Mapa do 2000 a existência de grande número de municípios que não registraram nenhum homicídio nesse ano. São exatos 58 municípios: 31,5% do total do estado.
- Já no mapa de 2010 observamos uma enorme diminuição das áreas em branco: agora vão ser só 27 municípios, isto é, só 14,7% do total de municípios do estado.

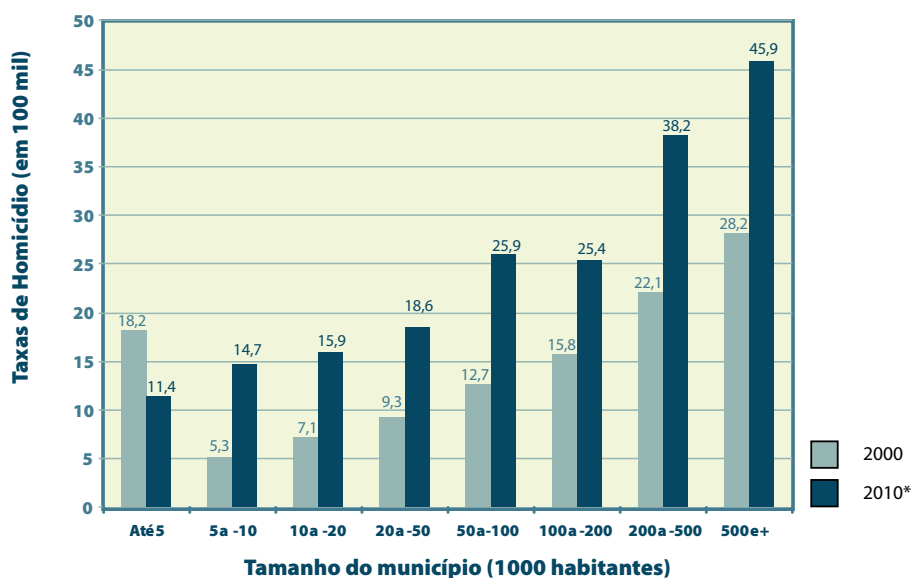
Tabela CE3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Ceará: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	2	18,2	0,2	1	11,4	0,0	-37,4	2
DE 5 A -10 MIL	7	5,3	0,6	21	14,7	0,8	178,2	19
DE 10 A -20 MIL	70	7,1	5,7	170	15,9	6,8	122,4	71
DE 20 A -50 MIL	157	9,3	12,8	343	18,6	13,6	99,5	59
DE 50 A -100 MIL	177	12,7	14,4	417	25,9	16,6	104,4	25
DE 100 A -200 MIL	70	15,8	5,7	137	25,4	5,4	60,6	4
DE 200 A -500 MIL	142	22,1	11,6	300	38,2	11,9	73,0	3
500 MIL E MAIS.	604	28,2	49,1	1.125	45,9	44,7	62,7	1
<b>TOTAL</b>	<b>1.229</b>	<b>16,5</b>	<b>100,0</b>	<b>2.514</b>	<b>29,7</b>	<b>100,0</b>	<b>79,8</b>	<b>184</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

- Em contrapartida, aumentou de forma muito significativa o número de municípios com taxas acima da média nacional. Em 2000 eram somente 11 municípios; em 2010 vão ser 46, que equivale a 25% dos municípios do estado.
- Como vemos na tabela CE3 e no gráfico CE2, também no caso do Ceará o modelo de avanço da violência homicida foi diferente do modelo vigente no país no século passado. Vemos que aconteceu no estado uma forte dispersão dos focos de violência. Onde mais cresceu foi nos 90 municípios entre 5 e 20 mil habitantes, é o caso de municípios como Antonina do Norte, São João do Jaguaribe, Jaguaribara ou Jijoca de Jericoacoara com taxas acima de 50 homicídios em 100 mil habitantes e largo crescimento na década.

Gráfico CE2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Ceará. 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares



## DISTRITO FEDERAL

De acordo com a configuração específica do DF, que não possui estrutura municipal, só será possível esboçar a evolução da unidade federada como um todo. Vemos nas tabelas e gráfico a seguir que, de um patamar muito semelhante ao nacional em 1980 - 11,7 homicídios em 100 mil para o Brasil e 12,2 para seu DF – seu crescimento foi mais acelerado nos anos subsequentes até 1995: 223,1% contra 103,9% do país.

Esse diferencial de ritmos vai distanciando progressivamente o DF das taxas nacionais, de forma que em 1995 se o país ostentava uma taxa de 23,8 homicídios em 100 mil habitantes, a capital já se tinha elevado para 39,5: 66% acima do nacional.

Num segundo momento, a partir de 1995, as taxas do país apresentam um crescimento bem moderado: 9,9% enquanto as do DF têm uma suave queda tendencial de 13,4% ao longo dos 15 anos do período. Com menor intensidade que no ano inicial, as taxas do DF permanecem ainda acima dos índices nacionais.

Tabela DF1. Taxas de Homicídio por Área. Distrito Federal. 1980/2010\*

ANO	BRASIL	DF
1980	11,7	12,2
1981	12,6	14,6
1982	12,6	17,1
1983	13,8	14,6
1984	15,3	12,9
1985	15,0	19,0
1986	15,3	18,7
1987	16,9	24,2
1988	16,8	22,5
1989	20,3	23,8
1990	22,2	31,1
1991	20,8	33,3
1992	19,1	28,3
1993	20,2	36,1
1994	21,2	35,8
1995	23,8	39,5

ANO	BRASIL	DF
1996	24,8	38,3
1997	25,4	35,6
1998	25,9	37,4
1999	26,2	36,7
2000	26,7	37,5
2001	27,8	36,9
2002	28,5	34,7
2003	28,9	39,1
2004	27,0	36,5
2005	25,8	31,9
2006	26,3	32,3
2007	25,2	33,5
2008	26,4	34,1
2009	27,0	39,2
2010*	26,2	34,2

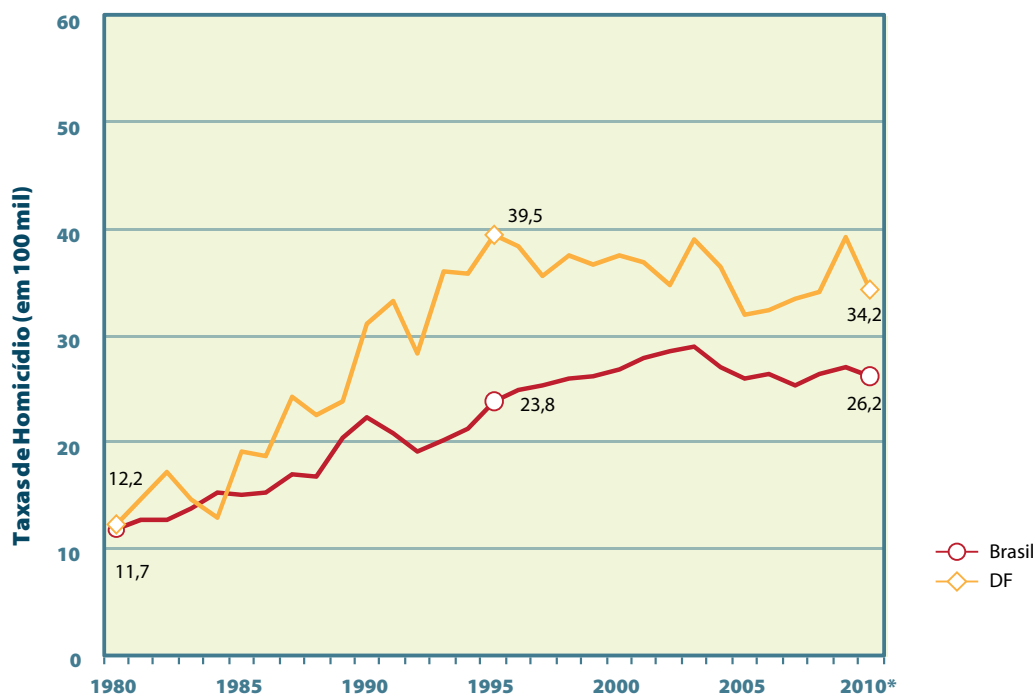
Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Tabela DF2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Distrito Federal. 1980/2010\*

ÁREA	1980-1995		1995-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	103,9	4,9	9,9	0,6
UF	223,1	8,1	-13,4	-1,0

Fonte: SIM/SVS/MS - \*2010: Dados Preliminares

Gráfico DF1. Taxas de Homicídio por Área. Distrito Federal. 1980/2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS - \*2010: Dados Preliminares

## ESPÍRITO SANTO

Depois de um breve período oscilante, com leves aumentos e com taxas relativamente próximas das nacionais, em 1986 abrem-se duas etapas claras na evolução dos homicídios do estado.

**Primeiro período: 1986/1998.** Para 1980 as taxas da região metropolitana (RM) de Vitória (15,4 em 100 mil) são praticamente equivalentes às do interior (14,9 em 100 mil) e a taxa do estado – 15,1 em 100 mil – está pouco por cima da média nacional, que nesse ano foi de 11,7. Mas os anos subsequentes vão evidenciar um forte crescimento, quando as taxas do estado pulam de 20,8 para 58,4 homicídios por 100 mil habitantes, o que representa um aumento de 180,7%, ou 9% ao ano. Nesse ínterim o crescimento do país foi bem menor: 69,9% ou 4,5% ao ano. O carro-chefe dessa voragem, de forma visível, foi a RM de Vitória, cuja taxa passa de 20 para 96 homicídios em 100 mil habitantes, um forte crescimento de 379% ou 13,9% ao ano. Esse incremento leva ao estado, principalmente sua capital e/ou RM, a ocupar um dos três primeiros lugares no mapa da violência do país. No entanto, no interior, o crescimento foi bem reduzido: 25% ou 1,9% ao ano.

**Segundo período: 1998/2010.** Em 1998 abre-se no estado uma nova fase, praticamente oposta à anterior: as taxas do estado e de sua RM caem, mas as do interior continuam a aumentar. Num período que as taxas nacionais permanecem praticamente estagnadas, as do estado caem 14,3%, sob o comando da RM, cuja diminuição foi de 28,5%, isto é, 2,8 ao ano. Contudo, os índices do interior continuam a crescer: no período elevam-se 23,5 ou 1,8% ao ano.

Tabela ES1 Crescimento % total e ao ano por período e área. Espírito Santo. 1986/2010\*

ÁREA	1986-1998		1998-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	69,9	4,5	1,0	0,1
UF	180,7	9,0	-14,3	-1,3
CAPITAL+RM	378,9	13,9	-28,5	-2,8
INTERIOR	25,0	1,9	23,5	1,8

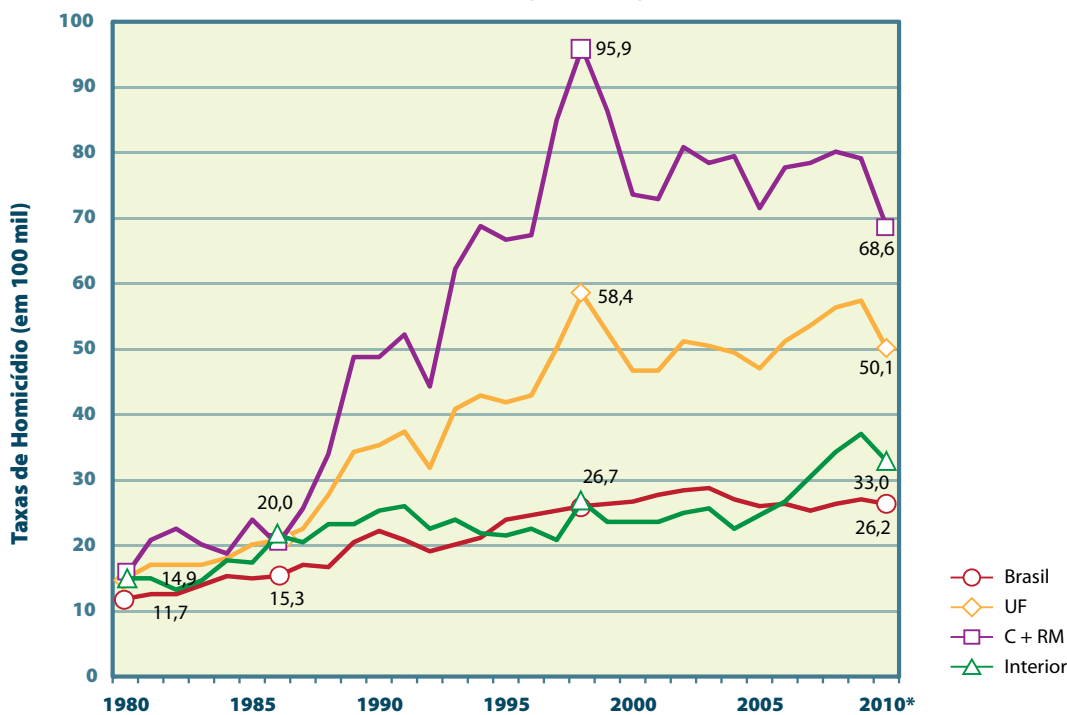
Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Tabela ES2. Taxas de Homicídio por Área. Espírito Santo. 1980/2010\*

ANO	BRASIL	ESPIRITO SANTO			ANO	BRASIL	ESPIRITO SANTO		
		UF	CAPITAL +RM	INTERIOR			UF	CAPITAL +RM	INTERIOR
1980	11,7	15,1	15,4	14,9	1996	24,8	42,8	67,5	22,4
1981	12,6	17,1	20,7	14,9	1997	25,4	50,0	84,9	20,8
1982	12,6	17,0	22,7	13,4	1998	25,9	58,4	95,9	26,7
1983	13,8	16,9	20,2	14,8	1999	26,2	52,5	86,5	23,5
1984	15,3	18,2	18,6	17,8	2000	26,7	46,8	73,6	23,5
1985	15,0	20,0	23,9	17,3	2001	27,8	46,7	72,8	23,7
1986	15,3	20,8	20,0	21,4	2002	28,5	51,2	81,0	24,9
1987	16,9	22,5	25,5	20,3	2003	28,9	50,5	78,4	25,6
1988	16,8	27,8	33,9	23,3	2004	27,0	49,4	79,5	22,4
1989	20,3	34,1	48,9	23,1	2005	25,8	46,9	71,5	24,5
1990	22,2	35,3	48,7	25,1	2006	26,3	51,2	77,7	26,8
1991	20,8	37,5	52,3	26,0	2007	25,2	53,6	78,4	30,5
1992	19,1	32,0	44,2	22,4	2008	26,4	56,4	80,2	34,3
1993	20,2	40,9	62,2	23,8	2009	27,0	57,3	79,0	37,2
1994	21,2	42,8	68,7	21,9	2010*	26,2	50,1	68,6	33,0
1995	23,8	41,7	66,7	21,7					

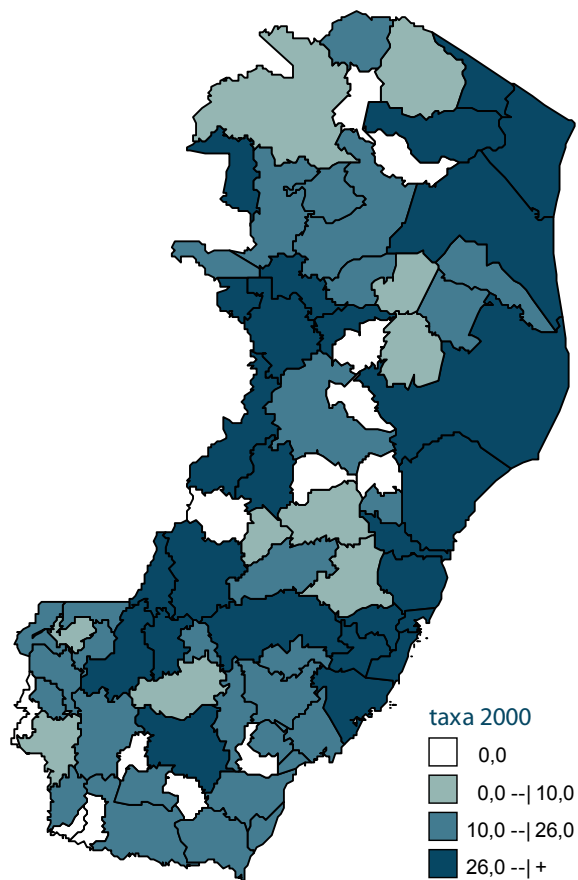
Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Gráfico ES1 Taxas de Homicídio por Área. Espírito Santo 1980/2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS - \*2010: Dados Preliminares

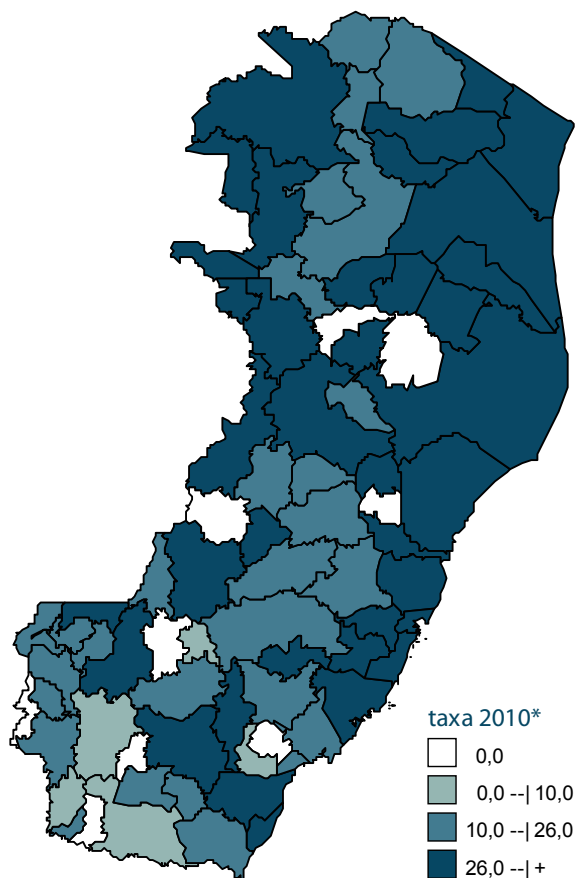
Mapa ES1. Espírito Santo. 2000



Fonte: SIM/SVS/MS



Mapa ES2. Espírito Santo. 2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS - \*2010: Dados Preliminares

Os mapas referentes à década de 2000/2010 permitem verificar que apesar de não ter havido uma mudança relevante nos níveis de violência no estado, mudou a sua distribuição: no ano 2000 foram 13 os municípios que não registraram nenhum homicídio. Em 2010 esse número cai para nove. Em 2000, 26 municípios tinham uma taxa acima dos 26 homicídios em 100 mil habitantes. No ano 2010 esse número aumenta para 37. Com isso, como vemos nos mapas, as manchas de cor intensa se alastram pelo estado.

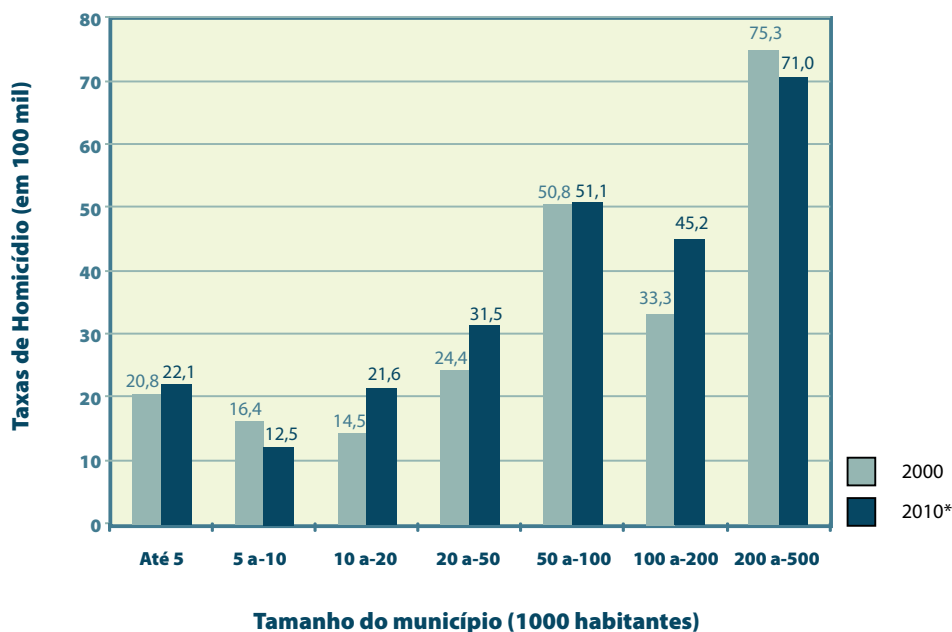
Vemos, pela tabela ES3 e o gráfico ES2, que a distribuição da violência por tamanho dos municípios teve uma mudança na década, mas não foi grande. Os picos de violência continuam fortemente concentrados nos quatro municípios com mais de 100 mil habitantes do estado: Cariacica, Serra, Vila Velha e Vitória, todos da Grande Vitória, embora sua participação tenha caído levemente – passou de 66,7% do total de homicídios do estado para 60,5%. Em compensação, aumenta nos municípios entre 10 e 20 mil habitantes – onde se destacam pelo crescimento e elevadas taxas Fundão e Mantenópolis – e também na faixa entre 100 e 200 mil, onde tem destaque São Mateus.

Tabela ES3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Espírito Santo: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	1	20,8	0,1	1	22,1	0,1	6,7	1
DE 5 A -10 MIL	14	16,4	1,0	11	12,5	0,6	-24,2	11
DE 10 A -20 MIL	54	14,5	3,7	87	21,6	4,9	48,5	30
DE 20 A -50 MIL	160	24,4	11,0	225	31,5	12,8	28,9	25
DE 50 A -100 MIL	60	50,8	4,1	75	51,1	4,3	0,5	2
DE 100 A -200 MIL	193	33,3	13,3	297	45,2	16,9	35,6	5
DE 200 A -500 MIL	967	75,3	66,7	1.065	71,0	60,5	-5,8	4
<b>TOTAL</b>	<b>1.449</b>	<b>46,8</b>	<b>100,0</b>	<b>1.761</b>	<b>50,1</b>	<b>100,0</b>	<b>7,1</b>	<b>78</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico ES2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Espírito Santo: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares



## GOIÁS

As grandes oscilações que os dados do estado evidenciam, tornam complicado delinear uma periodização ajustada. Aqui, como também no resto dos estados, futuros aprofundamentos poderão mudar as etapas aqui formuladas.

Depois de uma primeira fase de grandes oscilações, onde ora o estado está por acima da média nacional, ora por baixo, com flutuações principalmente no que poderíamos caracterizar como a suas regiões metropolitanas<sup>1</sup>, observa-se uma quebra em 1998, a partir da qual:

- As taxas do estado, bem por embaixo e distanciadas das nacionais, começam a crescer de forma intensa.
- Se em 1998 a taxa nacional era de 25,9 homicídios em 100 mil habitantes, a do estado foi de 13,4 – quase a metade da nacional.
- Desde 1998 até 2010 a taxa do país permaneceu praticamente estagnada, enquanto a de Goiás mais que duplicou: cresceu 119,4%.

Tabela G01. Taxas de Homicídio por Área. Goiás. 1980/2010\*

ANO	BRASIL	UF	CAPITAL +RM	INTERIOR
1980	11,7	12,3	15,3	11,4
1981	12,6	18,6	16,0	19,6
1982	12,6	18,0	13,0	19,9
1983	13,8	17,7	11,2	20,2
1984	15,3	16,3	7,8	19,7
1985	15,0	14,9	5,4	18,8
1986	15,3	15,3	7,2	18,7
1987	16,9	17,0	12,5	18,9
1988	16,8	20,8	23,7	19,5
1989	20,3	20,6	25,6	18,4
1990	22,2	16,9	21,4	15,0
1991	20,8	20,3	23,5	18,8
1992	19,1	19,2	21,1	18,3
1993	20,2	16,7	21,4	14,6
1994	21,2	17,4	22,6	15,1
1995	23,8	17,0	24,2	13,7
1996	24,8	15,6	19,8	13,6
1997	25,4	15,0	17,3	13,9
1998	25,9	13,4	17,9	11,2
1999	26,2	16,5	23,9	12,9
2000	26,7	20,2	25,3	13,1
2001	27,8	21,5	27,4	14,4
2002	28,5	24,5	34,7	14,8
2003	28,9	23,7	32,4	14,0
2004	27,0	26,4	33,4	17,9
2005	25,8	24,9	30,7	16,1
2006	26,3	24,6	32,3	15,0
2007	25,2	24,4	31,5	15,7
2008	26,4	30,0	37,5	16,9
2009	27,0	30,2	36,9	19,6
2010*	26,2	29,4	33,3	18,1

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

1. Região metropolitana (RM) de Goiânia e municípios que integram a RIDE de Brasília. Ver nas notas técnicas.

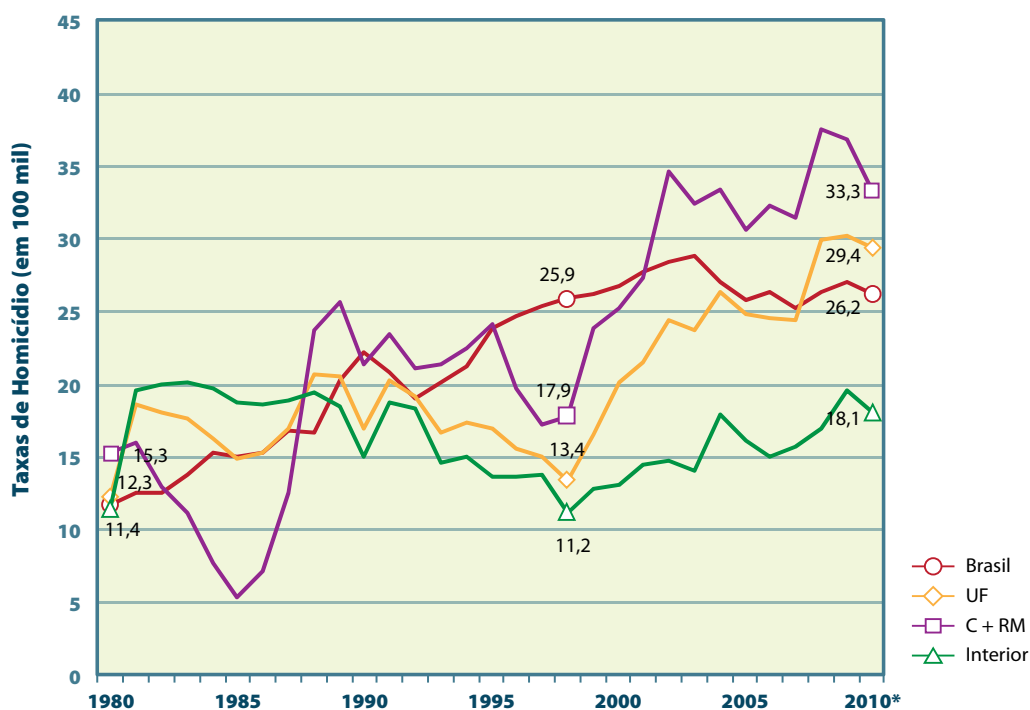
- Com esse ritmo de crescimento em 2010, a taxa do estado, que era quase a metade da nacional, a supera em 12,2%.
- Nessa segunda fase, se as taxas dos municípios do interior crescem significativamente – 61,5%, bem maior foi o aumento das taxas nos municípios das regiões metropolitanas (RM) do estado: 86,6%, se distanciando dos índices do interior.

Tabela G02. Crescimento % total e ao ano por período e área. Goiás. 1980/2010\*

ÁREA	1980-1998		1998-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	121,8	4,5	1,0	0,1
UF	9,4	0,5	119,4	6,8
CAPITAL+RM	16,9	0,9	86,6	5,3
INTERIOR	-1,5	-0,1	61,5	4,1

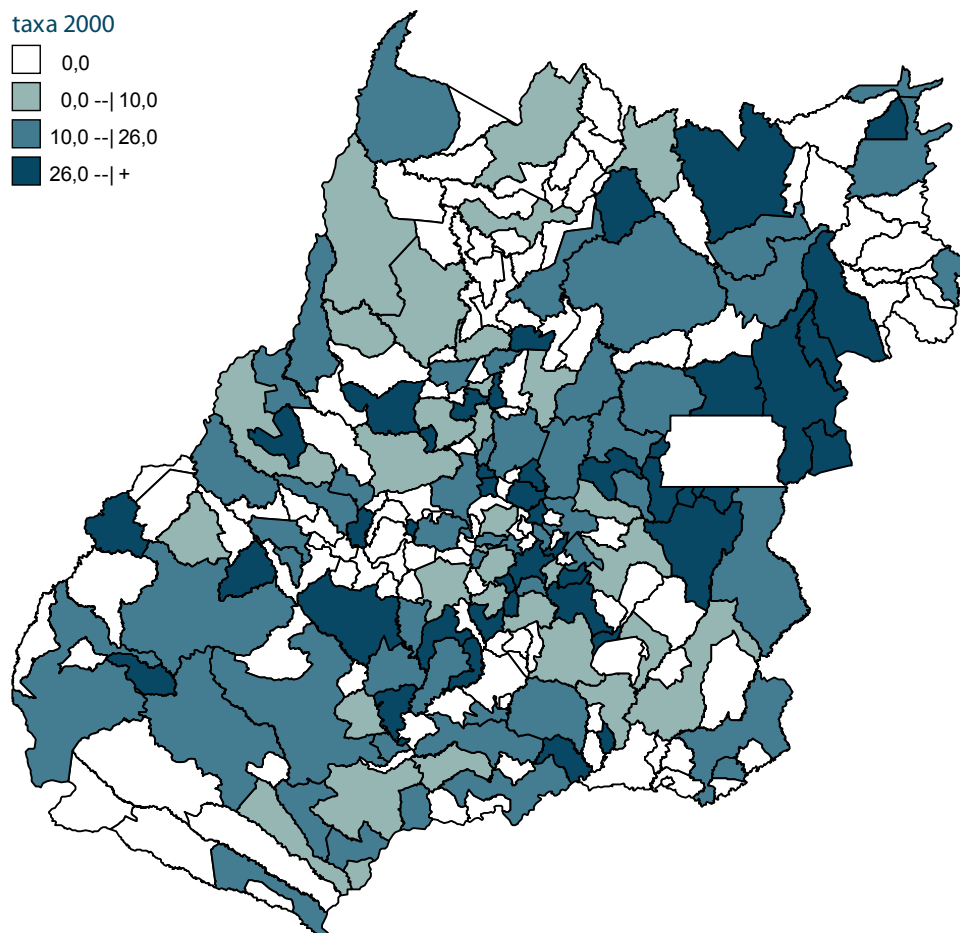
Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Gráfico G01. Taxas de Homicídio por Área. Goiás. 1980/2010\*



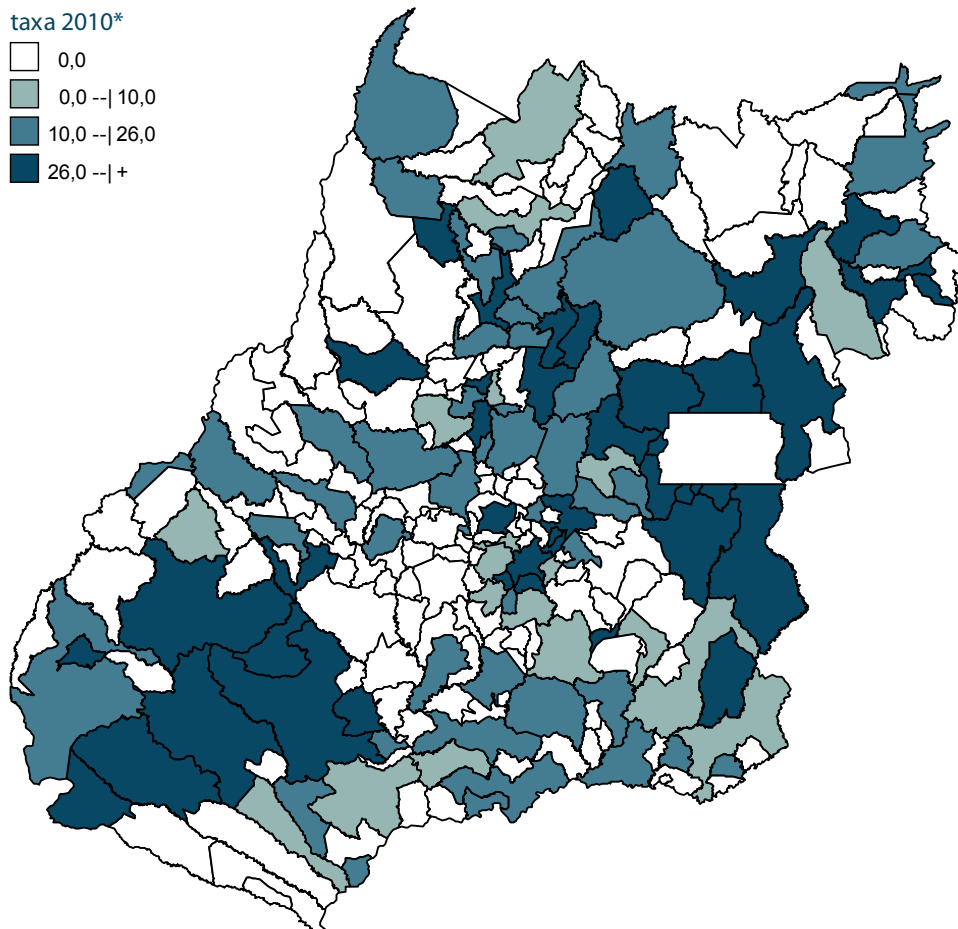
Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Mapa G01. Goiás. 2000



Fonte: SIM/SVS/MS

Mapa G02. Goiás. 2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Pelos mapas acima e a tabela e gráfico a seguir, podem ser observadas algumas mudanças nas configurações da violência da última década:

- Se no mapa do ano 2000 podemos observar certa dispersão dos municípios com taxas acima da média nacional, com um foco no entorno de Brasília no qual participam alguns dos municípios da RIDE, já no mapa de 2010 observamos:
  - Pesada intensificação nos municípios goianos do entorno de Brasília.
  - Emergência de um segundo foco antes inexistente, na microrregião do sudoeste de Goiás, com elevadas taxas de homicídio.
- Os maiores incrementos na década acontecem em municípios da faixa de 100 a 200 mil habitantes, com destaque para Luziânia, Águas Lindas de Goiás e Valparaíso de Goiás, do entorno de Brasília, mas também Rio Verde, do interior.

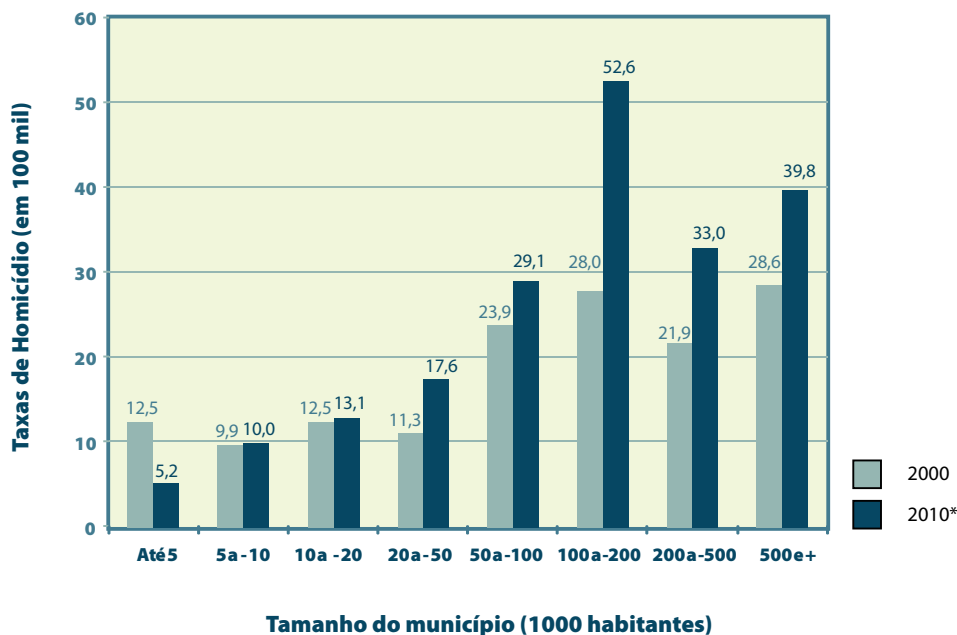
- Também a faixa de 20 a 50 mil habitantes apresenta elevado crescimento, onde distinguem-se Padre Bernardo e Cristalina.

Tabela G03. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Goiás: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	39	12,5	3,9	17	5,2	1,0	-58,2	100
DE 5 A -10 MIL	35	9,9	3,5	39	10,0	2,2	1,5	55
DE 10 A -20 MIL	60	12,5	5,9	70	13,1	4,0	4,8	39
DE 20 A -50 MIL	98	11,3	9,7	173	17,6	9,8	55,8	32
DE 50 A -100 MIL	156	23,9	15,4	242	29,1	13,7	21,8	11
DE 100 A -200 MIL	173	28,0	17,1	446	52,6	25,3	88,0	6
DE 200 A -500 MIL	137	21,9	13,6	261	33,0	14,8	50,5	2
500 MIL E MAIS.	313	28,6	31,0	518	39,8	29,3	38,9	1
<b>TOTAL</b>	<b>1011</b>	<b>20,2</b>	<b>100,0</b>	<b>1766</b>	<b>29,4</b>	<b>100,0</b>	<b>45,6</b>	<b>246</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico G02. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Goiás: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares





## MARANHÃO

Maranhão, que em diversos períodos foi o estado menos violento do país, viu crescer sua taxa de homicídios dos últimos anos de forma muito preocupante. Se ainda em 1999 ostentava uma taxa de 4,6 homicídios em 100 mil habitantes, para o ano de 2010 praticamente quadruplicou essa taxa, indo para 22,5, quase encostando na taxa nacional. De forma difusa, dadas as oscilações nos índices, três fases indicam quebras na evolução dos dados:

**Primeiro período: 1980/1991:** A taxa extremamente baixa do estado em 1980 – 2,7 homicídios em 100 mil – eleva-se rapidamente, com um ritmo bem acima da média nacional. O estado aumenta 238,4% e o país 78,1%. Tanto sua RM quanto o interior apresentam elevados níveis de crescimento.

**Segundo período: 1991/1999.** Inicia-se um processo de regressão das taxas, que caem pela metade no estado e, de forma semelhante, na sua região metropolitana (RM) e no interior.

**Terceiro Período: 1999/2010\*.** Abre-se uma fase extremamente preocupante de fortes incrementos nos níveis de violência, onde disparam tanto as taxas do Grande São Luís quanto, principalmente, as do interior.

Tabela MA1. Taxas de Homicídio por Área. Maranhão. 1980/2010\*

ANO	BRASIL	MARANHÃO		
		UF	CAPITAL + RM	INTERIOR
1980	11,7	2,7	10,2	1,7
1981	12,6	3,4	15,1	1,7
1982	12,6	3,3	10,5	2,2
1983	13,8	3,7	3,1	3,8
1984	15,3	4,2	4,6	4,2
1985	15,0	3,7	4,5	3,5
1986	15,3	5,6	10,8	4,6
1987	16,9	6,2	13,6	4,9
1988	16,8	7,2	17,3	5,3
1989	20,3	8,4	22,6	5,7
1990	22,2	9,1	23,0	6,4
1991	20,8	9,2	24,9	6,1
1992	19,1	8,4	19,7	6,1
1993	20,2	7,8	17,0	5,9
1994	21,2	6,0	17,1	3,7
1995	23,8	7,3	24,0	3,9
1996	24,8	6,7	20,9	3,6
1997	25,4	6,0	19,8	3,0
1998	25,9	5,0	14,4	2,8
1999	26,2	4,6	12,0	2,9
2000	26,7	6,1	13,4	4,7
2001	27,8	9,4	23,1	6,2
2002	28,5	9,9	19,1	7,8
2003	28,9	13,0	26,6	9,7
2004	27,0	11,7	28,7	7,6
2005	25,8	14,8	26,1	12,0
2006	26,3	15,0	27,2	12,0
2007	25,2	17,4	32,3	13,6
2008	26,4	19,7	38,2	15,2
2009	27,0	21,5	45,7	15,5
2010*	26,2	22,5	46,6	16,5

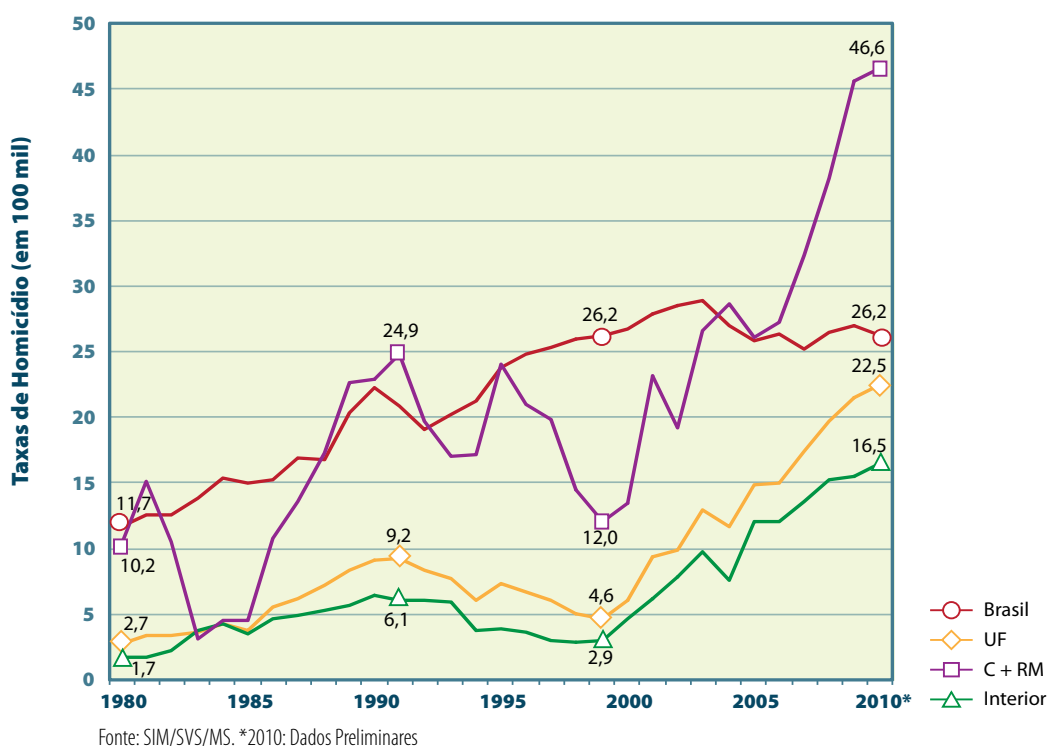
Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Tabela MA2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Maranhão. 1980/2010\*

ÁREA	1980-1991		1991-1999		1999-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	78,1	5,4	25,7	2,9	0,0	0,0
UF	238,4	11,7	-49,8	-8,3	385,3	15,4
CAPITAL+RM	143,4	8,4	-51,6	-8,7	287,0	13,1
INTERIOR	268,3	12,6	-52,0	-8,8	463,4	17,0

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

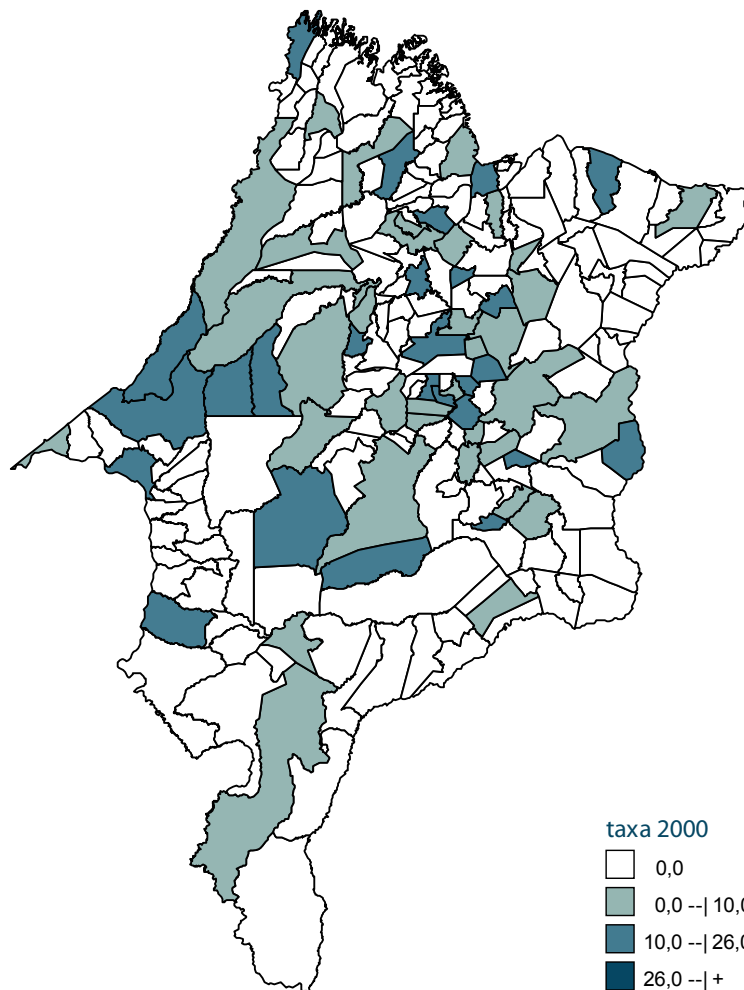
Gráfico MA1. Taxas de Homicídio por Área. Maranhão. 1980/2010\*



As informações a seguir permitem especificar melhor o sentido dessas mudanças. Segundo observamos nos mapas, a partir de uma situação de relativa tranquilidade em 2000 a violência espalha-se praticamente em todo o território do estado, com diversos polos de elevada conturbação.

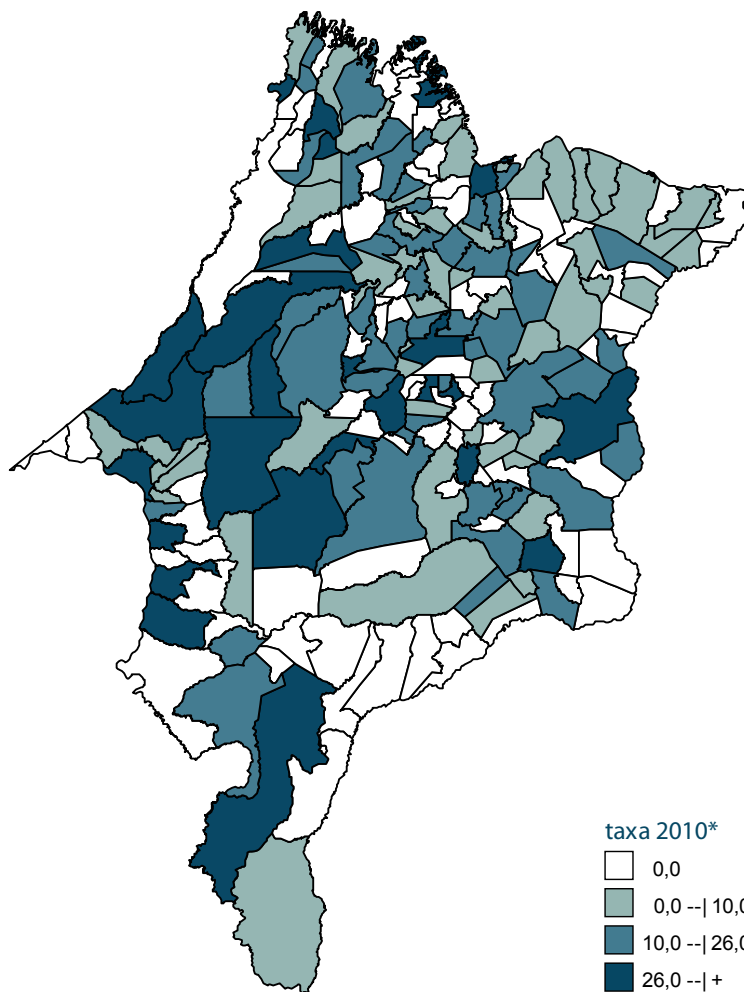
Os municípios de maior porte apresentaram elevado crescimento na década, como a Capital, São Luís, que passa de 16,6 para 56,1 homicídios em 100 mil, com aumento de 238,8%, ou o segundo município em população, Imperatriz, que passa 12,6 para 55,8, com crescimento de 343,3% na década. Mas maior crescimento vai ser observado nos municípios de menor porte: de 5 a 10 mil e de 20 a 50 mil habitantes, com taxas acima de 400%, contribuindo assim à disseminação da violência no conjunto do estado.

Mapa MA1. Maranhão. 2000



Fonte: SIM/SVS/MS

Mapa MA2. Maranhão. 2010\*



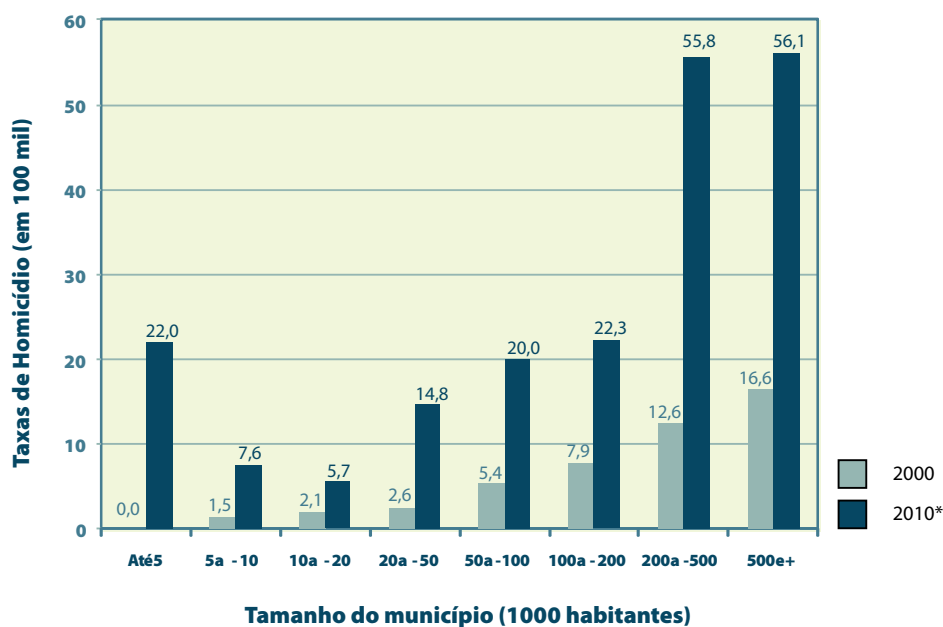
Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Tabela MA3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Maranhão: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	0	0,0	0,0	6	22,0	0,4	-	6
DE 5 A -10 MIL	3	1,5	0,9	17	7,6	1,2	400,9	32
DE 10 A -20 MIL	23	2,1	6,7	72	5,7	4,9	167,3	89
DE 20 A -50 MIL	47	2,6	13,7	299	14,8	20,2	459,9	68
DE 50 A -100 MIL	39	5,4	11,3	176	20,0	11,9	272,8	13
DE 100 A -200 MIL	59	7,9	17,2	201	22,3	13,6	181,5	7
DE 200 A -500 MIL	29	12,6	8,4	138	55,8	9,3	343,3	1
500 MIL E MAIS.	144	16,6	41,9	569	56,1	38,5	238,8	1
<b>TOTAL</b>	<b>344</b>	<b>6,1</b>	<b>100,0</b>	<b>1478</b>	<b>22,5</b>	<b>100,0</b>	<b>269,3</b>	<b>217</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico MA2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Maranhão: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares



## MATO GROSSO

Uma primeira visão da sequência histórica das taxas do Mato Grosso colocam sob suspeição os dados, principalmente os referentes a sua capital, até o ano 1995 ou 1997. Resultam inexplicáveis, ao menos para o autor, as reduzidas taxas da capital até 1994 e a brusca e íngreme elevação das mesmas entre 1995 e 1997. Por esse motivo, se os dados desde 1980 serão incluídos da mesma forma que nos restantes estados, as análises só serão realizadas a partir dos dados da última década.

Tabela MT1. Taxas de Homicídio por Área. Mato Grosso. 1980/2010\*

ANO	BRASIL				ANO	BRASIL			
		UF	CAPITAL +RM	INTERIOR			UF	CAPITAL +RM	INTERIOR
1980	11,7	3,1	1,7	3,5	1996	24,8	29,5	40,2	25,3
1981	12,6	6,3	4,2	7,0	1997	25,4	33,5	48,6	27,6
1982	12,6	4,9	1,8	6,0	1998	25,9	36,3	63,8	25,5
1983	13,8	10,3	4,2	12,5	1999	26,2	34,7	56,9	26,1
1984	15,3	13,0	3,1	16,5	2000	26,7	39,8	60,1	31,9
1985	15,0	17,6	4,8	22,2	2001	27,8	38,5	65,3	28,1
1986	15,3	22,0	6,4	27,7	2002	28,5	37,0	48,3	32,6
1987	16,9	22,1	8,8	27,0	2003	28,9	35,0	45,7	30,9
1988	16,8	20,7	8,4	25,4	2004	27,0	32,1	40,0	29,1
1989	20,3	25,1	14,8	29,0	2005	25,8	32,4	40,4	29,2
1990	22,2	21,0	7,3	26,3	2006	26,3	31,5	42,1	27,3
1991	20,8	22,2	11,0	26,5	2007	25,2	30,7	39,1	27,4
1992	19,1	17,2	5,4	21,8	2008	26,4	31,8	46,1	26,7
1993	20,2	16,5	7,7	20,0	2009	27,0	33,3	46,0	28,8
1994	21,2	14,2	5,5	17,6	2010*	26,2	31,7	44,9	27,0
1995	23,8	25,9	28,8	24,8					

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

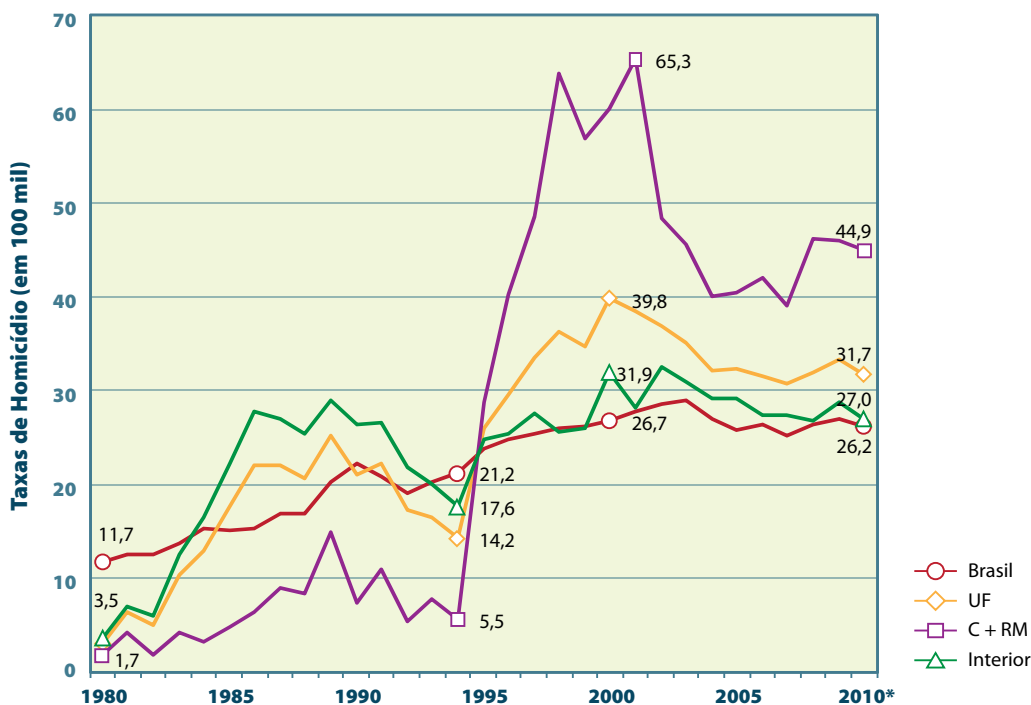


Tabela MT2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Mato Grosso. 1980/2010\*

ÁREA	1980-1994		1994-2001		2001-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	81,5	4,3	31,1	3,9	-5,9	-0,7
UF	363,5	11,6	170,4	15,3	-17,6	-2,1
CAPITAL+RM	221,1	8,7	1078,7	42,3	-31,3	-4,1
INTERIOR	399,4	12,2	59,4	6,9	-4,1	-0,5

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Gráfico MT1. Taxas de Homicídio por Área. Mato Grosso. 1980/2010\*

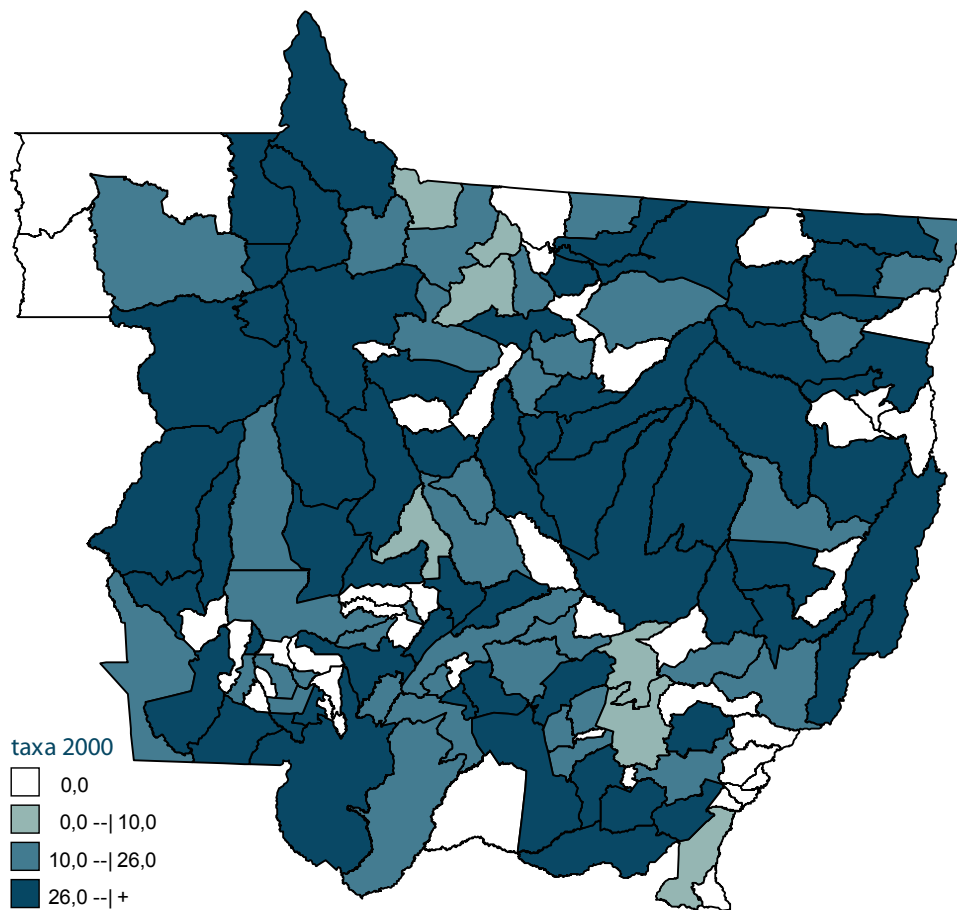


Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Podemos verificar nas informações a seguir o comportamento das taxas na década 2000/2010: As quedas acontecidas na década, principalmente entre 2001 e 2010, quando a taxa estadual cai de 38,5 para 31,7 homicídios em 100 mil habitantes, explicam-se pelo declínio observável nos dois extremos de tamanho dos municípios:

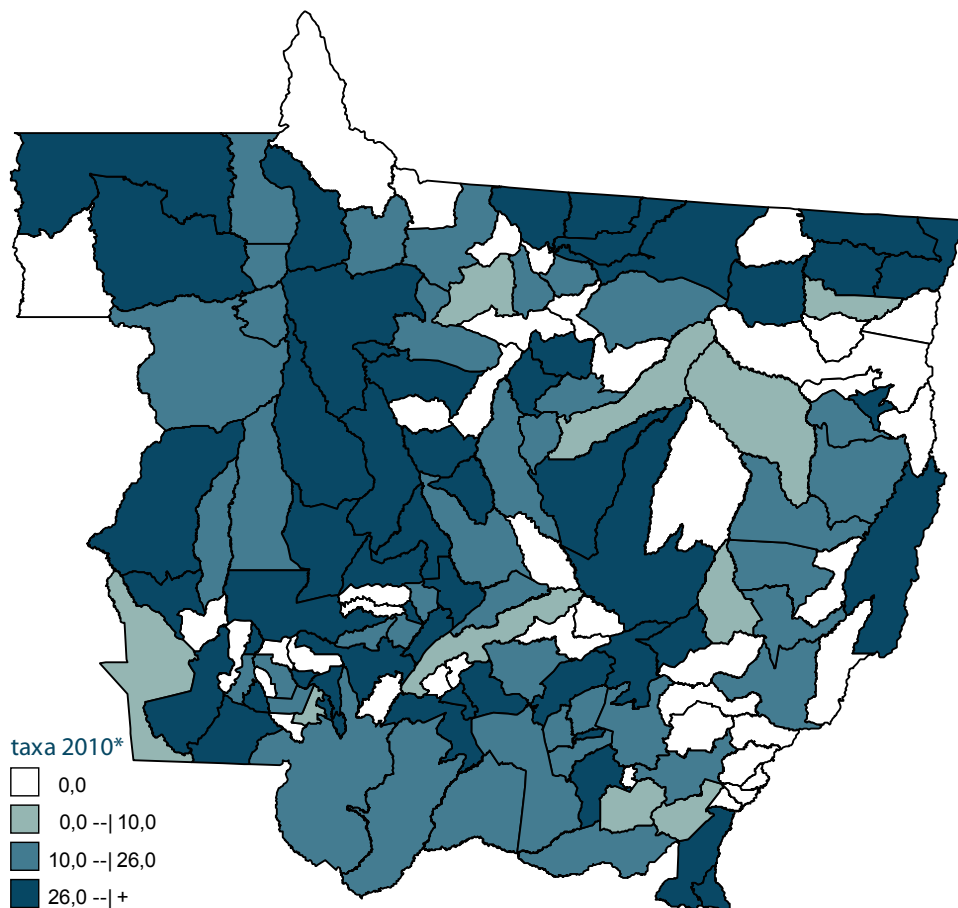
- O único município com mais de 500 mil habitantes, Cuiabá, cujas taxas têm uma significativa queda: passam de 69,5 para 40,1 homicídios em 100 mil habitantes, o que representa um decréscimo de 42,3%.
- No outro extremo, municípios com até 50 mil habitantes, também apresentaram quedas variadas.

Mapa MT1. Mato Grosso. 2000



Fonte: SIM/SVS/MS

Mapa MT2. Mato Grosso. 2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

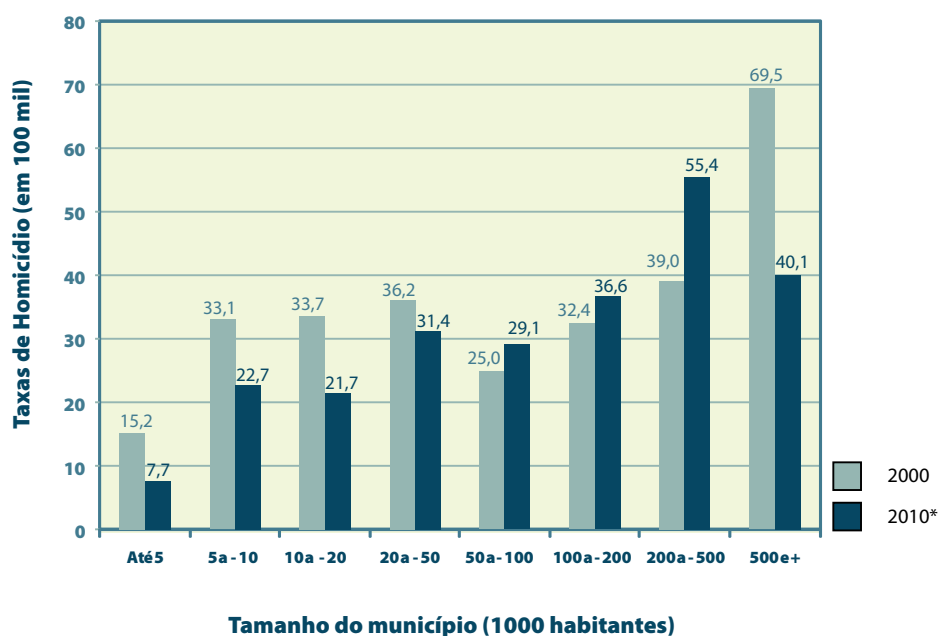
- Já no grupo de municípios entre 50 e 500 mil habitantes as taxas cresceram, em alguns casos, de forma significativa. No segundo município em tamanho, Várzea Grande, integrado de forma recente à nova região metropolitana (RM) do Vale do Rio Cuiabá, e com 252,5 mil habitantes, as taxas passaram de 39 para 55,4 homicídios em 100 mil, ultrapassando em níveis de violência, inclusive, a capital Cuiabá.

Tabela MT3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Mato Grosso: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	14	15,2	1,4	9	7,7	0,9	-49,5	36
DE 5 A -10 MIL	57	33,1	5,7	47	22,7	4,9	-31,4	31
DE 10 A -20 MIL	189	33,7	19,0	137	21,7	14,2	-35,6	45
DE 20 A -50 MIL	175	36,2	17,6	195	31,4	20,2	-13,2	20
DE 50 A -100 MIL	68	25,0	6,8	101	29,1	10,5	16,7	5
DE 100 A -200 MIL	73	32,4	7,3	113	36,6	11,7	12,9	2
DE 200 A -500 MIL	84	39,0	8,4	140	55,4	14,5	42,1	1
500 MIL E MAIS.	336	69,5	33,7	221	40,1	22,9	-42,3	1
<b>TOTAL</b>	<b>996</b>	<b>39,8</b>	<b>100,0</b>	<b>963</b>	<b>31,7</b>	<b>100,0</b>	<b>-20,2</b>	<b>141</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico MT2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Mato Grosso: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares



## MATO GROSSO DO SUL

**A**o longo de quase todo o histórico, o estado evidenciou taxas acima da média nacional. Só em dois anos: 1990 e 2010 suas taxas ficaram pouco embaixo. Podemos distinguir, preliminarmente, dois grandes períodos:

**Primeiro período: 1980/1996.** As taxas do estado crescem com um ritmo levemente superior ao nacional, puxados pela elevação dos índices da capital Campo Grande<sup>1</sup>, apesar do interior também contribuir significativamente para esse crescimento – 4,1% ao ano. Como resultado desse aumento, o distanciamento entre as taxas do estado e as do país atinge sua máxima expressão em 1996, quando os índices do estado encontram-se 52,3% acima dos nacionais.

**Segundo período: 1996/2010\*.** Quedas nas taxas estaduais, arrastadas também neste caso pela sua capital, quando no país os índices experimentam um leve crescimento. Se as taxas do país nesta fase aumentam 5,7%, as do estado caem 31,6%, pressionadas pelas fortes quedas da capital: 48,9%.

Tabela MS1. Taxas de Homicídio por Área. Mato Grosso do Sul. 1980/2010\*

ANO	BRASIL	Mato Grosso do Sul		
		UF	CAPITAL + RM	INTERIOR
1980	11,7	16,5	8,6	18,6
1981	12,6	18,3	11,0	20,4
1982	12,6	18,7	16,3	19,5
1983	13,8	21,3	22,9	20,8
1984	15,3	22,7	19,9	23,7
1985	15,0	16,3	16,1	16,3
1986	15,3	18,1	15,0	19,2
1987	16,9	19,4	17,9	20,0
1988	16,8	19,1	19,2	19,1
1989	20,3	21,6	25,3	20,2
1990	22,2	20,3	21,3	19,9
1991	20,8	22,0	24,9	20,8
1992	19,1	23,5	26,5	22,2
1993	20,2	24,8	22,8	25,7
1994	21,2	27,3	26,6	27,6
1995	23,8	32,7	32,8	32,7
1996	24,8	37,7	42,5	35,5
1997	25,4	37,4	41,9	35,4
1998	25,9	33,5	36,4	32,2
1999	26,2	28,2	30,8	27,0
2000	26,7	31,0	39,3	27,1
2001	27,8	29,3	34,0	27,1
2002	28,5	32,4	34,5	31,4
2003	28,9	32,7	35,3	31,4
2004	27,0	29,6	30,7	29,0
2005	25,8	27,7	28,5	27,3
2006	26,3	29,5	27,1	30,7
2007	25,2	30,0	32,2	28,9
2008	26,4	29,5	25,6	31,4
2009	27,0	30,4	28,2	31,4
2010*	26,2	25,8	21,7	27,7

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

1. O estado não possui região metropolitana (RM). A referência Capital+RM sempre se refere a sua capital Campo Grande

Nesse mesmo período, as taxas do interior só diminuem 22%. Essas diferenças de ritmo originam:

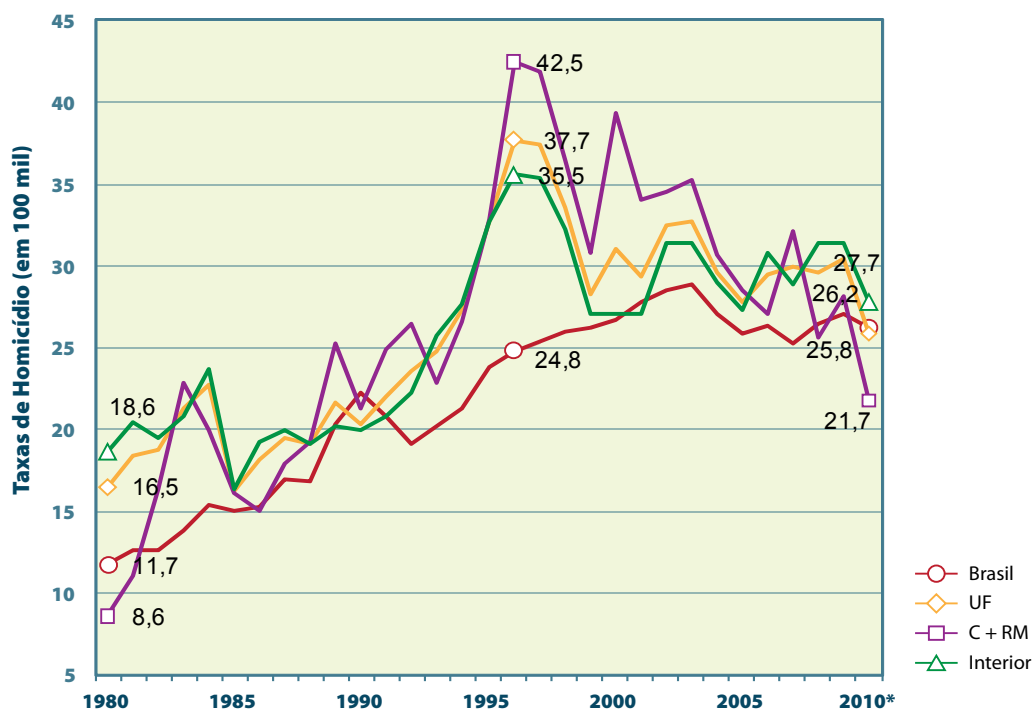
- No último ano da série, 2010, as taxas do estado são levemente menores que as do país.
- As taxas do interior ficam levemente maiores que as taxas da capital.

Tabela MS2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Mato Grosso do Sul. 1980/2010\*

ÁREA	1980-1996		1996-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	111,9	4,8	5,7	0,4
UF	128,6	5,3	-31,6	-2,7
CAPITAL+RM	396,0	10,5	-48,9	-4,7
INTERIOR	90,7	4,1	-22,0	-1,8

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Gráfico MS1. Taxas de Homicídio por Área. Mato Grosso do Sul. 1980/2010\*

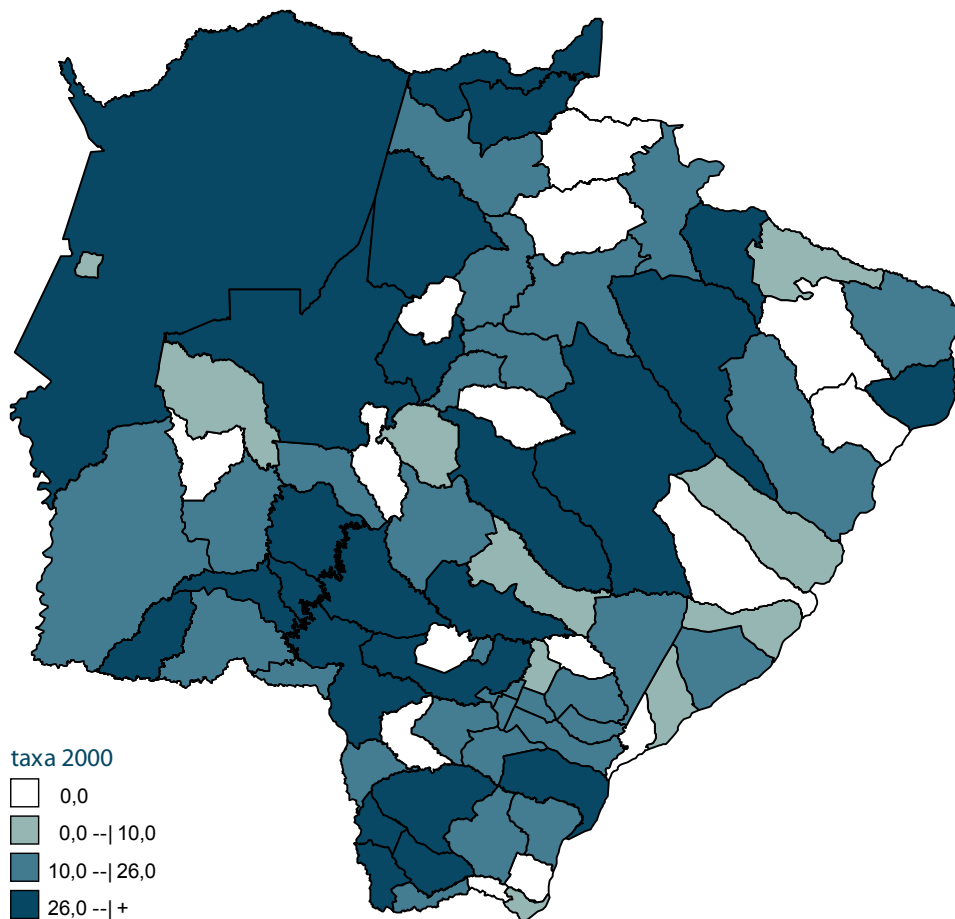


Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

As informações dos mapas, tabelas e gráficos a seguir permitem verificar que:

- A maior queda do período é registrada na capital: crescimento negativo de 44,7%.

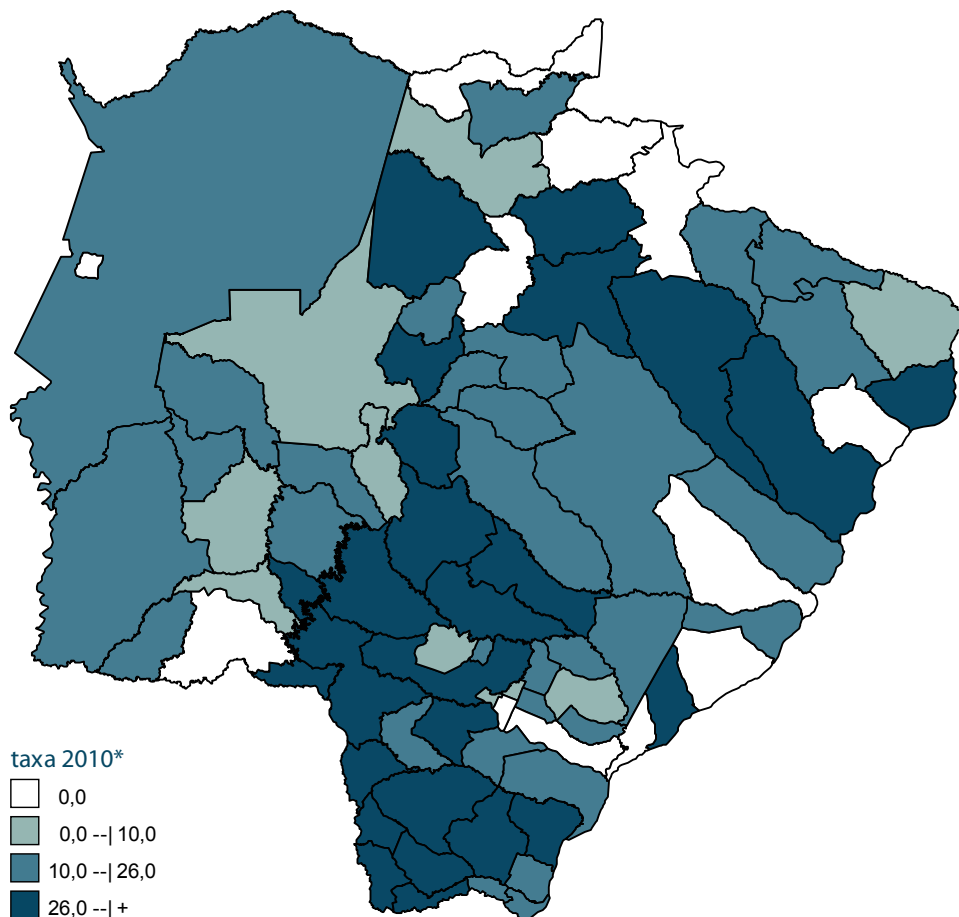
Mapa MS1. Mato Grosso do Sul. 2000



Fonte: SIM/SVS/MS



Mapa MS2. Mato Grosso do Sul. 2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

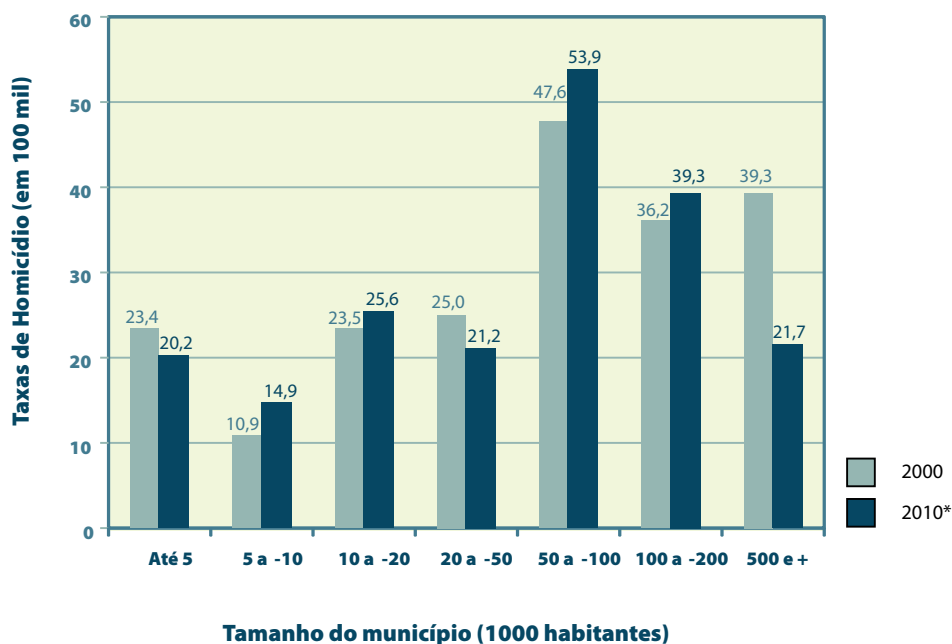
- Em contrapartida, em diversos municípios de menor porte, como os que se encontram na faixa de 5 a 20 mil habitantes e de 50 a 200 mil, as taxas cresceram, sofrendo a queda dos índices estaduais.

Tabela MS3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Mato Grosso do Sul: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	6	23,4	0,9	6	20,2	0,9	-14,0	7
DE 5 A -10 MIL	13	10,9	2,0	19	14,9	3,0	36,4	18
DE 10 A -20 MIL	85	23,5	13,2	107	25,6	16,9	8,7	28
DE 20 A -50 MIL	127	25,0	19,7	129	21,2	20,4	-15,1	20
DE 50 A -100 MIL	29	47,6	4,5	42	53,9	6,6	13,3	1
DE 100 A -200 MIL	123	36,2	19,1	158	39,3	25,0	8,7	3
500 MIL E MAIS.	261	39,3	40,5	171	21,7	27,1	-44,7	1
<b>TOTAL</b>	<b>644</b>	<b>31,0</b>	<b>100,0</b>	<b>632</b>	<b>25,8</b>	<b>100,0</b>	<b>-16,7</b>	<b>78</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico MS2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Mato Grosso do Sul: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares



## MINAS GERAIS

A observação da evolução dos homicídios no estado permite diferenciar três períodos com características diferenciadas:

**Primeiro período: 1980/1994.** As taxas do estado, que já em 1980 eram levemente inferiores às nacionais – 8,7 para 11,7 homicídios em 100 mil – tiveram um tênue declínio passando para 6,7 em 1994: queda de 22,5%. Nesse ínterim, as taxas nacionais cresceram 81,5%. Com isso, o contraste ficou bem marcado: em 1994 Minas tinha uma taxa de 6,7 homicídios em 100 mil, e a do país era de 21,2, mais do triplo que o estado. Ao longo do período, as taxas das regiões metropolitanas (RM) e as do interior sofrem um leve declínio muito semelhante.

**Segundo período: 1994/2004.** As taxas do estado se reaproximam das médias nacionais – 22,6 o estado e 27 as nacionais – impulsionadas por um forte crescimento dos índices das RM. Na década 1994/2004 as regiões metropolitanas do estado crescem 421% e o interior só 92,9%.

**Terceiro período: 2004/2010\*.** Regressão dos índices de violência do estado, que caem 20,1%, enquanto as taxas do país, no mesmo período, só regridem 3,1%. As quedas devem-se exclusivamente às RM, que caem 39%. O interior, pelo contrário, continua a aumentar seus índices: cresce 17,3%, resultando em obstáculo para o aprofundamento das quedas estaduais.

Tabela MG1. Taxas de Homicídio por Área. Minas Gerais. 1980/2010\*

ANO	BRASIL	MINAS GERAIS		
		UF	CAPITAL +RM	INTERIOR
1980	11,7	8,7	16,3	6,5
1981	12,6	8,0	11,3	7,1
1982	12,6	8,0	10,9	7,1
1983	13,8	7,2	9,5	6,6
1984	15,3	7,9	10,5	7,2
1985	15,0	7,0	8,5	6,6
1986	15,3	7,0	9,1	6,4
1987	16,9	6,8	9,7	5,9
1988	16,8	6,7	9,8	5,7
1989	20,3	7,8	11,9	6,5
1990	22,2	7,5	10,8	6,4
1991	20,8	7,7	12,5	6,1
1992	19,1	6,9	11,4	5,5
1993	20,2	7,4	12,0	5,9
1994	21,2	6,7	10,6	5,4
1995	23,8	7,2	14,5	4,8
1996	24,8	7,3	14,7	4,8
1997	25,4	7,7	16,7	4,6
1998	25,9	8,6	19,7	4,7
1999	26,2	8,9	20,4	4,9
2000	26,7	11,5	27,6	5,8
2001	27,8	12,9	30,1	6,6
2002	28,5	16,2	37,3	8,4
2003	28,9	20,6	49,0	10,1
2004	27,0	22,6	55,1	10,5
2005	25,8	21,9	47,8	12,0
2006	26,3	21,3	43,7	12,8
2007	25,2	20,8	41,7	12,8
2008	26,4	19,5	38,1	12,5
2009	27,0	18,8	34,9	12,8
2010*	26,2	18,1	33,8	12,3

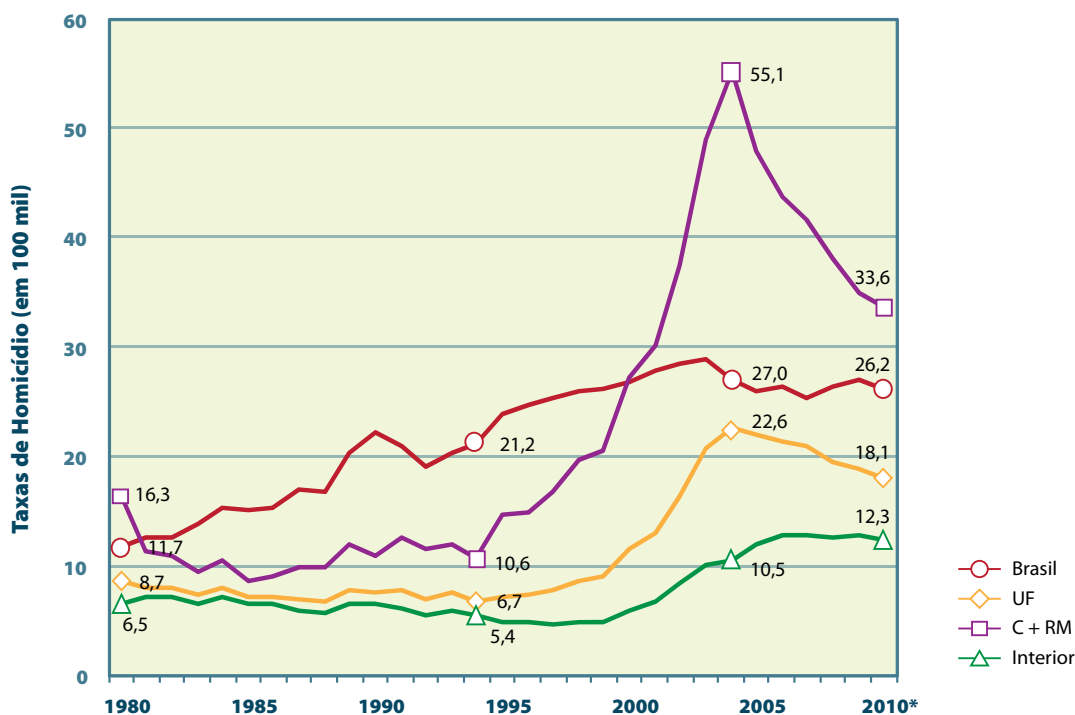
Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Tabela MG2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Minas Gerais. 1980/2010\*

ÁREA	1980-1994		1994-2004		2004-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	81,5	4,3	27,3	2,4	-3,1	-0,5
UF	-22,5	-1,8	236,7	12,9	-20,1	-3,7
CAPITAL+RM	-35,2	-3,1	421,0	17,9	-39,0	-7,9
INTERIOR	-16,1	-1,2	92,9	6,8	17,3	2,7

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Gráfico MG1. Taxas de Homicídio por Área. Minas Gerais. 1980/2010\*

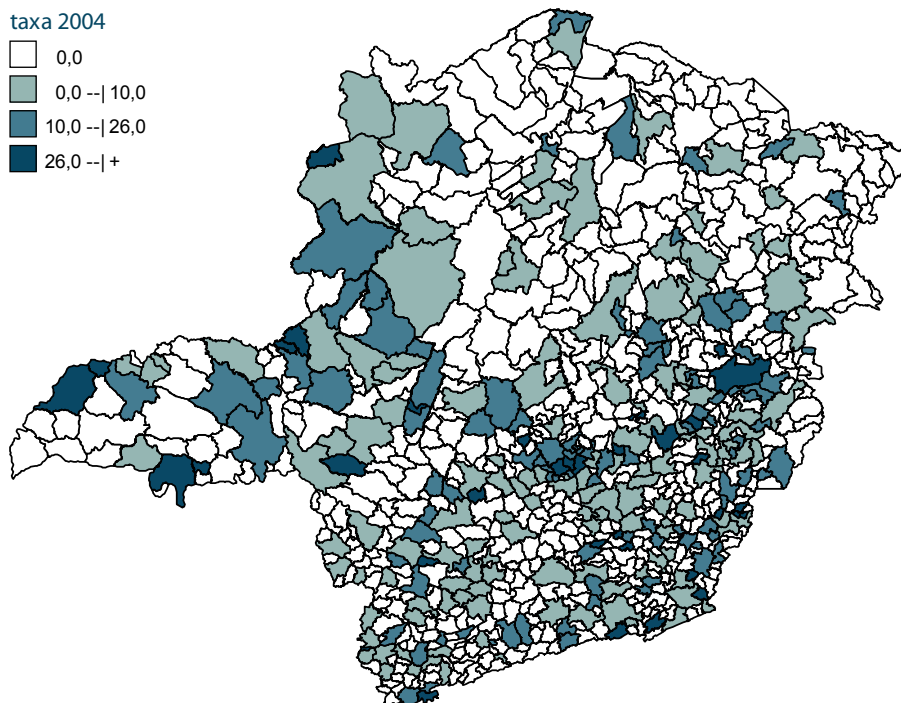


Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Dadas as características acima analisadas, os mapas e as análises desagregadas por tamanho dos municípios serão realizadas comparando os anos 2004 e 2010.

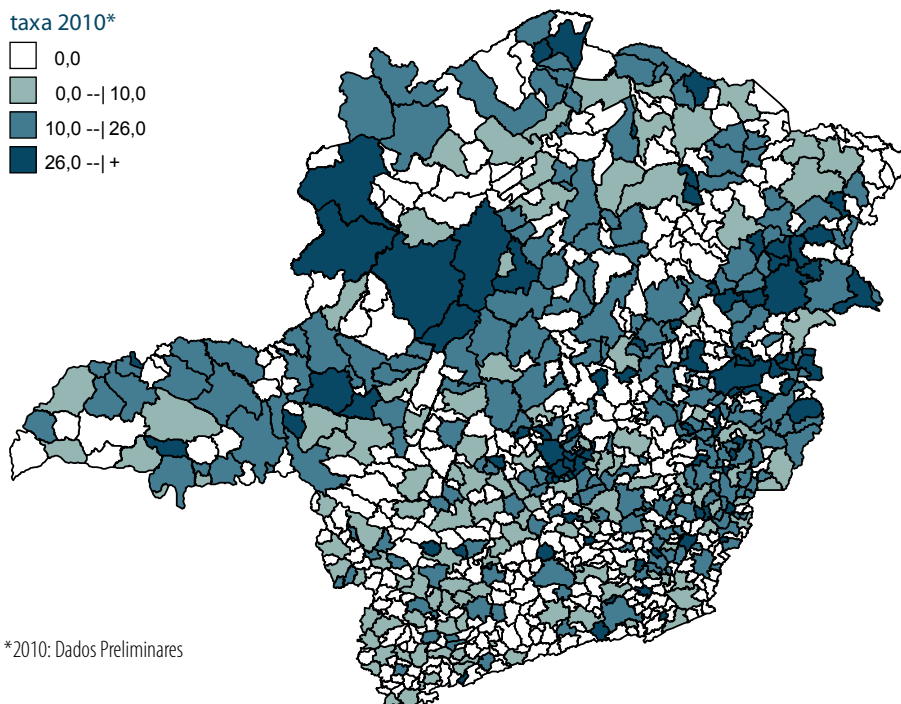
- Em 2004, 485 dos 853 municípios mineiros – 57% – não tiveram registro de homicídios. Em função das significativas quedas do estado, era de esperar que em 2010 esse número de municípios livres do flagelo fosse maior ainda. Mas não, esse número diminuiu: agora foram 446: 52% dos municípios do estado.
- Também em função dessas quedas estaduais, era de esperar uma concomitante diminuição no número de municípios com taxas acima de 26 homicídios em 100 mil habitantes. Mas não, o número cresceu, passou de 69 para 85 municípios em 2010.

Mapa MG1. Minas Gerais. 2004



Fonte: SIM/SVS/MS

Mapa MG2. Minas Gerais. 2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Tabela MG3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do Município. Minas Gerais: 2004-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2004			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	51	6,0	1,2	65	7,6	1,8	26,2	240
DE 5 A -10 MIL	118	6,9	2,8	139	8,0	3,9	15,2	251
DE 10 A -20 MIL	177	7,2	4,2	209	8,2	5,9	14,7	184
DE 20 A -50 MIL	311	9,9	7,3	373	11,3	10,5	14,2	112
DE 50 A -100 MIL	293	11,8	6,9	385	14,6	10,9	23,2	37
DE 100 A -200 MIL	350	19,0	8,3	288	14,8	8,1	-22,1	16
DE 200 A -500 MIL	910	39,0	21,5	780	31,6	22,0	-18,9	9
500 MIL E MAIS.	2.031	51,5	47,9	1.299	31,7	36,7	-38,5	4
<b>TOTAL</b>	<b>4241</b>	<b>22,6</b>	<b>100,0</b>	<b>3538</b>	<b>18,1</b>	<b>100,0</b>	<b>-20,1</b>	<b>853</b>

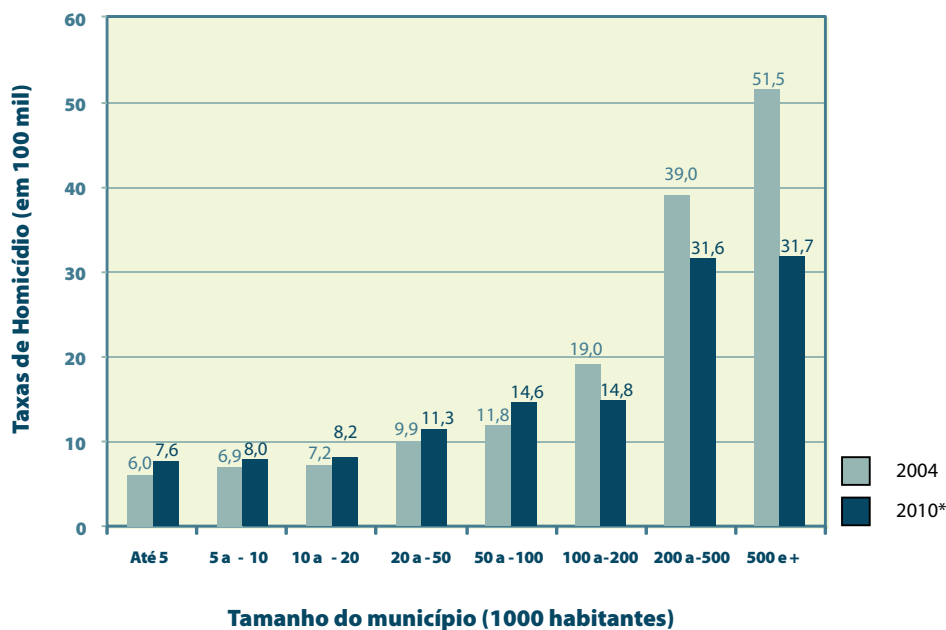
Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Vemos, pela tabela MG3 e o gráfico MG2, o comportamento dos municípios com relação a seu tamanho. Em 2010 diminui sensivelmente a associação entre taxas de homicídio e tamanho do município observada em 2000. Isto é explicado pelas quedas nos municípios de maior porte e o aumento nos menores.

Na faixa das cidades com mais de 500 mil habitantes em 2010 – Belo Horizonte, Contagem, Juiz de Fora e Uberlândia – registra-se uma forte queda, da ordem de 38,5%, impulsionada principalmente pela regressão na capital do estado. Já em Uberlândia e Juiz de Fora, que correspondem ao interior do estado as taxas crescem. Ao mesmo tempo, nos municípios com menos de 100 mil habitantes, as taxas tendem a crescer.

Com esses dados verifica-se também em Minas Gerais o processo de disseminação via interiorização que colocamos inicialmente como hipóteses de trabalho.

Gráfico MG2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Minas Gerais: 2004-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares





## PARÁ

Podemos identificar dois grandes períodos:

**Primeiro período: 1980/1999.** A taxa inicial do estado: 8,9 homicídios em 100 mil habitantes é pouco inferior à nacional. Os índices da região metropolitana (RM) do Pará, que conglomerava os municípios de Ananindeua, Belém, Benevides, Marituba e Santa Bárbara do Pará são superiores aos do interior. No outro extremo do período, a taxa do estado teve um leve crescimento (1% ao ano) propiciado por um aumento de 2,4% ao ano do interior, enquanto a RM caiu 0,8% ao ano. Com isso, as taxas do interior praticamente se equiparam com os da RM. Igualmente, as mudanças foram muito lentas e tênues.

Tabela PA1. Taxas de Homicídio por Área. Pará. 1980/2010\*

ANO	BRASIL				ANO	BRASIL			
		UF	CAPITAL + RM	INTERIOR			UF	CAPITAL + RM	INTERIOR
1980	11,7	8,9	14,5	6,5	1996	24,8	12,5	20,1	9,4
1981	12,6	9,7	15,4	7,2	1997	25,4	13,2	22,4	9,5
1982	12,6	10,0	12,9	8,8	1998	25,9	13,3	24,3	8,9
1983	13,8	12,2	17,4	10,1	1999	26,2	10,8	12,5	10,1
1984	15,3	13,1	15,4	12,2	2000	26,7	13,0	18,9	10,6
1985	15,0	12,3	14,2	11,5	2001	27,8	15,1	21,6	12,4
1986	15,3	13,8	15,9	13,0	2002	28,5	18,4	26,1	15,2
1987	16,9	12,4	15,3	11,3	2003	28,9	21,0	29,1	17,7
1988	16,8	13,0	17,8	11,1	2004	27,0	22,7	29,9	19,8
1989	20,3	14,5	19,7	12,4	2005	25,8	27,6	41,0	22,1
1990	22,2	15,5	23,8	12,2	2006	26,3	29,2	40,0	24,7
1991	20,8	16,4	26,8	12,3	2007	25,2	30,4	37,7	27,4
1992	19,1	15,1	26,9	10,4	2008	26,4	39,2	56,1	32,5
1993	20,2	12,0	18,6	9,4	2009	27,0	40,2	55,8	34,3
1994	21,2	13,4	24,5	9,1	2010*	26,2	45,9	80,2	33,3
1995	23,8	12,8	21,6	9,3					

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

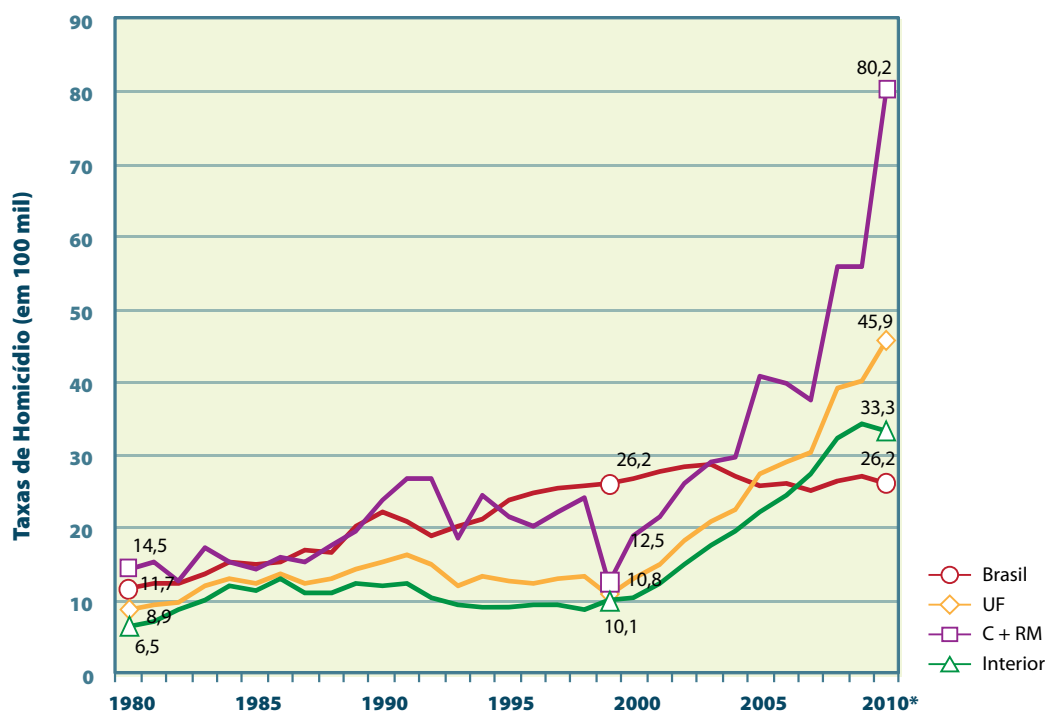
**Segundo período: 1999/2010\*.** Intenso crescimento das taxas do estado, arrastadas fundamentalmente pela eclosão de violência em sua RM. Se no período as taxas do país permanecem inalteradas, no Pará o crescimento de 324,4% nos homicídios levou o estado ultrapassar, já em 2005, a média nacional e continuar sua escalada. No ano 2000, com uma taxa de 13 homicídios em 100 mil o estado ocupava a 21ª posição nacional, em 2010 sua taxa de 45,9 homicídios a localiza na 3ª posição, tal o ritmo da escalada. O motor da expansão foi a sua RM, que nesses 11 anos mais que sextuplicou seus índices. Mas o interior não ficou muito atrás: também deu sua dose de contribuição, crescendo 228,2%.

Tabela PA2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Pará. 1980/2010\*

ÁREA	1980-1999		1999-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	124,0	4,3	0,0	0,0
UF	21,6	1,0	324,4	14,0
CAPITAL+RM	-13,7	-0,8	541,5	18,4
INTERIOR	55,8	2,4	228,2	11,4

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Gráfico PA1. Taxas de Homicídio por Área. Pará. 1980/2010\*

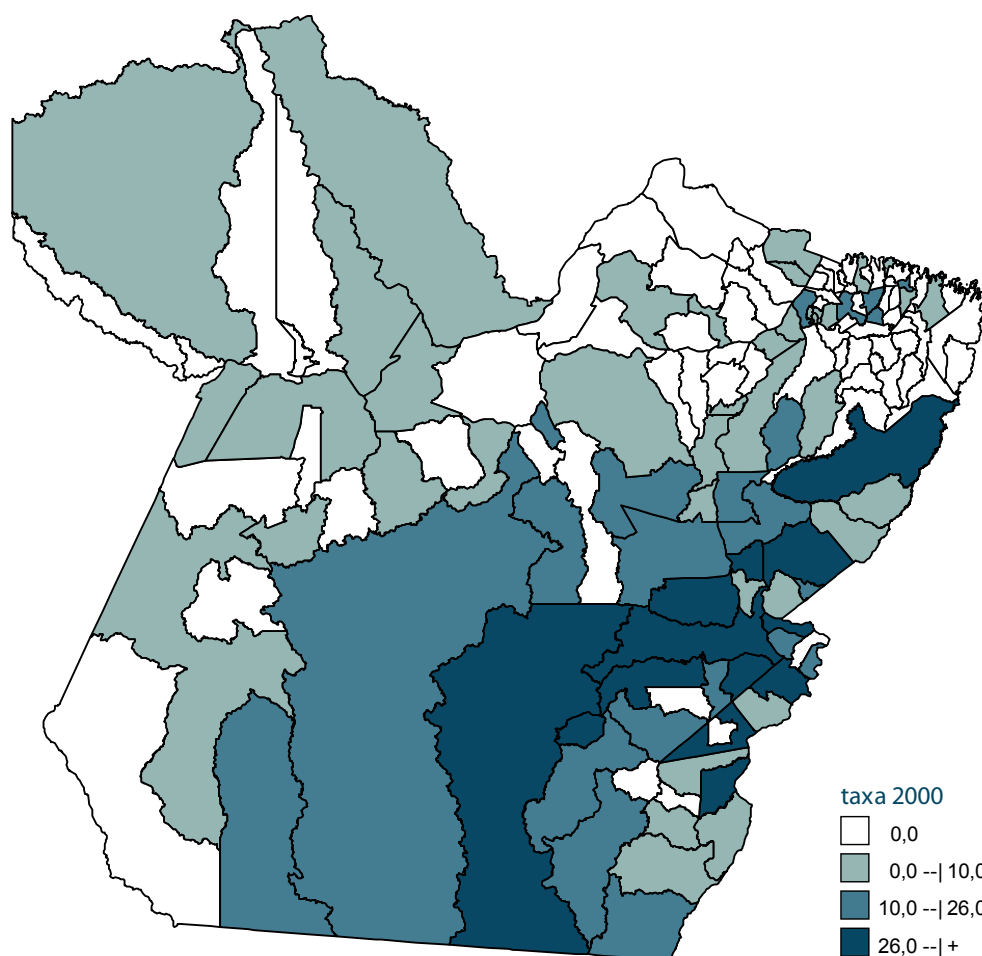


Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

A intensidade dessas transformações pode ser facilmente visualizada nos mapas e dados a seguir, que sintetizam a evolução dos homicídios na década 2000/2010:

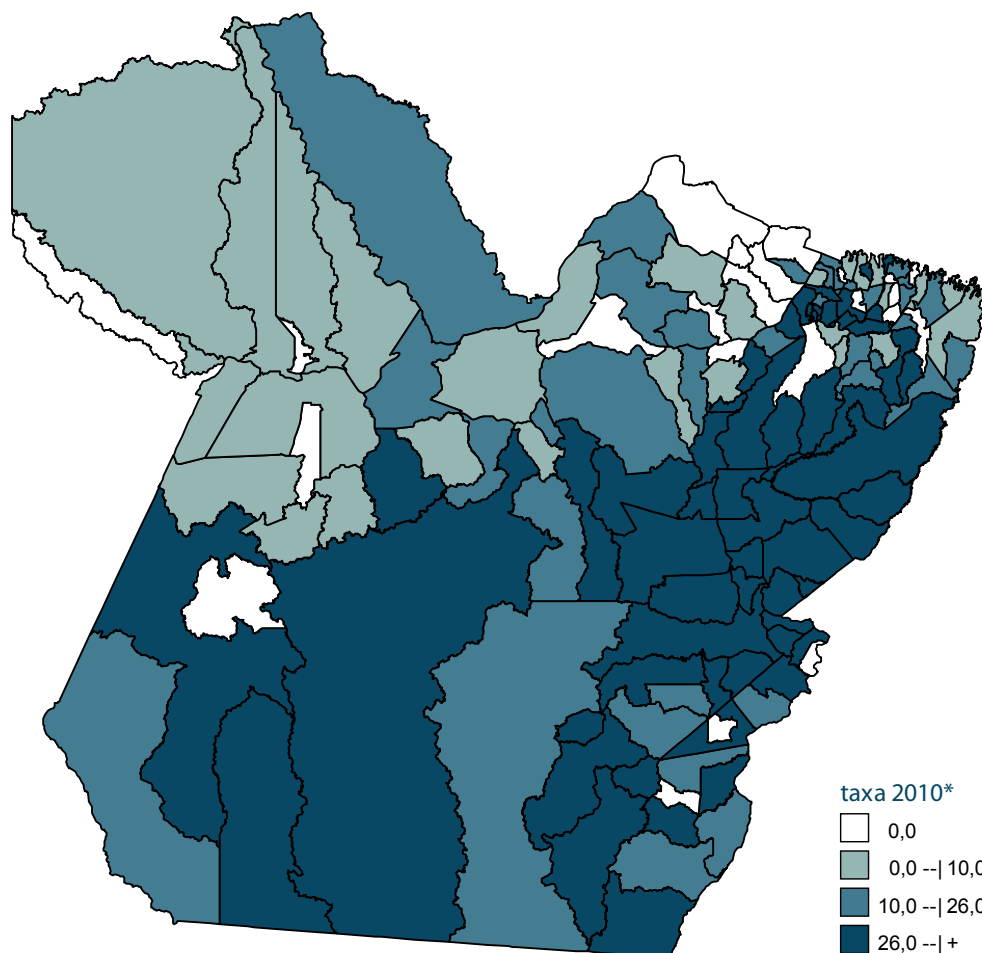
- No ano 2000 praticamente a metade dos municípios do estado – 70 – não possuíam registro de homicídios. Em 2010 esse número cai para 23.
- Em contrapartida, se só 13 municípios em 2000 tinham taxas acima de 26 homicídios em 100 mil habitantes, esse número pula para 57.

Mapa PA1. Pará. 2000



Fonte: SIM/SVS/MS

Mapa PA2. Pará. 2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

- Pela tabela PA3 e o gráfico PA2 podemos observar que elevados níveis de crescimento são registrados em todas as faixas de municípios.
- Mas acontece com maior intensidade na faixa de 200 a 500 mil habitantes, que em 2010 registrou três municípios que apresentam contrastes extremos: Ananindeua e Marabá, ambas com taxas que superam os 100 homicídios para cada 100 mil habitantes, e Santarém que em 2010 apresentou uma das menores taxas do país para municípios de grande porte: 3,1 homicídios para cada 100 mil habitantes<sup>1</sup>.

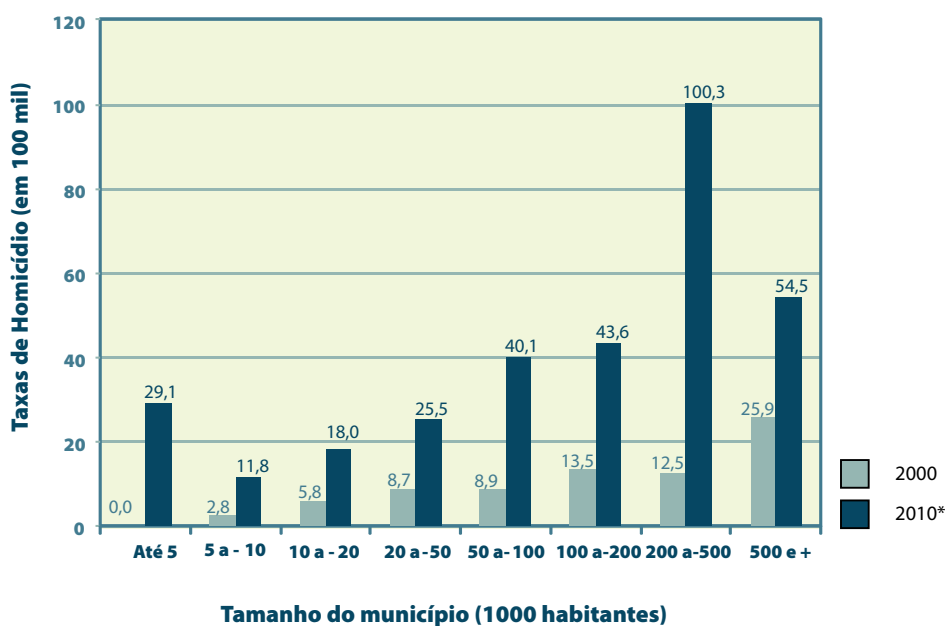
1. Esses elevados contrastes foram objeto de recente reportagem na revista Veja, em seu Caderno Especial Cidades, edição 2241 de 2/11/2011.

Tabela PA3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Pará: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	0	0,0	0,0	1	29,1	0,0	-	1
DE 5 A -10 MIL	2	2,8	0,2	9	11,8	0,3	324,9	11
DE 10 A -20 MIL	23	5,8	2,9	79	18,0	2,3	211,6	30
DE 20 A -50 MIL	129	8,7	16,0	473	25,5	13,6	193,9	61
DE 50 A -100 MIL	137	8,9	17,0	804	40,1	23,1	349,9	30
DE 100 A -200 MIL	80	13,5	9,9	353	43,6	10,1	221,8	6
DE 200 A -500 MIL	103	12,5	12,8	1003	100,3	28,8	702,3	3
500 MIL E MAIS.	332	25,9	41,2	760	54,5	21,8	110,4	1
<b>TOTAL</b>	<b>806</b>	<b>13,0</b>	<b>100,0</b>	<b>3482</b>	<b>45,9</b>	<b>100,0</b>	<b>252,9</b>	<b>143</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico PA2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Pará: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares



## PARAÍBA

**A** Paraíba, que em seu histórico sempre apareceu entre os estados com baixos índices no contexto nacional – entre 10 e 15 homicídios em 100 mil habitantes e no ano 2000 encontrava-se no 20º lugar – ingressou, nesta última década, numa forte escalada de violência que levou o estado, em 2010, a figurar entre os seis mais violentos do Brasil.

Podemos identificar duas grandes fases na sua evolução:

**Primeiro período: 1980/2004.** As taxas do estado sempre se localizam embaixo das médias nacionais, e o menor ritmo de crescimento da Paraíba o distancia ainda mais do nível nacional, com a conseguinte classificação de estado relativamente tranquilo para o contexto nacional. Efetivamente, se em 1980 a taxa da Paraíba era de 10,8 homicídios em 100 mil habitantes, quase semelhante à do país, que foi de 11,7, nos anos subsequentes o estado cresce com 72,4% até 2004, enquanto que a taxa nacional cresceu em ritmo maior: 131,1%. Com isto, no final do período o país vai para 27 homicídios em 100 mil habitantes, enquanto o estado fica em 18,6. Nesse crescimento moderado, vai ser a sua região metropolitana a que apresenta taxas de crescimento um pouco maiores que as do interior – 2,4 e 1,7% ao ano respectivamente.

**Segundo período: 2004/2010\*.** Neste período o estado registra um intenso crescimento em suas taxas, que em poucos anos superam a média nacional. Já em 2010 a Paraíba encontra-se no grupo das unidades de elevada violência. Nessa fase as taxas do estado mais que duplicam nos seis anos, passando de 18,6 para 38,6 homicídios em 100 mil. Vai ser sua recentemente criada região metropolitana que, além da capital, inclui os municípios de Bayeux, Cabedelo, Conde, Cruz do Espírito Santo, Lucena, Mamanguape, Rio Tinto e Santa Rita, a que pressiona fortemente nessa arrancada. Nos seis anos a taxa da região metropolitana (RM) passa de 32 para 72,9 homicídios em 100 mil habitantes, crescimento de 128,1% = 14,7% ao ano. Essa taxa de 72,9 coloca a RM de João Pessoa em 3º lugar no mapa da violência, depois da RM de Maceió e a de Belém, entre as 33 regiões metropolitanas analisadas. Mas a taxa de crescimento do interior não fica muito atrás: também cresce de forma muito acelerada: 10,5% ao ano.

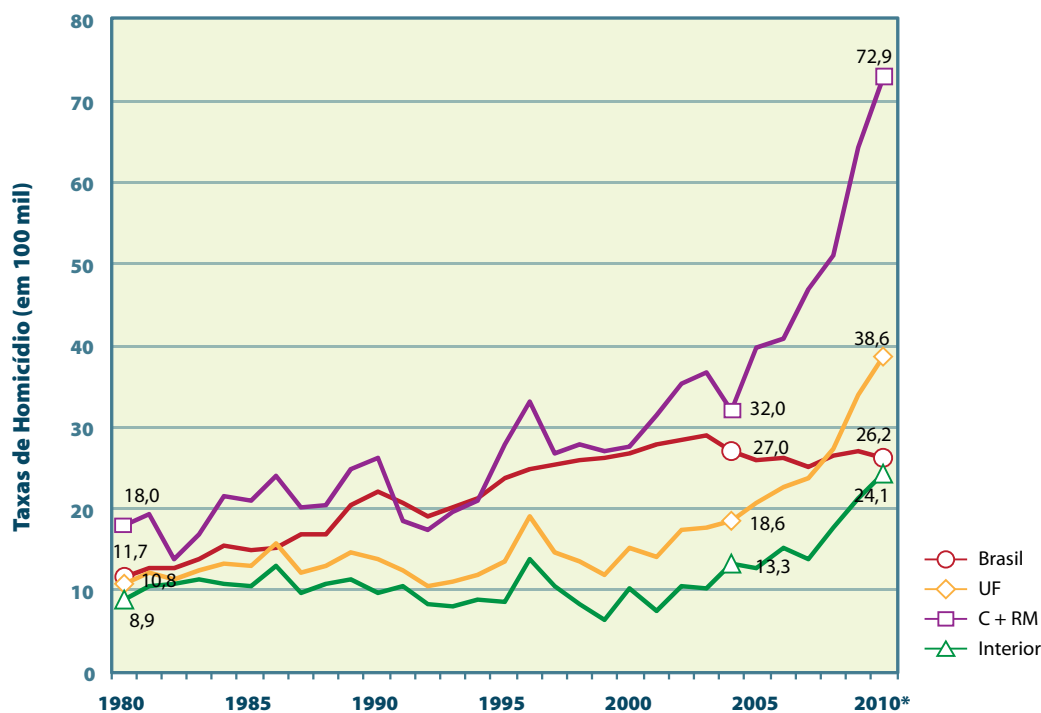


Tabela PB1. Taxas de Homicídio por Área. Paraíba. 1980/2010\*

ANO	BRASIL	PARAÍBA			ANO	BRASIL	PARAÍBA		
		UF	CAPITAL +RM	INTERIOR			UF	CAPITAL +RM	INTERIOR
1980	11,7	10,8	18,0	8,9	1996	24,8	19,0	33,1	13,8
1981	12,6	12,2	19,3	10,4	1997	25,4	14,7	26,7	10,4
1982	12,6	11,4	13,8	10,7	1998	25,9	13,5	27,8	8,3
1983	13,8	12,5	17,0	11,2	1999	26,2	12,0	27,1	6,3
1984	15,3	13,1	21,6	10,7	2000	26,7	15,1	27,6	10,3
1985	15,0	12,9	21,0	10,5	2001	27,8	14,1	31,4	7,5
1986	15,3	15,6	24,1	13,1	2002	28,5	17,4	35,3	10,4
1987	16,9	12,1	20,3	9,6	2003	28,9	17,6	36,6	10,1
1988	16,8	13,0	20,4	10,6	2004	27,0	18,6	32,0	13,3
1989	20,3	14,5	24,9	11,2	2005	25,8	20,6	39,6	12,8
1990	22,2	13,7	26,3	9,6	2006	26,3	22,6	40,7	15,1
1991	20,8	12,4	18,6	10,4	2007	25,2	23,6	47,0	13,7
1992	19,1	10,6	17,4	8,3	2008	26,4	27,3	51,1	17,6
1993	20,2	11,1	19,7	8,1	2009	27,0	33,8	64,3	21,2
1994	21,2	11,9	21,0	8,8	2010*	26,2	38,6	72,9	24,1
1995	23,8	13,6	28,0	8,6					

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Gráfico PB1. Taxas de Homicídio por Área. Paraíba. 1980/2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Tabela PB2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Paraíba. 1980/2010\*

ÁREA	1980-2004		2004-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	131,1	3,6	-3,1	-0,5
UF	72,4	2,3	107,5	12,9
CAPITAL+RM	78,0	2,4	128,1	14,7
INTERIOR	48,4	1,7	82,0	10,5

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

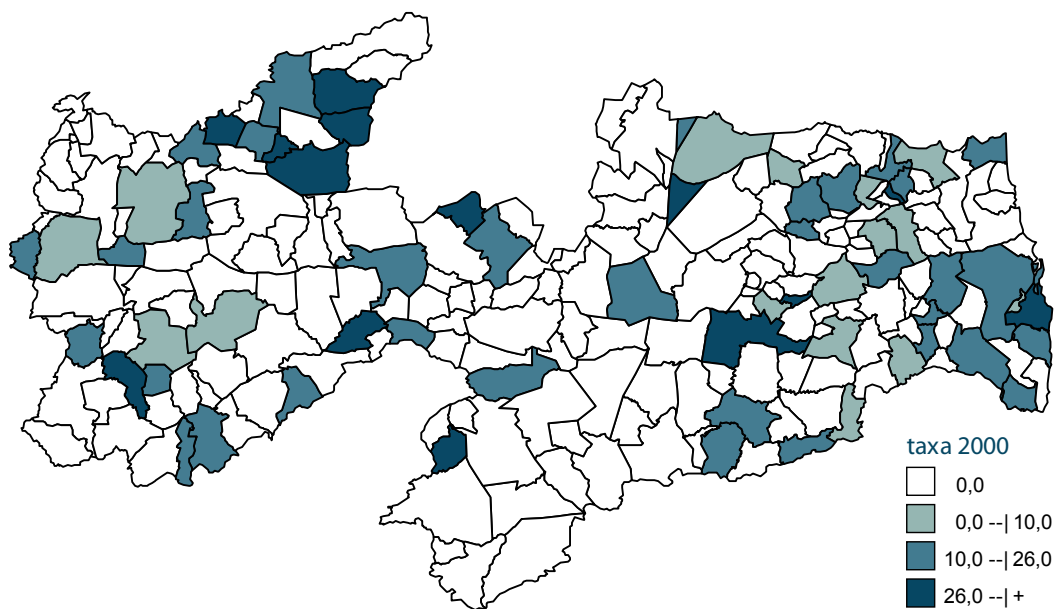
As mudanças acontecidas na última década são visíveis nos mapas a seguir.

- No ano 2000 são poucos os municípios que registram homicídios. Acima de 2/3 dos municípios do estado – 158 municípios = 71% – encontram-se nessa situação. Esse número cai para 95 no ano 2010, menos da metade dos municípios do estado.
- Por sua vez, municípios com mais de 26 homicídios em 100 mil habitantes mais que triplicam na década: passam de 14 para 47.

Pelo gráfico PB2 e a tabela PB3 podemos verificar que:

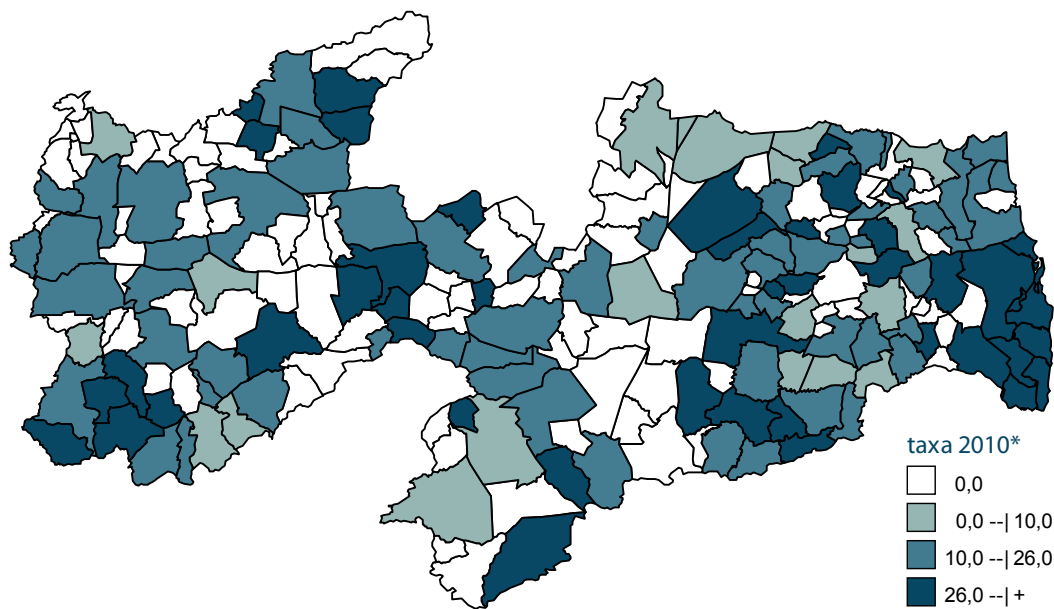
- Continua existindo uma grande concentração nos dois maiores municípios do estado: João Pessoa e Campina Grande, só que essa concentração diminui na década. Se em 2000 esses municípios foram responsáveis por 67,6% do total de homicídios do estado, para o ano 2010 essa participação cai para 55%.
- Em compensação, aumenta fortemente a participação de municípios com menos de 100 mil habitantes, que são a grande maioria do estado. Esses municípios, que em 2000 foram responsáveis por 25% do total de homicídios, para 2010 passam para 35% do total.
- Destaque de crescimento neste campo para os municípios de 50 até 100 mil habitantes, onde Cabedelo e Bayeux, da nova RM apresentam um forte crescimento em seus níveis de violência.

Mapa PB1. Paraíba. 2000



Fonte: SIM/SVS/MS.

Mapa PB2. Paraíba. 2010\*



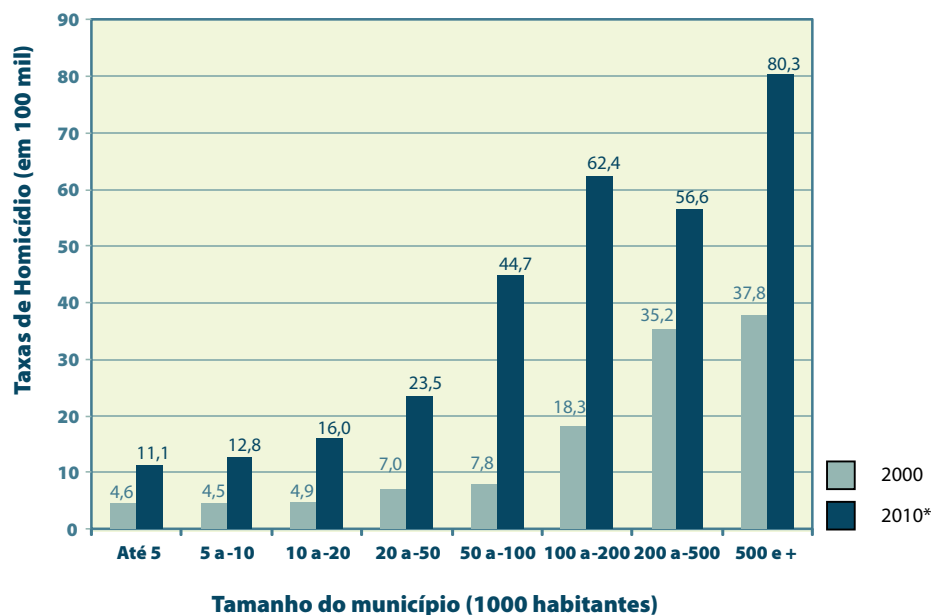
Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Tabela PB3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Paraíba: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	10	4,6	1,9	26	11,1	1,8	141,8	69
DE 5 A -10 MIL	20	4,5	3,9	59	12,8	4,1	184,8	68
DE 10 A -20 MIL	37	4,9	7,1	129	16,0	8,9	226,8	56
DE 20 A -50 MIL	36	7,0	6,9	128	23,5	8,8	236,0	20
DE 50 A -100 MIL	27	7,8	5,2	173	44,7	11,9	473,3	6
DE 100 A -200 MIL	38	18,3	7,3	138	62,4	9,5	241,2	2
DE 200 A -500 MIL	125	35,2	24,1	218	56,6	15,0	60,9	1
500 MIL E MAIS.	226	37,8	43,5	581	80,3	40,0	112,5	1
<b>TOTAL</b>	<b>519</b>	<b>15,1</b>	<b>100,0</b>	<b>1452</b>	<b>38,6</b>	<b>100,0</b>	<b>155,8</b>	<b>223</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico PB2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Paraíba: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares



## PARANÁ

Excetuando os primeiros anos da década de 80, Paraná sempre teve taxas que se mantinham embaixo das nacionais, até o ano de 2003. Contrariamente ao acontecido no nível nacional e em outras UF, as taxas do estado não evidenciam sinal das políticas de desarmamento do período.

Também neste caso fica difícil e muito tentativo estabelecer uma periodização formal só apoiada nos dados quantitativos. Mas no contínuo dos diversos incrementos, os dados parecem indicar três etapas, com base em celeridades diferenciadas dos indicadores:

**Primeiro período: 1980/1992.** Exíguo crescimento das taxas do estado que, a partir de um início quase equivalente, vai se distanciando das taxas nacionais. Se o país no período cresceu 63,3% o estado somente 18,7%. Esse diferencial de ritmos origina que, no final do período, as taxas do estado sejam 33% menores que a nacional.

Tabela PR1. Taxas de Homicídio por Área. Paraná. 1980/2010\*

ANO	BRASIL	UF		
		UF	CAPITAL +RM	INTERIOR
1980	11,7	10,8	9,0	11,5
1981	12,6	12,1	8,6	13,7
1982	12,6	13,9	11,3	15,1
1983	13,8	14,5	11,6	15,9
1984	15,3	13,4	10,2	14,9
1985	15,0	11,5	9,3	12,6
1986	15,3	11,4	9,1	12,5
1987	16,9	11,4	9,3	12,5
1988	16,8	12,1	11,0	12,6
1989	20,3	13,3	14,0	13,0
1990	22,2	14,1	14,4	13,9
1991	20,8	14,5	12,5	15,7
1992	19,1	12,8	12,1	13,2
1993	20,2	14,4	14,4	14,4
1994	21,2	14,6	15,1	14,3
1995	23,8	15,9	17,7	14,9
1996	24,8	15,3	16,5	14,5
1997	25,4	17,3	20,3	15,4
1998	25,9	17,6	18,8	16,9
1999	26,2	18,1	20,4	16,6
2000	26,7	18,5	21,5	16,4
2001	27,8	21,0	24,5	18,6
2002	28,5	22,7	27,0	19,7
2003	28,9	25,5	32,3	20,5
2004	27,0	28,1	34,2	23,5
2005	25,8	29,0	36,0	23,7
2006	26,3	29,8	36,7	24,4
2007	25,2	29,6	34,3	25,9
2008	26,4	32,6	43,6	24,3
2009	27,0	35,1	48,4	25,1
2010*	26,2	34,4	47,0	24,8

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

**Segundo período: 1992/2000.** As taxas do estado se aceleram com um ritmo bem semelhante ao nacional, fortemente impulsionadas pela sua RM. No período o país cresce 39,9%, o estado 44,6%, mas a RM de Curitiba 77,7%. Já a contribuição do interior do estado foi modesta: 24,3%.

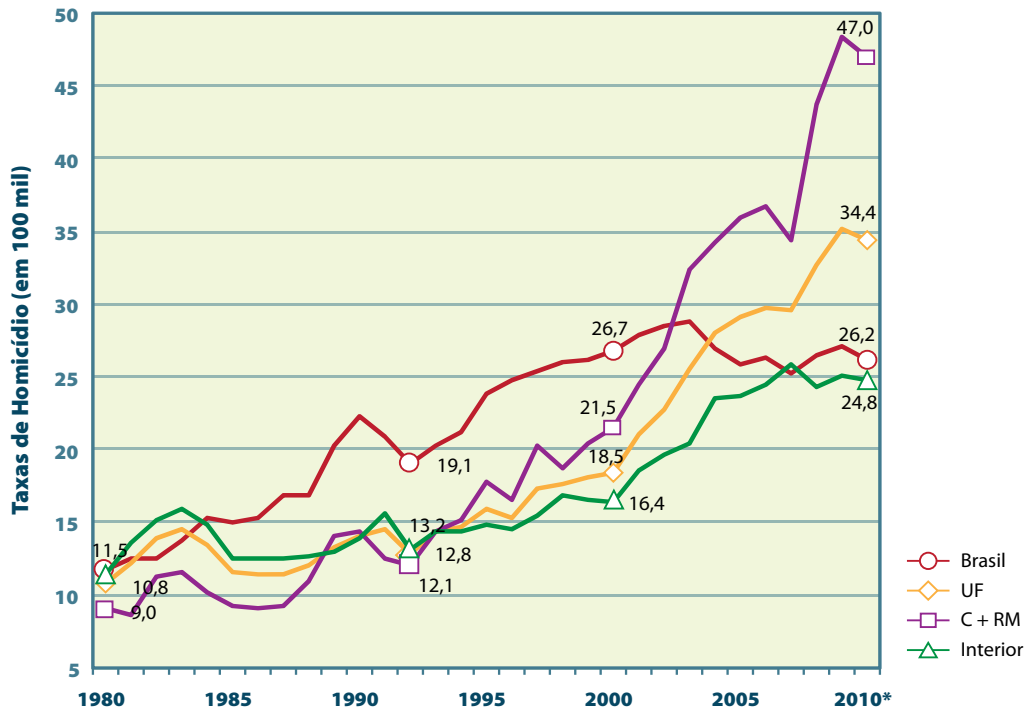
**Terceiro período: 2000/2010\*.** As taxas do estado, que já vinham crescendo de forma rápida, aceleram-se mais ainda, numa fase de virtual estagnação nacional. Com esse diferencial, o estado ultrapassa a média nacional já em 2004. Novamente aqui vai ser a RM a que atua como motor do crescimento, mas desta vez, o interior também contribui para a elevação dos índices estaduais, se bem com menor intensidade que a RM.

Tabela PR2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Paraná. 1980/2010\*

ÁREA	1980-1992		1992-2000		2000-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	63,3	4,2	39,9	4,3	-2,0	-0,2
UF	18,7	1,4	44,6	4,7	86,0	6,4
CAPITAL+RM**	33,8	2,5	77,7	7,4	118,4	8,1
INTERIOR	14,6	1,1	24,3	2,8	51,5	4,2

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Gráfico PR1. Taxas de Homicídio por Área. Paraná. 1980/2010\*

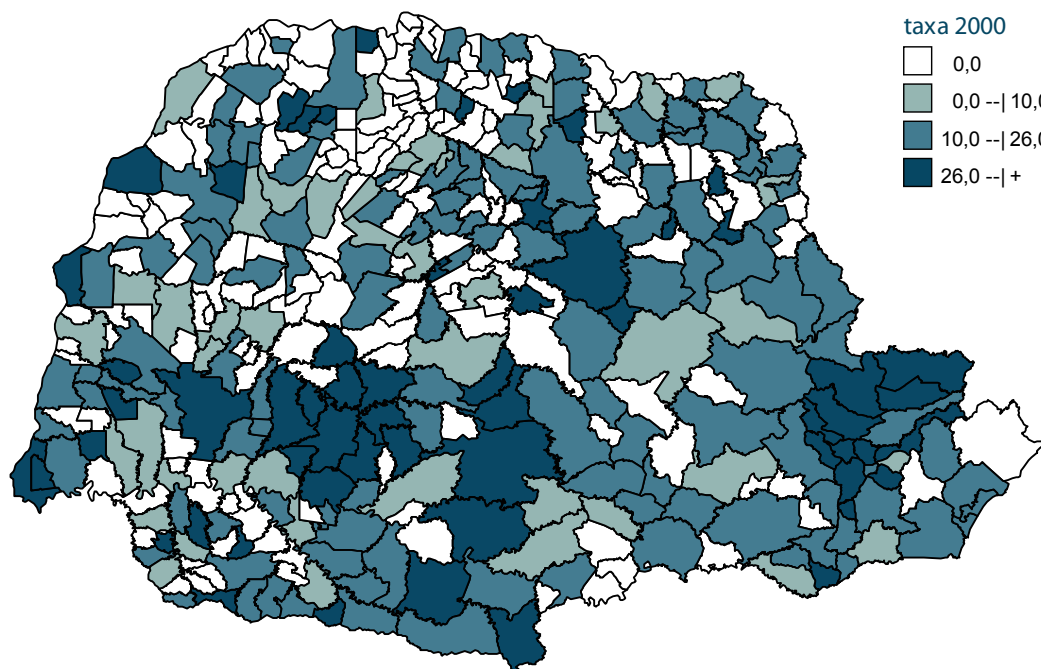


Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Os mapas e gráficos a seguir ilustram melhor as mudanças deste último período:

- Se no ano 2000, 168 municípios não apresentam registro de homicídios, esse número cai para 130 em 2010.

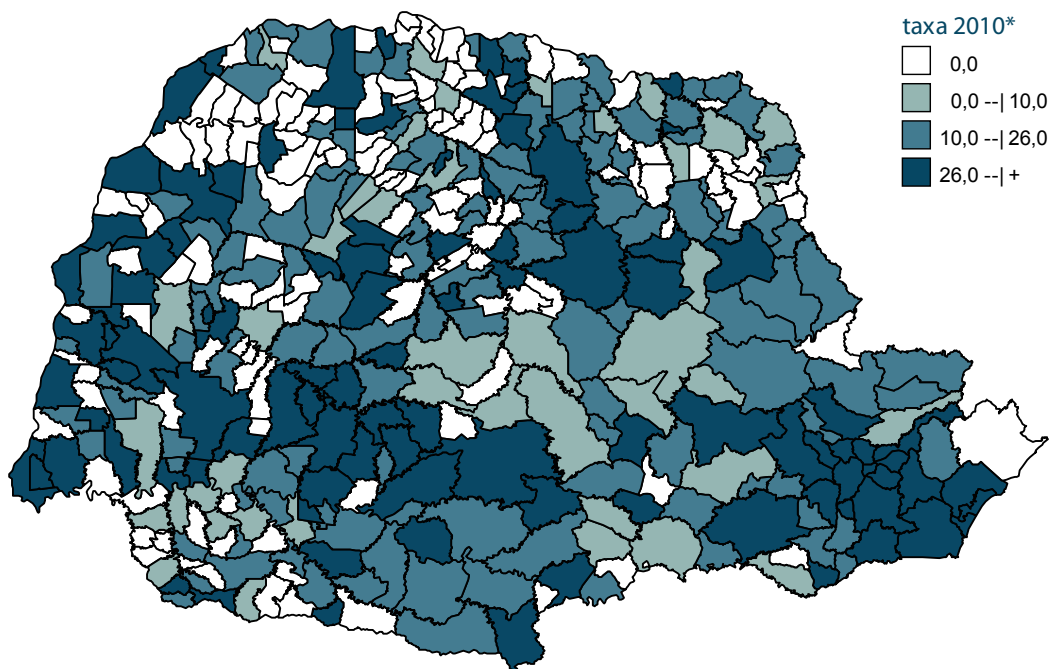
Mapa PR1. Paraná. 2000



Fonte: SIM/SVS/MS



### Mapa PR2. Paraná. 2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

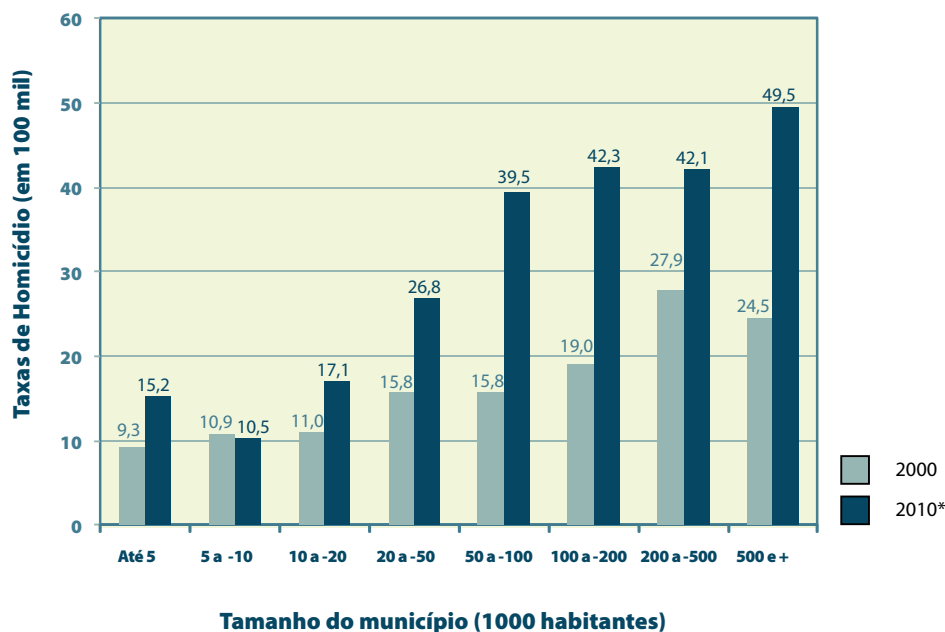
- Por outra parte, cresce significativamente o número de municípios com taxas acima de 26 em 100 mil habitantes: em 2000 foram 60 e em 2010 passa para 101.

Tabela PR3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Paraná: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	34	9,3	1,9	53	15,2	1,5	63,5	98
DE 5 A -10 MIL	79	10,9	4,5	75	10,5	2,1	-3,6	105
DE 10 A -20 MIL	161	11,0	9,1	257	17,1	7,2	55,7	109
DE 20 A -50 MIL	247	15,8	14,0	450	26,8	12,5	69,5	55
DE 50 A -100 MIL	144	15,8	8,2	414	39,5	11,5	150,5	14
DE 100 A -200 MIL	198	19,0	11,2	510	42,3	14,2	123,0	10
DE 200 A -500 MIL	405	27,9	22,9	711	42,1	19,8	51,2	6
500 MIL E MAIS.	498	24,5	28,2	1.118	49,5	31,2	102,2	2
<b>TOTAL</b>	<b>1766</b>	<b>18,5</b>	<b>100,0</b>	<b>3588</b>	<b>34,4</b>	<b>100,0</b>	<b>86,0</b>	<b>399</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico PR2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Paraná: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

- Apesar de existir uma forte associação positiva entre o porte do município e suas taxas de homicídio – quanto maior o porte do município maiores são suas taxas de homicídio – onde os índices mais crescem é nos 24 municípios de porte médio: entre 50 e 200 mil habitantes. Nessa faixa destacam-se Pinhais e Piraquara, por suas elevadas taxas e pelo enorme crescimento dos índices de violência que experimentaram na década.



## PERNAMBUCO

Na virada do século, Pernambuco era o estado que apresentava o maior nível de violência do país. Sua taxa de 54 homicídios em 100 mil habitantes duplicava o índice nacional. Para o ano 2010 essa taxa cai para 38,8, o que representa uma queda de 28,2%, localizando-se agora no quarto lugar entre as 27 UF.

Em sua evolução histórica, desde 1980, podemos reconhecer quatro grandes etapas. Nas duas primeiras, que vão até o ano 2001, as taxas de homicídios são crescentes, e o motor desse crescimento pode ser encontrado na elevação das taxas nas regiões metropolitanas (RM)<sup>1</sup> do estado, que se distanciam do interior. As duas últimas etapas, a partir de 2001, vão marcar o declínio nas taxas, com início lento e acelerando a partir de 2007, onde as quedas concentram-se também nas RM, cujas taxas vão se reaproximando das do interior.

Diversas situações do Estado vão resultar nesses quatro períodos:

**Primeiro período: 1980/1994.** As taxas do estado, sempre acima das nacionais, crescem de forma moderada, com um ritmo de 4,7% ao ano, com maior intensidade no interior. O estado acompanha de perto o crescimento nacional, onde já aparece entre os cinco mais violentos do país.

**Segundo período: 1994/2001.** Acelerado crescimento das taxas (7,7% aa.), centrado nas RM (9,1% aa.) crescendo com uma intensidade bem acima da média nacional (3,9% aa.). Esse íngreme crescimento leva o Estado a ocupar o primeiro lugar no mapa nacional em 1998, situação que perdura até 2001. Em contra partida, também o interior continua crescendo de forma regular, mas com um ritmo bem menor que as RM. Com isso, as diferenças entre ambas as áreas tende a aumentar: as taxas das RM mais que duplicam às do interior.

**Terceiro período: 2001/2007.** Estagna a espiral de violência e as taxas do estado, vagarosamente, começam a declinar (-1,7% aa.), acompanhando o ritmo nacional (-1,6%). As RM apresentam uma taxa de queda levemente maior (-2,8% ao ano) que as do interior, que praticamente estagna (0,8% ao ano.).

**Quarto período: 2007/2010\*.** Quedas aceleradas nas taxas de homicídio do estado (-9,9% aa.) puxadas pelas RM (-11,2% aa.), mas com significativas quedas, ainda que em menor grau, no interior (-7,3%). Num período que os índices nacionais aumentam muito devagar (1,3% aa.) o estado cai para o 4º lugar entre as 27 UF. As taxas do interior vão ficando mais próximas às da RM.

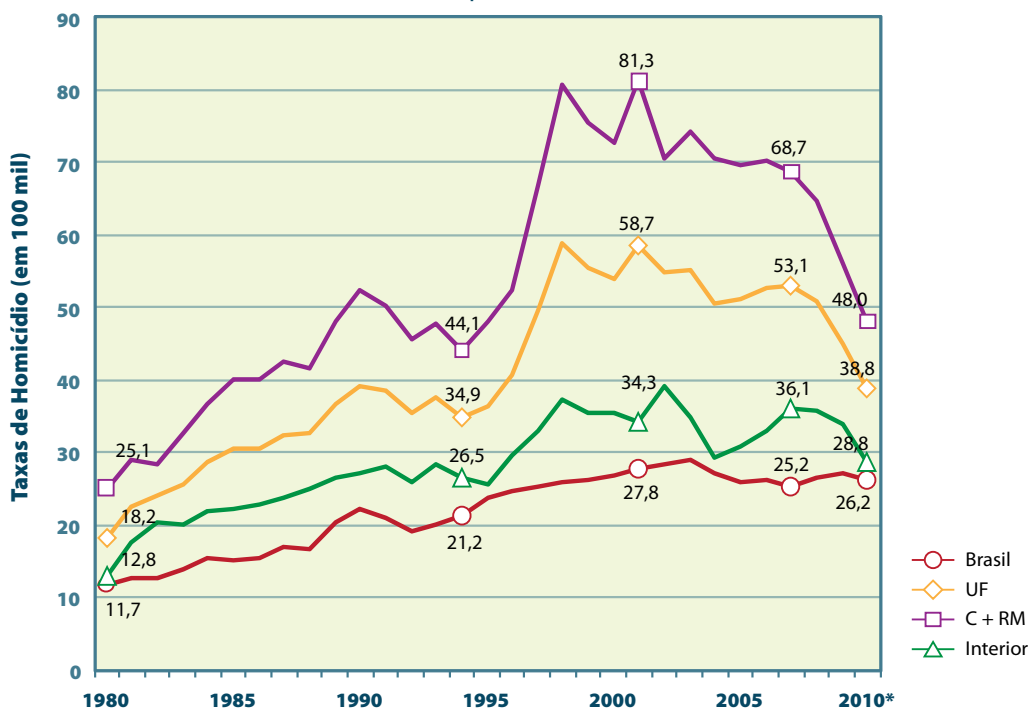
1. Além dos 14 municípios que integram a RM de Recife, aqui também são incluídos os dados do município de Petrolina, integrante do RIDE do Polo Petrolina/Juazeiro.

Tabela PE1. Taxas de Homicídio por Área. Pernambuco 1980/2010\*

ANO	BRASIL	PERNAMBUCO			ANO	BRASIL	PERNAMBUCO		
		UF	CAPITAL + RM	INTERIOR			UF	CAPITAL + RM	INTERIOR
1980	11,7	18,2	25,1	12,8	1996	24,8	40,7	52,5	29,6
1981	12,6	22,6	29,1	17,5	1997	25,4	49,7	66,9	33,1
1982	12,6	23,9	28,3	20,4	1998	25,9	58,9	80,9	37,3
1983	13,8	25,7	32,6	20,1	1999	26,2	55,4	75,4	35,6
1984	15,3	28,7	36,8	21,9	2000	26,7	54,0	71,4	35,5
1985	15,0	30,4	40,1	22,3	2001	27,8	58,7	81,3	34,3
1986	15,3	30,7	40,0	22,7	2002	28,5	54,8	70,7	39,1
1987	16,9	32,4	42,4	23,9	2003	28,9	55,3	74,1	34,9
1988	16,8	32,7	41,6	25,0	2004	27,0	50,7	70,5	29,2
1989	20,3	36,6	48,2	26,4	2005	25,8	51,2	69,8	30,7
1990	22,2	39,1	52,5	27,1	2006	26,3	52,7	70,3	33,1
1991	20,8	38,7	50,4	28,2	2007	25,2	53,1	68,7	36,1
1992	19,1	35,3	45,7	25,9	2008	26,4	50,7	64,7	35,6
1993	20,2	37,6	47,7	28,5	2009	27,0	45,1	56,0	33,8
1994	21,2	34,9	44,1	26,5	2010*	26,2	38,8	48,0	28,8
1995	23,8	36,4	48,2	25,7					

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Gráfico PE1. Taxas de Homicídio por Área. Pernambuco 1980/2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Tabela PE2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Pernambuco. 1980/2010\*

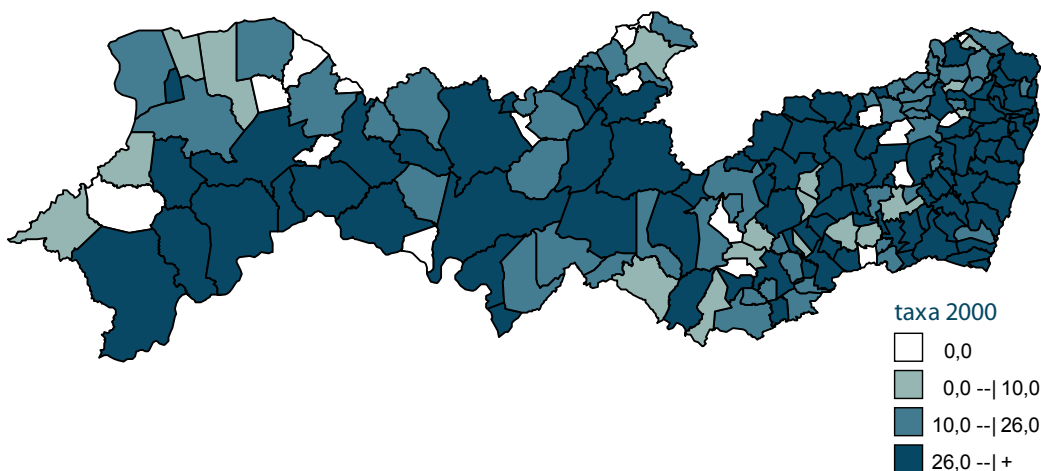
ÁREA	1980-1994		1994/2001		2001-2007		2007-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	81,5	4,3	31,1	3,9	-9,4	-1,6	3,9	1,3
UF	91,2	4,7	68,3	7,7	-9,5	-1,7	-26,9	-9,9
CAPITAL+RM	75,6	4,1	84,3	9,1	-15,4	-2,8	-30,1	-11,2
INTERIOR	106,3	5,3	29,6	3,8	5,2	0,8	-20,3	-7,3

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Os mapas a seguir e a tabela PE3 permitem verificar outros indicadores dessa disseminação da violência no estado. Na última década, podemos ver que:

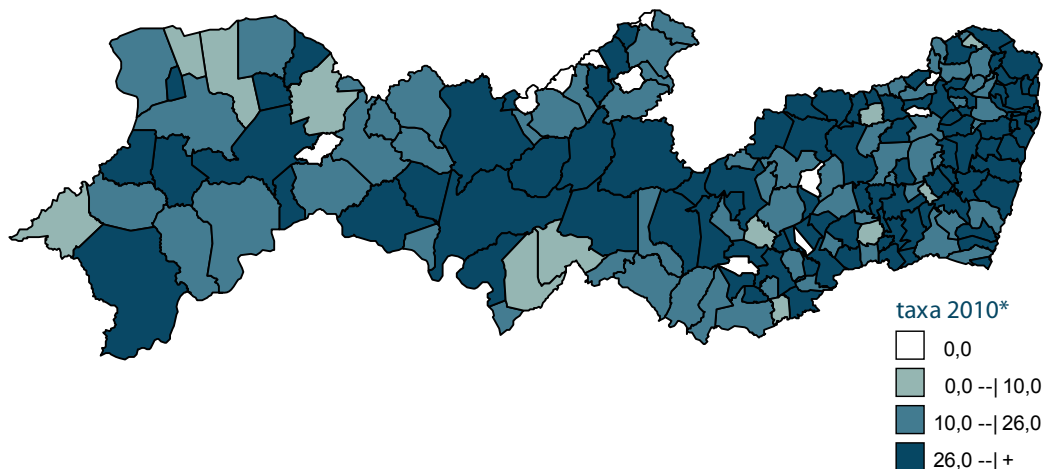
- Cai a participação relativa dos grandes centros urbanos: nas seis cidades do estado com mais de 200 mil habitantes, as taxas passam de 89,6 em 2000 para 48,7 em 2010, um declínio de 45,6%.
- Pela coluna  $\Delta\%$  Taxas da tabela PE3, pode-se verificar que, em geral, quanto maior o tamanho do município, maiores foram as quedas nos homicídios registrados na década. Nos dois municípios do estado com mais de 500 mil habitantes: Recife e Jaboatão dos Guararapes, as quedas foram significativas e semelhantes em ambos, em torno de 40%. A intensidade das quedas vai diminuindo até os 65 municípios de menor porte, entre 5 e 20 mil habitantes, onde as taxas em realidade cresceram.

Mapa PE1. Pernambuco: 2000



Fonte: SIM/SVS/MS

Mapa PE2. Pernambuco: 2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

- Inclusive nos 3 municípios com menos de 5 mil habitantes, que no ano 2000 não registraram nenhum homicídio, em 2010 já evidenciam a existência de mortes por agressão intencional.
- Vemos assim que, se no conjunto do estado os homicídios caíram 28,2%, as quedas não se espalharam uniformemente no conjunto dos municípios. Seria de esperar que com as quedas, deveria aumentar o número de municípios sem registro de homicídios, mas pelo contrário, o número de municípios livres do flagelo diminuiu. Em 2000, Pernambuco registrou 19 municípios sem homicídios, já em 2010 esse número caiu para 12.
- Recife, que em 2000 era a cidade mais violenta do estado, com uma taxa de 97,5 homicídios em 100 mil habitantes, em 2010 passa para a 12ª posição no estado, com uma taxa de 57,9.
- Essas mudanças também podem ser observadas nos mapas. No ano 2000 várias áreas concentravam a violência extrema do estado. Eram os polos dinâmicos centrados em torno de determinadas *atividades*: a agricultura irrigada do polo Petrolina, o polo das confecções do eixo Santa Cruz do Capibaribe/Caruaru, o denominado *polígono da maconha*, a RM de Recife, a região da mata sul do Estado.
- Para 2010 o panorama fica muito mais difuso e os antigos polos perdem especificidade, com deslocamentos significativos, por exemplo, da região da mata sul para a mata norte do estado.

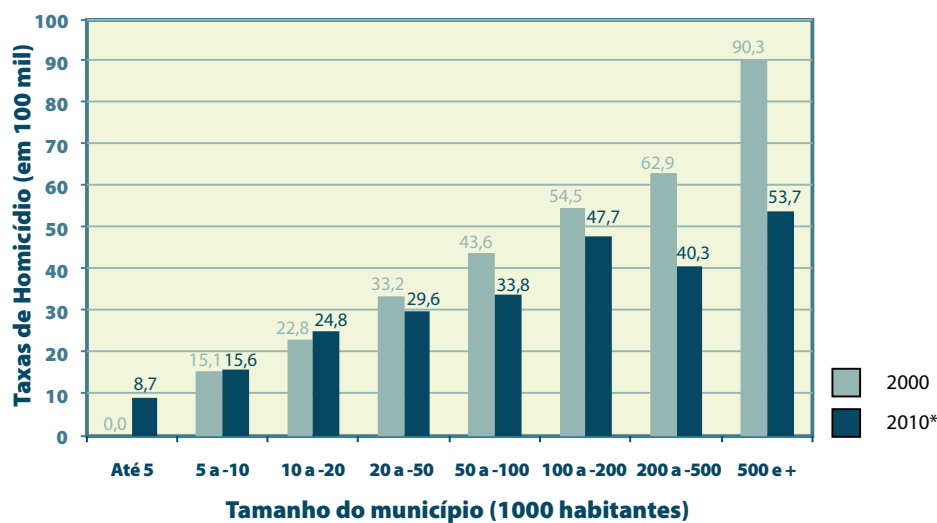
Resumindo, Pernambuco forma parte do conjunto de estados onde o fenômeno da disseminação da violência atuou de forma clara, com marcadas quedas nos grandes centros urbanos e elevação dos níveis em áreas relativamente tranquilas na virada do século.

Tabela PE3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Pernambuco: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	0	0,0	0,0	1	8,7	0,0	-	3
DE 5 A -10 MIL	17	15,1	0,4	18	15,6	0,5	3,5	15
DE 10 A -20 MIL	198	22,8	4,6	232	24,8	6,8	9,1	65
DE 20 A -50 MIL	586	33,2	13,7	574	29,6	16,8	-10,9	67
DE 50 A -100 MIL	595	43,6	13,9	518	33,8	15,2	-22,5	23
DE 100 A -200 MIL	376	54,5	8,8	379	47,7	11,1	-12,4	6
DE 200 A -500 MIL	693	62,9	16,2	519	40,3	15,2	-35,9	4
500 MIL E MAIS.	1811	90,3	42,4	1171	53,7	34,3	-40,6	2
<b>TOTAL</b>	<b>4276</b>	<b>54,0</b>	<b>100,0</b>	<b>3412</b>	<b>38,8</b>	<b>100,0</b>	<b>-28,2</b>	<b>185</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico PE2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Pernambuco: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares





## PIAUÍ

Na série histórica analisada – 1980/2010 – o Piauí apresentou-se em diversas oportunidades como o estado com menores índices de violência do Brasil, mas na última década experimentou um severo crescimento. Ainda assim, no último ano disponível: 2010, o estado conserva-se como o segundo menos violento, outro sinal que a violência está se espalhando no país, elevando os índices dos estados que, antigamente, eram considerados *relativamente tranquilos*.

Esse último fato permite reconhecer duas grandes etapas na evolução desses índices no estado:

**Primeiro período: 1983/1999:** O estado foi pouco contaminado pela rápida elevação das taxas nacionais. Depois de três anos de crescimento, que desconsideraremos nesta análise, em 1983 inicia-se uma fase de relativa estagnação nos índices estaduais. Se o país entre 1983 e 1999 passou de 13,8 para 26,2 homicídios em 100 mil habitantes, crescimento de 90,1%, no Piauí as taxas até caíram levemente, passando de 6,0 para 4,8, o que representa uma queda de 20,5% e ainda, índices extremamente baixos para a realidade nacional.

Tabela PI1. Taxas de Homicídio por Área. Piauí. 1980/2010\*

ANO	BRASIL	PIAUÍ		
		UF	CAPITAL +RM	INTERIOR
1980	11,7	2,4	6,8	0,8
1981	12,6	3,6	9,2	1,5
1982	12,6	5,4	10,1	3,5
1983	13,8	6,0	11,5	3,8
1984	15,3	4,4	9,7	2,1
1985	15,0	3,4	6,6	2,0
1986	15,3	4,5	8,0	2,9
1987	16,9	3,4	6,5	2,0
1988	16,8	5,8	12,7	2,7
1989	20,3	5,9	13,9	2,1
1990	22,2	4,5	12,0	0,9
1991	20,8	4,4	11,8	0,7
1992	19,1	3,7	8,8	1,1
1993	20,2	4,6	9,0	2,3
1994	21,2	3,8	8,0	1,7
1995	23,8	4,4	10,8	1,2
1996	24,8	4,7	12,0	0,9
1997	25,4	5,7	12,8	1,8
1998	25,9	5,2	13,7	0,6
1999	26,2	4,8	11,3	1,2
2000	26,7	8,2	18,2	1,7
2001	27,8	9,7	18,0	4,8
2002	28,5	10,9	21,5	4,5
2003	28,9	10,8	22,1	4,0
2004	27,0	11,8	20,6	6,5
2005	25,8	12,8	23,9	5,8
2006	26,3	14,4	27,5	5,9
2007	25,2	13,2	23,2	6,7
2008	26,4	12,4	22,2	6,0
2009	27,0	12,8	22,1	6,7
2010*	26,2	13,7	24,8	6,4

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

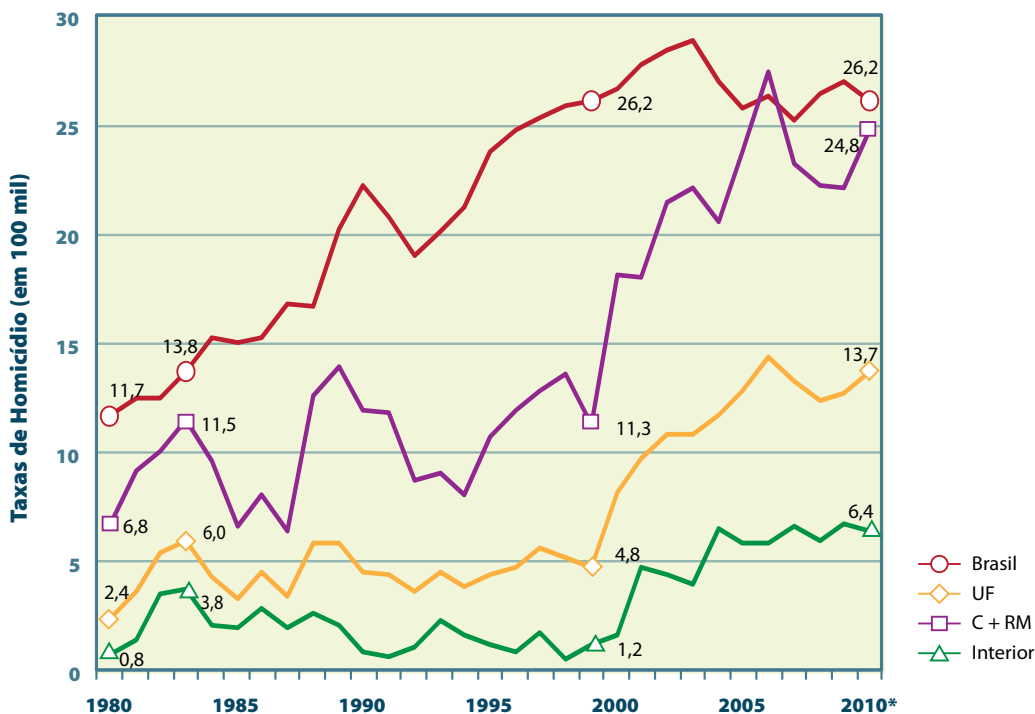
**Segundo período: 1999/2010\*.** Em um período onde as taxas nacionais estagnam, o Piauí, junto com diversos outros estados que em fins dos 90 tinham taxas relativamente baixas, apresenta forte crescimento dos índices de violência. Pela tabela PI2 podemos observar que se a contribuição para este crescimento dos municípios piauienses que atualmente integram sua região metropolitana<sup>1</sup> foi elevada, os municípios do interior, proporcionalmente, cresceram muito mais ainda, sempre numa escala de índices relativamente baixos para o contexto nacional.

Tabela PI2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Piauí. 1980/2010\*

ÁREA	1983-1999		1999-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	90,1	4,1	0,0	0,0
UF	-20,5	-1,4	185,8	10,0
CAPITAL+RM	-2,3	-0,1	119,5	7,4
INTERIOR	-68,2	-6,9	436,3	16,5

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

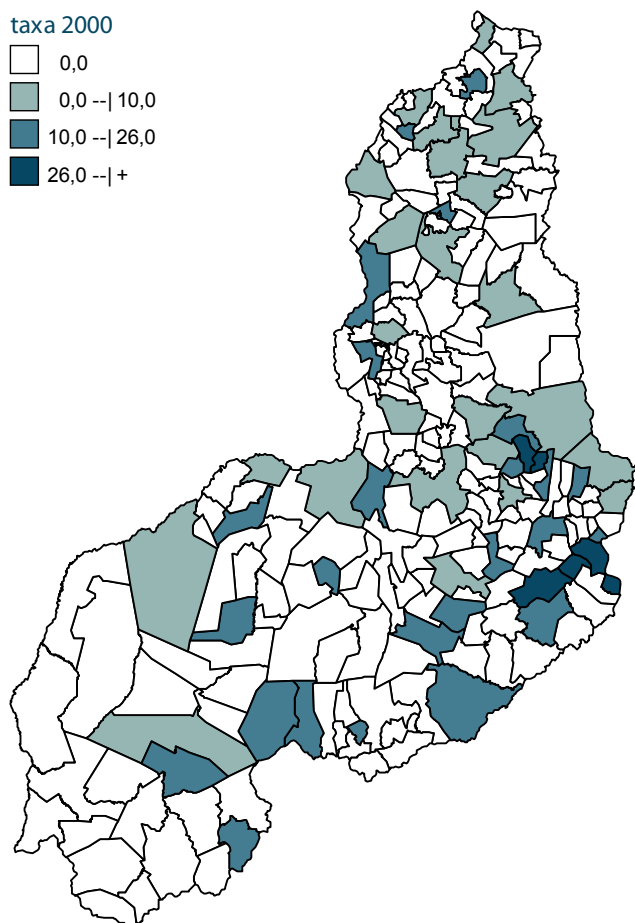
Gráfico PI1. Taxas de Homicídio por Área. Piauí. 1980/2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

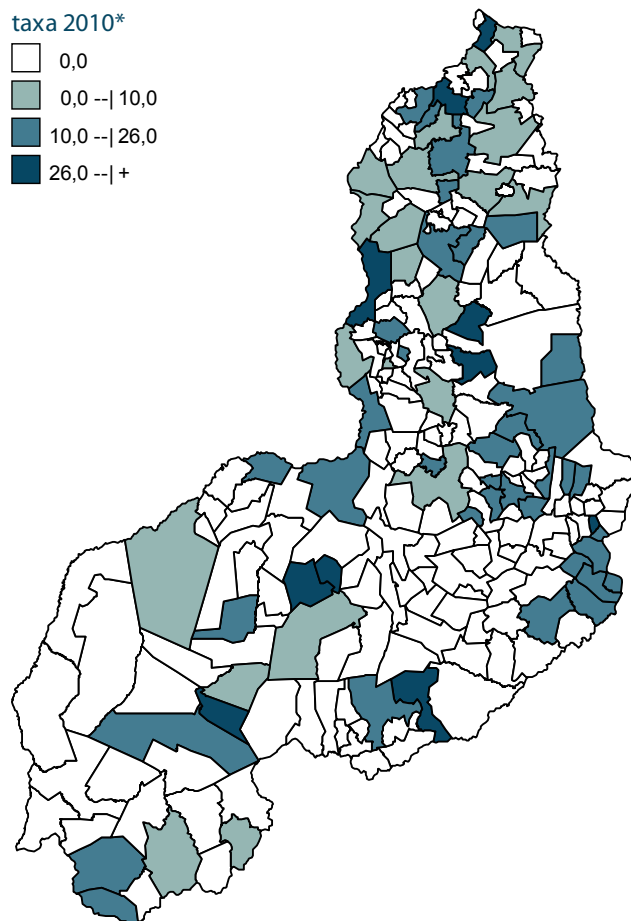
1. RIDE de Teresina. Excluímos dessa análise os dados correspondentes ao município de Timão, pertencente a Maranhão, mas que forma parte do RIDE.

Mapa PI1. Piauí. 2000



Fonte: SIM/SVS/MS

Mapa PI2. Piauí. 2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Os dados da última década possibilitam um melhor entendimento desse último período:

- Visualmente, os mapas não apresentam grandes mudanças, principalmente pelas faixas criadas para analisar o totalidade dos estados. Vemos em ambos mapas grandes manchas brancas indicativas de ausência de homicídios: 169 dos 220 municípios no ano 2000 – 77% – não registram homicídios. Para 2010 foram 155 dos 223 municípios do estado sem homicídios – 70%.
- Por sua vez, os municípios com mais de 26 homicídios em 100 mil, passaram de 5 para 10.
- Pela tabela PI3 podemos observar que a capital do estado, Teresina, único município com mais de 500 mil habitantes, continua concentrando grande parte da violência do estado. Dos 234 homicídios acontecidos em 2000, 67,9% tem registro em Teresina. Em 2010 essa proporção cai para 58,8%, menor que em 2000, mas ainda acima da metade dos homicídios do estado.

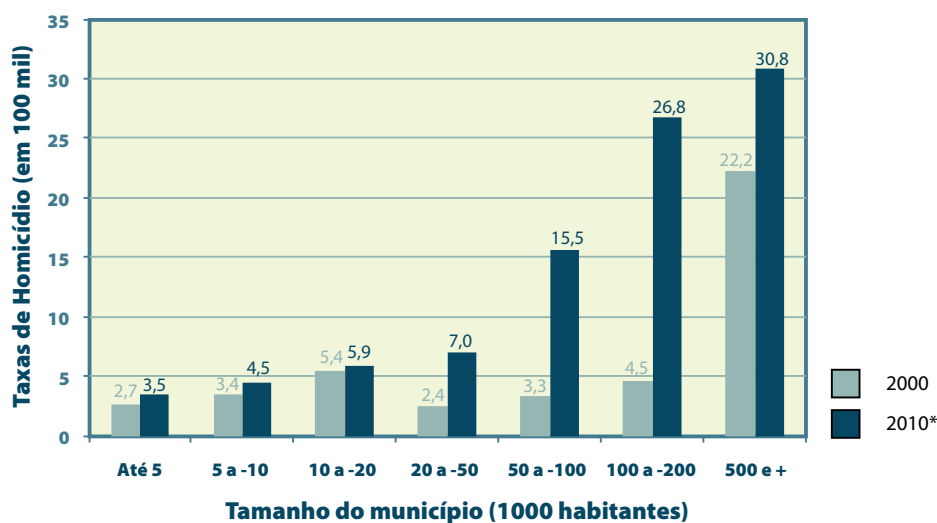
- O que impressiona é o crescimento do segundo município em tamanho de sua população: Parnaíba, cuja taxa pulou de 4,5 homicídios em 100 mil para 26,8, se aproximado à taxa da capital.
- Também apresenta forte crescimento o grupo de 23 municípios na faixa de 20 a 100 mil habitantes, com destaque para Picos – que passa de 4,3 para 24,5 homicídios em 100 mil – e para Luzilândia – de 4,2 para 20,2.

Tabela PI3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Piauí: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	8	2,7	3,4	11	3,5	2,6	29,5	83
DE 5 A -10 MIL	17	3,4	7,3	24	4,5	5,6	30,1	80
DE 10 A -20 MIL	24	5,4	10,3	28	5,9	6,6	8,7	35
DE 20 A -50 MIL	14	2,4	6,0	44	7,0	10,3	187,8	20
DE 50 A -100 MIL	6	3,3	2,6	30	15,5	7,0	376,1	3
DE 100 A -200 MIL	6	4,5	2,6	39	26,8	9,1	490,1	1
500 MIL E MAIS.	159	22,2	67,9	251	30,8	58,8	38,7	1
<b>TOTAL</b>	<b>234</b>	<b>8,2</b>	<b>100,0</b>	<b>427</b>	<b>13,7</b>	<b>100,0</b>	<b>66,8</b>	<b>223</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico PI2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Piauí: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares



## RIO DE JANEIRO

Não é tarefa simples periodizar o histórico dos homicídios no Rio de Janeiro. Em primeiro lugar, pelas fortes oscilações facilmente perceptíveis nos dados a seguir, com repentinas e marcadas quedas e/ou aumentos em curtos lapsos de tempo. Em segundo lugar, pela peculiaridade do estado: sua região metropolitana (RM) abrange 74% dos homicídios e 73% da população estadual, motivo pelo qual seu *interior* tem limitado peso nas estatísticas.

Essas oscilações podem ser visualizadas na tabela e gráfico RJ1. Contudo, resulta válida a tentativa de periodização a seguir:

### Primeiro período: 1983/1995.

- Depois de três anos de queda, em 1983 abre-se um período cuja tendência geral é de crescimento, apesar das fortes oscilações que podem ser observadas no gráfico RJ1.

Tabela RJ1. Taxas de Homicídio por Área. Rio de Janeiro 1980/2010\*

ANO	BRASIL	RIO DE JANEIRO			ANO	BRASIL	RIO DE JANEIRO		
		UF	CAPITAL + RM	INTERIOR			UF	CAPITAL + RM	INTERIOR
1980	11,7	26,1	29,9	13,6	1996	24,8	60,0	68,6	35,0
1981	12,6	22,0	23,7	16,7	1997	25,4	58,8	67,9	31,9
1982	12,6	18,8	20,2	14,1	1998	25,9	55,3	63,3	31,8
1983	13,8	15,9	15,8	16,1	1999	26,2	52,5	59,2	33,0
1984	15,3	20,8	20,4	22,1	2000	26,7	51,0	56,7	34,3
1985	15,0	21,3	21,4	20,9	2001	27,8	50,5	55,3	36,6
1986	15,3	20,2	19,3	23,0	2002	28,5	56,5	62,9	38,0
1987	16,9	30,9	33,1	24,2	2003	28,9	52,7	58,7	35,4
1988	16,8	24,7	23,6	28,1	2004	27,0	49,2	54,5	33,9
1989	20,3	34,2	34,6	33,2	2005	25,8	46,1	49,4	36,9
1990	22,2	56,1	62,2	37,2	2006	26,3	45,8	50,3	32,9
1991	20,8	39,5	43,0	28,8	2007	25,2	40,1	41,9	35,1
1992	19,1	35,0	36,2	31,3	2008	26,4	34,0	35,0	31,4
1993	20,2	41,0	44,0	32,0	2009	27,0	31,8	32,0	31,5
1994	21,2	48,7	53,2	35,0	2010*	26,2	26,2	26,7	25,0
1995	23,8	61,9	70,6	35,6					

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares



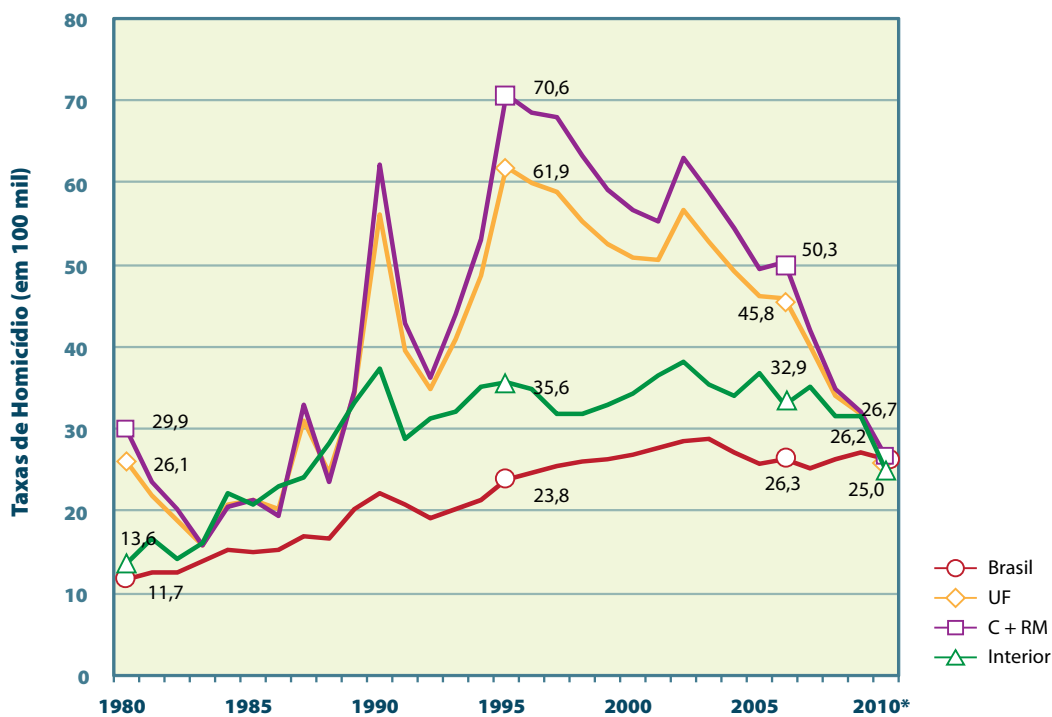
- As taxas do estado, que em 1983 encontravam-se bem próximas das nacionais, iniciam um rápido crescimento, distanciando-se largamente da média do país.

Tabela RJ2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Rio de Janeiro. 1980/2010\*

ÁREA	1983-1995		1995-2006		2006-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	73,0	4,7	10,4	0,9	-0,5	-0,1
UF	288,8	12,0	-26,0	-2,7	-42,7	-13,0
CAPITAL+RM	345,8	13,3	-28,7	-3,0	-47,0	-14,7
INTERIOR**	120,2	6,8	-7,3	-0,7	-24,2	-6,7

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Gráfico RJ1. Taxas de Homicídio por Área. Rio de Janeiro. 1980/2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

- Em 1983 o Brasil ostentava uma taxa de 13,8 homicídios em 100 mil, enquanto a taxa de Rio de Janeiro era de 15,9: 16% maior. Já no final do período, a taxa do estado pulou para 61,9: aumento de 288,8%, o que leva o Rio de Janeiro encabeçar, por vários anos, o ranking nacional da violência, com motor-chefe na sua RM, que cresce 345,8%, 13,3% ao ano. Essa taxa faz que a RM de Rio de Janeiro também lidere o conjunto das RM do país, com sua taxa, em 1995, de 70,6 homicídios em 100 mil habitantes.

- Até 1989 o interior do estado acompanhou de perto o crescimento da RM, mas logo se distancia: no interior as taxas estagnam e as da RM continuam seu intenso crescimento. No final do período as taxas, que inicialmente – e até 1989 – eram bem próximas, se distanciam rapidamente. O interior passa a representar a metade, ou menos, dos índices da RM do estado.
- Desta forma, se até 1989 ambas as áreas puxavam o crescimento das taxas do estado, a partir dessa data, e até 1995, o crescimento – e quedas muito bruscas, pouco explicáveis – são responsabilidade quase exclusiva dos movimentos na RM.

**Segundo período: 1995/2006.** É um período caracterizado por quedas moderadas na RM – 3% ao ano – e uma virtual estagnação nas taxas do interior. Ainda assim, o crescimento negativo das taxas da UF: 2,7% ao ano, contribuem para uma reaproximação com a média nacional, dado que o país experimentou um aumento de 0,9% ao ano.

**Terceiro período: 2006/2010\*.**

- Em uma fase de taxas estagnadas no âmbito nacional, acontecem quedas aceleradas tanto na RM quanto no interior. Isso equipara novamente as taxas do estado com as do país, num patamar de 26,2 homicídios em 100 mil habitantes.
- Contudo, as quedas da RM são bem superiores às do interior, equiparando também ambas as áreas quanto níveis de violência.

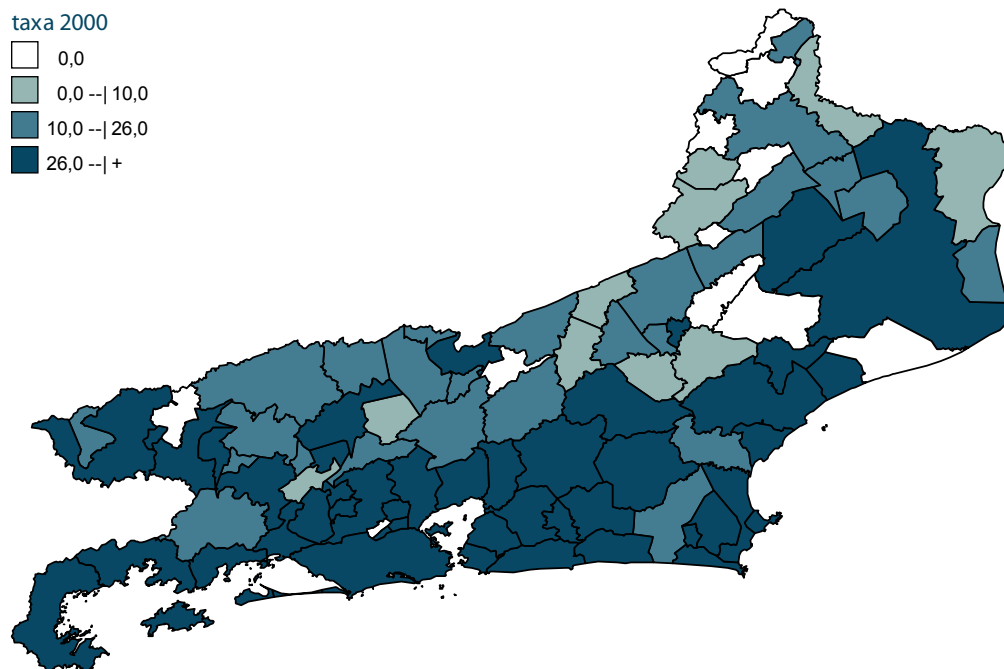
As tabelas, gráficos e mapas a seguir permitem verificar as mudanças acontecidas na distribuição espacial da violência no Rio de Janeiro. O efeito *disseminação* parece ter tido aqui uma incidência bem mais específica do que em outras unidades do país.

Tabela RJ3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Rio de Janeiro: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
DE 5 A -10 MIL	7	13,7	0,1	2	3,6	0,0	-73,4	7
DE 10 A -20 MIL	39	14,8	0,5	45	15,6	1,1	5,3	20
DE 20 A -50 MIL	158	21,7	2,2	168	20,1	4,0	-7,6	28
DE 50 A -100 MIL	227	31,8	3,1	123	14,7	2,9	-53,8	11
DE 100 A -200 MIL	643	46,4	8,8	425	22,2	10,1	-52,2	13
DE 200 A -500 MIL	1362	48,6	18,6	831	26,9	19,8	-44,5	9
500 MIL E MAIS.	4901	58,0	66,8	2599	29,0	62,0	-50,1	4
<b>TOTAL</b>	<b>7337</b>	<b>51,0</b>	<b>100,0</b>	<b>4193</b>	<b>26,2</b>	<b>100,0</b>	<b>-48,6</b>	<b>92</b>

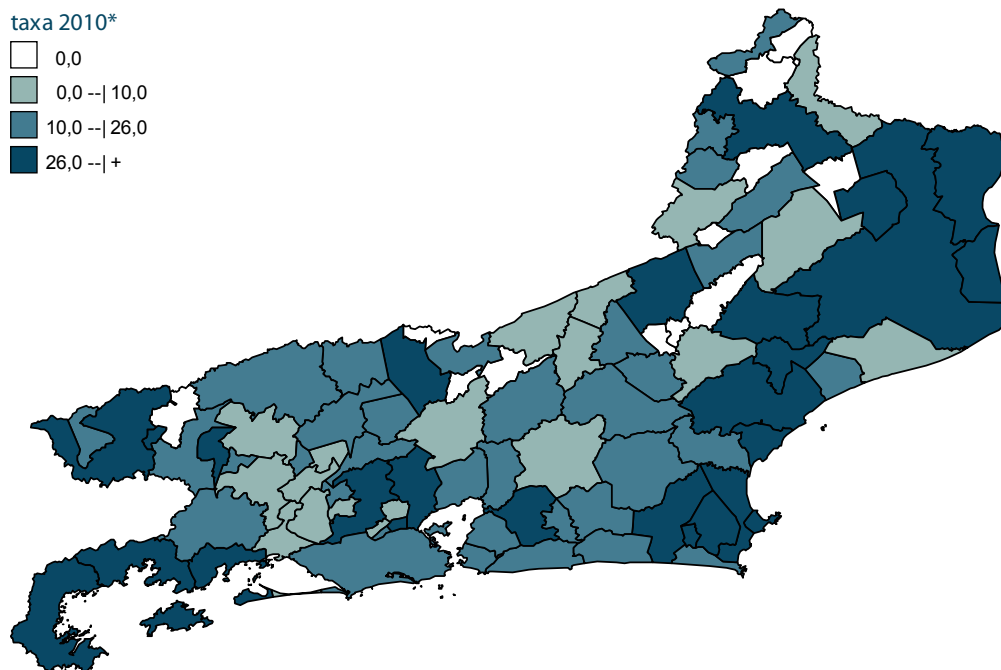
Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Mapa RJ1. Rio de Janeiro. 2000



Fonte: SIM/SVS/MS

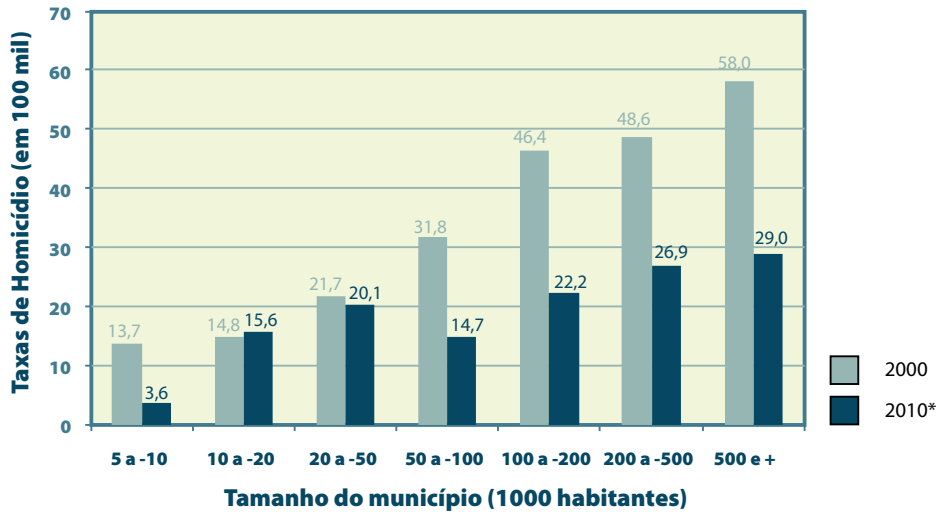
Mapa RJ2. Rio de Janeiro. 2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS – \*2010: Dados Preliminares

Vemos que, com exceção dos 48 municípios – mais da metade – na faixa de 10 a 50 mil habitantes, com poucas mudanças na década, nas restantes faixas as quedas foram equivalentes: em torno de 50%, reduzindo as taxas praticamente pela metade. Esse movimento de redução, homogêneo nas cidades de maior porte do estado, originou um grande nivelamento nas taxas das diferentes faixas de população dos municípios do estado, como é possível observar no gráfico RJ2.

Gráfico RJ2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Rio de Janeiro: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares



## RIO GRANDE DO NORTE

**D**urante longos anos o estado manteve-se embaixo da linha considerada crítica dos 10 homicídios em 100 mil habitantes. Recém em 2001 ultrapassa esse patamar, e a partir desse ponto ingressa numa crescente espiral de violência. Nessa evolução estadual, dá para identificar, como mínimo, duas etapas:

**Primeiro período: 1980/2004.** As taxas do estado, que já eram mais baixas que as nacionais, crescem de forma mais lenta ao longo do período, ficando mais distantes ainda da média do país. Se o índice nacional cresceu 131,1%, o estadual só 31,4%, e isto impulsionado exclusivamente pelos municípios do interior, cujos índices no final do período praticamente se equiparam aos da região metropolitana (RM) de Natal. O Rio Grande do Norte, no final do período, com 11,7 homicídios em 100 mil habitantes, tem a segunda menor taxa do país.

Tabela RN1. Taxas de Homicídio por Área. Rio Grande do Norte. 1980/2010\*

ANO	BRASIL	UF	CAPITAL +RM	INTERIOR
1980	11,7	8,9	17,2	5,1
1981	12,6	8,8	16,9	5,0
1982	12,6	9,9	18,5	5,7
1983	13,8	8,5	14,5	5,5
1984	15,3	6,4	9,8	4,6
1985	15,0	6,0	7,7	5,2
1986	15,3	4,7	7,0	3,5
1987	16,9	6,8	11,7	4,1
1988	16,8	8,7	11,7	7,1
1989	20,3	10,1	15,2	7,3
1990	22,2	8,6	13,6	5,8
1991	20,8	9,1	13,1	6,9
1992	19,1	8,1	9,9	7,1
1993	20,2	9,7	13,4	7,6
1994	21,2	8,2	11,7	6,1
1995	23,8	9,6	14,3	6,9
1996	24,8	9,3	13,9	6,4
1997	25,4	9,1	15,0	5,4
1998	25,9	8,5	13,5	5,3
1999	26,2	8,5	8,6	8,5
2000	26,7	9,0	10,1	8,3
2001	27,8	11,2	14,1	9,3
2002	28,5	10,6	12,4	9,3
2003	28,9	14,2	17,5	11,8
2004	27,0	11,7	13,1	10,7
2005	25,8	13,6	16,2	11,7
2006	26,3	14,8	17,8	12,6
2007	25,2	19,3	23,8	15,9
2008	26,4	23,2	30,2	18,2
2009	27,0	25,2	34,1	18,8
2010*	26,2	22,9	27,1	19,9

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

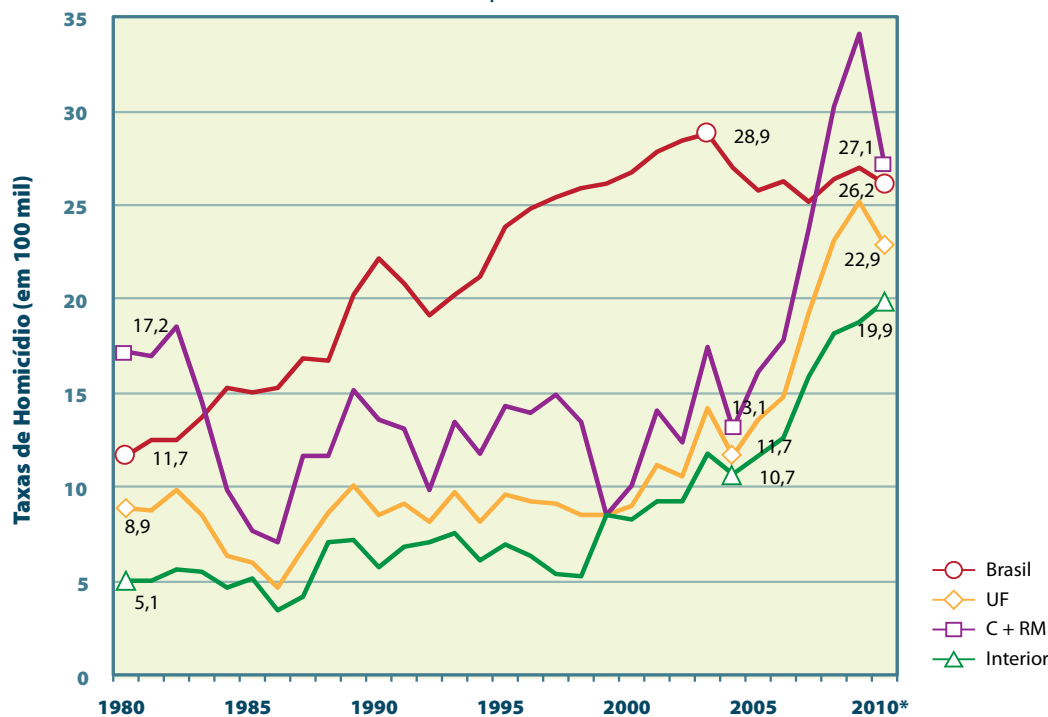
**Segundo período: 2004/2010\*.** As taxas do estado crescem com um ritmo muito acelerado, encostando praticamente na média nacional no final do período. A queda observada no ano 2010 na RM de Natal pode ser atribuída, com certo grau de probabilidade, ao caráter ainda preliminar dos dados desse ano. De toda forma, com os dados disponíveis, vai ser a RM a que vai incentivar o elevado ritmo de crescimento do estado, apesar do interior apresentar também índices muito elevados. Na região metropolitana destacam-se, pelo elevado crescimento da violência, os municípios de Natal, São Gonçalo do Amarante e Macaíba, assim como Mossoró, segundo maior município do estado, fora já da RM.

Tabela RN2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Rio Grande do Norte. 1980/2010\*

ÁREA	1980-2004		2004-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	131,1	3,6	-3,1	-0,5
UF	31,4	1,1	96,2	11,9
CAPITAL+RM	-23,7	-1,1	106,1	12,8
INTERIOR	110,5	3,1	86,4	10,9

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Gráfico RN1. Taxas de Homicídio por Área. Rio Grande do Norte. 1980/2010\*

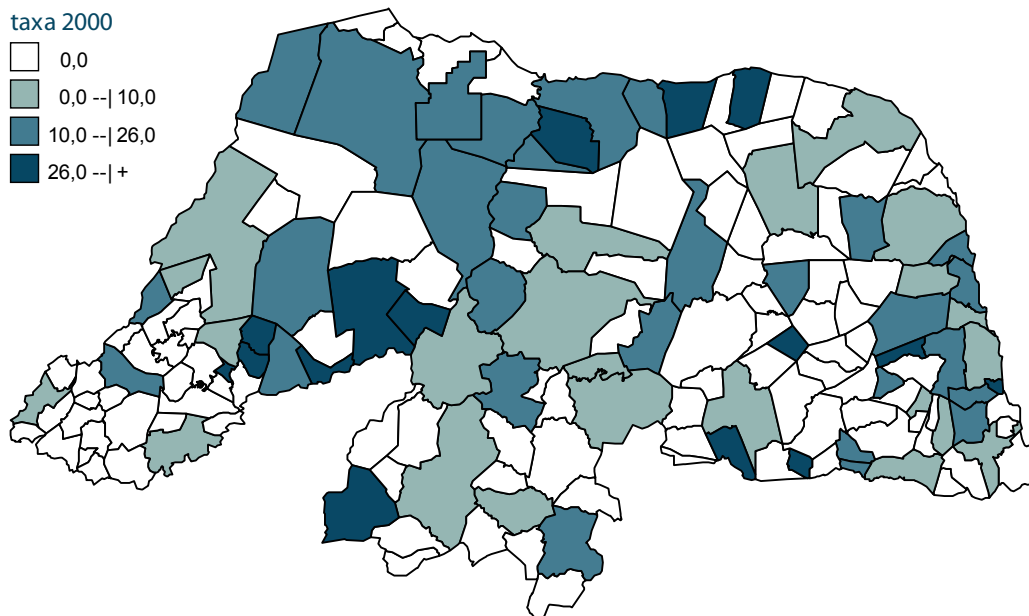


Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Os mapas, tabelas e gráficos a seguir, centrados na década 2000/2010, permitirão visualizar melhor as mudanças acontecidas no período:

- Se no ano 2000 o estado tinha ainda 100 de seus 166 municípios – 60% – sem registro de homicídios, para o ano 2010 esse número cai para 79 – 47%.

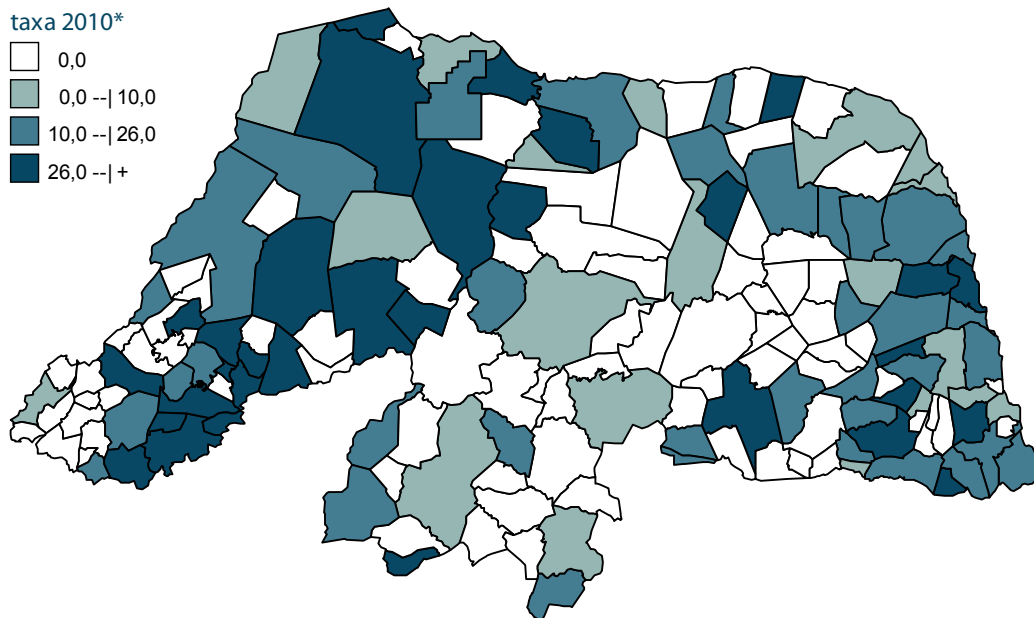
Mapa RN1. Rio Grande do Norte. 2000



Fonte: SIM/SVS/MS



Mapa RN2. Rio Grande do Norte. 2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

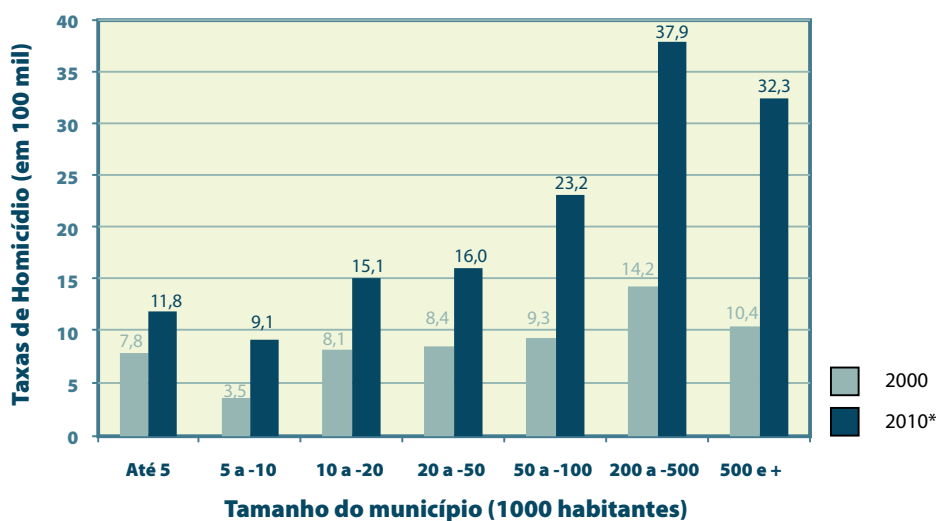
- Também fica visível o aumento das manchas obscuras no estado. O número de municípios acima da média nacional mais que duplica, passa de 15 para 32.
- Na tabela RN3 podemos verificar que o crescimento aconteceu, em maior ou menor medida, em todas as faixas de tamanho, mas destacam-se:
  - O único município com mais de 500 mil habitantes, a capital Natal.
  - Os dois municípios de 200 até 500 mil habitantes, Mossoró e, em menor medida, Parnamirim.
  - Os municípios entre 50 e 100 mil habitantes, destacando-se São Gonçalo do Amarante pelas elevadas taxas.
  - Também um grupo de cidades de pequeno porte, entre 5 e 10 mil habitantes, com crescimento e taxas muito preocupantes.

Tabela RN3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Rio Grande do Norte: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	13	7,8	5,2	21	11,8	2,9	51,4	51
DE 5 A -10 MIL	12	3,5	4,8	32	9,1	4,4	156,9	50
DE 10 A -20 MIL	36	8,1	14,3	73	15,1	10,0	84,8	39
DE 20 A -50 MIL	41	8,4	16,3	87	16,0	12,0	89,1	19
DE 50 A -100 MIL	27	9,3	10,8	79	23,2	10,9	150,1	5
DE 200 A -500 MIL	48	14,2	19,1	175	37,9	24,1	167,0	2
500 MIL E MAIS.	74	10,4	29,5	260	32,3	35,8	211,4	1
<b>TOTAL</b>	<b>251</b>	<b>9,0</b>	<b>100,0</b>	<b>727</b>	<b>22,9</b>	<b>100,0</b>	<b>153,9</b>	<b>167</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico RN2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Rio Grande do Norte: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares



## RIO GRANDE DO SUL

Desconsiderando algumas breves, mas intensas oscilações, não se percebem marcadas rupturas ou deslocamentos na evolução das taxas do estado. Aparece como um processo relativamente contínuo e incremental no tempo. Correndo ao longo das três décadas de forma paralela e pouco embaixo das taxas nacionais, o estado configurou meandros bem semelhantes aos do país, mas sempre com taxas menores.

Tabela RS1. Taxas de Homicídio por Área. Rio Grande do Sul. 1980/2010\*

ANO	BRASIL	RIO GRANDE DO SUL		
		UF	CAPITAL + RM	INTERIOR
1980	11,7	8,1	6,5	8,9
1981	12,6	8,3	8,3	8,3
1982	12,6	8,6	9,1	8,3
1983	13,8	8,1	7,6	8,3
1984	15,3	8,2	5,5	9,6
1985	15,0	8,0	6,2	8,9
1986	15,3	9,0	7,9	9,6
1987	16,9	9,5	8,6	9,9
1988	16,8	12,4	14,2	11,5
1989	20,3	17,5	22,6	14,8
1990	22,2	18,7	25,6	15,0
1991	20,8	18,4	24,8	15,0
1992	19,1	16,9	23,4	13,4
1993	20,2	12,5	15,8	10,6
1994	21,2	14,0	20,4	10,6
1995	23,8	14,9	21,9	11,1
1996	24,8	15,2	23,6	10,6
1997	25,4	16,7	25,4	11,9
1998	25,9	15,3	23,0	11,1
1999	26,2	15,3	22,9	11,0
2000	26,7	16,3	26,9	10,2
2001	27,8	17,9	26,6	12,9
2002	28,5	18,3	28,2	12,6
2003	28,9	18,1	28,2	12,1
2004	27,0	18,5	29,0	12,3
2005	25,8	18,6	28,5	12,7
2006	26,3	17,9	26,9	12,5
2007	25,2	19,6	32,8	11,7
2008	26,4	21,8	36,8	12,9
2009	27,0	20,7	33,0	13,4
2010*	26,2	19,3	29,6	13,2

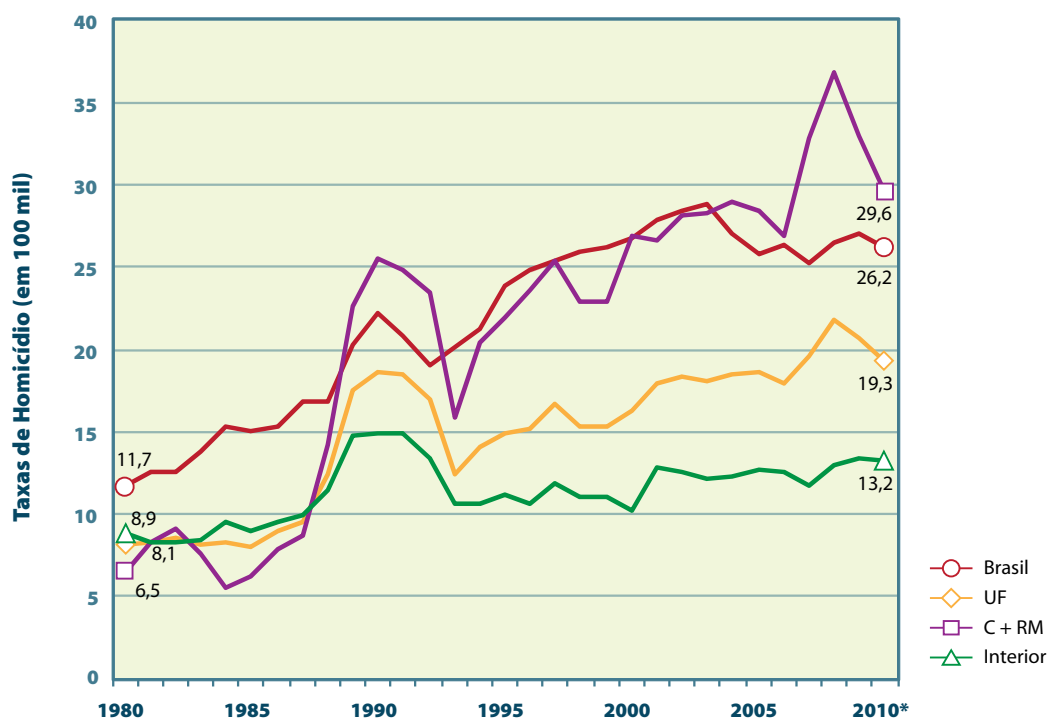
Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Tabela RS2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Rio Grande do Sul. 1980/2010\*

ÁREA	1980-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	124,0	2,7
UF	137,1	2,9
CAPITAL+RM	353,8	5,2
INTERIOR	48,7	1,3

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Gráfico RS1. Taxas de Homicídio por Área. Rio Grande do Sul. 1980/2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Pelos mapas e quadros a seguir vemos que:

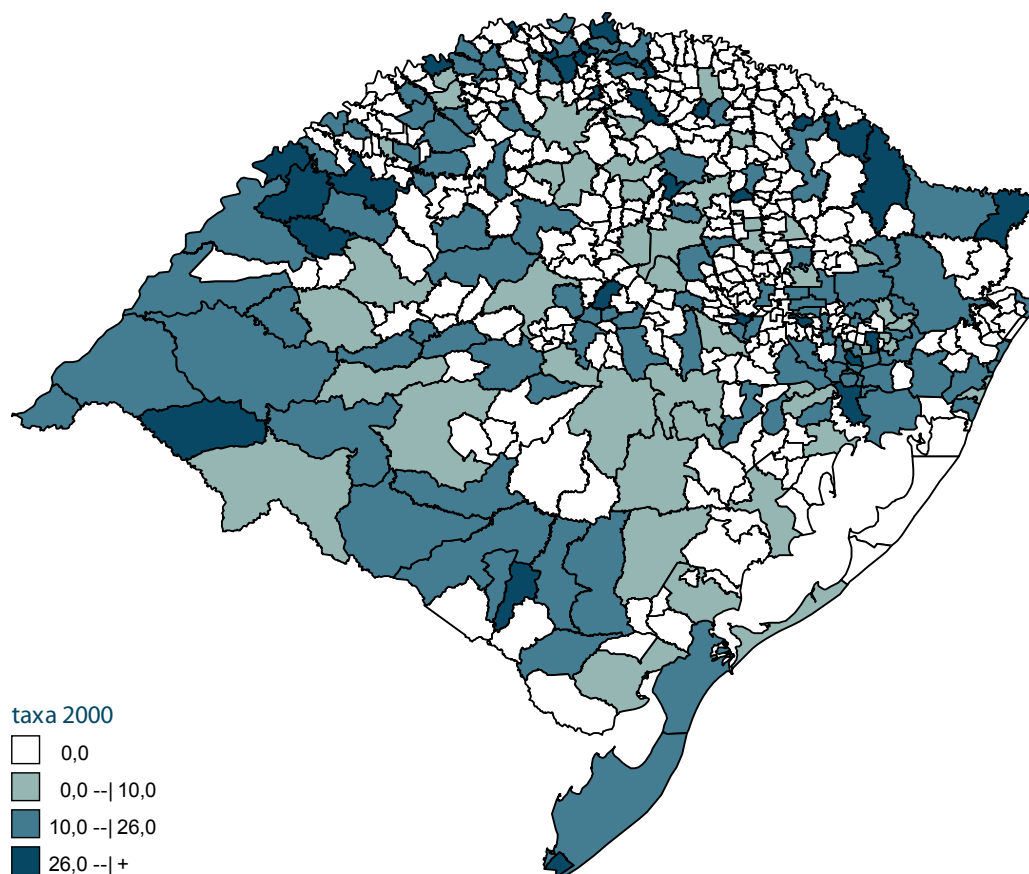
- Entre 2000 e 2010 diminuem os municípios sem registro de homicídios – o número cai de 312 para 279 – e praticamente duplica o número de municípios com taxas acima da média nacional – acima de 26 homicídios em 100 mil habitantes.
- Em geral, o tamanho do município continua altamente associado com a probabilidade de homicídio.

Tabela RS3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Rio Grande do Sul: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	33	5,1	2,0	59	8,7	2,9	69,3	227
DE 5 A -10 MIL	43	5,9	2,6	60	8,5	2,9	45,0	104
DE 10 A -20 MIL	79	9,0	4,8	76	8,4	3,7	-7,4	65
DE 20 A -50 MIL	152	9,4	9,1	208	11,9	10,1	26,7	58
DE 50 A -100 MIL	243	14,9	14,6	256	15,4	12,4	3,4	24
DE 100 A -200 MIL	200	16,5	12,0	304	23,5	14,8	42,5	9
DE 200 A -500 MIL	378	17,8	22,7	580	25,3	28,1	41,8	8
500 MIL E MAIS.	534	39,2	32,1	518	36,8	25,1	-6,4	1
<b>TOTAL</b>	<b>1662</b>	<b>16,3</b>	<b>100,0</b>	<b>2061</b>	<b>19,3</b>	<b>100,0</b>	<b>18,1</b>	<b>496</b>

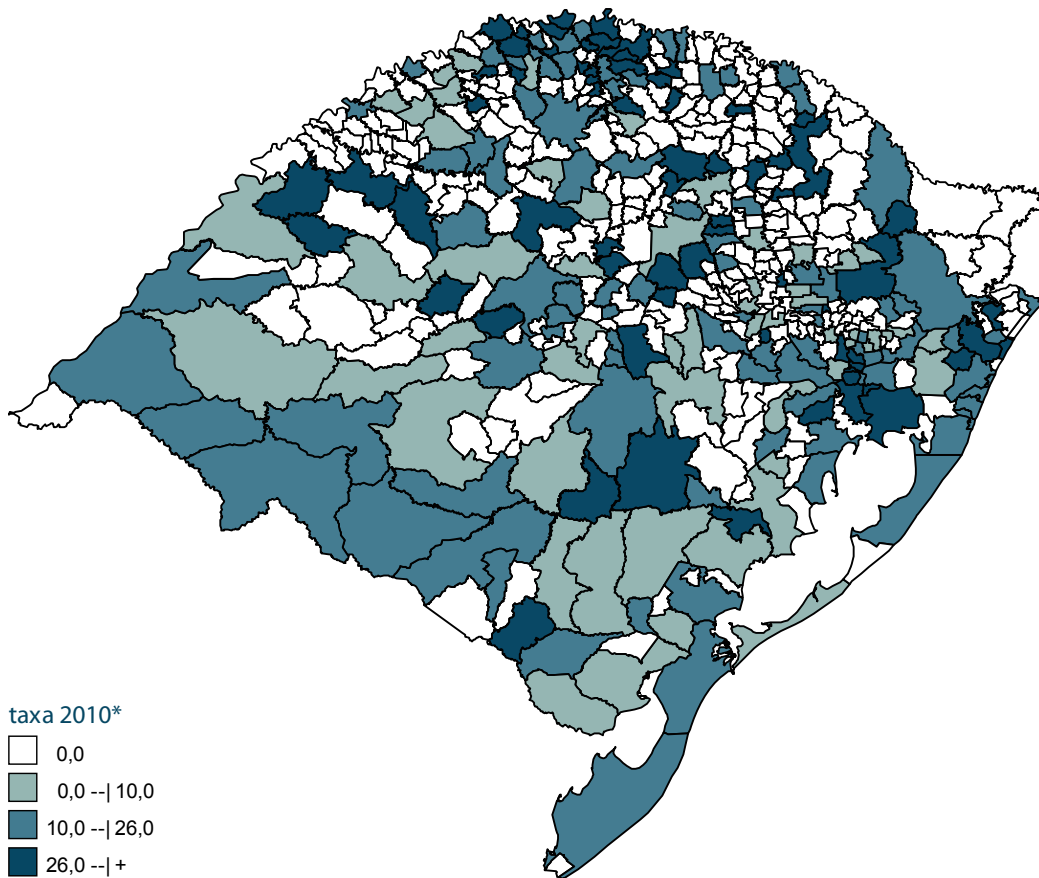
Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Mapa RS1. Rio Grande do Sul. 2000



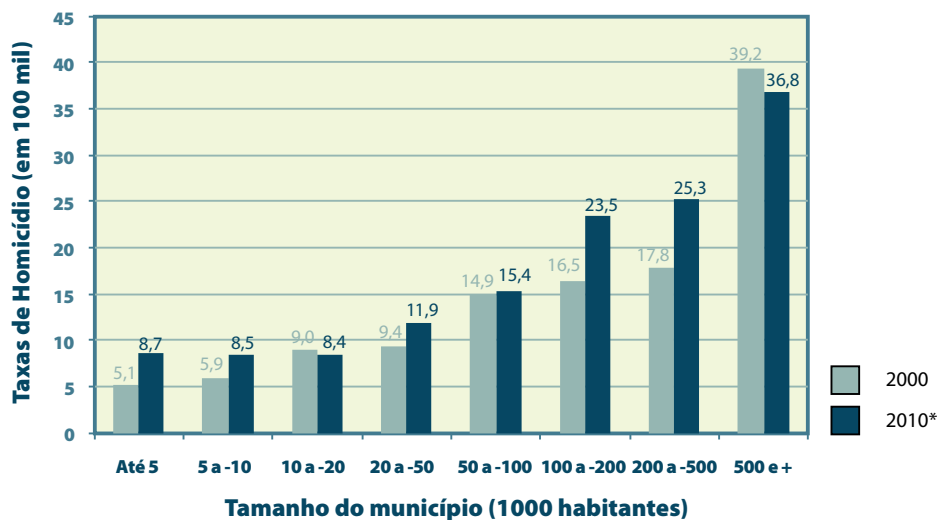
Fonte: SIM/SVS/MS

Mapa RS2. Rio Grande do Sul. 2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Gráfico RS2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Rio Grande do Sul: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares





## RONDÔNIA

**P**roblemas técnicos com os dados do estado levaram a trabalhar só com as informações da última década. As informações encontram-se nas tabelas e gráficos a seguir.

As taxas do estado permaneceram praticamente estagnadas se considerarmos os anos extremos da década 2000/2010, mas aconteceram diversas oscilações, principalmente em sua capital, Porto Velho<sup>1</sup>. Se as taxas estaduais permaneceram estagnadas, as da capital tiveram uma queda moderada de 2% ao ano, enquanto o interior cresceu 1,4%.

Com esses ritmos, as largas diferenças entre ambas vão ficando bem menores. Em 2000 a capital tinha uma taxa de 61 homicídios em 100 mil habitantes e o interior de 25,1, o que representa uma diferença de 143,2%. Já em 2010, com 49,7 e 28,9 respectivamente, essa diferença cai pela metade: agora as taxas da capital são 71,8% maiores, com uma linha tendencial de encurtar mais ainda.

Tabela R01. Taxas de Homicídio por Área. Rondônia. 2000/2010\*

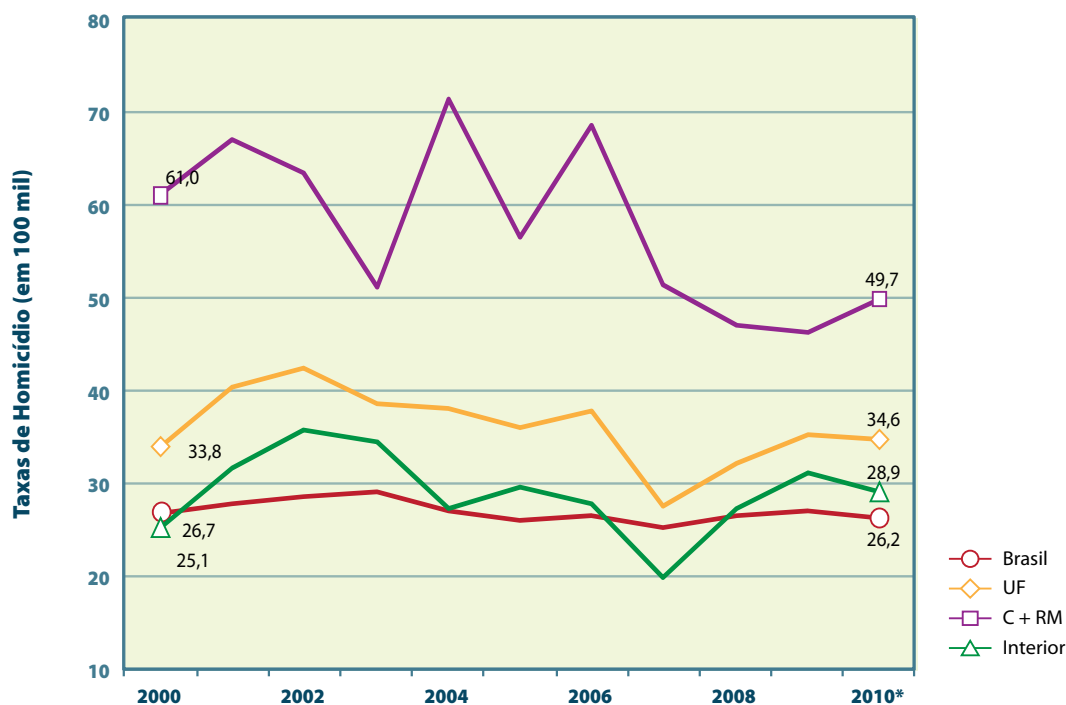
ANO	BRASIL	RONDÔNIA		
		UF	CAPITAL+RM	INTERIOR
2000	26,7	33,8	61,0	25,1
2001	27,8	40,1	66,9	31,5
2002	28,5	42,3	63,2	35,6
2003	28,9	38,4	51,1	34,3
2004	27,0	38,0	71,4	27,2
2005	25,8	36,0	56,4	29,4
2006	26,3	37,7	68,5	27,8
2007	25,2	27,4	51,3	19,6
2008	26,4	32,1	46,9	27,1
2009	27,0	35,1	46,1	31,1
2010*	26,2	34,6	49,7	28,9

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Ao longo da década as taxas do estado sempre estiveram acima dos índices nacionais, finalizando a década com 34,6 homicídios em 100 mil habitantes, o que coloca Rondônia entre os 8 estados mais violentos do Brasil e sua capital, apesar das quedas, em 9º lugar.

1. Rondônia não possui região metropolitana (RM), a categoria Capital+RM representa aqui só Porto Velho.

Gráfico R01. Taxas de Homicídio por Área. Rondônia. 2000/2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Tabela R02. Crescimento % total e ao ano por período e área. Rondônia. 2000/2010\*

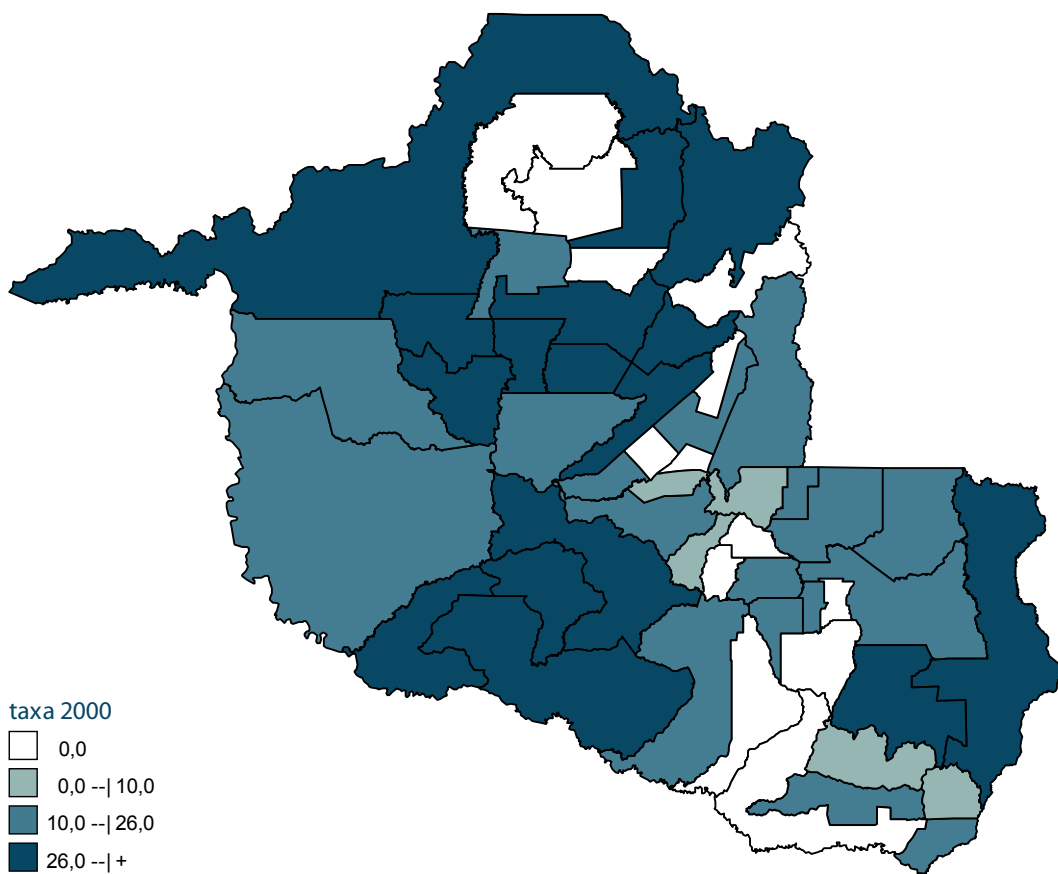
ÁREA	2000-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	-2,0	-0,2
UF	2,5	0,2
CAPITAL+RM	-18,5	-2,0
INTERIOR	15,4	1,4

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Os mapas e quadros a seguir permitirão um melhor detalhamento da evolução na década:

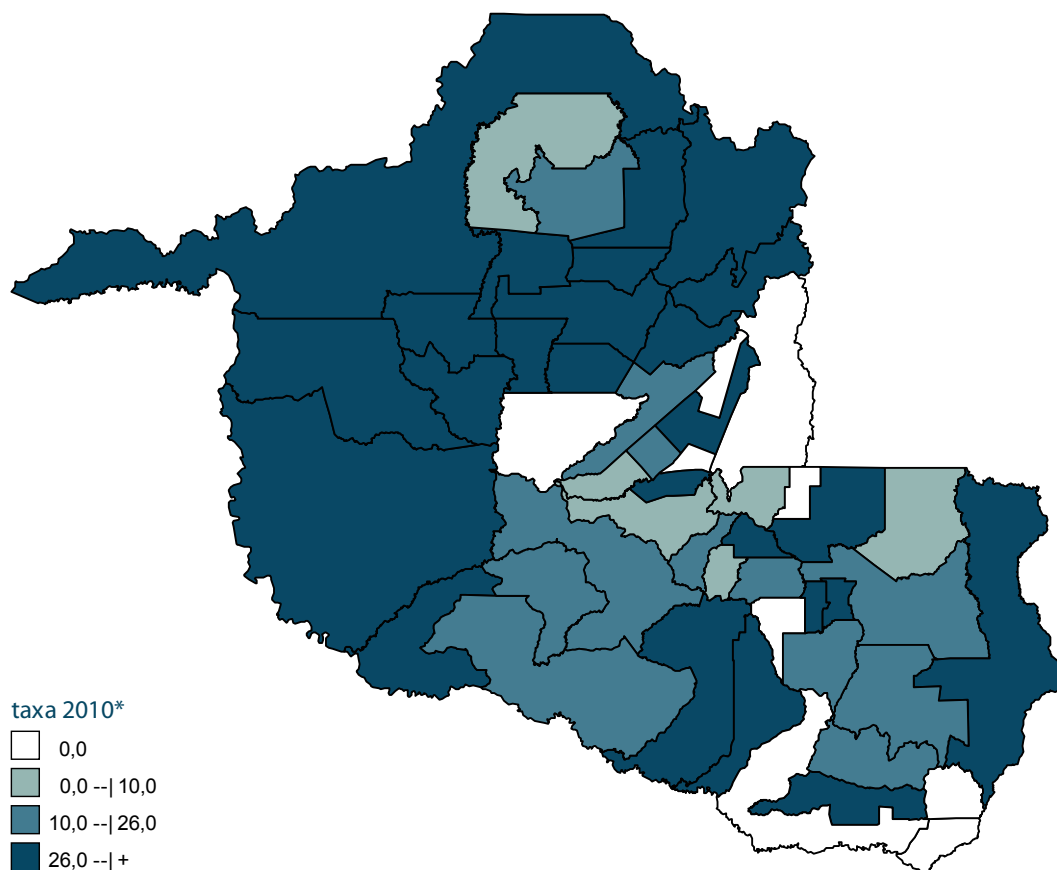
- Na década, diminuíram de 13 para 9 os municípios sem registro de homicídios e aumentaram de 16 para 25, praticamente a metade, os municípios com taxas acima da média nacional.
- Os dois municípios mais populosos do estado apresentam significativas quedas na década: sua capital, Porto Velho, acima comentada e Ji-Paraná, cujas taxas, já baixas em 2000, zeraram em 2010.

Mapa R01. Rondônia. 2000



Fonte: SIM/SVS/MS.

Mapa R02. Rondônia. 2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

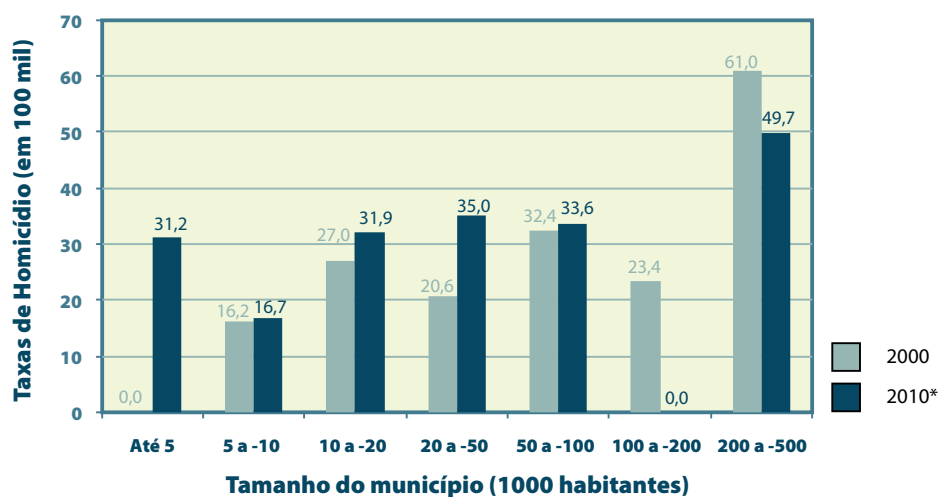
O maior crescimento pode ser observado em municípios de porte médio para baixo, na faixa de 10 a 50 mil habitantes. Aqui, pela virulência de suas taxas, são destacadas: Buritis, Alto Paraíso, Cajubim e Campo Novo de Rondônia, todas com índices superiores aos 75 homicídios em 100 mil habitantes no ano 2010.

Tabela R03. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Rondônia: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	0	0,0	0,0	7	31,2	1,3	-	6
DE 5 A -10 MIL	13	16,2	2,8	13	16,7	2,4	3,2	10
DE 10 A -20 MIL	69	27,0	14,8	87	31,9	16,1	18,4	19
DE 20 A -50 MIL	57	20,6	12,2	104	35,0	19,2	69,9	10
DE 50 A -100 MIL	98	32,4	21,0	117	33,6	21,6	3,9	5
DE 100 A -200 MIL	25	23,4	5,4	0	0,0	0,0	-100,0	1
DE 200 A -500 MIL	204	61,0	43,8	213	49,7	39,4	-18,5	1
<b>TOTAL</b>	<b>466</b>	<b>33,8</b>	<b>100,0</b>	<b>541</b>	<b>34,6</b>	<b>100,0</b>	<b>2,5</b>	<b>52</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico R02. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Rondônia: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares



## RORAIMA

Segundo o censo de 2010, a Capital, Boa Vista, concentrava quase 2/3 da população total do estado. Por tal motivo, as taxas estaduais ficam na dependência dos movimentos de sua capital.

Podemos estabelecer três fases na evolução dessas taxas:

**Primeiro período: 1980/1999.** Nesse primeiro período as taxas do estado crescem de forma mais acelerada que as nacionais – 7,8 e 4,3% ao ano respectivamente. Assim as taxas do estado, que inicialmente já eram levemente superiores às nacionais, distanciam-se decididamente – 57,7 e 26,2 homicídios em 100 mil habitantes respectivamente. Pelos motivos acima comentados, as taxas do estado vão acompanhar de perto as da capital, mas vão ser os municípios do interior que maior crescimento evidenciam: 9,7% ao ano. Esse ritmo leva ao interior, no final do período, a superar com boa folga as taxas da capital.

Tabela RR1. Taxas de Homicídio por Área. Roraima. 1980/2010\*

ANO	BRASIL	UF	CAPITAL +RM	INTERIOR
1980	11,7	13,9	16,4	0,0
1981	12,6	17,8	20,4	12,9
1982	12,6	27,2	34,1	14,1
1983	13,8	16,4	19,7	10,1
1984	15,3	13,2	15,3	9,1
1985	15,0	8,4	10,7	4,1
1986	15,3	7,7	11,7	0,0
1987	16,9	4,2	5,4	1,8
1988	16,8	38,3	52,0	11,5
1989	20,3	57,2	77,0	18,5
1990	22,2	61,3	85,1	14,5
1991	20,8	36,3	42,3	24,5
1992	19,1	43,1	43,2	42,8
1993	20,2	29,9	35,0	19,7
1994	21,2	31,0	37,7	17,7
1995	23,8	33,6	40,2	20,4
1996	24,8	43,3	50,1	29,4
1997	25,4	35,4	34,6	36,6
1998	25,9	50,6	51,5	49,1
1999	26,2	57,7	51,4	68,2
2000	26,7	39,5	40,4	38,0
2001	27,8	31,7	32,1	31,1
2002	28,5	34,9	38,2	29,5
2003	28,9	29,7	33,0	24,2
2004	27,0	22,6	21,5	24,2
2005	25,8	24,0	23,1	25,5
2006	26,3	27,3	22,0	35,8
2007	25,2	27,9	25,7	31,6
2008	26,4	25,4	24,9	26,3
2009	27,0	27,1	26,8	27,7
2010*	26,2	27,3	28,5	25,3

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares



**Segundo período: 1999/2004.** As taxas estaduais caem de forma muito acelerada – 17,1% ao ano – enquanto as do país continuam ainda em sua fase de crescimento: 0,6% ao ano. Esse diferencial faz que para 2004 as taxas do estado voltem a estar embaixo da média nacional, que nesse ano era de 27 homicídios em 100 mil habitantes, e as de Roraima 22,6 em 100 mil. No final do período, as taxas do interior ainda superam as de Boa Vista.

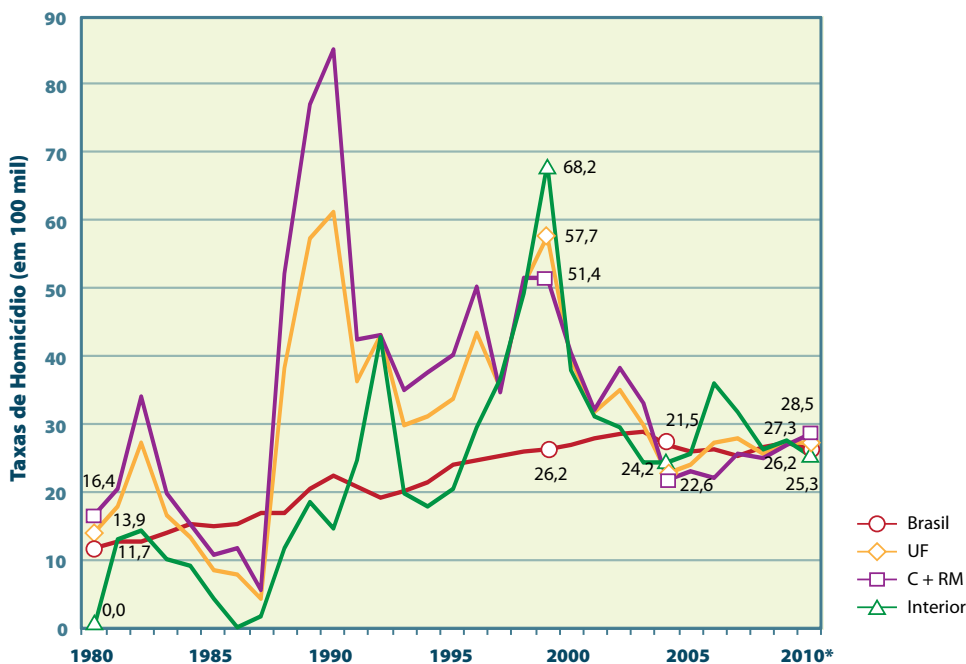
**Terceiro período: 2004/2010\*.** As taxas do estado apresentam um moderado incremento – 3,2% ao ano – numa fase de queda leve das taxas nacionais: 0,5% ao ano. Com isso, as taxas do estado voltam a se equiparar com as nacionais, mas levemente acima das mesmas. Aqui vai ser a região metropolitana (RM) a que comanda o aumento, com uma quase estagnação das taxas do interior. De toda forma, para 2010, Capital e Interior ficam com taxas muito próximas: 28,5 e 25,3 homicídios em 100 mil habitantes respectivamente.

Tabela RR2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Roraima. 1980/2010\*

ÁREA	1980-1999		1999-2004		2004-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	124,0	4,3	3,2	0,6	-3,1	-0,5
UF	315,0	7,8	-60,9	-17,1	21,0	3,2
CAPITAL+RM	213,4	6,2	-58,1	-16,0	32,3	4,8
INTERIOR	429,1	9,7	-64,4	-18,7	4,2	0,7

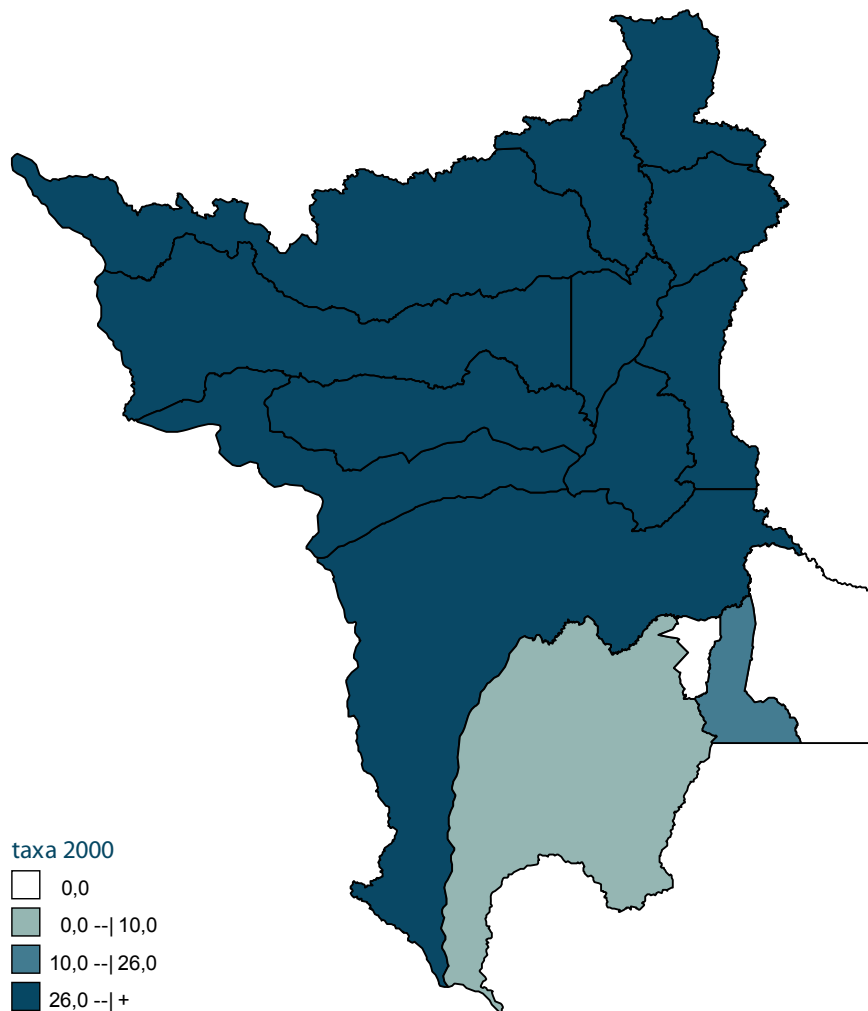
Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Gráfico RR1. Taxas de Homicídio por Área. Roraima. 1980/2010\*



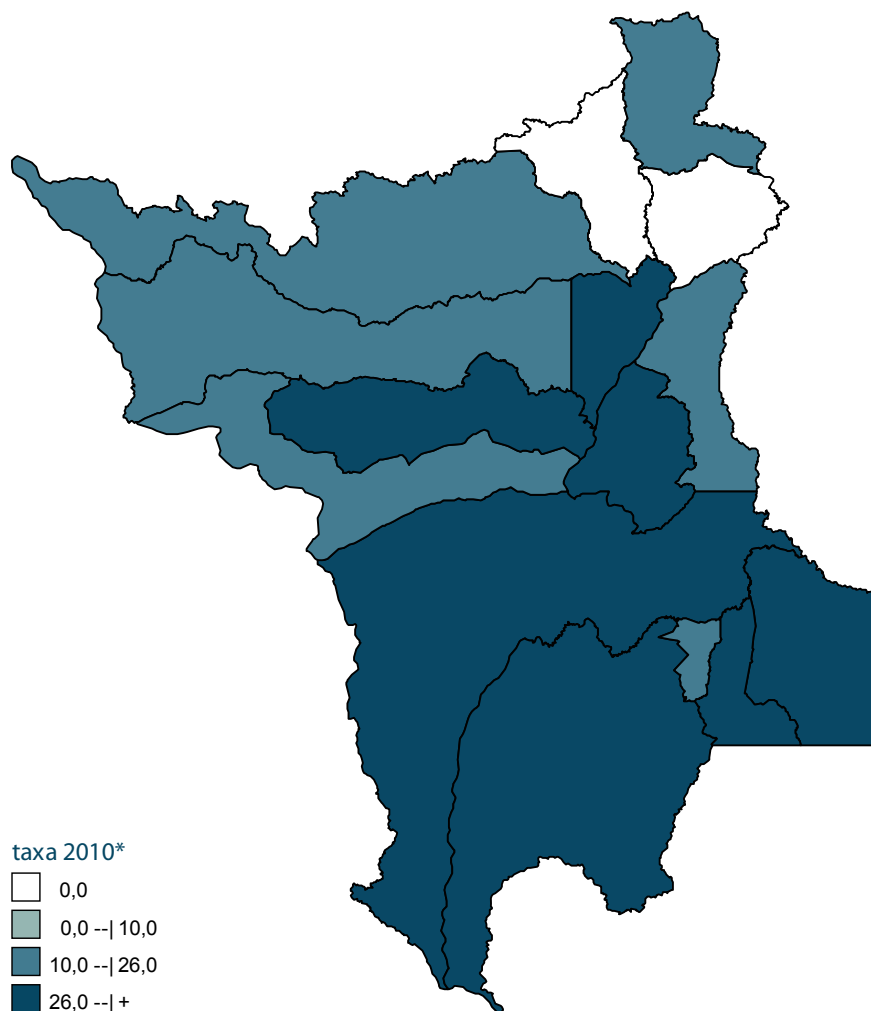
Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Mapa RR1. Roraima. 2000



Fonte: SIM/SVS/MS

Mapa RR2. Roraima. 2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Os mapas acima incluídos e os quadros a seguir permitem uma melhor compreensão das mudanças acontecidas na última década:

- Nos mapas, pode ser observado um deslocamento dos polos de violência no estado:
  - Municípios da fronteira sul do estado, que em 2000 estavam embaixo da média nacional – Rorainópolis e São João da Baliza – ou não registraram homicídios – São Luiz e Caroebe – registram severos incrementos, e três deles superam a média nacional, com destaque para Rorainópolis que em 2010 supera a marca dos 45 homicídios em 100 mil habitantes. Aliás, esses são os únicos municípios do estado que em 2000 estariam embaixo da média nacional.

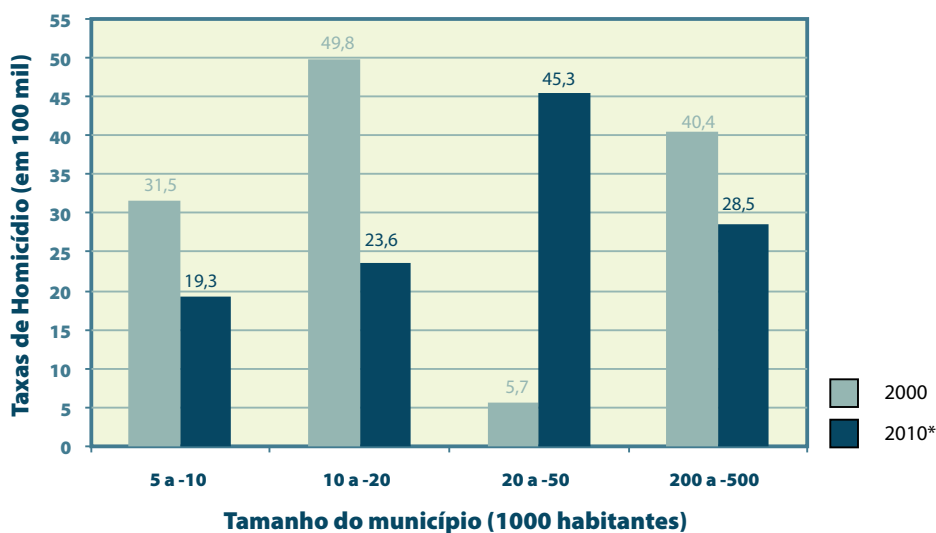
- Em 2010 o panorama aparece mais matizado. Sete municípios com taxas acima de 26 homicídios em 100 mil habitantes, seis entre 10 e 26, e dois sem registro de homicídios.
- Pela tabela RR3 e gráfico RR2 podemos verificar que a única faixa que cresceu no estado foi a de 20 a 50 mil habitantes, com uma única presença: a do município de Rorainópolis.
- De qualquer forma, a capital do estado continua em seu papel de principal produtor de homicídios do estado, responsável por exatos 2/3 dos quantitativos em 2010.

Tabela RR3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Roraima: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
DE 5 A -10 MIL	12	31,5	9,4	11	19,3	8,9	-38,7	7
DE 10 A -20 MIL	34	49,8	26,6	20	23,6	16,3	-52,7	6
DE 20 A -50 MIL	1	5,7	0,8	11	45,3	8,9	688,0	1
DE 200 A -500 MIL	81	40,4	63,3	81	28,5	65,9	-29,5	1
<b>TOTAL</b>	<b>128</b>	<b>39,5</b>	<b>100,0</b>	<b>123</b>	<b>27,3</b>	<b>100,0</b>	<b>-30,8</b>	<b>15</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico RR2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Roraima: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares



## SANTA CATARINA

Em diversos períodos de sua história recente, como nos anos 2004 a 2007, Santa Catarina mostrou as menores taxas de homicídio do país e, paralelamente, elevados índices de desenvolvimento humano. Oscilando nas décadas finais do século passado entre 6 e 8 homicídios em 100 habitantes, o crescimento para 12,9 homicídios em 100 mil perto do ano 2010 não tirou o estado dessa situação, pelo contrário, o reafirmou mais ainda. É que os índices dos outros estados do país cresceram ainda mais, nesse processo que chamamos, nos capítulos iniciais, de *efeito disseminação*.

Pelos dados do estado podemos distinguir duas grandes etapas:

**Primeiro período: 1980/2000.** Duas décadas completas de extrema regularidade e equilíbrio, onde as taxas das regiões metropolitanas (RM) do estado e as do interior ficam praticamente estagnadas, numa fase onde as taxas nacionais crescem de forma relativamente acelerada: 4,2% ao ano. Disto resulta um progressivo distanciamento do estado dos níveis de violência do país, de forma que no ano 2000 a taxa catarinense representa 1/3 da nacional. O débil crescimento das RM faz que ambas as taxas – RM e Interior – fiquem praticamente equivalentes no final do período, em um patamar próximo de 8 homicídios em 100 mil habitantes.

Tabela SC1. Taxas de Homicídio por Área. Santa Catarina. 1980/2010\*

ANO	BRASIL				ANO	BRASIL			
		UF	CAPITAL + RM	INTERIOR			UF	CAPITAL + RM	INTERIOR
1980	11,7	6,7	4,6	7,8	1996	24,8	8,3	8,0	8,5
1981	12,6	7,3	5,2	8,4	1997	25,4	8,4	8,7	8,1
1982	12,6	7,0	3,8	8,8	1998	25,9	7,9	7,1	8,5
1983	13,8	8,3	5,8	9,7	1999	26,2	7,5	6,8	8,0
1984	15,3	7,4	5,7	8,4	2000	26,7	7,9	7,6	8,1
1985	15,0	6,5	4,0	7,9	2001	27,8	8,4	9,6	7,6
1986	15,3	5,7	5,0	6,2	2002	28,5	10,3	12,4	8,7
1987	16,9	7,0	4,7	8,4	2003	28,9	11,6	13,5	10,2
1988	16,8	7,5	5,4	8,7	2004	27,0	11,1	13,6	9,2
1989	20,3	8,0	7,9	8,0	2005	25,8	10,5	13,0	8,5
1990	22,2	8,4	7,6	8,9	2006	26,3	11,0	13,2	9,2
1991	20,8	7,8	6,4	8,7	2007	25,2	10,4	12,4	8,9
1992	19,1	7,5	6,7	8,1	2008	26,4	13,0	17,1	9,9
1993	20,2	7,6	6,4	8,4	2009	27,0	13,0	17,5	9,4
1994	21,2	7,1	6,7	7,3	2010*	26,2	12,9	16,9	9,6
1995	23,8	8,4	7,5	8,9					

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

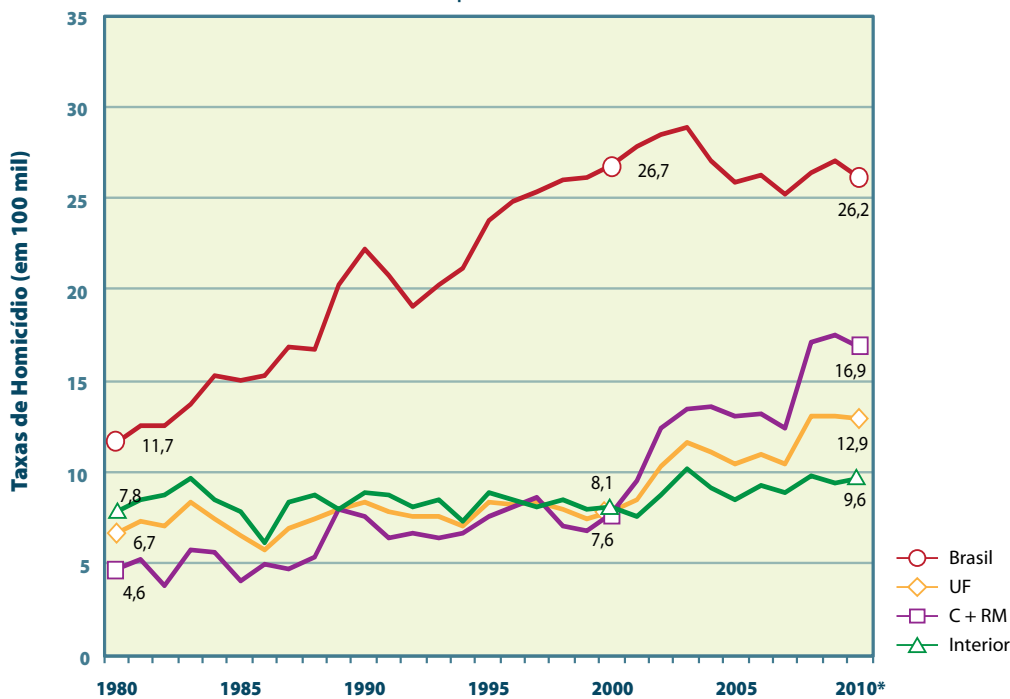
Tabela SC2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Santa Catarina. 1980/2010\*

ÁREA	1980-2000		2000-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	128,6	4,2	-2,0	-0,2
UF	17,9	0,8	63,1	5,0
CAPITAL+RM	64,6	2,5	121,1	8,3
INTERIOR	4,0	0,2	18,9	1,7

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

**Segundo período: 2000/2010\*.** As taxas do estado iniciam um processo de crescimento acelerado – 5% ao ano, fortemente impulsionado pela elevação dos homicídios nas RM, onde o ritmo é de 8,3% ao ano. Já o crescimento do interior fica relativamente modesto: 1,7% ao ano.

Gráfico SC1. Taxas de Homicídio por Área. Santa Catarina. 1980/2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Dado o intenso processo de criação de regiões metropolitanas acontecido no estado a partir de 1998, resulta interessante aprofundar sobre o comportamento dessas novas metrópoles. Como foi esclarecido no capítulo inicial, não consideraremos os colares metropolitanos, as aglomerações e as áreas de expansão de regiões metropolitanas, por não reunir, por definição, a totalidade dos requisitos para sua constituição como RM. Ainda assim, sem tomar em conta essas proto-metrópoles, o estado criou 6 RM:

- Quatro em 1998: RM de Florianópolis, RM da Foz do Rio Itajaí, RM do Norte/Nordeste Catarinense e RM do Vale do Rio Itajaí.
- Duas em 2002: RM Carbonífera e RM de Tubarão.

Todas elas foram extintas em 2007, mas reconstituídas em 2010.

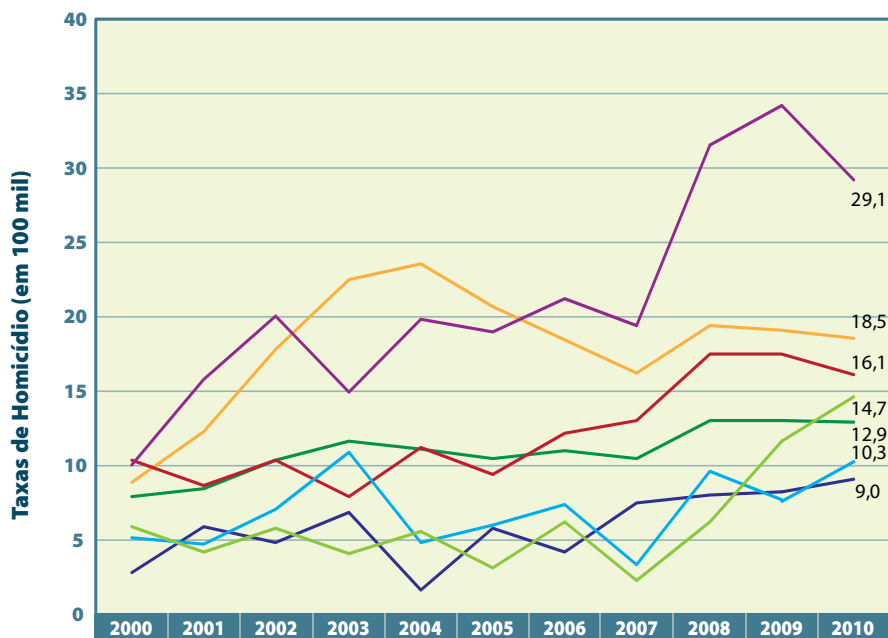
Tabela SC3. Taxas de homicídio (em 100 mil) das RM de Santa Catarina. 2000/2010\*

ÁREA	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010*
SANTA CATARINA	7,9	8,4	10,3	11,6	11,1	10,5	11,0	10,4	13,0	13,0	12,9
RM FLORIANÓPOLIS	8,9	12,3	17,8	22,5	23,5	20,7	18,4	16,3	19,4	19,1	18,5
RM VALE DO ITAJAÍ	2,8	5,9	4,8	6,8	1,6	5,8	4,1	7,5	8,0	8,2	9,0
RM NORTE/NORDESTE	10,4	8,6	10,4	7,9	11,3	9,4	12,2	13,1	17,5	17,4	16,1
RM FOZ RIO ITAJAÍ	10,0	15,7	20,0	14,9	19,8	18,9	21,2	19,4	31,5	34,2	29,1
RM CARBONÍFERA	5,2	4,8	7,0	10,9	4,9	6,0	7,4	3,4	9,6	7,7	10,3
RM TUBARÃO	5,9	4,2	5,8	4,1	5,7	3,2	6,2	2,3	6,3	11,7	14,7

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares



Gráfico SC2. Taxas (em 100 mil) das RM de Santa Catarina 2000/2010\*



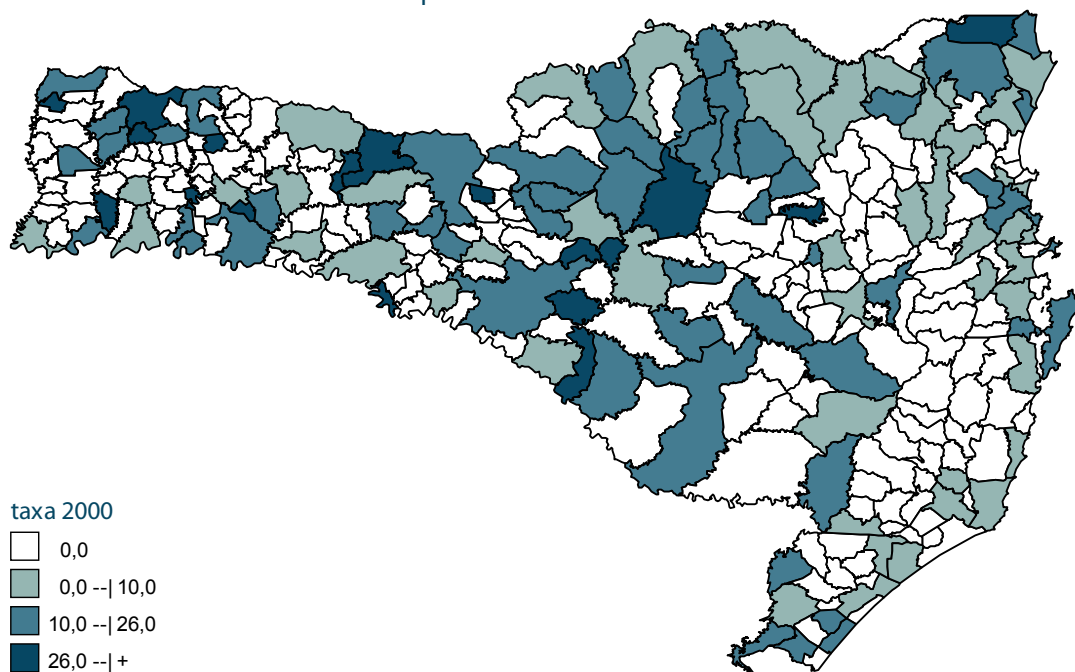
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Santa Catarina	7,9	8,4	10,3	11,6	11,1	10,5	11,0	10,4	13,0	13,0	12,9
RM Florianópolis	8,9	12,3	17,8	22,5	23,5	20,7	18,4	16,3	19,4	19,1	18,5
RM Vale do Itajaí	2,8	5,9	4,8	6,8	1,6	5,8	4,1	7,5	8,0	8,2	9,0
RM Norte/Nordeste	10,4	8,6	10,4	7,9	11,3	9,4	12,2	13,1	17,5	17,4	16,1
RM Foz do Rio Itajaí	10,0	15,7	20,0	14,9	19,8	18,9	21,2	19,4	31,5	34,2	29,1
RM Carbonífera	5,2	4,8	7,0	10,9	4,9	6,0	7,4	3,4	9,6	7,7	10,3
RM Tubarão	5,9	4,2	5,8	4,1	5,7	3,2	6,2	2,3	6,3	11,7	14,7

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Vemos que, realmente, as novas RM contribuem para o incremento:

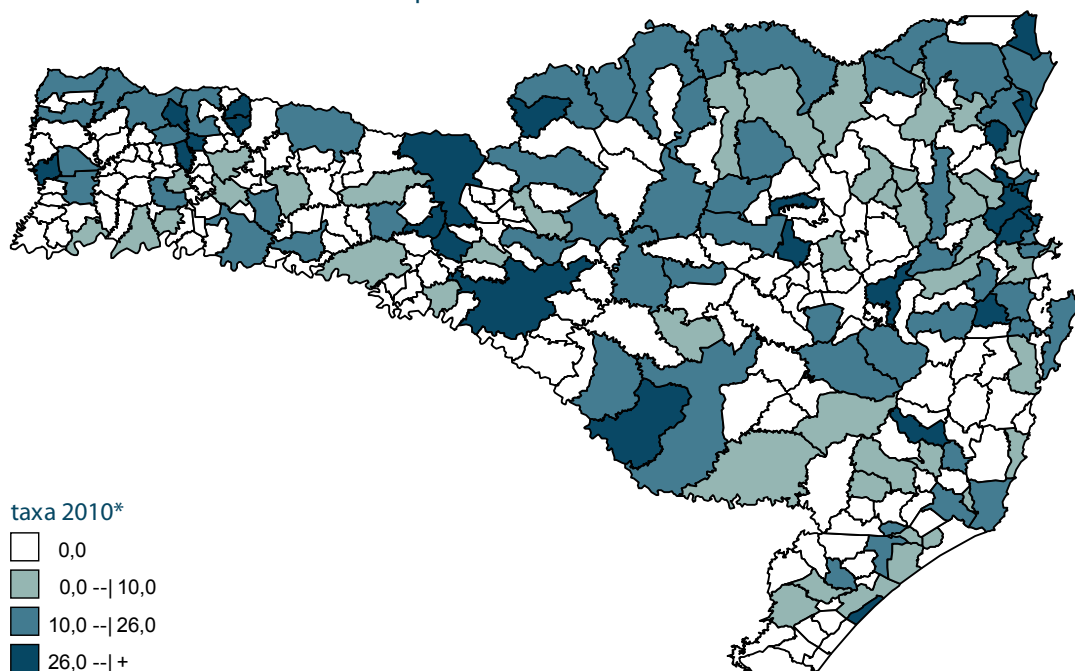
- Todas elas evidenciam crescimento a partir do ano de 2007.
- Só uma RM ultrapassa a média nacional de 26 homicídios em 100 mil habitantes: a RM de Foz do Rio Itajaí.
- A referida, junto com a Norte/Nordeste, a de Florianópolis e a de Tubarão ultrapassam a média estadual no ano 2010.

Mapa SC1. Santa Catarina. 2000



Fonte: SIM/SVS/MS

Mapa SC2. Santa Catarina. 2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Vemos pelos mapas e pelas informações a seguir que:

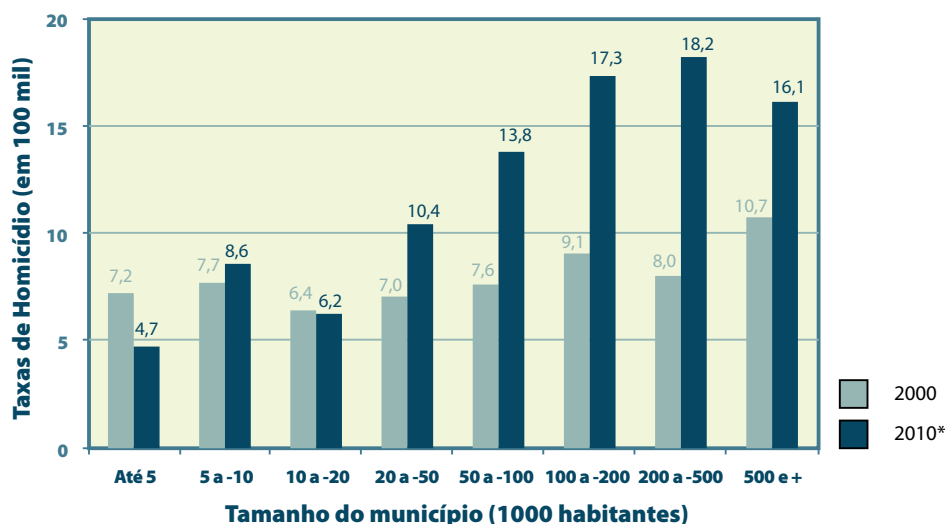
- Se no único município do estado com mais de 500 mil habitantes: Joinville, o crescimento foi relativamente moderado, o maior crescimento vai ser observado nos 3 municípios entre 200 e 500 mil habitantes (Florianópolis, Blumenau e São José).
- Em segundo lugar, o grupo de 23 municípios compreendidos na faixa entre 50 e 200 mil habitantes, com destaque para os elevados níveis de violência e crescimento de Itajaí, Balneário Camboriú e Navegantes.

Tabela SC4. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Santa Catarina: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	25	7,2	5,9	16	4,7	2,0	-34,8	108
DE 5 A -10 MIL	34	7,7	8,0	40	8,6	5,0	11,8	64
DE 10 A -20 MIL	46	6,4	10,9	51	6,2	6,3	-2,4	60
DE 20 A -50 MIL	60	7,0	14,2	105	10,4	13,0	47,6	34
DE 50 A -100 MIL	61	7,6	14,4	130	13,8	16,1	80,6	15
DE 100 A -200 MIL	89	9,1	21,0	209	17,3	26,0	90,8	8
DE 200 A -500 MIL	62	8,0	14,7	171	18,2	21,2	128,2	3
500 MIL E MAIS.	46	10,7	10,9	83	16,1	10,3	50,4	1
<b>TOTAL</b>	<b>423</b>	<b>7,9</b>	<b>100,0</b>	<b>805</b>	<b>12,9</b>	<b>100,0</b>	<b>63,1</b>	<b>293</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico SC3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Santa Catarina: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

## SÃO PAULO

São Paulo, de uma posição de destaque no contexto da violência nacional, em poucos anos passa a ser um dos estados com os menores índices do país. Efetivamente, em 1999, com uma taxa de 44,1 homicídios para cada 100 mil habitantes, o estado ocupa o 5º lugar no plano nacional. Para o ano 2010, depois de fortes e sistemáticas quedas, os índices despencam para 13,9 homicídios em 100 mil habitantes, passando a ocupar o posto 25, como um dos 3 estados mais tranquilos do país.

As tabelas e o gráfico a seguir permitem identificar dois grandes períodos:

### **Primeiro período: 1980/1999.**

- No início da série temporal, as taxas de homicídio do estado – 13,8 em 100 mil habitantes – encontram-se bem perto da nacional, que nesse momento era de 11,7. Ao longo do período as taxas nacionais crescem 124% e as do estado aumentam ainda mais, 220,2%, com índices anuais bem elevados: 6,3%.
- Com esse ritmo maior, o estado vai se distanciando progressivamente da média nacional: se em 1980 a taxa do estado era 17,9% maior que a nacional, para 1999 essa diferença aumenta para 68,6%
- Nesse primeiro período, são as regiões metropolitanas do estado – a de sua capital, a Baixada Santista e a de Campinas – as principais responsáveis pelo crescimento dos homicídios: crescem 250,1% nesses 19 anos – 6,8% ao ano – enquanto o interior, cujo aumento se estende até 2001, cresce 145,1% equivalente a 4,4% ao ano.

### **Segundo período: 1999/2010\*.**

- Os índices do estado caem de forma acelerada enquanto os do país permanecem estáveis. Entre essas datas, as taxas do estado diminuem 68,5%, com um ritmo de 10% ao ano.
- Novamente aqui, a principal responsável pelas quedas são as regiões metropolitanas (RM), cuja diminuição foi muito significativa: 75,4%, 12% ao ano.
- Dois anos depois, em 2001, também o interior começa a ceder, cai 37,1% – 5% ao ano, ritmo bem menor que o das RM.
- Dessa forma, RM e interior voltam a se reaproximar em suas taxas: enquanto existia enorme distância entre ambas no início deste segundo período, quando as taxas das RM eram acima de três vezes maiores, para 2010 as RM vão apresentar uma taxa de 15,6 homicídios em 100 mil habitantes e o interior de 11,5.

Tabela SP1. Taxas de Homicídio por Área. São Paulo. 1980/2010\*

ANO	BRASIL	SÃO PAULO			ANO	BRASIL	SÃO PAULO		
		UF	CAPITAL + RM	INTERIOR			UF	CAPITAL + RM	INTERIOR
1980	11,7	13,8	18,1	7,5	1996	24,8	36,2	50,7	15,7
1981	12,6	16,4	21,9	8,4	1997	25,4	36,1	51,3	14,7
1982	12,6	16,0	21,1	8,7	1998	25,9	39,7	56,5	16,0
1983	13,8	21,9	30,4	9,5	1999	26,2	44,1	63,5	17,0
1984	15,3	25,8	36,3	10,7	2000	26,7	42,2	60,2	16,8
1985	15,0	25,1	35,3	10,4	2001	27,8	41,8	58,5	18,3
1986	15,3	25,2	35,9	9,9	2002	28,5	38,0	52,0	18,1
1987	16,9	27,2	38,7	10,8	2003	28,9	35,9	49,0	17,4
1988	16,8	25,2	35,7	10,3	2004	27,0	28,6	37,4	16,2
1989	20,3	30,2	43,3	11,7	2005	25,8	21,6	27,2	13,7
1990	22,2	30,8	44,1	11,8	2006	26,3	19,9	24,5	13,3
1991	20,8	30,7	44,1	11,7	2007	25,2	15,0	18,4	10,0
1992	19,1	28,2	40,4	10,8	2008	26,4	14,9	17,9	10,7
1993	20,2	28,2	39,9	11,7	2009	27,0	15,4	18,0	11,7
1994	21,2	30,1	42,8	12,1	2010*	26,2	13,9	15,6	11,5
1995	23,8	34,3	49,8	12,5					

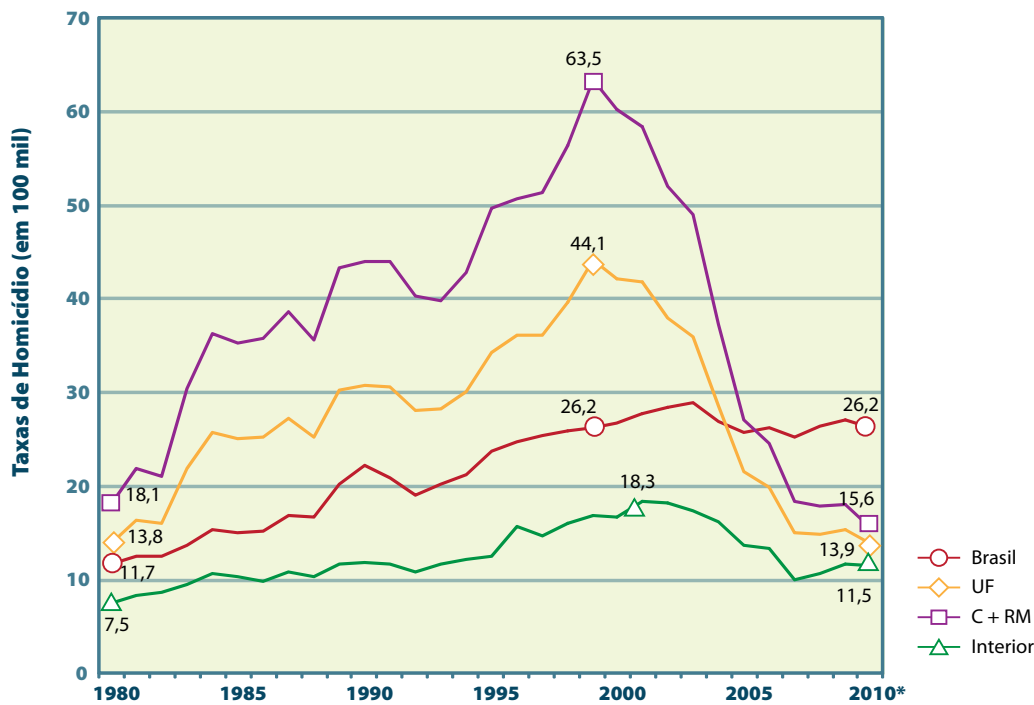
Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Tabela SP2. Crescimento % total e ao ano por período e área. São Paulo. 1980/2010\*

ÁREA	1980-1999		1999-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	124,0	4,3	0,0	0,0
UF	220,2	6,3	-68,5	-10,0
CAPITAL+RM	250,1	6,8	-75,4	-12,0
INTERIOR**	145,1	4,4	-37,1	-5,0

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares \*\*As taxas correspondem a 1980-2001 e 2001-2010

Gráfico SP1. Taxas de Homicídio(em 100 mil) por Área. São Paulo.1980/2010\*

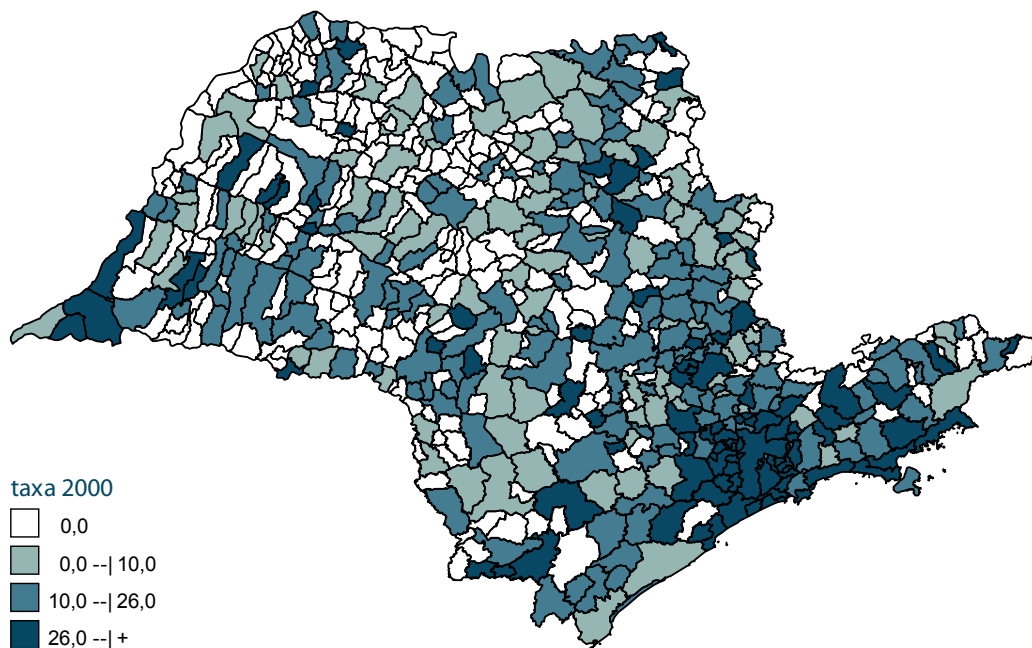


Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Os mapas SP1 e SP2 permitem verificar, até visualmente, as significativas mudanças acontecidas no estado nessa última década. Vemos que a grande quantidade de áreas obscuras, principalmente no entorno de São Paulo, nas outras RM do Estado, assim como no seu litoral norte, foram cedendo lugar para espaços com bem menor carga e intensidade de violência. Nesse sentido verificamos:

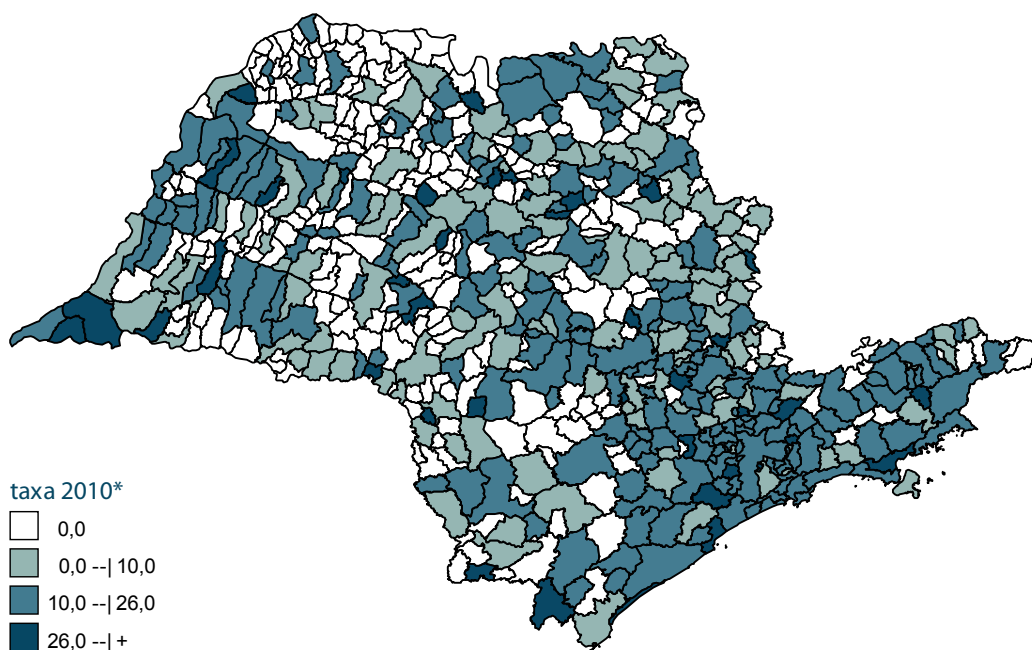
- 97 de seus 645 municípios – 15% – em 2000 tinham taxas acima de média nacional.
- Em 2010 esse número cai de forma bem proporcional ao declínio das taxas no estado: vai para 40, só 6,2% dos municípios do estado.
- 282 municípios – 43,7% – no ano 2000 não registraram homicídios.
- Já em 2010 cai para 271 – 42 % dos municípios do estado – queda insignificante, nada proporcional às quedas acontecidas na década, o que acompanha o fenômeno de dispersão que caracteriza a presente década: igual ou menor violência, mas em um número maior de locais.

Mapa SP1. São Paulo. 2000



Fonte: SIM/SVS/MS

Mapa SP2. São Paulo. 2010\*



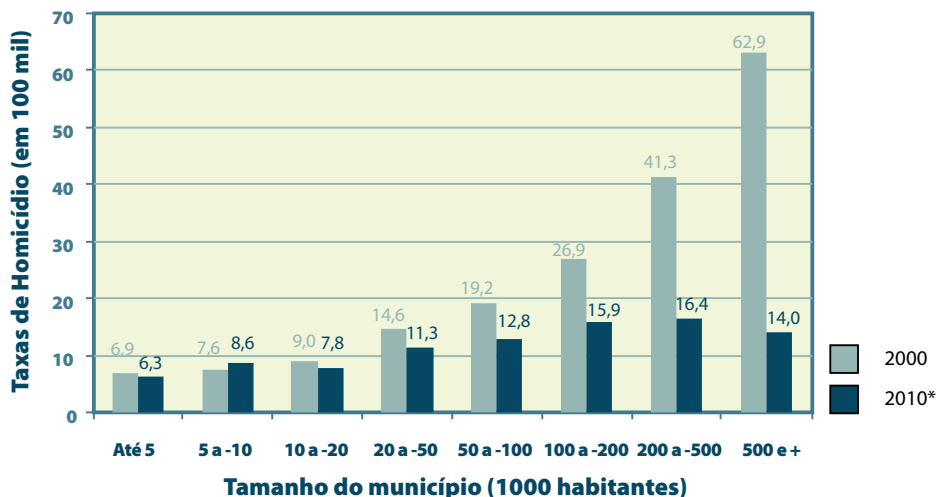
Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Tabela SP3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. São Paulo: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	33	6,9	0,2	32	6,3	0,6	-9,0	157
DE 5 A -10 MIL	60	7,6	0,4	74	8,6	1,3	12,2	122
DE 10 A -20 MIL	143	9,0	0,9	137	7,8	2,4	-12,8	122
DE 20 A -50 MIL	505	14,6	3,2	443	11,3	7,7	-22,4	120
DE 50 A -100 MIL	581	19,2	3,7	437	12,8	7,6	-33,0	49
DE 100 A -200 MIL	1097	26,9	7,0	744	15,9	13,0	-40,9	36
DE 200 A -500 MIL	3137	41,3	20,1	1423	16,4	24,8	-60,2	30
500 MIL E MAIS.	10075	62,9	64,5	2455	14,0	42,7	-77,7	9
<b>TOTAL</b>	<b>15631</b>	<b>42,2</b>	<b>100,0</b>	<b>5745</b>	<b>13,9</b>	<b>100,0</b>	<b>-67,0</b>	<b>645</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico SP2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. São Paulo: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

A tabela SP3 e o gráfico SP2 possibilitam apreender melhor o sentido das mudanças observadas nos mapas:

- Excluindo a primeira faixa, a dos municípios menores, podemos observar que as quedas foram diretamente proporcionais ao tamanho dos municípios. Se os municípios entre 5 e 10 mil habitantes ainda experimentaram um leve crescimento na década, já os municípios entre 10 e 20 mil tiveram queda de 12,8% em suas taxas de homicídio; a faixa seguinte queda



de 22,4%; quedas que se tornam mais intensas a medida que cresce o tamanho do município. Assim, até na faixa dos 9 municípios com mais de 500 mil habitantes, a queda foi de 77,7%, menos de  $\frac{1}{4}$  da taxa de 2000.

- Esse processo leva a uma homogeneização dos níveis de violência no estado: se em 2000 as taxas dos maiores municípios superavam 9 vezes a taxa dos municípios de menor porte (62,9 e 6,9 homicídios em 100 mil habitantes respectivamente) para 2010 essa diferença se reduz para pouco mais de 2 vezes.
- Diferentemente de diversos outros estados, o processo de homogeneização foi no sentido de melhores níveis de bem-estar e tranquilidade de sua população, fazendo descer os níveis de violência nos polos letais do estado.
- Mesmo assim, esses níveis ainda podem ser considerados elevados, tanto no comparativo com muitos outros países do mundo, quanto no marco das recomendações de organismos internacionais sobre o tema, que consideram a situação *tranquila* quando os homicídios não ultrapassam a casa dos 5 por cada 100 mil habitantes. E São Paulo ainda tem mais da metade de seus municípios acima desse patamar.

## SERGIPE

Diversas oscilações acontecidas no estado nas últimas três décadas dificultam uma correta periodização. Desconsiderando a brusca e rápida flutuação de 1991, poderíamos estabelecer tentativamente 3 grandes períodos na evolução das taxas de Sergipe.

**Primeiro período: 1980/1998.** Com fortes oscilações, o estado apresentou um crescimento moderado: 2,1% ao ano, enquanto o país cresceu 4,5%. Com taxas levemente inferiores às nacionais já em 1980 a diferença de ritmos distancia mais o estado da média nacional – 10,4 e 25,9 homicídios em 100 mil habitantes respectivamente. O interior apresenta maior crescimento que a RM pelo que ambas as taxas tendem a se aproximar.

**Segundo período: 1998/2002.** Severo crescimento das taxas estaduais, com maior responsabilidade da região metropolitana (RM), mas contribuição significativa também do interior. Com isto, as taxas do interior tendem a se distanciar das da RM. Esse ritmo de crescimento do estado, bem superior ao acontecido no país (29,9% e 2,4% ao ano, respectivamente) faz que em 2001 Sergipe já esteja acima das médias nacionais.

Tabela SE1. Taxas de Homicídio por Área. Sergipe. 1980/2010\*

ANO	BRASIL	Sergipe			ANO	BRASIL	Sergipe		
		UF	CAPITAL +RM	INTERIOR			UF	CAPITAL +RM	INTERIOR
1980	11,7	7,2	12,1	5,1	1996	24,8	14,7	23,4	9,4
1981	12,6	8,5	15,0	5,7	1997	25,4	11,5	16,3	8,5
1982	12,6	9,8	12,1	8,8	1998	25,9	10,4	15,0	7,7
1983	13,8	8,3	10,5	7,2	1999	26,2	19,7	29,4	13,7
1984	15,3	4,9	8,1	3,4	2000	26,7	23,3	34,2	16,7
1985	15,0	5,2	7,0	4,2	2001	27,8	29,3	50,0	16,5
1986	15,3	5,9	9,7	3,9	2002	28,5	29,7	47,4	18,8
1987	16,9	4,8	4,6	4,9	2003	28,9	25,2	42,2	14,6
1988	16,8	4,5	4,6	4,5	2004	27,0	24,4	39,1	15,1
1989	20,3	9,2	11,1	8,3	2005	25,8	25,0	36,5	17,7
1990	22,2	10,1	16,4	6,7	2006	26,3	29,8	42,4	21,8
1991	20,8	21,6	29,4	17,3	2007	25,2	25,9	34,0	20,6
1992	19,1	30,5	59,3	14,4	2008	26,4	28,7	38,5	22,4
1993	20,2	20,2	30,2	14,5	2009	27,0	32,6	43,7	25,2
1994	21,2	21,9	40,0	11,7	2010*	26,2	33,3	41,3	27,9
1995	23,8	16,0	24,2	11,4					

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

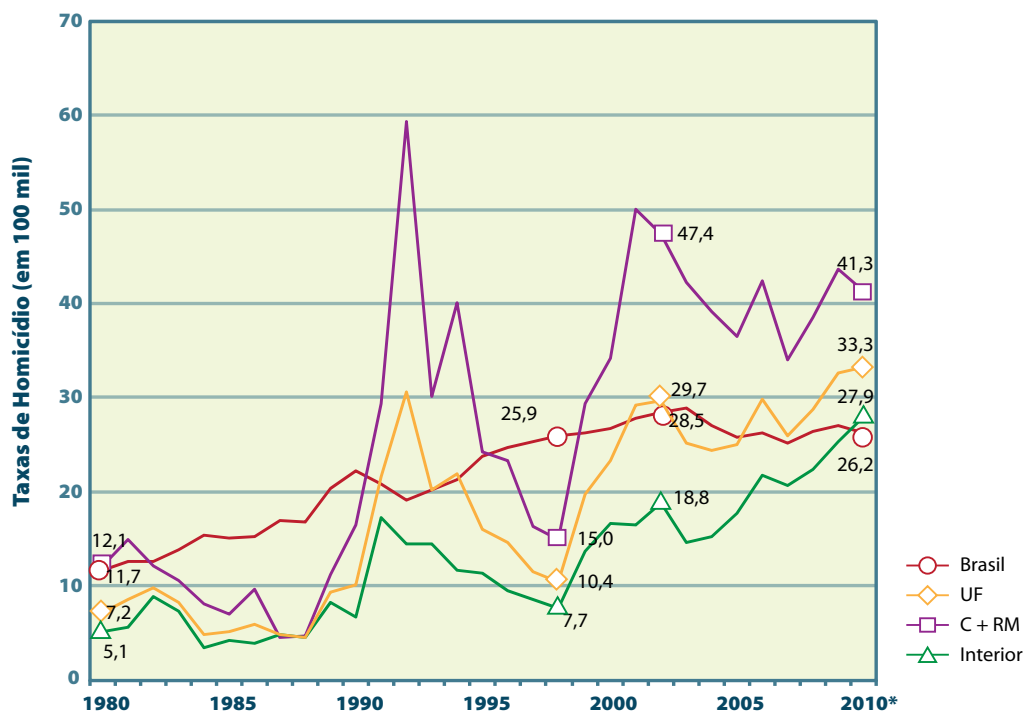
**Terceiro período: 2002/2010\*.** Crescimento moderado das taxas estaduais (1,4% ao ano) mas agora puxadas pelo forte crescimento no interior do estado (5,1% ao ano) em conjuntura de queda das taxas da RM. Posto que a taxa do país teve crescimento negativo de 1% ao ano, o estado volta a ultrapassar a média nacional.

Tabela SE2. Crescimento % total e ao ano por período e área. Sergipe. 1980/2010\*

ÁREA	1980-1998		1998-2002		2002-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	121,8	4,5	9,8	2,4	-8,0	-1,0
UF	45,3	2,1	184,7	29,9	12,0	1,4
CAPITAL+RM	23,7	1,2	217,0	33,4	-13,0	-1,7
INTERIOR	49,9	2,3	144,9	25,1	48,7	5,1

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Gráfico SE1. Taxas de Homicídio por Área. Sergipe. 1980/2010\*

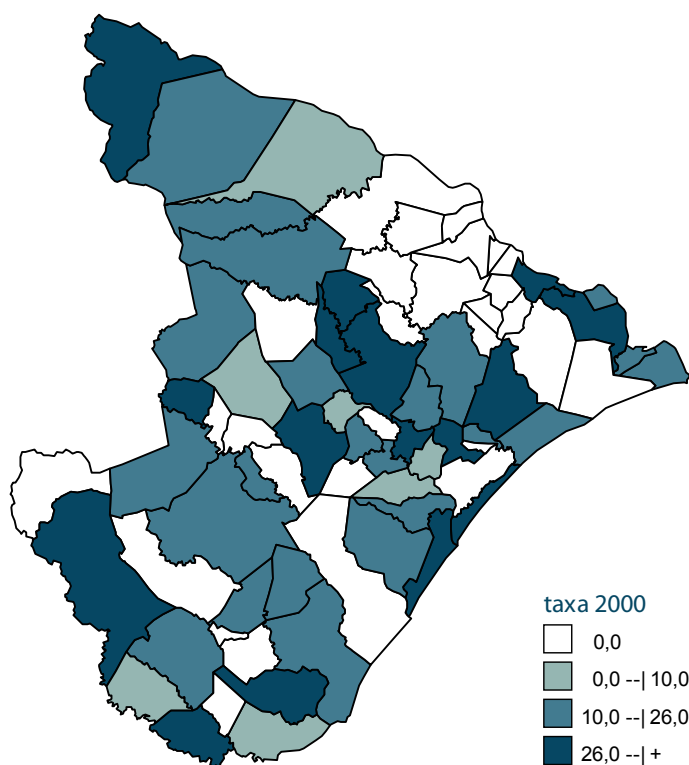


Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Os mapas e tabelas a seguir possibilitam verificar as mudanças acontecidas no estado na década 2000/2010\*.

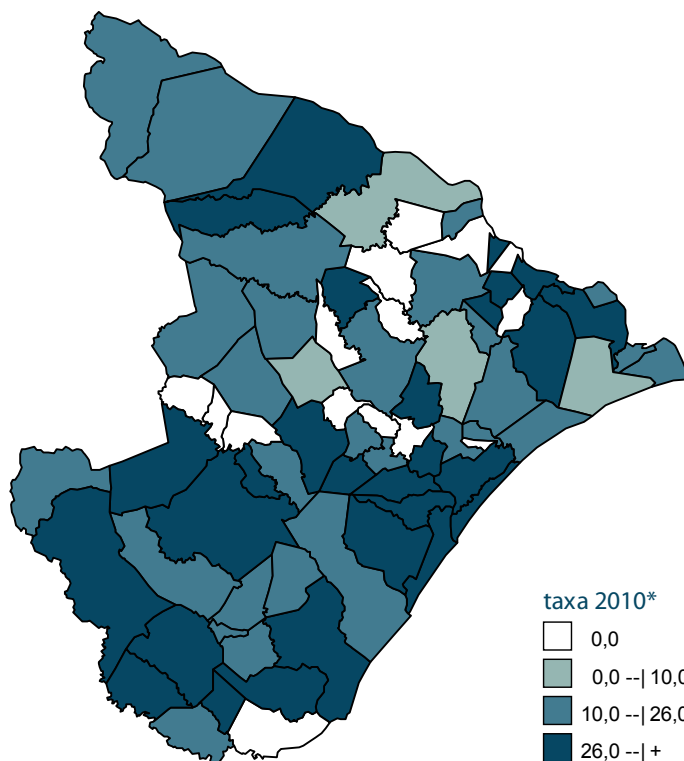
- É possível perceber visualmente, pelos mapas, uma grande disseminação das manchas obscuras no estado. No ano 2000, 29 municípios do estado não tinham registro de homicídios. Para 2010 esse número cai pela metade: vão ser 15 municípios.

Mapa SE1. Sergipe. 2000



Fonte: SIM/SVS/MS

Mapa SE2. Sergipe. 2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

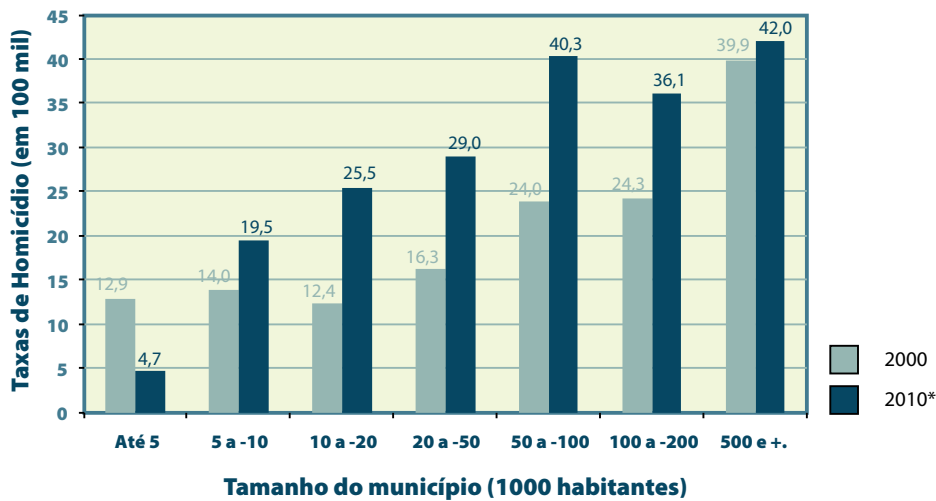
- Municípios com taxas acima da média nacional, nas mesmas datas, passam de 16 para 28.
- O maior crescimento pode ser observado nos municípios entre 10 e 100 mil habitantes, com destaque para Propriá, Neópolis, Japoatã e Santo Amaro de Brotas, com pesado crescimento na década, e taxas de homicídio acima de 50 em 100 mil habitantes.

Tabela SE3. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Sergipe: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNICÍPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	5	12,9	1,2	2	4,7	0,3	-63,6	12
DE 5 A -10 MIL	15	14,0	3,6	23	19,5	3,3	39,7	16
DE 10 A -20 MIL	38	12,4	9,1	85	25,5	12,3	106,0	23
DE 20 A -50 MIL	74	16,3	17,8	150	29,0	21,8	78,1	18
DE 50 A -100 MIL	68	24,0	16,3	131	40,3	19,0	68,2	4
DE 100 A -200 MIL	32	24,3	7,7	58	36,1	8,4	48,4	1
500 MIL E MAIS.	184	39,9	44,2	240	42,0	34,8	5,4	1
<b>TOTAL</b>	<b>416</b>	<b>23,3</b>	<b>100,0</b>	<b>689</b>	<b>33,3</b>	<b>100,0</b>	<b>42,9</b>	<b>75</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico SE2. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Sergipe: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares



## TOCANTINS

Por ser o mais recente estado emancipado da União – assume esse status em 1988 – julgou-se oportuno analisar os dados só a partir do ano 2000, para a década até 2010.

Vemos que, em uma fase de estagnação nacional nas taxas de homicídio, Tocantins apresenta um crescimento relativamente elevado: 45,3% na década ou 3,8% ao ano. A evolução das taxas do estado vai estar determinada pelos movimentos do interior, que como vemos no gráfico TO1, ambas praticamente se sobrepõem. Isto se deve:

- Ao baixo peso demográfico da capital Palmas: 16,5% da população total do estado em 2010.
- Inexistência de região metropolitana (RM).

Vemos que se as taxas da capital permanecem praticamente estagnadas nos anos extremos da década, mas com quedas nos anos intermediários, a taxa do interior tem um aumento significativo: 54%, e quase contínuo ao longo da década.

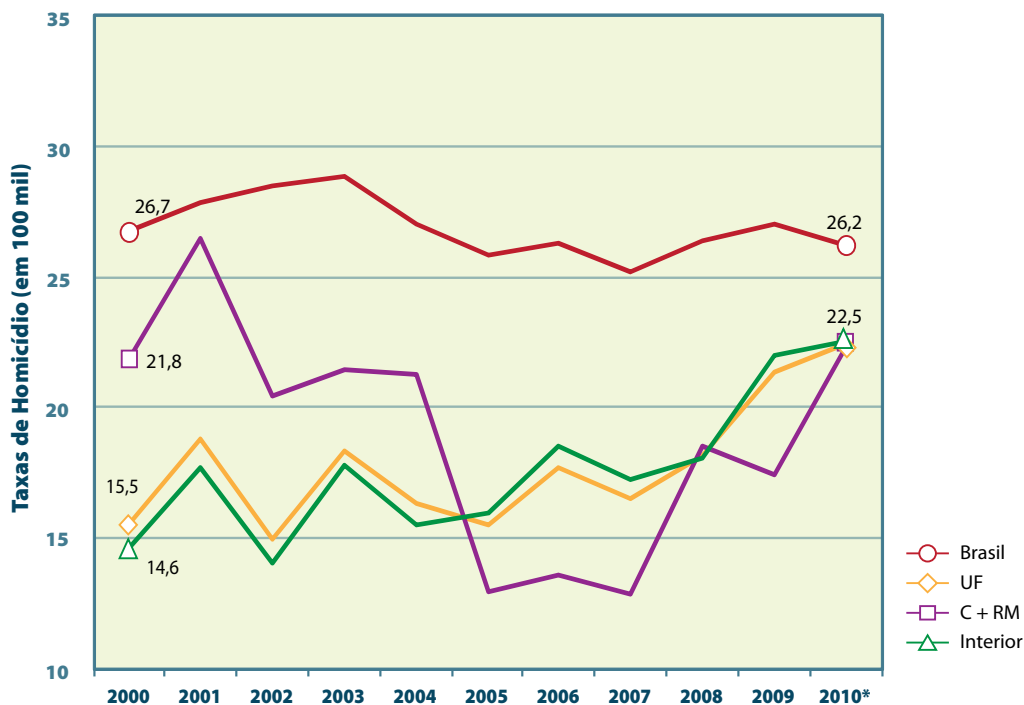
Tabela TO1. Taxas de Homicídio por Área. Tocantins. 2000/2010\*

ANO	BRASIL	UF	CAPITAL+RM	INTERIOR
2000	26,7	15,5	21,8	14,6
2001	27,8	18,8	26,5	17,7
2002	28,5	14,9	20,5	14,1
2003	28,9	18,3	21,5	17,8
2004	27,0	16,4	21,3	15,5
2005	25,8	15,5	13,0	15,9
2006	26,3	17,7	13,6	18,5
2007	25,2	16,5	12,8	17,2
2008	26,4	18,1	18,5	18,1
2009	27,0	21,3	17,5	22,0
2010*	26,2	22,5	22,3	22,5

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares



Gráfico T01. Taxas de Homicídio por Área. Tocantins. 2000/2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Tabela T02. Crescimento % total e ao ano por período e área. Tocantins. 2000/2010\*

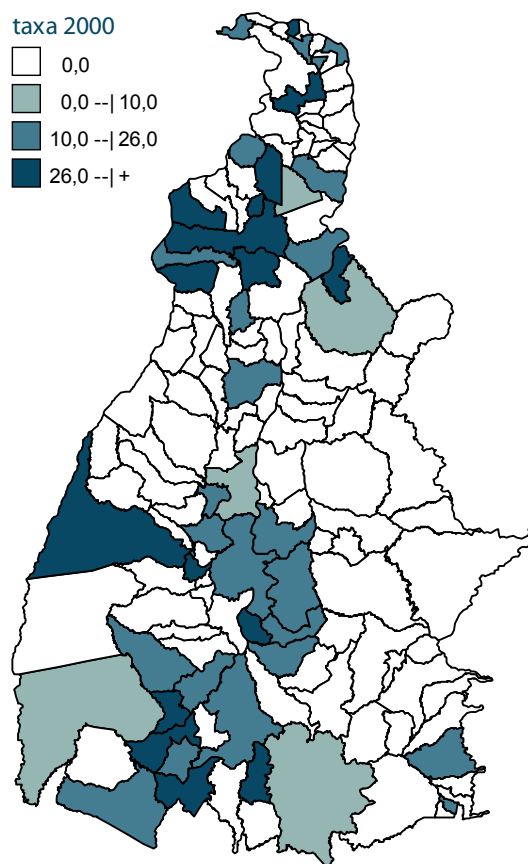
ÁREA	2000-2010*	
	% TOTAL	% AO ANO
BRASIL	-2,0	-0,2
UF	45,3	3,8
CAIPITAL+RM	2,3	0,2
INTERIOR	54,0	4,4

Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Os mapas e dados a seguir detalham melhor essa situação:

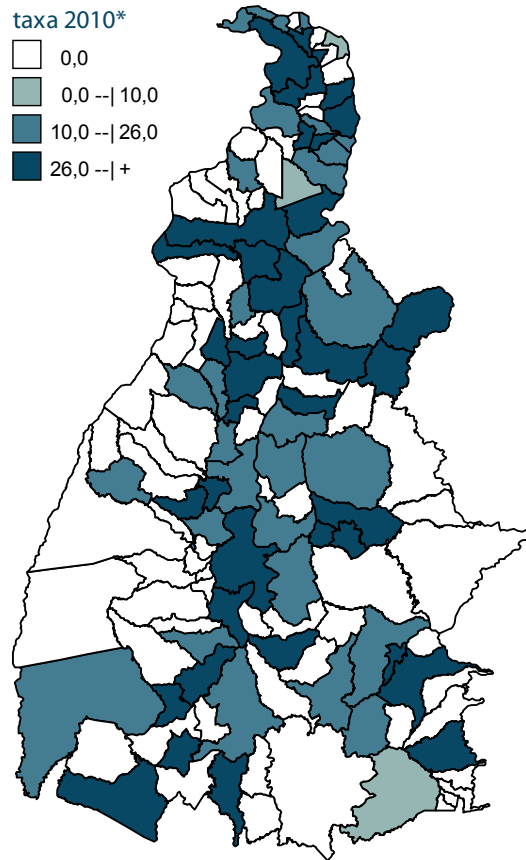
- Se em 2000 são 29 os municípios sem registro de homicídios – 38,7% dos 75 municípios, para o ano 2010 esse número cai para 14 – 18,7% dos municípios do estado.
- Mais que duplica o número de municípios acima da média nacional: de 16 passa para 38.
- O maior crescimento na década é verificado nos municípios com até 100 mil habitantes, que são a grande maioria.

MapaT01.Tocantins.2000



Fonte: SIM/SVS/MS

Mapa T02. Tocantins. 2010\*



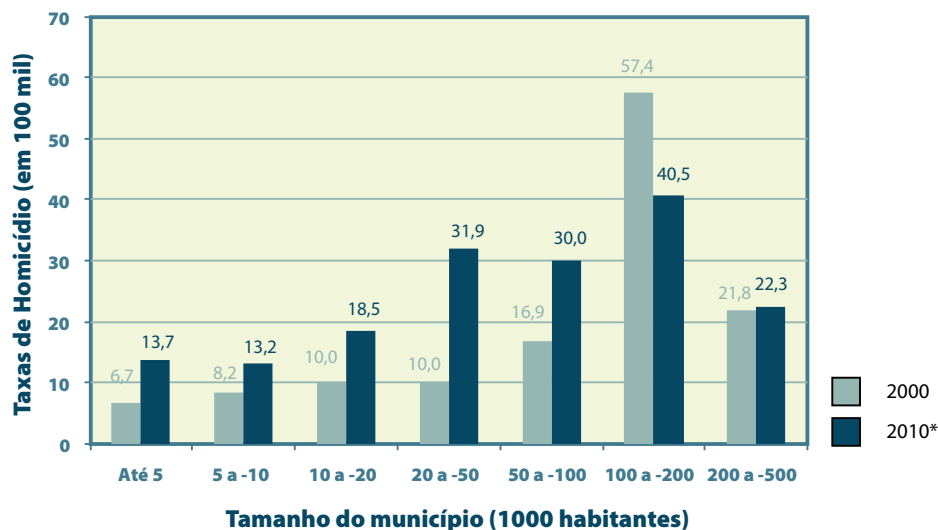
Fonte: SIM/SVS/MS \*2010: Dados Preliminares

Tabela T03. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) por tamanho do município. Tocantins: 2000-2010\*

TAMANHO DO MUNICÍPIO	HOMICÍDIOS 2000			HOMICÍDIOS 2010*			Δ % TAXAS	N. MUNI- CIPIOS
	N	TAXAS	%	N	TAXAS	%		
ATÉ 5 MIL HABITANTES	14	6,7	7,8	32	13,7	10,3	104,3	74
DE 5 A -10 MIL	21	8,2	11,7	36	13,2	11,6	60,2	39
DE 10 A -20 MIL	18	10,0	10,1	37	18,5	11,9	83,8	16
DE 20 A -50 MIL	20	10,0	11,2	71	31,9	22,8	219,0	7
DE 50 A -100 MIL	11	16,9	6,1	23	30,0	7,4	77,2	1
DE 100 A -200 MIL	65	57,4	36,3	61	40,5	19,6	-29,4	1
DE 200 A -500 MIL	30	21,8	16,8	51	22,3	16,4	2,3	1
<b>TOTAL</b>	<b>179</b>	<b>15,5</b>	<b>100,0</b>	<b>311</b>	<b>22,5</b>	<b>100,0</b>	<b>45,3</b>	<b>139</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

Gráfico T02. Taxas de homicídio (em 100 mil habitantes) segundo tamanho do município. Tocantins: 2000-2010\*



Fonte: SIM/SVS/MS. \*2010: Dados Preliminares

- As maiores taxas de crescimento na década podem ser observadas em municípios de muito pequeno porte: Barrolândia, com 5,3 mil habitantes em 2010, Palmeirante, 5,0 mil, Jaú do Tocantins, 3,5 mil e Porto Nacional, de maior tamanho, com 49,1 mil habitantes. Todas com taxas acima de 50 homicídios em 100 mil habitantes.



## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

**E**m primeiro lugar, continua sendo difícil para nós assimilar as magnitudes implicadas nos quantitativos de homicídios que trabalhamos neste tipo de relatório. Em segundo lugar, também fica difícil compreender como, em um país sem conflitos religiosos ou étnicos, de cor ou de raça, sem disputas territoriais ou de fronteiras, sem guerra civil ou enfrentamentos políticos violentos, consegue-se exterminar mais cidadãos do que na maior parte dos conflitos armados existentes no mundo.

No histórico dos 30 anos analisados neste documento, o Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde registrou 1,1 milhões de vítimas de homicídio. Para ter uma idéia do que esse número representa, podemos indicar que só um pequeno número de cidades brasileiras, 13, para sermos exatos, alcançou esse número de habitantes no censo de 2010. Por essas mesmas estatísticas de mortalidade, ocorreram, no ano de 2010, 50 mil assassinatos no país, com um ritmo de 137 homicídios diários, número bem superior ao de um massacre do Carandiru<sup>1</sup> por dia.

Registramos no segundo capítulo que, diferentemente das décadas anteriores, que ostentaram contínuos incrementos nas taxas de homicídio, com concentração em poucas unidades federativas, a década 2000/2010 vai evidenciar drásticas e visíveis mudanças quanto a:

- Intensidade. As taxas continuam crescendo rapidamente até 2003, há quedas relevantes até 2005 e, a partir dessa data, equilíbrio instável com oscilações em torno de 26 homicídios em 100 mil habitantes. Assim, fato inédito, a década fecha com uma taxa de 26,2 homicídios, muito semelhante à de 2000: 26,7 homicídios em 100 mil habitantes.
- Estrutura. Os estados que lideravam as estatísticas no início da década apresentam quedas que podem chegar a extremos altamente significativos. Em contrapartida, os estados que tinha taxas baixas ou moderadas vão apresentar crescimento que, em vários locais, foi muito severo.

Efetivamente, foi possível verificar que os sete estados que, na virada do século, apresentavam as maiores taxas de homicídio do país: Pernambuco, Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Mato Grosso, Roraima e Distrito Federal<sup>2</sup> tiveram quedas, em casos, como o de São Paulo, bem

---

1. Como ficou conhecida pela mídia a morte de 111 detentos em 2/10/1992 numa rebelião na Casa de Detenção de São Paulo.  
2. Inclui-se aqui Espírito Santo, mas a partir de 1998 e não 2000 como o resto.

relevantes.

Por outro lado, os 17 estados com as menores taxas do país no ano 2000 viram seus índices aumentar. Em vários locais, esse crescimento foi de tal magnitude que levou os estados a ocupar um lugar de destaque no contexto nacional no final da década. Assim, Alagoas passa a ocupar o primeiro lugar no Mapa da Violência, também Pará – que da 21ª posição passa para a 3ª, Paraíba – vai da 20ª para a 6ª e Bahia – da 23 para a 7ª posição.

Como indicamos já na introdução, a exposição foi encaminhada a aprofundar essas mudanças detectadas na década: a rápida reversão do processo de concentração da violência homicida, concentração que vinha acontecendo no país desde 1980. Analiticamente, essa reversão tomou dois caminhos: a *disseminação* e a *interiorização* e teve como consequência o deslocamento dos polos dinâmicos da violência: de um reduzido número de cidades de grande porte para um grande número de municípios de tamanho médio ou pequeno.

Até o ano 2000, os municípios que registraram maior crescimento nos índices foram os que superavam os 100 mil habitantes, principalmente aqueles com mais de 500 mil habitantes. Por sua vez, os de menor tamanho também cresceram, mas em escala mais reduzida. Já na última década, o crescimento dos homicídios nos municípios com mais de 500 mil habitantes foi negativo, e os de 100 a 500 mil tiveram poucas alterações. O crescimento centrou-se nos municípios de menor tamanho, principalmente na faixa de 20 a 50 mil habitantes, que antes dessa eclosão ostentavam índices relativamente baixos.

Em que consiste o mencionado processo de *disseminação*? Os 17 estados com menores taxas na virada do século experimentam incrementos significativos nos seus níveis de violência enquanto as sete unidades que na década passada tinham as taxas mais elevadas reduzem, em casos de forma muito significativa, seus índices. Esse processo foi tão marcante que se inicialmente, no ano 2000, os sete maiores tinham uma taxa conjunta de 45,6 homicídios em 100 mil habitantes, e os 17 menores, só 15,4, praticamente um terço, para 2010 a taxa conjunta dos sete maiores cai para 22,6 e a dos 17 menores eleva-se para 28,4. **Assim, em 2010, a taxa conjunta das 17 menores supera em 25,7% a taxa das que antigamente tinham os maiores índices do país.**

Paralelamente, verificamos também um forte processo de interiorização, onde os polos dinâmicos da violência se deslocam das capitais e/ou regiões metropolitanas rumo ao interior dos estados. Em 1995, a brecha entre ambas atinge sua máxima expressão: capitais/RM têm uma taxa de 40,1 homicídios em 100 mil quando no interior é de 11,7, perto de 4 vezes menor. Já em 2010, capital/RM cai para 33,6 e interior aumenta para 22,1: só 65% de diferença entre ambas. A continuar nesse ritmo, em poucos anos o interior deverá ultrapassar a taxa média das capitais/RM.

Esses dois processos originaram a migração dos polos dinâmicos da violência de um limitado número de capitais e/ou grandes regiões metropolitanas, que melhoraram a eficiência de seus aparelhos de segurança, para regiões menos protegidas, seja no interior dos estados, seja para outras unidades federativas. Esse conjunto de evidências nos leva a destacar o processo de desconcen-

tração em andamento, que nivela e uniformiza os níveis de violência homicida nos diversos locais do território nacional. Seria altamente desejável se essa transformação atuasse no sentido de homogeneizar as taxas por baixo, diminuindo os níveis de violência nas áreas de maior intensidade do flagelo. Contudo, se isso realmente acontece em algumas regiões do país, na maior parte dos casos, presenciamos o efeito inverso: o crescimento vertiginoso da violência em locais considerados pacíficos e tranquilos.

Podemos concluir, com base nos dados trabalhados no estudo e na intensidade do processo observado que, se as atuais condições forem mantidas, em menos de uma década as taxas do interior deverão ultrapassar as das capitais/RM do país e também diminuirão sensivelmente as diferenças entre os estados.

Consideramos que, para enfrentar as novas modalidades da violência homicida no país, são necessárias políticas públicas em condições de dar conta das recentes reformulações e deslocamentos. Nossas políticas na área foram geradas no marco da concentração da violência em um número limitado de grandes centros urbanos e respondem ainda, em grande parte, a essa realidade. Se, por um lado, essas políticas atingiram parcialmente seu objetivo de enfrentamento da violência, por outro, não conseguiram evitar seu gotejamento para outras áreas ou regiões. Não que essas políticas sejam obsoletas. Elas são necessárias, porém insuficientes. Precisamos mais discussão sobre como direcionar as políticas nacionais, estaduais e municipais em torno da segurança pública. Com isso, esperamos que este estudo possa contribuir para a formulação de políticas capazes de enfrentar de forma concreta e efetiva nossos ainda elevados níveis de violência letal.





## BIBLIOGRAFIA

- DINIZ, C.C. & CROCCO, M.A. *Reestruturação econômica e impacto regional: o novo mapa da indústria brasileira*. Nova Economia. Belo Horizonte, v6, n.1, jul. 1996.
- DUBET, F. *Penser le sujet*. S/l. Fayard, 1995.
- DURKHEIM, E. *O suicídio: estudo sociológico*. Lisboa: Presença, 1996.
- IPEA. SIPS. *Sistema de Indicadores de Percepção Social*. Segurança Pública. Brasília. 30 de março de 2011.
- MELLO JORGE, M.H.P. *Como morrem nossos jovens*. In: CNPD. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília, 1998.
- MICHAUD, Y. *A violência*. Ática: São Paulo, 1989.
- MINAYO, M.C. *A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública*. Cadernos de Saúde Pública (10) 1. Escola Nacional de Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz, 1994.
- PACHECO, C.A. *Novos Padrões de Localização Industrial? Tendências Recentes dos Indicadores da Produção e do Investimento Industrial*. Brasília. IPEA, Textos para discussão n. 633, março de 1999
- PORTO, M. S. G. *A violência entre a inclusão e a exclusão social*. VII Congresso Sociedade Brasileira de Sociologia. Brasília, ago., 1997.
- RAMOS de SOUZA, et. all. *Qualidade da informação sobre violência: um caminho para a construção da cidadania*. INFORMARE – Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./jun., 1996.

SABÓIA, J. *Desconcentração industrial no Brasil nos anos 90: um enfoque regional*. Pesq. Plan. Econ., Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, abr. 2000

SIM/DATASUS/MS. *O Sistema de Informações sobre Mortalidade*. S/l, 1995.

VERMELHO, L. L.; MELLO JORGE, M. H. P. *Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (a transição epidemiológica para a violência)*. Revista de Saúde Pública. 30 (4). 1996. Apud: MELLO JORGE, M. H. P. *Como morrem nossos jovens*. In: CNPD. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília, 1998.

WASELFISZ, J.J. *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*. São Paulo: Cortez/UNESCO, 1998.

----- *Mapa da Violência IV. Os Jovens do Brasil*. Brasília: UNESCO, Secretaria Especial de Direitos Humanos, Instituto Ayrton Senna. 2004.

----- *Mapa da Violência 2011. Os Jovens do Brasil*. Brasília, Ministério da Justiça, Instituto Sangari. 2011.

WIEVIORKA, M. *O novo paradigma da violência*. Tempo social: revista de Sociologia da USP, v. 9, n. 1, 1997.

UNICEF. *Retrato estatístico das mortes de crianças e jovens por causas violentas: Brasil 1979-1993*. Brasília, 1995.

ZALUAR, A. *A guerra privatizada da juventude*. Folha de S. Paulo, 18/5/1997.



**CONSELHO ADMINISTRATIVO**

PRESIDENTE

**Ben Sangari**

SECRETÁRIO

**John George de Carle Gottheiner** (*in memoriam*)

**CONSELHO CONSULTIVO**

**Carlos Brito Cruz**

**Cláudio Moura Castro**

**Fredric Litto**

**John Penick**

**Jorge Klor D'Alva**

**José Eli da Veiga**

**Raquel Teixeira**

**CORPO DIRETIVO**

VICE-PRESIDENTE

**Jorge Werthein**

DIRETOR DE PESQUISA

**Julio Jacobo Waiselfisz**



INSTITUTO SANGARI  
Rua Estela Borges Morato, 336  
Vila Siqueira  
CEP 02722-000 · São Paulo-SP  
Tel: 55 (11) 3474-7500  
Fax: 55 (11) 3474-7699  
[www.institutosangari.org.br](http://www.institutosangari.org.br)

As tabelas contendo diversos dados de todos os 5.565 municípios brasileiros estão disponíveis, junto com a versão integral deste estudo, em

**[www.mapadaviolencia.org.br](http://www.mapadaviolencia.org.br)**